

“EXCELENTE! TIRE O TELEFONE DO GANCHO, TRANQUE A PORTA
E PREPARE-SE PARA DEVORÁ-LO DE UMA TACADA SÓ.”

GUARDIAN

VAL McDERMID

DOMÍNIO SOMBRIO

B
BERTRAND BRASIL



Copyright © 2008, Val McDermid

Título original: *A Darker Domain*

Capa: Raul Fernandes

Editoração: DFL

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2010

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M429d McDermid, Val, 1955-

Domínio sombrio / Val McDermid; tradução Sibeles Menegazzi. — Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

364p.

Tradução de: *A darker domain*

ISBN 978-85-286-1437-4

1. Homicídio — Investigação. 2. Ficção policial. 3. Romance escocês. I. Menegazzi, Sibeles. II. Título.

10-2498 CDD: 828.99113

CDU: 821.111 (411)-3

Todos os direitos reservados pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 — 2º andar — São Cristóvão

20921-380 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (0xx21) 2585-2070 — Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Este livro é dedicado à memória de Meg e Tom McCall, meus avós maternos. Eles me deram amor, ensinaram-me o sentido de comunidade e jamais esqueceram a vergonha de ficar na fila da comida, em um centro de caridade, para poder alimentar os filhos pequenos. Graças a eles, cresci amando o mar, as florestas e o trabalho de Agatha Christie. Uma dívida que não é pequena.

Agradecimentos

Tudo começou quando Kari Furre, conhecida como a “Sra. Shapiro”, fez uma descoberta bizarra na *casa rovina*, a casa em ruínas, ao pé da montanha. A família Giorgi, da contrada della Chiocciola, contribuiu com suas sugestões; a maravilhosa Mamma Rosa nos alimentou como reis e nos ensinou como se fôssemos crianças; Marino Garaffi continua criando os melhores porcos do mundo, inclusive aqueles que atolam. A amizade, a bondade e a generosidade dessas pessoas sempre iluminam meus verões.

Em Fife, devo agradecer à minha mãe por suas memórias; aos muitos mineiros e músicos, cujas canções e histórias permeiam minhas lembranças de infância; ao companheiro torcedor do Raith Rovers, que sugeriu que já estava na hora de eu escrever outra história passada no Reino Unido; e às comunidades onde cresci, que foram destruídas pela greve de 1984 e por suas consequências.

A professora Sue Black foi, como sempre, generosa com seus conhecimentos e me lembra que os erros são todos meus.

Algumas pessoas que tornaram este livro possível estão além dos agradecimentos. Meu pai, Jim McDermid; meus avôs mineiros, Tom McCall e Donald McDermid; e meu tio de *brevet*, Doddy Arnold, abriram as portas para o universo dos trabalhadores, um mundo com exigências que acabam abreviando sua vida.

E, finalmente, tiro meu chapéu para a equipe que sempre me impulsiona a fazer o melhor livro possível: minha revisora, Julia Wisdom; minha editora, Anne O’Brien; e minha agente, Jane Gregory. Sem me esquecer da notável paciência de Kelly e Cameron.

Quarta-feira, 23 de janeiro de 1985; Newton of Wemyss

A voz é suave, como a escuridão que os cerca.

— Está preparado?

— Mais preparado do que nunca.

— Você disse a ela o que fazer? — As palavras agora rolam, tropeçando umas nas outras num emaranhado único de sons.

— Não se preocupe. Ela sabe das coisas. Sabe quem será responsabilizado se isto der errado. — Palavras ásperas, num tom áspero. — Não é com ela que estou preocupado.

— O que você quer dizer com isso?

— Nada. Não quero dizer nada, está bem? Não temos escolha. Não aqui. Não agora. Apenas temos de fazer o que deve ser feito. — As palavras possuem o tom vazio da bravata. Só Deus sabe o que elas escondem. — Vamos, terminemos logo com isto.

Assim é como tudo começa.

Quarta-feira, 27 de junho de 2007; Glenrothes

A jovem cruzou o saguão com passos largos, os saltos baixos produziam uma batida ritmada no piso de vinil danificado por milhares de pisadas. Parecia alguém com uma missão a cumprir, pensou o funcionário, conforme ela se aproximava de sua mesa. Mas também, quase todos tinham a mesma postura. Os pôsteres sobre a prevenção de crimes e outras informações de interesse geral que forravam as paredes eram invariavelmente ignorados por aqueles que ali chegavam, perdidos que estavam no turbilhão de sua determinação.

Ela avançou sobre ele, os lábios apertados numa linha fina. Não era feia, ele pensou. Mas, assim como muitas mulheres que apareciam por ali, não estava em seus melhores dias. Ela poderia ter colocado um pouquinho mais de maquiagem, para ressaltar os brilhantes olhos azuis. E vestido algo que lhe caísse melhor do que jeans e blusa de capuz. Dave Cruickshank assumiu seu rígido sorriso profissional e perguntou:

— Em que posso ajudá-la?

A mulher inclinou ligeiramente a cabeça para trás, como se estivesse se preparando para defesa.

— Quero informar o desaparecimento de uma pessoa.

Dave tentou não demonstrar sua irritação cansada. Quando não eram denúncias de vizinhos infernais, eram as pessoas supostamente desaparecidas. Aquela ali estava calma demais para que se tratasse de um filho pequeno, e era jovem demais para ter um filho adolescente fujão. Uma briga com o namorado, era disso que se tratava. Ou um avô senil perdido. A mesma perda de tempo de sempre. Ele arrastou um bloco de formulários pelo balcão, arrumou-os à sua frente enquanto procurava uma caneta. Nem chegou a destampá-la; havia ainda uma pergunta-chave que precisava ser respondida antes que ele anotasse quaisquer detalhes.

— E há quanto tempo essa pessoa está desaparecida?

— Vinte e dois anos e meio. Desde a sexta-feira, 14 de dezembro de 1984, para ser exata. — Seu queixo se abaixou, e a truculência nublou seu semblante. — Será que é tempo suficiente para que você leve a sério?

O sargento da polícia Phil Parhatka assistiu ao final do vídeo e fechou a tela do computador.

— Vou te dizer uma coisa — ele falou —, se existe uma época excelente

para se trabalhar nos casos arquivados, é agora.

A inspetora de polícia Karen Pirie mal ergueu os olhos do arquivo que estava atualizando.

— Como assim?

— Veja só. Estamos no meio da guerra contra o terrorismo. E eu acabei de assistir a meu parlamentar local tomar posse da sede do governo, na Downing Street, 10, com a patroa a tiracolo. — Ele se levantou num salto e foi até a geladeira que ficava em cima de um arquivo. — O que você prefere fazer? Solucionar casos arquivados e receber os louros por isso, ou tentar prevenir que os muçulmanos abram uma cratera no meio do nosso distrito?

— Você acha que o fato de Gordon Brown se tornar primeiro-ministro faz de Fife um alvo? — Karen marcou onde estava no documento com o dedo indicador e dirigiu toda a sua atenção a Phil. Ela se conscientizou de que tinha a cabeça mergulhada havia tanto tempo no passado, que não considerara as possibilidades atuais. — Nunca se incomodaram com o distrito eleitoral de Tony Blair, quando ele estava no poder.

— Isso é verdade. — Phil espiou para dentro da geladeira, decidindo entre um refrigerante Irn Bru e um Vimto. Trinta e quatro anos de idade e ele ainda não se desamarrara dos refrigerantes, que tanto lhe deram prazer em sua infância. — Mas esses caras se autodenominam guerreiros islâmicos, e Gordon é filho de um pastor presbiteriano. Eu não gostaria de estar no lugar do chefe de polícia se esses terroristas resolverem explodir a velha igreja do pai dele.

Ele acabou escolhendo o Vimto. Karen sentiu um arrepio.

— Não sei como você consegue beber isso aí — ela disse. — Nunca reparou que o nome é um anagrama de “vomit”?

Phil tomou um grande gole enquanto voltava para sua mesa.

— Faz crescer cabelo no peito — ele disse.

— É melhor você tomar duas latas, então. — Havia uma ponta de inveja na voz de Karen. Phil parecia viver à base de refrigerantes açucarados e gorduras saturadas, mas ainda estava tão enxuto quanto na época em que os dois eram novatos. Ela só precisava tomar uma Coca-Cola normal para sentir suas medidas aumentando. Isso, definitivamente, não era justo.

Phil apertou os olhos escuros e retorceu o lábio num sorrisinho bem-humorado.

— Que seja. O lado positivo é que talvez o chefe consiga tirar um pouco mais de dinheiro do governo, se conseguir convencê-los de que a ameaça agora é maior.

Karen balançou a cabeça, agora em terreno conhecido.

— Você acha que a famosa bússola moral permitirá que Gordon aja de um

modo que pareça tanto ser em benefício próprio?

Ao dizer isso, ela esticou a mão para o telefone, que havia começado a tocar. Havia outros agentes, de posição inferior, no amplo setor que alojava a Equipe de Revisão de Casos Arquivados, mas a promoção não havia alterado o jeito de Karen. Ela nunca perdera o costume de atender a qualquer telefone que tocasse perto dela.

— Casos Arquivados, inspetora Karen Pirie falando — ela disse distraidamente, ainda pensando no que Phil tinha dito e se perguntando se, no fundo, ele não sentia saudade de estar envolvido com a ação.

— Aqui é Dave Cruickshank da recepção, inspetora. Estou com uma pessoa aqui... acho que ela precisa falar com você. — Cruickshank parecia um tanto inseguro. Aquilo era incomum o bastante para chamar a atenção de Karen.

— Do que se trata?

— De uma pessoa desaparecida — ele disse.

— É um dos nossos?

— Não, ela quer informar sobre uma pessoa desaparecida.

Karen engoliu um suspiro irritado. Cruickshank, definitivamente, já deveria saber fazer aquilo. Ele já havia trabalhado na recepção por tempo suficiente.

— Então ela precisa falar com o Departamento de Investigações Criminais, Dave.

— Sim, claro. Normalmente encaminharia para lá. Mas, sabe, este caso está um pouco fora do padrão. E é por isso que achei que fosse melhor que passasse por você primeiro, entendeu?

Vá logo ao que interessa.

— Nós somos da Revisão de Casos Arquivados, Dave. Não lidamos com investigações recentes. — Karen girou os olhos para Phil, que devolveu um sorriso falso diante da óbvia frustração dela.

— Não é exatamente recente, inspetora. Esse cara desapareceu há vinte e dois anos.

Karen se endireitou na cadeira.

— Vinte e dois anos? E só agora é que vieram informar?

— Isso mesmo. Faz com que seja um caso arquivado, não?

Tecnicamente, Karen sabia que Cruickshank deveria encaminhar a mulher para o Departamento de Investigações Criminais. Mas ela sempre se sentia atraída por coisas que provocavam surpresa nas pessoas. Tiros no escuro sempre conseguiam animá-la. E seguir esse instinto lhe havia trazido duas promoções em três anos, superando alguns colegas de igual posição e deixando muitos outros incomodados.

— Mande-a subir, Dave. Vou falar com ela.

Ela recolocou o fone no gancho e se afastou da mesa.

— Por que diabos alguém esperaria vinte e dois anos para informar o desaparecimento de uma pessoa? — ela perguntou, mais para si mesma do que para Phil, vasculhando a mesa à procura de um caderno vazio e de uma caneta.

Phil espichou o beijo, parecendo uma carpa de exibição.

— Talvez ela estivesse fora do país. Talvez tenha acabado de voltar e aí descobriu que a pessoa não estava onde ela imaginava.

— E talvez ela precise de nossa ajuda para conseguir uma declaração de morte presumida. Dinheiro, Phil. É disso que geralmente se trata. — O sorriso de Karen era irônico. Pareceu ficar suspenso no ar como se ela fosse o Gato de Cheshire. Ela saiu apressadamente do setor e foi até os elevadores.

Seu olhar treinado catalogou e classificou a mulher que emergiu do elevador, sem qualquer indício visível de timidez. Jeans e blusa pseudoatlética da Gap. Modelos e cores da estação. Os sapatos eram de couro, limpos e sem marcas de uso, da mesma cor que a bolsa que pendia de seu ombro na altura do quadril. O cabelo castanho-médio tinha um bom corte chanel longo, que começava a mostrar algumas pontas irregulares. Não se tratava, portanto, de alguém que vivesse à custa da Previdência Social. Tampouco, provavelmente, de uma pobretona metida a besta. Parecia uma mulher agradável, de classe média, com alguma coisa na cabeça. Vinte e tantos anos, olhos azuis com o brilho suave do topázio. Uma camada levíssima de maquiagem. Ou já tinha marido, ou não estava interessada em arrumar um. Ao perceber a avaliação de Karen, a pele ao redor de seus olhos se apertou.

— Sou a inspetora Pirie — ela disse, abreviando o impasse em potencial entre duas mulheres que se analisam mutuamente. — Karen Pirie.

Ela se perguntou como a outra mulher a veria: uma mulherzinha gorducha, espremida num terno da Marks and Spencer, cabelo castanho-médio precisando de uma visita ao cabeleireiro, e que poderia ser bonita, caso fosse possível ver a definição de seus ossos sob a carne. Quando Karen se descrevia daquela maneira a seus amigos, eles riam, lhe diziam que ela era lindíssima e deduziam que ela estava sofrendo de baixa autoestima. Ela não concordava. Tinha uma opinião razoavelmente boa sobre si mesma. Mas, quando se olhava no espelho, não podia negar o que via. Belos olhos, no entanto. Azuis, com toques de avelã. Incomuns.

Fosse devido ao que vira, ou ao que ouvira, a mulher se sentiu mais segura.

— Graças a Deus por isso — ela disse. O sotaque de Fife era claro, embora as asperezas houvessem sido amenizadas pela educação ou pela distância.

— Perdão?

A mulher sorriu, revelando dentes pequenos e regulares como os dentes de

leite de uma criança.

— Significa que vocês estão me levando a sério. Que não estão me enrolando, me despachando para o oficial subalterno que faz o chá.

— Não permito que meus oficiais subalternos percam tempo fazendo chá — Karen disse secamente. — Por acaso, fui a pessoa que atendeu ao telefone. — Ela deu meia-volta, olhou para trás e disse: — Você me acompanha?

Karen tomou a dianteira, seguindo por um corredor lateral até uma salinha. Uma janela comprida dava para o estacionamento e, à distância, para o verde artificialmente uniforme do campo de golfe. Quatro cadeiras estofadas de lã cinza estavam próximas a uma mesa redonda, cuja alegre superfície de cerejeira fora polida até adquirir um brilho opaco. A única indicação do propósito daquela sala era uma galeria de fotografias emolduradas na parede, todas elas retratos de policiais em ação. Toda vez que usava aquele local, Karen se perguntava por que os oficiais superiores haviam escolhido fotografias do tipo que geralmente aparecem na mídia depois que algo muito ruim acontece.

A mulher olhou em volta com incerteza quando Karen puxou uma cadeira e lhe indicou que sentasse.

— Não é assim na televisão — ela disse.

— Quase nada da Divisão Policial de Fife é como na televisão — Karen respondeu, sentando-se de forma a ficar num ângulo de noventa graus em relação à mulher, em vez de sentar-se de frente para ela. Aquela posição, menos confrontadora, normalmente era a mais produtiva em uma entrevista de testemunha.

— Cadê o gravador? — A mulher se sentou, sem aproximar a cadeira nem um milímetro da mesa e agarrando-se à bolsa que tinha no colo.

Karen sorriu.

— Você está confundindo interrogatório de testemunhas com interrogatório de suspeitos. Você veio aqui para informar algo, não para ser interrogada sobre um crime. Por isso pode se sentar numa cadeira confortável e olhar pela janela. — Ela abriu seu bloco de anotações. — Creio que está aqui para informar sobre uma pessoa desaparecida.

— Isso mesmo. O nome dele é...

— Só um minuto. Preciso que você volte atrás um pouquinho. Para começar, qual é seu nome?

— Michelle Gibson. Esse é meu nome de casada. Prentice é meu sobrenome de solteira. Todos, no entanto, me chamam de Misha.

— Certo, Misha. Também preciso do seu endereço e telefone.

Misha informou todos os detalhes.

— Esse é o endereço da minha mãe. Estou meio que agindo em nome dela,

se é que você me entende.

Karen conhecia a cidadezinha, embora não a rua. Começara como um vilarejo construído pelo proprietário de terras local para alojar seus mineiros de carvão, numa época em que estes lhe pertenciam tanto quanto as minas. Terminou como uma cidade-dormitório para estranhos sem qualquer ligação com o lugar ou seu passado.

— Mesmo assim — ela disse —, preciso de seus dados também.

As sobrancelhas de Misha se abaixaram momentaneamente e, então, ela deu um endereço em Edimburgo. Não significava nada para Karen, cujo conhecimento da geografia social da capital, a apenas cinquenta quilômetros de distância, era provincianamente escasso.

— E você quer informar sobre o desaparecimento de uma pessoa — ela disse.

Misha fungou fortemente e assentiu com a cabeça.

— Meu pai. Mick Prentice. Bem, Michael, na verdade, se é para ser exata.

— E quando foi que seu pai desapareceu? — Ali, pensou Karen, era onde ficaria interessante. Se é que algum dia ficaria interessante.

— Como eu disse para o cara lá embaixo, há vinte e dois anos e meio. Sexta-feira, 14 de dezembro de 1984, foi a última vez que o vimos. — As sobrancelhas de Misha Gibson se abaixaram numa expressão desafiadora.

— É uma espera um tanto longa para se informar sobre um desaparecimento — disse Karen.

Misha suspirou e virou a cabeça para olhar pela janela.

— Não pensávamos que ele estivesse desaparecido. Não exatamente.

— Não estou entendendo. O que quer dizer com “não exatamente”?

Misha virou a cabeça e se deparou com o olhar fixo de Karen.

— Você fala como alguém desta região.

Curiosa sobre o rumo que aquilo tomaria, Karen respondeu:

— Cresci em Methil.

— Certo. Então, sem querer faltar com o respeito, mas você tem idade suficiente para se lembrar do que aconteceu em 1984.

— A greve dos mineiros?

Misha assentiu. Seu queixo continuou empinado e o olhar, desafiador.

— Cresci em Newton of Wemyss. Meu pai era um mineiro. Antes da greve, ele trabalhava na mina Lady Charlotte. Você se lembra do que as pessoas costumavam dizer por aqui: que ninguém era mais militante do que os mineiros da Lady Charlotte. Mesmo assim, houve uma noite em dezembro, depois de nove meses de greve, em que meia dúzia deles desapareceu. Bem, eu digo desapareceu, mas todo mundo sabia qual era a verdade. Eles haviam ido para

Nottingham se juntar aos fura-greves. — Seu rosto se franziu rigidamente, como se ela estivesse lutando contra uma dor física. — Com relação a cinco deles, ninguém ficou muito surpreso de que fizessem aquilo. Mas, segundo a minha mãe, todos ficaram perplexos ao saber que meu pai tinha ido com eles. Inclusive ela. — Lançou a Karen um olhar defensivo. — Eu era pequena demais para me lembrar. Mas todos dizem que ele era um sindicalista roxo. O último cara que esperariam que virasse um fura-greve. — Ela balançou a cabeça. — Porém, o que mais ela iria pensar?

Karen entendia bem demais o que uma deserção como aquela devia ter significado para Misha e sua mãe. Na região carbonífera radical de Fife, a solidariedade era reservada apenas para aqueles que aguentavam o tranco. A atitude de Mick Prentice teria conferido à sua família o status instantâneo de pária.

— Não deve ter sido nada fácil para sua mãe — ela disse.

— Em um aspecto, foi muito fácil. — Misha disse com amargura. — Para ela, aquilo era o fim. Ele estava morto e enterrado. Ela não queria mais saber dele. Ele enviava dinheiro, mas ela o doava para o fundo de emergência. Depois, quando a greve terminou, ela passou a doá-lo para a Assistência Social dos Mineiros. Fui criada numa casa em que o nome do meu pai jamais era pronunciado.

Karen sentiu um aperto no peito, algo entre solidariedade e pena.

— Ele nunca entrou em contato com vocês?

— Só mandava o dinheiro. Sempre em notas gastas. Sempre com o carimbo do correio de Nottingham.

— Misha, não quero parecer insensível, mas não me parece que seu pai seja uma pessoa desaparecida. — Karen tentou fazer sua voz soar o mais gentil possível.

— Eu também não achava. Até que fui procurá-lo. Acredite em mim, inspetora. Ele não está onde se supunha. Nunca esteve. É preciso que o encontrem.

O desespero óbvio na voz de Misha pegou Karen de surpresa. Para ela, aquilo era mais interessante do que o paradeiro de Mick Prentice.

— Por quê? — ela perguntou.

Terça-feira, 19 de junho de 2007; Edimburgo

Nunca havia passado pela cabeça de Misha Gibson contar o número de vezes em que havia saído do Hospital para Crianças Doentes com aquela sensação de ultraje pelo fato de que o mundo seguia seu caminho, a despeito do que estivesse acontecendo no hospital atrás dela. Nunca pensara em contar porque nunca havia se permitido acreditar que aquela poderia ser a última vez. Desde que os médicos haviam explicado a razão para os polegares deformados de Luke e para as manchas cor de café com leite espalhadas por suas costas estreitas, ela se apegara à convicção de que, de alguma forma, ela ajudaria o filho a se esquivar das balas que seus genes haviam atirado contra sua expectativa de vida. Agora, parecia que aquela convicção tinha, finalmente, sido testada ao extremo.

Misha ficou insegura por um momento, ressentindo-se da luz do sol, desejando que o tempo estivesse tão sombrio quanto seu ânimo. Ela ainda não estava preparada para ir para casa. Queria gritar e atirar coisas, e um apartamento vazio iria tentá-la a perder o controle e fazer exatamente isso. John não estaria em casa para abraçá-la ou impedi-la; ele já devia saber sobre a reunião dela com o especialista; então, obviamente, teria surgido no trabalho alguma questão complexa com que só ele pudesse lidar.

Em vez de dirigir-se a Marchmont, a seu conjunto habitacional de arenito, Misha atravessou a estrada movimentada até o parque Meadows, o pulmão verde do centro sul da cidade, onde ela adorava caminhar com Luke. Uma vez, quando ela procurara sua rua no Google Earth, havia também checado o Meadows. Do espaço, ele parecia uma bola de rúgbi rodeada de árvores, os caminhos cruzados parecendo as linhas que costuravam a bola. Ela sorria ao pensar em si mesma e em Luke arrastando-se pela superfície como formigas. Hoje, não havia sorrisos para consolar Misha. Hoje, ela tinha de encarar o fato de que poderia nunca mais voltar a caminhar ali com Luke.

Balançou a cabeça, tentando afastar os pensamentos piegas. Café, era disso que ela precisava para raciocinar melhor e colocar as coisas em perspectiva. Uma caminhada rápida através do Meadows e, daí, atravessaria a Ponte George IV, onde cada loja, atualmente, era um bar, um café ou um restaurante.

Dez minutos depois, Misha encontrava-se aninhada em uma mesa de fundo, com uma confortante caneca de *latte* à sua frente. Não era o fim. Ela não permitiria que fosse o fim. Tinha de haver alguma maneira de dar outra chance a Luke.

Ela soubera que algo estava errado desde o primeiro instante em que o

segurara nos braços. Mesmo aturdida pelos medicamentos e exaurida pelo trabalho de parto, ela soubera. John estava em estado de negação, recusando-se a dar qualquer importância ao baixo peso corporal do filho, ou àqueles polegares curtos demais. Mas o medo havia agarrado o coração de Misha com sua incerteza gélida. Luke era diferente. A única questão em sua mente, então, fora: quão diferente?

O único aspecto da situação que havia se parecido remotamente à sorte era o fato de eles morarem em Edimburgo, a dez minutos a pé do Hospital Real para Crianças Doentes, uma instituição que aparecia regularmente nas histórias “milagrosas” que os tabloides tanto amavam. Não demorou muito para que os especialistas do hospital identificassem o problema. Nem para explicar que não haveria nenhum milagre, naquele caso.

Anemia de Fanconi. Falando rápido, parecia um nome de tenor italiano; ou de uma cidadezinha numa colina da Toscana. Mas a musicalidade encantadora das palavras disfarçava seu conteúdo letal. Escondidos no DNA de ambos os pais de Luke havia genes recessivos, que tinham se combinado para criar uma condição rara que condenaria seu filho a uma vida curta e dolorosa. Em algum momento, entre as idades de três e doze anos, ele quase que certamente desenvolveria anemia aplástica, uma anomalia na medula óssea que, no fim, acabaria matando-o, a não ser que encontrasse um doador compatível. O veredito nu e cru era que, sem um transplante bem-sucedido de medula óssea, Luke teria sorte se vivesse até os vinte e poucos anos.

Aquela informação dera a Misha uma missão. Ela logo descobriu que, sem irmãos, a melhor chance de um transplante viável de medula viria de algum membro da família; era o que os médicos chamavam de doador aparentado não compatível. A princípio, isso havia confundido Misha. Ela havia lido sobre os registros de transplante de medula e deduzido que sua melhor chance estava em encontrar um doador compatível ali. Mas, de acordo com o especialista, a doação de um membro da família não compatível, que compartilhasse de alguns genes de Luke, oferecia um risco menor de complicações do que a de um doador compatível que não tivesse qualquer parentesco com o paciente.

Desde então, Misha vinha vasculhando as reservas genéticas dos dois lados da família, valendo-se de persuasão, chantagem emocional e até mesmo oferecendo recompensas a primos distantes e tias idosas. Aquilo havia consumido muito tempo, já que se tratava de uma missão solitária. John se fechara atrás de uma muralha de otimismo pouco realista. Haveria um avanço na pesquisa com células-tronco. Algum médico, em algum lugar, descobriria um tratamento cujo sucesso não dependesse de genes compartilhados. Um doador cem por cento compatível apareceria em algum registro. John colecionava boas

histórias e finais felizes. Ele varria a Internet à procura de casos que provassem que os médicos estavam errados. Aparecia semanalmente com milagres médicos e curas aparentemente inexplicáveis. E deles tirava sua esperança. Não entendia a procura incessante de Misha. Sabia que, de alguma forma, tudo acabaria bem. Sua capacidade de negação era olímpica.

Fazia com que Misha sentisse vontade de matá-lo.

Em vez disso, ela havia continuado a escalar os galhos de sua árvore genealógica à procura do candidato perfeito. Havia se deparado com seu último beco sem saída apenas uma semana, mais ou menos, antes do terrível julgamento de hoje. Só restava uma possibilidade. E era precisamente aquela que havia rezado para não ter de levar em conta.

Antes que seus pensamentos pudessem ir ainda mais longe naquele caminho em particular, uma sombra recaiu sobre ela. Ergueu os olhos, pronta para ser agressiva com quem quer que estivesse invadindo seu espaço.

— John — ela disse, com cansaço.

— Achei que te encontraria por aqui. Este é o terceiro lugar que tento — ele disse, deslizando para o assento, contorcendo-se desajeitadamente até ficar num ângulo reto com relação a ela, próximo o suficiente para que se tocassem, se algum deles quisesse.

— Eu não estava preparada para enfrentar um apartamento vazio.

— Não, isso eu posso ver. O que eles disseram?

Seu rosto marcado se contorceu de ansiedade. Não por causa do veredito do especialista, pensou ela. Ele ainda acreditava que seu precioso filho era invencível, de alguma forma. O que deixava John ansioso era a reação dela.

Estendeu a mão para tocar a dele, desejando o contato tanto quanto o consolo.

— Está na hora. Seis meses no máximo, sem o transplante. — Sua voz parecia fria até mesmo para ela. Mas não podia se dar o luxo da emoção. A emoção derreteria seu estado congelado e ali não era o lugar para demonstrações de pesar ou amor.

John apertou os dedos dela com força.

— Talvez não seja tarde demais — ele disse. — Talvez eles...

— Por favor, John. Agora não.

Os ombros dele se endireitaram dentro do paletó, o corpo se tensionava conforme ele controlava sua discordância.

— Então — ele disse, numa expiração que era mais um suspiro que outra coisa —, imagino que você vá procurar o filho da puta?

Quarta-feira, 27 de junho de 2007; Glenrothes

Karen coçou a cabeça com a caneta. *Por que eu sempre pego os melhores?*

— Por que você deixou passar tanto tempo, antes de tentar rastrear seu pai?

Ela captou uma expressão fugaz de irritação em volta dos olhos e da boca de Misha.

— Porque eu havia crescido achando que meu pai fosse um filho da puta fura-greve e egoísta. O que ele fez alijou minha mãe de sua própria comunidade. Fez com que eu fosse maltratada no parque e na escola. Não achei que um homem que houvesse abandonado a família na merda fosse se incomodar com o neto.

— Ele mandava dinheiro — disse Karen.

— Uns trocados aqui e ali. Dinheiro maldito — disse Misha. — Como eu disse, minha mãe se recusava a usá-lo. Ela o doava. Nunca tirei proveito dele.

— Talvez ele tenha tentado compensar a sua mãe. Os pais nem sempre nos contam as verdades incômodas.

Misha balançou a cabeça.

— Você não conhece a minha mãe. Mesmo com a vida de Luke em jogo, ela não ficou nada contente que eu estivesse tentando encontrar meu pai.

Para Karen, aquele parecia um motivo insuficiente para evitar o homem que poderia fornecer a chave para o futuro de um garoto. Mas ela sabia como os sentimentos eram profundos nas velhas comunidades mineiras, deixou estar, portanto.

— Você diz que ele não estava onde se supunha. O que aconteceu, quando você foi procurar por ele?

Quinta-feira, 21 de junho de 2007; Newton of Wemyss

Jenny Prentice tirou um saco de batatas da prateleira de verduras e se pôs a descascá-las, o corpo inclinado sobre a pia e as costas voltadas para a filha. A pergunta de Misha pairou sem resposta entre as duas, lembrando ambas da barreira que a ausência do pai havia colocado entre elas desde o início. Misha tentou novamente.

— Eu perguntei...

— Eu te ouvi muito bem. Não há nada de errado com a minha audição — disse Jenny. — E a resposta é: não tenho a menor ideia. Como eu saberia onde começar a procurar por aquele merda de fura-greve egoísta? Nós nos viramos muito bem sem ele nos últimos vinte e dois anos. Nunca houve razão para procurá-lo.

— Bem, existe uma razão agora.

Misha olhou para os ombros curvados da mãe. A luz fraca que entrava pela pequena janela da cozinha acentuava o branco de seus cabelos não pintados. Ela mal havia completado cinquenta anos, mas parecia ter pulado a meia-idade e adquirido logo o encurvamento vulnerável de uma anciã. Era como se ela soubesse que o ataque um dia chegaria e houvesse optado por se defender tornando-se patética.

— Ele não irá ajudar — Jenny zombou. — Ele deixou claro o que pensava de nós, quando nos abandonou para que nos virássemos sozinhas. Ele só pensava em si mesmo.

— Pode ser. Mas mesmo assim tenho que tentar, pelo bem de Luke — Misha disse. — Havia algum endereço de remetente nos envelopes em que vinha o dinheiro?

Jenny cortou uma batata descascada ao meio e deixou cair numa panela com água salgada.

— Não. Ele nem sequer se dava ao trabalho de colocar uma cartinha no envelope. Apenas um punhado de cédulas sujas, só isso.

— E os caras com quem ele foi embora?

Jenny lançou um olhar rápido e desdenhoso para Misha.

— O que têm eles? Não dão as caras por aqui.

— Mas alguns ainda devem ter família aqui, ou em East Wemyss. Irmãos, primos. Eles podem saber alguma coisa sobre o meu pai.

Jenny sacudiu a cabeça com firmeza.

— Nunca mais ouvi falar dele, desde o dia em que se foi. Nem um pio, bom

ou ruim. Os outros homens com quem ele foi embora não eram seus amigos. A única razão pela qual ele pegou carona com eles foi porque não tinha dinheiro para ir sozinho para o sul. Ele deve ter usado os caras assim como usou a gente e, depois, deve ter seguido seu próprio caminho, quando chegou aonde queria. — Ela deixou cair outra batata na panela e disse sem qualquer entusiasmo: — Você vai ficar para a janta?

— Não, tenho algumas coisas para resolver — Misha disse, impaciente com a recusa da mãe em levar a sério sua busca. — Deve haver alguém com quem ele tenha mantido contato. Com quem ele poderia ter falado? A quem ele teria contado o que estava planejando fazer?

Jenny se empertigou e colocou a panela no velho fogão a gás. Misha e John se ofereciam para trocar o fogão desconjuntado toda vez que se sentavam para aquele ato teatral que era o jantar de domingo, mas Jenny sempre recusava, com o ar de martírio frustrado com que normalmente respondia às ofertas de gentileza.

— Nisso você também deu azar. — Ela se acomodou numa das duas cadeiras que estavam ao redor da mesa minúscula na cozinha apertada. — Ele só tinha um amigo de verdade. Andy Kerr. Era um comunista fervoroso, o Andy. Te digo uma coisa: em 1984 não eram muitos os que ainda erguiam a bandeira vermelha, mas Andy era um deles. Ele já era sindicalista bem antes da greve. Ele e seu pai eram amigos desde a escola. — Seu rosto se suavizou por um momento, e Misha quase pôde ver a jovem que ela havia sido. — Eles estavam sempre aprontando alguma, aqueles dois.

— Então, onde é que encontro esse tal de Andy Kerr? — Misha se sentou em frente à mãe, seu desejo de ir embora temporariamente abandonado.

O rosto da mãe se contorceu em uma expressão irônica.

— Coitada. Se você conseguir encontrar Andy, será uma detetive e tanto. — Ela se inclinou para a frente e deu um tapinha na mão de Misha. — Ele é mais uma das vítimas do seu pai.

— Como assim?

— Andy adorava seu pai. Para ele, era Deus no céu e seu pai na terra. Pobre Andy. A greve o colocou sob uma enorme pressão. Ele acreditava na greve, acreditava na luta. Mas ficou arrasado ao ver as dificuldades pelas quais seus homens estavam passando. Ele estava à beira de um ataque de nervos, e o diretor local o obrigou a tirar uma licença médica, não muito antes de seu pai dar o fora. Ninguém o viu depois disso. Ele vivia lá nos cafundós, então ninguém percebeu que ele havia partido. — Ela soltou um suspiro longo e cansado. — Ele mandou um cartão-postal para o seu pai, de algum lugar no norte. Mas, é claro, seu pai já tinha fugido da greve e, portanto, nunca o recebeu. Mais tarde, quando Andy

voltou, deixou um bilhete para a irmã dele dizendo que não suportava mais. O pobre coitado se matou.

— E o que isso tem a ver com o meu pai? — perguntou Misha.

— Sempre achei que o fato de seu pai ter furado a greve foi a gota d'água. — A expressão de Jenny era uma mistura de piedade e convencimento. — Foi o que condenou Andy.

— Você não tem como saber isso. — Misha se afastou, aborrecida.

— Não sou a única por aqui que pensa assim. Se seu pai tivesse confiado em alguém, teria sido em Andy. E isso deve ter sido demais para aquela pobre alma fragilizada. Ele tirou a própria vida, sabendo que seu único amigo de verdade havia traído tudo aquilo que ele defendia.

Naquele tom melodramático, Jenny se levantou e pegou um saco de cenouras da prateleira. Estava claro que ela dera por encerrado o assunto Mick Prentice.

Quarta-feira, 27 de junho de 2007; Glenrothes

Karen deu uma espiada no relógio. Quaisquer que fossem as qualidades de Misha Gibson, a brevidade não era uma delas.

— Então Andy Kerr provou ser, literalmente, um caso morto e enterrado?

— Minha mãe acha que sim. Mas parece que nunca encontraram o corpo. Talvez ele não tenha se matado, afinal — disse Misha.

— Eles nem sempre aparecem — Karen disse. — Às vezes, o mar os reivindica. Ou a floresta, que seja. Ainda existe muito espaço vazio nesta terra.

A resignação tomou conta do rosto de Misha. Karen percebeu que ela era uma mulher inclinada a acreditar no que lhe diziam. Se havia alguém que sabia disso, era sua mãe. Talvez as coisas não fossem tão preto no branco quanto Jenny Prentice queria que sua filha pensasse.

— Isso é verdade — disse Misha. — E minha mãe falou mesmo que ele havia deixado um bilhete. Será que a polícia ainda o tem?

Karen balançou a cabeça.

— Duvido. Se em algum momento esteve com a gente, foi devolvido à família dele.

— Não teria havido um inquérito? Não teriam precisado do bilhete para isso?

— Você se refere a uma Investigação de Acidente Fatal — disse Karen. — Não sem um corpo. Se existir um arquivo desse caso, é a respeito de pessoa desaparecida.

— Mas ele não está desaparecido. A irmã dele conseguiu que ele fosse declarado morto. Seus pais morreram no acidente da balsa de Zeebrugge, mas parece que o pai sempre se recusou a acreditar que Andy tivesse morrido; então, não alterou o testamento para deixar a casa para a filha. Ela teve que ir ao tribunal e pedir que declarassem Andy morto, para que ela pudesse herdá-la. De qualquer modo, foi o que minha mãe me contou. — Nenhum sinal de dúvida perturbava a expressão de Misha.

Karen anotou *irmã de Andy Kerr* e acrescentou um pequeno asterisco à observação.

— Portanto, se Andy se matou, voltamos a ter como única explicação racional para seu pai ter desaparecido o fato de ele querer furar a greve. Você fez alguma tentativa de contatar os caras com quem se supõe que ele tenha fugido?

Segunda-feira, 25 de junho de 2007; Edimburgo

Nove e dez da manhã de uma segunda-feira e Misha já se sentia exausta. Ela já deveria estar com Luke no hospital. Brincando com ele, lendo para ele, bajulando os terapeutas para que ampliassem seus procedimentos, discutindo planos de tratamento com a equipe médica e usando toda a sua energia para contagiá-los com a sua convicção de que era possível salvar o filho. E, se era possível, todos eles tinham a obrigação de lhe proporcionar até a última gota de intervenção médica.

Mas, em vez disso, Misha estava sentada no chão, com as costas contra a parede, os joelhos dobrados, o telefone no colo e o bloco de anotações a seu lado. Ela disse a si mesma que estava tomando coragem para dar um telefonema, mas no fundo sabia que a exaustão era o verdadeiro motivo por trás da inatividade.

Outras famílias aproveitavam os fins de semana para relaxar, recarregar as baterias. Mas não os Gibson. Para começar, havia menos funcionários trabalhando no hospital, então Misha e John se sentiam obrigados a dedicar mais energia que o habitual a Luke. Tampouco havia descanso quando eles voltavam para casa. O fato de Misha acreditar que a última esperança para o filho era encontrar seu pai havia simplesmente agravado o conflito entre seu ardor missionário e o otimismo passivo de John.

Esse fim de semana havia sido mais difícil que o normal. Ter um limite de tempo definido para a vida de Luke impregnava de valor e intensidade cada momento que compartilhavam. Era difícil evitar uma espécie de sentimentalismo melodramático. Assim que saíram do hospital no domingo, Misha retomou o refrão que vinha repetindo desde que visitara a mãe:

— Eu tenho que ir a Nottingham, John. Você sabe disso.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta impermeável e curvou a cabeça para a frente, como se estivesse lutando contra um vento forte.

— Telefone para o cara — John falou. — Se ele tiver alguma coisa a dizer, dirá pelo telefone.

— Talvez não. — Ela correu um pouco para acertar o passo com ele. — As pessoas sempre contam mais coisas cara a cara. Talvez possa me dar alguma informação sobre os outros que foram para lá com ele. Pode ser que eles saibam de alguma coisa.

John bufou.

— E como é que a sua mãe só se lembra do nome de um cara? Por que ela

não pode te dar informações a respeito dos outros?

— Eu já disse. Ela apagou da memória tudo sobre aquela época. Tive que pressioná-la muito até ela me dar o nome de Logan Laidlaw.

— E você não acha incrível que o único cara de quem ela se lembra não tenha nenhum parente na região? Nenhuma maneira óbvia de ser rastreado?

Misha enganchou seu braço no dele, em parte para fazê-lo ir mais devagar.

— Mas eu o rastreei, não foi? Você é desconfiado demais.

— Não sou, não. Sua mãe não conhece o poder da Internet. Ela não sabe dos cadastros eleitorais on-line nem do site 192.com. Ela acha que, se não houver nenhum ser humano a quem perguntar, você está ferrada. Pensou que não estava lhe dando nada que você pudesse usar. Ela não quer ver você bisbilhotando a respeito desse assunto, ela não vai te ajudar.

— Então você e ela podem dar as mãos. — Misha soltou o braço do dele e caminhou rapidamente à sua frente.

John a alcançou na esquina da rua deles.

— Isso não é justo — ele disse. — Eu só não quero que você se machuque à toa.

— Você acha que ver meu filho morrer sem fazer nada para salvá-lo não está me machucando?

Misha sentiu o calor da raiva em seu rosto, soube que as lágrimas de ira estavam à espreita. Virou o rosto, piscando desesperadamente para os prédios altos de arenito.

— Encontraremos um doador. Ou eles encontrarão um tratamento. Toda essa pesquisa com células-tronco está avançando muito rápido.

— Não rápido o bastante para Luke — Misha disse, a familiar sensação de peso no estômago desacelerando seus passos. — John, por favor. Preciso ir a Nottingham. Preciso que você tire uns dias de folga do trabalho para ficar com Luke.

— Você não precisa ir. Pode falar com o cara pelo telefone.

— Não é a mesma coisa. Você sabe disso. Você não negocia com clientes pelo telefone. Não quando é alguma coisa importante. Você vai até eles pessoalmente. Quer olhar em seus olhos. Tudo que estou pedindo é que você tire uns dias de folga para passar um tempo com seu filho.

Os olhos dele brilharam perigosamente, e ela soube que tinha ido longe demais. John balançou a cabeça com teimosia.

— Telefone para ele, Misha.

E isso foi tudo. Sua longa experiência com o marido havia lhe ensinado que, quando John assumia uma postura que acreditava estar certa, insistir no mesmo ponto apenas lhe dava a oportunidade de construir defesas mais fortes.

Ela não tinha argumentos novos que pudessem mudar sua decisão. Portanto, ali estava ela, sentada no chão, tentando formular frases capazes de convencer Logan Laidlaw a lhe dizer o que havia acontecido com seu pai desde que ele a abandonara, havia mais de vinte anos.

Sua mãe não lhe dera muita coisa para criar uma estratégia. Laidlaw era um esbanjador, um mulherengo, um homem que, aos trinta anos, ainda agia como um adolescente. Aos vinte e cinco anos, já se divorciara com a péssima reputação de ser um homem habilidoso demais com os punhos quando perto das mulheres. A imagem que Misha guardava do pai era incompleta e parcial, mas, mesmo com a visão imposta pela mãe, Mick Prentice não parecia ser o tipo de homem que tivesse tempo a perder com Logan Laidlaw. Ainda assim, tempos difíceis criam os companheiros mais estranhos.

Finalmente, Misha pegou o telefone e digitou os números que ela havia encontrado através de buscas na Internet e em listas telefônicas. Provavelmente ele saía para trabalhar, ela pensou no quarto toque. Ou então estava dormindo.

O sexto toque foi interrompido abruptamente. Uma voz rouca grunhiu algo parecido com alô.

— É Logan Laidlaw? — Misha perguntou, lutando para manter a voz sob controle.

— Já tenho uma cozinha montada e não quero nenhum seguro. — O sotaque de Fife ainda era forte, as palavras se atropelando com o familiar sobe e desce.

— Não quero lhe vender nada, Sr. Laidlaw. Só preciso falar com o senhor um instante.

— É, sei. E eu sou o primeiro-ministro.

Ela podia sentir que ele estava a ponto de desligar.

— Sou a filha de Mick Prentice — ela revelou, sua estratégia tinha ido por água abaixo. Através da distância, ela podia ouvir o chiado líquido da respiração dele. — Mick Prentice, de Newton of Wemyss — ela tentou.

— Eu sei de onde Mick Prentice é. Só não sei o que Mick Prentice tem a ver comigo.

— Olhe, sei que vocês dois não se veem muito, ultimamente, mas eu agradeceria qualquer informação que o senhor pudesse me dar. Realmente preciso encontrá-lo. — O sotaque de Misha pulou algumas marchas até voltar à pronúncia carregada.

Uma pausa. Então, com um tom desconcertado:

— Por que você está me ligando? Não vejo Mick Prentice desde que saí de Newton of Wemyss, em 1984.

— Tudo bem, mas mesmo que vocês tenham se separado logo que

chegaram a Nottingham, o senhor deve ter uma ideia de onde ele foi parar, aonde ele estava indo.

— Escuta aqui, docinho, não faço a menor ideia do que você está falando. Como assim, nos separamos logo que chegamos a Nottingham? — ele parecia irritado, a pouca paciência que tinha evaporava com as perguntas dela.

Misha engoliu um suspiro profundo e, então, disse lentamente:

— Só quero saber o que aconteceu com meu pai depois que vocês chegaram a Nottingham. Preciso encontrá-lo.

— Por acaso, você tem algum problema na cabeça, menina? Não faço a menor ideia do que aconteceu com seu pai depois que vim para Nottingham e sabe por quê? Porque eu estava em Nottingham e ele, em Newton of Wemyss. E mesmo quando nós dois estávamos na mesma cidade, não éramos o que se pode chamar de compadres.

As palavras a atingiram como um balde de água fria. Será que havia algo errado com a memória de Logan Laidlaw? Estaria se esquecendo do passado?

— Não, isso não está certo — ela disse. — Ele foi para Nottingham com você.

Uma explosão de risadas, então uma tosse seca.

— Alguém está te enrolando, menina — ele ofegou. — Trotsky teria furado um piquete de greve antes do Mick Prentice que eu conheci. O que te faz pensar que ele veio para Nottingham?

— Não sou só eu. Todo mundo pensa que ele foi para Nottingham com você e com os outros homens.

— Isso é loucura. Por que iriam pensar isso? Você não conhece a história da sua própria família?

— O que você quer dizer?

— Por Deus, menina, o seu bisavô. O avô do seu pai. Você não sabe a respeito dele?

Misha não fazia a mínima ideia de onde aquilo iria parar, mas pelo menos ele não tinha desligado na cara dela, como havia temido que fizesse.

— Ele morreu antes de eu nascer. Não sei nada sobre ele, a não ser que também era mineiro.

— Jackie Prentice — disse Laidlaw com algo que se aproximava à satisfação. — Ele foi um fura-greve em 1926. Depois do acordo sindical, ele teve de ser transferido para um posto na superfície. Quando sua vida depende dos homens da sua equipe, você não quer ser um fura-greve no subterrâneo. A não ser que todo mundo esteja no mesmo barco, como era nosso caso. Só Deus sabe por que Jackie permaneceu na cidade. Ele tinha que tomar um ônibus até Dysart só para conseguir uma bebida. Não havia um só bar, em nenhum dos

vilarejos de Wemyss, que o servisse. Então, seu pai e seu avô tiveram que trabalhar duas vezes mais que qualquer outra pessoa para serem aceitos na mina. Nem morto Mick Prentice jogaria fora esse respeito. Ele preferiria morrer de fome. Isso mesmo, e deixar que você morresse junto com ele. Onde quer que você tenha conseguido essa informação, eles não sabem de que diabos estão falando.

— Minha mãe me contou. É o que todos dizem em Newton. — O impacto das palavras dele a fizeram sentir como se todo ar houvesse sido sugado de seus pulmões.

— Bem, eles estão errados. Por que iriam pensar isso?

— Porque a noite em que você foi para Nottingham foi a última noite em que alguém em Newton o viu ou ouviu falar dele. E porque minha mãe, ocasionalmente, recebe dinheiro pelo correio, com o carimbo de Nottingham.

Laidlaw respirou com dificuldade, uma exalação de sanfona no ouvido dela.

— Jesus, isso é espantoso. Bem, querida, sinto muito decepcioná-la. Cinco de nós partiram de Newton of Wemyss naquela noite de dezembro. Mas seu pai não estava entre a gente.

Quarta-feira, 27 de junho de 2007; Glenrothes

Karen parou na lanchonete para comprar um sanduíche de salpicão de frango, quando voltava para sua mesa. Criminosos e testemunhas raramente conseguiam enganar Karen, mas, quando se tratava de comida, ela podia enganar a si mesma dezessete vezes antes do café da manhã. O sanduíche, por exemplo. Pão integral, um pedaço de alface murcha, algumas fatias de tomate e pepino e, pronto: passava a ser um alimento saudável. Esqueça a manteiga e a maionese. Na sua cabeça, as calorias eram canceladas pelo benefício. Ela enfiou o caderno embaixo do braço e rasgou a embalagem plástica do sanduíche enquanto caminhava.

Phil Parhatka levantou os olhos quando Karen se deixou cair, pesadamente, na cadeira. Não pela primeira vez, o ângulo da cabeça dele a lembrou de que ele parecia uma versão mais morena e mais magra de Matt Damon. Havia o mesmo nariz e queixo protuberantes, as sobrancelhas retas, o corte de cabelo à la *Identidade Bourne*, e a expressão que podia variar, de aberta a resguardada, num segundo. Só as cores eram diferentes. A ascendência polonesa de Phil era responsável por seus cabelos escuros, os olhos castanhos e a pele intensamente branca; sua personalidade contribuía com o minúsculo furo em sua orelha esquerda, que geralmente acomodava um brinco de diamante, quando ele não estava de serviço.

— Como foi? — ele perguntou.

— Mais interessante do que eu esperava — ela admitiu, levantando-se novamente para pegar uma Coca Diet. Entre mordidas e goles, ela fez um resumo conciso da história de Misha Gibson.

— E ela acredita no que esse velho caduco de Nottingham lhe contou? — ele perguntou, recostando-se na cadeira e entrelaçando os dedos atrás da cabeça.

— Acho que ela é o tipo de mulher que normalmente acredita no que as pessoas lhe dizem — disse Karen.

— Ela seria uma péssima policial, então. Portanto, imagino que você irá passar o caso para a Divisão Central investigar.

Karen deu uma dentada no sanduíche e mastigou vigorosamente, os músculos da mandíbula e têmporas se projetavam e contraíam como uma bola antiestresse sob pressão. Ela engoliu antes de ter terminado de mastigar direito, empurrando o que sobrou com um gole de Coca Diet.

— Não tenho certeza — ela disse. — É um caso interessante.

Phil lançou um olhar cauteloso.

— Karen, não se trata de um caso arquivado. Não é nossa praia.

— Se eu passá-lo para a Central, vai acabar não dando em nada. Ninguém de lá vai se incomodar com um caso em que as pistas esfriaram há vinte e dois anos. — Ela se recusou a encarar o olhar desaprovador dele. — Você sabe disso tão bem quanto eu. E, segundo Misha Gibson, essa seria a última chance do filho dela.

— Ainda não faz com que seja um caso arquivado.

— Só porque não foi aberto em 1984 não significa que agora não esteja arquivado. — Karen sacudiu o resto de seu sanduíche apontando para arquivos sobre sua mesa. — E nenhum destes aqui irá a qualquer lugar, a curto prazo. Darren Anderson: não há nada que eu possa fazer até que os policiais nas Canárias se mexam e descubram em que bar a ex-namorada dele está trabalhando. Ishbel Mackindoe: aguardo que o laboratório me diga se eles podem obter amostras viáveis de DNA das cartas anônimas. Patsy Millar: não posso seguir adiante com esse caso até que a Polícia Metropolitana de Londres termine de cavar aquele jardim no bairro de Haringey e faça as análises criminais.

— Há testemunhas no caso de Patsy Millar com quem poderíamos falar novamente.

Karen deu de ombros. Ela sabia que podia usar a hierarquia para calar a boca de Phil, mas precisava demais da tranquilidade que havia entre eles.

— Elas não irão a lugar algum. Ou, senão, você pode pegar um dos detetives e lhe dar um pouco de treinamento em ação.

— Se você acha que eles precisam de treinamento em ação, deveria lhes dar esse caso arquivadíssimo de pessoa desaparecida. Você é uma inspetora agora, Karen. Não se espera que saia investigando esse tipo de coisa. — Ele indicou com a mão os dois detetives sentados frente a seus computadores. — Isso é para gente como eles. O que acontece é que você está entediada. — Karen tentou protestar, mas Phil continuou, sem lhe dar atenção. — Eu lhe disse, quando você aceitou essa promoção, que iria ficar louca, sentada atrás de uma mesa. E agora, olhe só. Surrupando os casos dos agentes da Central. O próximo passo é você sair para fazer pessoalmente os interrogatórios.

— E daí? — Karen amassou a embalagem do sanduíche com mais força que o necessário e a atirou no lixo. — É bom manter a mão na massa. E vou garantir que tudo seja feito de forma honesta. Levarei o detetive Murray comigo.

— O Novo em Folha? — O tom da voz de Phil era de incredulidade, seu semblante estava ofendido. — Você preferiria o Novo em Folha a mim?

Karen sorriu com doçura.

— Você agora é sargento, Phil. Um sargento com ambições. Ficar no

escritório e esquentar minha cadeira ajudará suas aspirações a se tornarem realidade. Além disso, o Novo em Folha não é tão ruim quanto você pensa. Ele faz aquilo que o mandam fazer.

— Isso um cachorro collie também faz. Só que o cão mostraria mais iniciativa.

— A vida de uma criança está em jogo, Phil. Eu tenho bastante iniciativa para nós dois. Isso deve ser feito da maneira correta e vou garantir que seja. — Ela se virou para o computador com um ar de ter terminado a conversa.

Phil abriu a boca para falar mais, então, pensou melhor, ao ver o olhar repressivo que Karen lançou em sua direção. Eles se sentiram atraídos um pelo outro desde o começo da carreira, reconhecendo a tendência comum de não se conformar. O fato de haverem galgado postos juntos lhes havia conferido uma amizade capaz de sobreviver ao desafio da mudança de cargo. Mas ele sabia que havia um limite até onde podia pressionar Karen, e tinha a sensação de haver acabado de atingi-lo.

— Então, eu lhe darei cobertura por aqui — ele disse.

— Por mim, está ótimo — Karen disse, enquanto seus dedos voavam pelas teclas. — Marque a minha saída para amanhã de manhã. Tenho a impressão de que Jenny Prentice será um pouquinho mais receptiva a uma dupla de policiais do que foi com a filha.

Quinta-feira, 28 de junho de 2007; Edimburgo

Aprender a esperar era uma das lições do jornalismo que as faculdades não ensinavam. Quando Bel Richmond tivera um emprego de tempo integral, em um jornal dominical, sempre defendera que era paga não por uma jornada de trabalho de quarenta horas semanais, e sim pelos cinco minutos em que conseguia, com sua lábia, passar por uma porta que ninguém antes conseguira cruzar. O que deixava bastante tempo livre para esperar. Esperar que alguém retornasse um telefonema. Esperar que o passo seguinte da história acontecesse. Esperar que um contato se transformasse em informante. Bel havia passado por várias esperas e, embora tivesse se tornado habilidosa na atividade, nunca havia aprendido a apreciá-la.

Tinha de admitir que já precisara esperar em ambientes muito menos salubres que aquele. Ali, havia o conforto do café, biscoitos e jornais. E a sala na qual havia sido deixada oferecia a vista panorâmica que já enfeitara um milhão de latas de biscoitos amanteigados. Ocupando toda a extensão da Princes Street, exibia um punhado de atrações turísticas: o castelo, o Scott Monument, a National Gallery e o parque Prince Street Gardens. Bel notou outra beleza arquitetônica significativa, mas não sabia o suficiente sobre a cidade para identificá-la. Ela só visitara a capital escocesa algumas vezes e não fora escolha sua realizar aquela reunião ali. Teria preferido Londres; porém, a relutância em mostrar seus trunfos antecipadamente a havia deslocado do assento do motorista para o posto de suplicante.

De forma um tanto incomum para uma jornalista freelance, ela contava com um assistente de pesquisa. Jonathan era estudante de jornalismo na City University e pedira a seu orientador que o indicasse para estagiar com Bel. Aparentemente, ele gostava do estilo dela. Bel ficara levemente agradecida pelo elogio, mas profundamente maravilhada com a perspectiva de ter oito semanas livres de todo trabalho pesado. Sendo assim, Jonathan fizera o primeiro contato com a MacLennan Grant Enterprises. Voltou com uma resposta bem simples: se a Srta. Richmond não estava preparada para declarar seu motivo para querer um encontro com Sir Broderick MacLennan Grant, Sir Broderick não estava preparado para se encontrar com ela. Sir Broderick não dava entrevistas. Após algumas negociações adicionais a distância, ela chegara ao presente acordo.

E agora, pensou Bel, ela estava sendo colocada em seu lugar. Obrigada a ficar esperando numa sala de reuniões de hotel. Forçada a entender que alguém tão importante quanto a assistente pessoal do presidente e acionista principal da

décima segunda empresa mais valiosa do país tinha compromissos mais urgentes em sua agenda do que fazer sala para uma escritorzinha de Londres.

Gostaria de se levantar e caminhar um pouco, mas não queria revelar qualquer falta de compostura. Ceder terreno nunca fora natural para ela. Em vez disso, ajeitou a jaqueta, verificou se a blusa estava adequadamente arrumada e tirou uma sujeirinha dos sapatos de camurça verde-esmeralda.

Afinal, precisamente quinze minutos depois da hora marcada, a porta se abriu. A mulher que entrou, num turbilhão de lã e caxemira, lembrava uma professora de colégio, de idade indeterminada, mas acostumada a impor disciplina aos alunos. Por um momento insano, Bel quase se levantou de um pulo, num reflexo pavloviano às suas recordações adolescentes de freiras terroristas. No entanto, conseguiu se conter e se levantou de forma mais lenta.

— Susan Charleson — disse a mulher, estendendo a mão. — Desculpe-me por tê-la feito esperar. Como Harold Macmillan disse uma vez: “Acontecimentos, caro rapaz. Acontecimentos.”

Bel decidiu não ressaltar que Harold Macmillan referia-se ao trabalho de primeiro-ministro, e não à função de babá de um líder industrial. Segurou os dedos mornos e secos, em um aperto rápido e rígido, e, então, teve a mão liberada.

— Annabel Richmond.

Susan Charleson ignorou a poltrona em frente a Bel e dirigiu-se à mesa perto da janela. Pega de surpresa, Bel apanhou a bolsa e a pasta de couro e a seguiu. Sentaram-se em lados opostos e Susan sorriu, os dentes pareciam uma linha de creme dental calcária em meio ao batom rosa-escuro.

— Você queria ver Sir Broderick — ela disse. Sem preâmbulos, sem conversa fiada sobre a vista. Simplesmente direta. Era uma técnica que Bel havia utilizado algumas vezes, o que não queria dizer que a apreciasse quando a situação era inversa.

— Exatamente.

Susan balançou a cabeça.

— Sir Broderick não fala com a imprensa. Temo que você tenha desperdiçado seu tempo. Expliquei tudo isso a seu assistente, mas ele se recusou a aceitar uma resposta negativa.

Foi a vez de Bel sorrir com frieza.

— E fez muito bem. Eu, obviamente, lhe dei um bom treinamento. Mas parece haver um mal-entendido. Não estou aqui para implorar por uma entrevista. Estou aqui porque acho que tenho algo em que Sir Broderick ficará interessado. — Ela ergueu a pasta até a mesa e abriu o zíper. De dentro, retirou uma única folha de papel A3 grosso, virada para baixo. Estava manchada e

exalava um cheiro sutil, uma mistura curiosa de poeira, urina e lavanda. Bel não resistiu a lançar uma olhadela provocadora para Susan Charleson. — Você gostaria de ver? — ela perguntou, virando o papel.

Susan tirou um estojo de couro do bolso da saia e extraiu dele uns óculos de aro de casco de tartaruga. Equilibrou-os no nariz, calmamente, mas sem tirar os olhos das imagens em preto e branco à sua frente. O silêncio entre as mulheres pareceu crescer, e Bel sentiu-se sem ar enquanto esperava por uma resposta.

— Onde você encontrou isto? — Susan perguntou, seu tom de voz estava tão afetado quanto o de uma professora de latim.

Segunda-feira, 18 de junho de 2007; Campora, Toscana, Itália

Às sete da manhã era quase possível acreditar que o calor intenso dos últimos dez dias não fosse dar as caras. A luz perolada do dia cintilava entre a abóbada de folhas de carvalho e castanheira, deixando visíveis as partículas de poeira que espiralavam, emitidas pelos pés de Bel. Ela se movia devagar o bastante para notá-las porque a trilha destruída que descia em meio às árvores era sulcada e esburacada, coberta com pedras irregulares o bastante para conscientizar qualquer corredor da fragilidade de seus tornozelos.

Apenas mais duas daquelas corridas matinais tão apreciadas antes de retornar às sufocantes ruas de Londres. O pensamento provocou uma ferroadada de arrependimento. Bel adorava escapulir da *villa* enquanto todos ainda estavam dormindo. Ela podia andar descalça pelo chão frio de mármore, fingindo ser a castelã do lugar, e não simplesmente outra arrendatária tentando tirar uma casquinha da elegância toscana.

Ela vinha tirando férias com o mesmo grupo de cinco amigas desde que dividiram uma casa, em seu último ano na universidade de Durham. Naquela primeira vez, elas estavam estudando arduamente para os exames finais. Os pais de uma delas tinham uma casa de campo na Cornualha, que elas ocuparam por uma semana. Havia chamado aquilo de pausa nos estudos; na verdade, foram umas férias em que descansaram e relaxaram, ficando em melhores condições para prestar os exames do que se tivessem se exaurido com livros e artigos. E, apesar de serem jovens modernas e nem um pouco dadas a superstições, todas sentiram que a semana que haviam passado juntas tinha, de alguma forma, sido responsável por suas boas notas. Desde então, vinham se reunindo todos os anos, em junho, com o compromisso de se divertir.

Ao longo dos anos, seus hábitos alcoólicos haviam se tornado mais apurados; os alimentícios, mais epicuristas; e as conversas, mais escandalosas. Os lugares haviam se tornado cada vez mais luxuosos. Amantes jamais eram convidados para compartilhar aquela semana das garotas. Ocasionalmente, uma delas hesitava, alegando muita pressão no trabalho ou obrigações familiares, mas, geralmente, era ameaçada e mudava de ideia rapidamente e sem dar muito trabalho.

Para Bel, aquele era um elemento significativo de sua vida. Todas aquelas mulheres eram bem-sucedidas, todas eram fontes com as quais podia contar para suavizar seu caminho, de tempos em tempos. Mas, apesar disso, não era essa a razão principal de suas férias serem tão importantes. Parceiros haviam chegado e

partido, mas aquelas amigas sempre foram uma constante. Em um mundo no qual se era julgado de acordo com sua última manchete, era agradável ter um refúgio onde nada disso importava. Onde ela era apreciada simplesmente porque o grupo se divertia mais quando ela estava presente. Elas se conheciam havia muito tempo para perdoar os defeitos umas das outras, para aceitar as opiniões políticas umas das outras e para dizer aquilo que seria impronunciável diante de qualquer outra pessoa. Essas férias faziam parte da fortaleza que ela constantemente levantava contra suas próprias inseguranças. Além disso, atualmente, eram as únicas férias que ela tirava que estavam de acordo com o que ela queria fazer. Nos últimos seis anos, ela estivera presa à sua irmã viúva, Vivianne, e seu filho Harry. A morte repentina do marido de Vivianne, vítima de um ataque cardíaco, a deixara emocionalmente abalada e muito carente. Bel não hesitara em unir seu destino ao da irmã e do sobrinho. No final, tinha sido uma boa decisão, mas, ainda assim, ela valorizava muito a pausa anual daquela vida familiar que nunca imaginou que viveria. Principalmente agora, quando Harry se encontrava à beira da crise existencial da adolescência. Este ano, portanto, mais ainda do que no passado, as férias tinham de ser especiais, precisavam superar tudo que já havia existido.

Era difícil imaginar como elas superariam isso, ela pensou, enquanto emergia das árvores e virava num campo de girassóis que se preparavam para florescer. Ela se apressou um pouco ao percorrer seu caminho pela margem, o nariz franzindo com o aromático perfume da vegetação. Não havia nada que ela desejasse mudar naquele lugar, nenhum defeito que pudesse encontrar nos jardins e nas árvores frutíferas que rodeavam a varanda e a piscina. A vista do Val d'Elsa era deslumbrante, com as cidadezinhas de Volterra e San Gimignano no horizonte distante.

E havia o bônus adicional da culinária de Grazia. Quando elas descobriram que a “chef local” descrita no site da Internet era a esposa do criador de porcos que vivia ali perto, desistiram de chamá-la até a *villa* para preparar uma refeição tipicamente toscana. Na tarde do terceiro dia, no entanto, todas estavam incomodadas demais com o calor para se dar ao trabalho de cozinhar; então, chamaram Grazia. O marido, Maurizio, a levou até a *villa* num Fiat Panda caindo aos pedaços, que parecia se manter inteiro à custa de barbantes e fé. Ele descarregou caixas de comida cobertas de musselina. Num inglês macarrônico, Grazia as expulsou da cozinha e mandou que fossem relaxar na varanda com um drinque.

A comida foi uma revelação: salames com frutas secas e *prosciutto* feito dos raros porcos Cinta di Siena que Maurizio criava, combinados com figos perfumados colhidos em seu pomar; espaguete ao pesto de estragão e

manjerição; codornas assadas com os vegetais cultivados por Maurizio e tiras compridas de batata temperadas com alecrim e alho; queijos produzidos em fazendas da região e, finalmente, um delicioso bolo de amêndoas embebido com *limoncello*.

As mulheres nunca mais cozinham.

A culinária de Grazia fez com que as corridas matinais de Bel se tornassem ainda mais necessárias. Ao aproximar-se dos quarenta, ela lutava cada vez mais para manter o que pensava ser seu peso ideal. Naquela manhã, seu estômago ainda parecia uma bola rígida, após as suaves e deliciosas berinjelas *alla parmigiana* que a haviam tentado a repetir generosamente o prato. Iria correr um pouco mais longe do que o normal, decidiu. Em vez de fazer o circuito do campo de girassóis e subir de volta à *villa*, tomaria uma trilha que ia da extremidade mais distante e cruzava o terreno coberto de vegetação de uma *casa colonica* em ruínas, que ela avistara ao passar de carro. Desde que vira a casa, na primeira manhã, tinha alimentado a fantasia de comprar a ruína e transformá-la no melhor dos refúgios toscanos, com direito a piscina e jardim de oliveiras. E, é claro, com Grazia à disposição para cozinhar. Bel não tinha muitos escrúpulos com relação à invasão de propriedades, em fantasia ou na realidade.

Mas ela se conhecia o suficiente para saber que aquilo nunca passaria de um sonho. Ser proprietária de um refúgio implicava o desejo, que ela não tinha, de abandonar seu universo de trabalho. Talvez, quando estivesse pronta para se aposentar, pudesse considerar a possibilidade de devotar-se a um projeto de restauração como aquele. A não ser pelo fato de admitir que esse era outro sonho pouco realista. Jornalistas jamais se aposentavam de verdade. Sempre havia outra história no horizonte, outro alvo a perseguir. Sem falar do horror de ser esquecido. Todos motivos pelos quais seus relacionamentos passados não haviam durado, todos motivos pelos quais seu futuro provavelmente reservasse as mesmas imperfeições. Ainda assim, seria divertido dar uma olhada mais de perto na velha casa para ver seu estado. Quando mencionara a ideia a Grazia, ela fizera uma careta e a chamara de *rovina*. Bel, cujo italiano era fluente, havia traduzido para as demais: “ruína”. Hora de descobrir se Grazia estava dizendo a verdade ou apenas tentando desviar o interesse de algumas ricas inglesas.

O caminho através da grama alta ainda estava surpreendentemente limpo, o solo nu endurecido por anos de pisadas. Bel aproveitou a oportunidade para ir mais rápido, até diminuir a velocidade ao chegar ao pátio fechado por portões, em frente à velha fazenda. Os portões estavam dilapidados, pendendo frouxamente das dobradiças que mal se apegavam aos pilares de pedra. Uma corrente pesada e um cadeado os mantinham fechados. Mais além, o pavimento quebrado do pátio estava demarcado por tufo rasteiros de tomilho, camomila e

mato. Bel sacudiu os portões sem muita esperança. Mas foi o suficiente para revelar que o canto inferior do portão direito havia se soltado completamente do suporte. Poderia ser facilmente afastado para que um adulto passasse pela abertura. Bel deslizou por ali e soltou o portão, que rangeu suavemente ao voltar para sua posição de origem, aparentemente fechado.

De perto, ela pôde entender a descrição de Grazia. Qualquer um que assumisse a restauração ficaria escravo dos pedreiros por um longo, longo tempo. A casa rodeava o pátio em três lados, uma ala central delimitada por dois braços iguais. Havia dois andares, com uma varanda percorrendo todo o segundo andar, na qual se abriam portas e janelas, conferindo aos quartos fácil acesso ao ar livre e ao espaço de uso comum. Mas o chão da varanda havia cedido, as portas que restavam estavam tortas e as vergas sobre as janelas estavam rachadas, pendendo em ângulos estranhos. As vidraças, em ambos os andares, estavam imundas, rachadas ou haviam desaparecido. Mas as linhas sólidas da atraente arquitetura local ainda eram visíveis, e as pedras ásperas brilhavam calorosamente ao sol da manhã.

Bel não teria conseguido explicar por que, mas a casa a atraía. Tinha o charme desgastado de uma beldade suficientemente segura de si para permitir-se envelhecer sem luta. Buganvílias sem poda estendiam-se sobre o estuque ocre descascado e cobriam a parede inferior da varanda. Se ninguém decidisse se apaixonar logo pela casa, muito em breve ela estaria tomada pela vegetação. Em algumas gerações, não seria nada além de um aterro inexplicável na ladeira da colina. Mas, naquele instante, ela ainda tinha o poder de enfeitiçar.

Bel atravessou o pátio que se esfarelava, passando por vasos de terracota rachados e tombados; as ervas que estes um dia haviam contido agora se espalhavam e brotavam livremente, condimentando o ar com suas fragrâncias. Ela empurrou uma porta pesada, feita de tábuas de madeira que pendiam de uma única dobradiça. A madeira raspou ruidosamente contra o piso desnivelado, de tijolos assentados em ziguezague, mas se abriu o suficiente para que Bel entrasse na sala ampla sem ter de se espremer. Sua primeira impressão foi de sujeira e abandono. Teias de aranha se entrelaçavam num emaranhado que ia de parede a parede. As janelas estavam manchadas de poeira. Um ruído de algo rastejando, a distância, fez com que Bel olhasse em volta, em pânico. Ela não tinha medo dos editores de jornais, mas ratos de quatro patas a enchiam de repulsa.

Conforme ia se acostumando à obscuridade, Bel percebeu que a sala não estava completamente vazia. Havia uma mesa comprida contra uma parede. No lado oposto, um sofá com o assento afundado. A julgar pelo resto do lugar, deveria estar podre e imundo, mas o tecido vermelho-escuro que o forrava ainda se mantinha relativamente limpo. Ela arquivou aquele dado estranho para

posterior consideração.

Bel hesitou por um instante. Tinha certeza de que nenhuma de suas amigas a encorajaria a prosseguir na exploração daquela estranha casa deserta. Mas ela havia construído sua carreira com base em uma reputação de audácia. Só ela sabia com que frequência sua aparência ocultava níveis de ansiedade e incerteza que a haviam feito vomitar em sarjetas e banheiros nos lugares mais estranhos. Depois de tudo que ela já havia enfrentado, em sua determinação de conseguir uma boa história, até que ponto uma ruína deserta poderia ser assustadora?

Uma porta na extremidade mais distante conduzia a um corredor apertado, com uma escadaria gasta de pedra que levava à varanda. Mais à frente, ela podia ver outra sala escura e suja. Espiou lá dentro, surpresa em ver um varal pendurado a um canto, com meia dúzia de cabides de metal. Pendurado em um dos cabides, havia um cachecol de tricô. Por baixo, uma pilha amarrotada de roupa de camuflagem. Parecia uma daquelas jaquetas de caça, geralmente à venda na caminhonete que ficava no estacionamento em frente ao café, na estrada principal de Colle di Val d'Elsa. As mulheres tinham rido daquilo uns dias atrás, se perguntando quando é que tinha virado moda os italianos de todas as idades vestirem-se como recém-saídos do serviço militar nos Bálcãs. *Estranho*, ela pensou. Bel subiu cautelosamente as escadas até a varanda, esperando encontrar a mesma sensação de lugar havia muito desabitado.

Porém, assim que emergiu da escadaria, percebeu que penetrara em algo muito diferente. Quando se virou para a esquerda e espiou pela primeira porta, entendeu que aquela casa não era o que parecia. O bolor úmido do andar térreo era infinitamente menor ali, e o ar estava quase tão fresco quanto lá fora. O cômodo havia, obviamente, sido um quarto, e não fazia muito tempo. Havia um colchão no chão com uma colcha atirada casualmente por cima, da metade para os pés. Estava empoeirado, mas não havia nada comparável à sujeira impregnada do andar de baixo. De novo, havia um varal no canto. Tinha uma dúzia de cabides vazios, mas os últimos três seguravam camisas levemente amarrotadas. Mesmo a distância, ela podia ver que não estavam em seu melhor estado, desbotadas nas mangas e nos colarinhos.

Um par de caixotes de tomate funcionava como criados-mudos. Sobre um deles, um toco de vela num pires. Uma edição amarelada do jornal *Frankfurter Allgemeine Zeitung* jazia no chão, ao lado do colchão. Bel o apanhou, notando que a data era de menos de quatro meses atrás. Teve então uma ideia de quando o lugar havia sido abandonado pela última vez. Ela ergueu a manga de uma das camisas e a pressionou contra o nariz. Alecrim e maconha. Suave, mas inconfundível.

Voltou para a varanda e verificou os demais quartos. O padrão era

semelhante. Mais três quartos contendo uma porção de restos: algumas camisetas, livros e revistas em inglês, italiano e alemão, meia garrafa de vinho, um resto de batom, uma sandália de couro cuja sola havia se soltado da parte de cima — o tipo de coisa que alguém deixaria para trás, caso estivesse se mudando sem a mínima ideia de quem viria em seguida. Em um dos quartos, um buquê de flores enfiado num pote de azeitonas havia secado a ponto de se desfazer.

O último quarto no lado oeste era o maior, até agora. Suas janelas haviam sido limpas mais recentemente do que as dos outros, as persianas tinham sido reformadas e as paredes, caiadas. No meio do quarto, no chão, havia uma tela de *silk-screen*. Sobre mesas de cavaletes, encostadas numa parede, havia copos plásticos manchados com pigmentos ressecados e pincéis endurecidos de forma negligente. Manchas e borões espalhados marcavam o piso. Bel estava intrigada, sua curiosidade superava qualquer vestígio de nervosismo por estar sozinha naquele lugar tão peculiar. Quem quer que houvesse estado ali, devia ter partido apressadamente. Deixar uma sólida tela de *silk-screen* para trás não era algo que se fizesse, numa partida planejada.

Ela retornou à varanda e dirigiu-se à ala oposta. Teve o cuidado de permanecer próximo à parede, não confiando que o piso ondulado de tijolos suportasse seu peso. Passou pelas portas dos quartos, sentindo-se como uma intrusa no *Mary Celeste*^[4]. Um silêncio que não era quebrado nem mesmo por cantos de pássaros acentuava aquela impressão. O último cômodo antes do canto era um banheiro cuja mescla nauseante de odores ainda pairava no ar. Um rolo de mangueira estava no chão, uma das extremidades desaparecia através de um buraco perto da janela. Eles haviam, portanto, improvisado um pouco de água corrente, embora não o suficiente para deixar o vaso sanitário menos asqueroso. Ela franziu o nariz e retrocedeu.

Bel virou a esquina da varanda no instante em que o sol se elevava acima das árvores, banhando-a num repentino calor. Fez com que sua entrada no último quarto fosse ainda mais assustadora. Estremecendo com o ar úmido, ela se aventurou lá dentro. As persianas estavam bem fechadas, deixando o interior escuro demais para enxergar qualquer coisa. Mas, conforme seus olhos se ajustaram, ela obteve uma impressão do quarto. Tinha as mesmas dimensões do estúdio, mas sua função era bem diferente. Ela o atravessou até a janela mais próxima e forçou até finalmente abrir a persiana pela metade. Era o suficiente para confirmar sua primeira impressão. Aquele havia sido o centro da ocupação da *casa rovina*. Havia um velho fogão desgastado, conectado a um botijão de gás, ao lado da pia de pedra. A mesa de jantar estava arranhada e era de madeira nua, porém sólida, e com pernas lindamente esculpidas. Havia sete cadeiras díspares ao redor, e uma oitava encontrava-se tombada, a alguns metros de

distância. Contra as paredes, uma cadeira de balanço e alguns sofás. Peças avulsas de louça e talheres estavam espalhadas, como se os moradores não se tivessem dado ao trabalho de recolhê-las de onde haviam deixado.

Quando Bel se afastou da janela, uma mesa bamba chamou sua atenção. Como estava atrás da porta, era fácil não percebê-la. Uma coleção do que pareciam ser pôsteres se espalhava sobre ela. Fascinada, ela foi em direção à mesa. Dois passos e parou, sua respiração ofegante ecoava no ar poeirento.

Diante dela, no piso de pedra calcária, havia uma mancha irregular, de talvez noventa por quarenta e cinco centímetros. Marrom-ferrugem, bordas arredondadas e lisas, como se houvesse escorrido e empoçado, em vez de espirrado. Era densa o bastante para obscurecer o piso de pedra sob ela. Uma porção, na extremidade mais distante, parecia borrada e diluída, como se alguém houvesse tentado limpar, esfregando-a, para logo desistir. Bel já havia feito coberturas de histórias de violência doméstica e de homicídio sexual o suficiente para reconhecer uma mancha de sangue relevante quando a via.

Assustada, deu um passo atrás, sentia-se tonta, o coração batia com tanta força que achou que fosse sufocá-la. Que diabos havia acontecido ali? Ela olhou em volta de forma desordenada, percebendo outras manchas escuras marcando o piso além da mesa. *Hora de sair daqui*, gritava a parte sensata de sua mente. Mas o demônio da curiosidade sussurrava em seu ouvido. *Há meses não há ninguém aqui. Olhe para a poeira. Já faz tempo que se foram. Não vão voltar num futuro próximo. Seja o que for que tenha acontecido aqui, foi motivo suficiente para que dessem o fora. Dê uma olhada nos pôsteres...*

Bel rodeou a mancha, passando o mais longe possível para não tocar em nenhum móvel. De repente, ela sentiu o ar pesado. Sabia que era só imaginação, mas, ainda assim, parecia real. De costas para o quarto e com o rosto voltado para a porta, ela foi andando de lado até a mesa e olhou para baixo, para os pôsteres que a cobriam.

O segundo choque foi quase tão forte quanto o primeiro.

Bel sabia que estava correndo rápido demais morro acima, mas não podia diminuir o passo. Podia sentir o suor da mão cobrir o papel de boa qualidade do pôster enrolado. Por fim, a trilha emergiu do meio das árvores e ficou menos traiçoeira, ao aproximar-se de sua *villa* de férias. A estrada descia quase imperceptivelmente, mas a gravidade era suficiente para dar a suas pernas cansadas um impulso extra, e ela ainda ia rápido ao virar a curva da casa e encontrar Lisa Martyn deitada à sombra, no terraço, em uma espreguiçadeira e com a edição de sexta-feira do *Guardian* como companhia. Bel ficou aliviada.

Precisava falar com alguém e, de todas as suas companheiras, era menos provável que Lisa transformasse suas revelações em fofocas da hora do jantar. Lisa, como advogada de direitos humanos, cuja compaixão e feminismo pareciam tão inevitáveis quanto o ato de respirar, entenderia o potencial da descoberta que Bel pensava ter feito. Assim como seu direito de lidar com aquilo do jeito que achasse melhor.

Lisa afastou lentamente os olhos do jornal, perturbada pelo arfar incomum da respiração de Bel.

— Meu Deus — ela disse. — Você parece a ponto de infartar.

Bel colocou o pôster numa cadeira e se curvou, as mãos apoiadas nos joelhos, puxando o ar para dentro dos pulmões, arrependida dos cigarros surrupiadados em segredo.

— Ficarei... bem... num minuto.

Lisa se levantou desajeitadamente da espreguiçadeira e correu até a cozinha, voltando com uma toalha e uma garrafa de água. Bel se empertigou, pegou a água e derramou metade sobre a cabeça, fungando ao inalar um pouco acidentalmente. Então, esfregou a cabeça com a toalha e se deixou cair numa cadeira. Tomou um gole comprido de água enquanto Lisa voltava para a espreguiçadeira.

— O que aconteceu? — Lisa perguntou. — Você é a corredora mais digna que eu conheço. Nunca vi uma Bel sem fôlego na vida. O que foi que a deixou neste estado?

— Encontrei uma coisa — Bel disse. Seu peito ainda lutava, mas ela conseguiu emitir alguns sopros de fala. — Pelo menos, acho que encontrei. E se estiver certa, será a história da minha carreira. — Ela estendeu a mão para apanhar o pôster. — Espero que você possa me dizer se perdi completamente a cabeça.

Intrigada, Lisa jogou o jornal no chão e se endireitou.

— Então, o que é... essa coisa que pode ser alguma coisa?

Bel desenrolou o papel grosso, prendendo-o nos cantos com um moedor de pimenta, uma caneca de café e dois cinzeiros sujos. A imagem na folha A3 era impressionante. Havia sido desenhada para que parecesse uma simples xilogravura em preto e branco, no estilo impressionista alemão. No alto da página, um homem barbado, com um topete de cabelo duro, se inclinava por cima de uma tela, e suas mãos seguravam cruces de madeira, das quais pendiam três marionetes. Mas não eram marionetes comuns. Uma era um esqueleto, a segunda era um bode, e a terceira, uma representação da Morte, com o manto encapuzado e a foice. Havia algo indiscutivelmente sinistro na imagem. Abaixo, contornada por uma borda negra funesta, havia uma área em branco, de

aproximadamente oito centímetros de profundidade. Era o tipo de espaço onde se poderia colocar um aviso anunciando uma apresentação teatral.

— Puta que me pariu! — disse Lisa. Finalmente, ela ergueu os olhos. — Catriona MacLennan Grant — ela disse. Havia espanto em sua voz. — Bel... onde diabos você encontrou isto?

Quinta-feira, 28 de junho de 2007; Edimburgo

Bel sorriu.

— Antes de responder a isso, quero deixar algumas coisas claras.

Susan Charleson revirou os olhos.

— Você não pode estar achando que é a primeira pessoa que passa por esta porta com uma cópia falsificada do pôster de resgate. Vou lhe dizer o mesmo que disse a todos os outros. A recompensa está condicionada à localização do neto de Sir Broderick vivo, ou à demonstração, de forma conclusiva, de que ele esteja morto. Sem falar em levar os assassinos de Catriona MacLennan Grant à Justiça.

— Você não está me entendendo — Bel disse, com um sorriso provocador, mas sem ceder um só milímetro. — Srta. Charleson, não estou nem um pouco interessada no dinheiro de Sir Broderick. Mas tenho uma condição.

— Você está cometendo um erro. — A voz de Susan Charleson havia adquirido um toque ácido. — Este assunto é um caso policial. Você não está em posição de impor condições.

Bel colocou a mão firmemente sobre o pôster.

— Posso sair agora mesmo por aquela porta com este pôster e esquecer que o vi. Não teria qualquer dificuldade em mentir para a polícia. Sou uma jornalista, afinal. — Ela estava começando a se divertir muito mais do que havia previsto. — É a sua palavra contra a minha, Srta. Charleson. E eu sei que você não quer que eu vá embora. Uma das habilidades que um jornalista bem-sucedido deve aprender é como ler as pessoas. E vi a forma como você reagiu ao olhar para isto. Você sabe que é verdadeiro, e não uma cópia falsificada.

— Você tem uma postura bem agressiva — Susan Charleson parecia quase indiferente.

— Prefiro dizer que sou assertiva. Não vim aqui para discutir com você, Srta. Charleson. Quero ajudar. Mas não de graça. Pela minha experiência, os ricos não dão valor a nada daquilo por que não tenham de pagar.

— Você disse que não estava interessada em dinheiro.

— É verdade. Não estou. No entanto, estou interessada em reputação. E a minha reputação está construída sobre o fato de não ser, simplesmente, a primeira a aparecer com a história, mas em obter a história por trás da história. Acho que existem áreas em que posso ajudar a desvendar isso com mais eficácia do que os canais oficiais. Tenho certeza de que você irá concordar, quando eu explicar de onde veio este pôster. Tudo o que peço é que você não me impeça de investigar o caso. E, além disso, que você e seu chefe cooperem compartilhando

informações sobre o que estava acontecendo na época em que Catriona foi sequestrada.

— Esse é um pedido bastante significativo. Sir Broderick não é um homem que aceite abrir mão facilmente de sua privacidade. Você há de convir que não tenho autoridade para lhe garantir o que está pedindo.

Bel ergueu um ombro delicadamente.

— Então, podemos nos encontrar novamente quando você tiver uma resposta. — Ela deslizou o pôster pela mesa, abrindo a pasta para guardá-lo novamente.

Susan Charleson se levantou.

— Se você puder me dar alguns minutos, pode ser que eu consiga lhe dar uma resposta agora.

Bel soube, neste ponto, que havia ganhado. Susan Charleson queria demais aquilo. Ela convenceria o chefe a aceitar o acordo. Fazia anos que Bel não se sentia tão excitada. Não significava simplesmente uma enxurrada de notícias e colunas jornalísticas, embora não houvesse um só jornal no mundo que não fosse ficar interessado. Principalmente depois do caso Madeleine McCann. Com acesso ao misterioso Brodie Grant, mais a chance de descobrir o paradeiro de seu neto, aquilo era um best-seller em potencial. O *A Sangue Frio* do novo milênio. Seria sua porta de entrada para o mundo do dinheiro fácil.

Bel sorriu. Talvez ela pudesse usar os ganhos na compra da *casa rovina* e assim completar o círculo. Era difícil imaginar algo mais perfeito.

Quinta-feira, 28 de junho de 2007; Newton of Wemyss

Já fazia alguns anos desde a última vez que Karen tomara a estrada de mão única que conduzia a Newton of Wemyss. Mas era óbvio que o vilarejo tinha passado pelas mesmas transformações que as vilas vizinhas, que margeavam a estrada principal. Aqueles que trabalhavam nas cidades próximas tinham atacado avidamente as quatro vilas de Wemyss, enxergando possíveis casas rústicas no que um dia foram tristes casebres de mineiros. Cabanas de um quarto tinham sido demolidas para que se construíssem amplas casas de campo, quintais transformados por estufas de plantas que enchiam de luz as cozinhas obscuras. Vilarejos que tinham fenecido e morrido após o desastre na mina Michael, em 1967, e devido aos fechamentos que se seguiram à greve de 1984, haviam renascido como cidades-dormitório, cuja ideia de comunidade se restringia às noites de jogos no pub local. Nas lojinhas da vila se podia comprar uma vela perfumada, mas não um litro de leite. A única forma de saber que já houvera uma comunidade mineira ali era através de uma maquete do sistema de elevador do poço da mina, que se erguia sobre o ponto em que a ferrovia particular a vapor havia, no passado, cruzado com a estrada principal, carregada com vagões abertos de carvão destinados ao fim da linha, em Thornton Junction. Agora, as casas caiadas dos mineiros pareciam uma opção deliberada do arquiteto, como uma vila típica deveria parecer. O passado tinha sido superado por um presente de design.

Desde sua última visita, Newton of Wemyss havia melhorado muito. O modesto memorial de guerra ficava num triângulo de grama aparada no centro. Floreiros de madeira o circulavam a intervalos perfeitos. Imaculadas casas de campo térreas bordejavam o parque da cidade, e a única exceção à baixa linha de construção era o imponente volume do pub local, o Laird o' Wemyss. Antigamente, havia sido propriedade coletiva da comunidade local sob o sistema Gothenburg^[2], mas os tempos difíceis nos anos oitenta o haviam obrigado a fechar as portas. Agora, era um restaurante, e sua “cozinha de fusão escocesa” era capaz de atrair à cidade visitantes de lugares tão remotos quanto Dundee e Edimburgo, e seus preços se elevavam bem acima do orçamento. Ela se perguntou quanto Mick Prentice teria de se deslocar para uma simples cerveja, se houvesse permanecido em Newton.

Consultou as orientações que havia imprimido do site Mapquest e indicou uma estrada no ápice do triângulo a seu motorista, o detetive Jason “Novo em Folha” Murray.

— Você tem que descer esta rua aqui — ela disse. — Em direção ao mar. Onde ficava a mina.

Logo deixaram o centro da vila para trás. Arbustos desgrenhados bordejavam um exuberante campo de trigo verde à direita.

— Toda essa chuva, está fazendo tudo crescer de forma desenfreada — disse o Novo em Folha. Ele levava os 25 minutos do escritório até ali para produzir aquele comentário.

Karen não estava interessada em conversar sobre o clima. O que havia para dizer? Tinha chovido o maldito verão inteiro, até agora. Só porque não estava chovendo naquele exato instante, não significava que não choveria no fim do dia. Ela olhou à sua esquerda, onde os prédios da mina de carvão haviam estado. Tinha uma vaga lembrança de haver escritórios, banheiros e uma cantina. Agora, tudo se reduzia ao alicerce de concreto, com o mato abrindo caminho entre as rachaduras irregulares para reivindicar o terreno. Mais adiante, havia uma série de casebres intactos dos mineiros; oito casas deterioradas, no meio do nada devido à demolição dos prédios que um dia deram razão à sua existência. Além delas havia um denso grupo de sicômoros e faias, um compacto quebra-vento entre as casas e a borda do penhasco, que descia nove metros até a faixa costeira.

— Era ali que ficava a Lady Charlotte — ela disse.

— Hã? — o Novo em Folha pareceu espantado.

— A mina, Jason.

— Ah. Certo. Claro. Não é do meu tempo. — Ele espiou pelo para-brisa, fazendo-a se perguntar, com certa irritação, se ele precisaria de óculos. — Qual é a casa, chefe?

Ela apontou para a penúltima. O Novo em Folha desviou o carro dos buracos com tanto cuidado quanto se fosse seu e parou no final da rua de Jenny Prentice.

Apesar do telefonema de Karen marcando o encontro, Jenny não teve pressa em abrir a porta, o que deu a eles tempo suficiente para examinar as lajotas de concreto rachadas e a deprimente entrada de cascalhos cheia de mato.

— Se esta casa fosse minha... — começou o Novo em Folha e, então, abandonou o pensamento, como se fosse algo grande demais para considerar.

A mulher que atendeu à porta tinha o ar de alguém que passava seus dias deitada para que a vida pudesse pisoteá-la mais facilmente. Seu cabelo escorrido e grisalho estava preso atrás com descuido, mechas escapando dos dois lados. A pele era enrugada, com veias irregulares mapeando as bochechas. Usava um jaleco de náilon que vinha até o meio das coxas, por cima de uma calça preta barata cujo tecido estava repleto de bolinhas. O jaleco era de um tom de lavanda impossível de se encontrar na natureza. Os pais de Karen ainda viviam em uma

rua habitada por ex-mineiros e suas famílias, na ultrapassada cidade de Methil, mas até o mais desequilibrado de seus vizinhos teria tido um pouco mais de trabalho com a aparência, ao saber que receberia uma visita oficial. Karen nem tentou não julgar Jenny Prentice pela aparência.

— Bom dia, Sra. Prentice — ela disse energicamente. — Sou a inspetora Pirie. Conversamos pelo telefone. Este é o detetive Murray.

Jenny balançou a cabeça e fungou.

— É melhor vocês entrarem.

A sala era apertada, mas limpa. Os móveis, assim como o carpete, estavam fora de moda, mas nem um pouco surrados. Era uma sala para ocasiões especiais, pensou Karen, em uma vida na qual não havia muitas.

Jenny acenou para que eles se sentassem no sofá e se postou na beirada da poltrona, no lado oposto. Estava claro que não lhes ofereceria nada para beber.

— Então, vocês estão aqui por causa da nossa Misha. Pensei que tivessem mais o que fazer, com todas essas coisas horríveis que sempre leio nos jornais.

— Um marido e um pai desaparecido é algo bastante horrível, a senhora não acha? — disse Karen.

Os lábios de Jenny se apertaram, como se ela sentisse a queimação de uma azia.

— Depende do homem, inspetora. O tipo de cara com quem a senhora costuma se deparar no seu trabalho... não creio que muitas esposas e filhos se incomodem, quando eles são levados embora.

— A senhora ficaria surpresa. A maioria das famílias fica inconsolável. E pelo menos elas sabem onde o homem delas está. Não precisam viver com a incerteza.

— Não pensei que estivesse vivendo com a incerteza. Achava que sabia muito bem onde Mick estava, até que a nossa Misha comesse a fuçar por aí tentando encontrá-lo.

Karen assentiu.

— A senhora achava que ele estivesse em Nottingham.

— Isso. Achava que ele tivesse ido furar greve. Para ser sincera, não fiquei muito chateada de vê-lo pelas costas. Mas fiquei furiosa por ele ter colocado aquele rótulo na gente. Preferiria que ele estivesse morto a que fosse um fura-greve, se é o que você quer saber. — Ela apontou para Karen. — Você fala com sotaque da região. Deve saber como é ficar marcada desse jeito.

Karen assentiu.

— Pior então é saber agora que parece que ele não furou greve nenhuma.

Jenny desviou o olhar.

— Não sei de nada disso. Tudo que sei é que ele não foi para Nottingham

naquela noite com aquele grupo de fura-greves.

— Bem, estamos aqui para desvendar o que realmente aconteceu. Meu colega fará algumas anotações, apenas para garantir que eu me lembre direitinho de tudo o que a senhora me disser. — O Novo em Folha, apressadamente, pegou o caderno, folheando-o com nervosismo. Talvez Phil estivesse certo a respeito das deficiências dele, pensou Karen. — Agora, preciso do nome completo dele e sua data de nascimento.

— Michael James Prentice. Nascido em 20 de janeiro de 1955.

— E vocês todos moravam aqui na época? A senhora, Michael e Misha?

— Isso. Morei aqui durante toda a minha vida de casada. Nunca tive escolha quanto a isso.

— A senhora tem uma foto de Mick que possa nos dar? Sei que já faz muito tempo, mas poderia ser útil.

— Vocês podem colocar no computador e envelhecer, não podem? — Jenny foi até um aparador e abriu uma gaveta.

— Às vezes, é possível. — Mas caro demais, a não ser que houvesse um motivo mais urgente que a leucemia do seu neto.

Jenny pegou um álbum de couro preto e o trouxe até a poltrona. Quando o abriu, a capa rangeu. Mesmo de cabeça para baixo e do outro lado da sala, Karen podia ver que era um álbum de casamento. Jenny rapidamente passou pelas fotos formais de casamento até chegar a um envelope na parte de trás, repleto de fotografias avulsas. Pegou um maço de fotos e as examinou. Parou em algumas e, então, finalmente optou por uma. Entregou a Karen uma fotografia retangular. Mostrava a cabeça e os ombros de dois jovens, sorrindo para a câmera, o topo dos copos de cerveja aparecendo na imagem ao brindarem o fotógrafo.

— Este é o Mick, à esquerda — disse Jenny. — O bonitão.

Ela não estava mentindo. Mick Prentice tinha cabelo louro-escuro despenteado, cortado mais ou menos como o *mullet* que George Michael ostentara em sua fase com o Wham. Mick tinha olhos azuis, cílios ridiculamente longos e um sorriso perigoso. Uma tatuagem de carvão, em forma de foice, atravessava sua sobancelha direita, impedindo-o de parecer bonito demais. Karen podia ver exatamente por que Jenny Prentice havia se apaixonado pelo marido.

— Obrigada — ela disse. — Quem é o outro cara?

Um tufo áspero de cabelo castanho, rosto comprido e ossudo, algumas cicatrizes de acne esburacando as bochechas fundas, olhos vivos e um sorriso triangular, como o do Coringa dos quadrinhos do Batman. Não era bonito como seu companheiro, mas, mesmo assim, havia algo de sedutor nele.

— Seu melhor amigo. Andy Kerr.

O melhor amigo que se matou, segundo Misha.

— Misha me contou que seu marido desapareceu na sexta-feira, 14 de dezembro de 1984. É essa sua lembrança?

— Isso mesmo. Ele saiu de manhã com suas malditas tintas e disse que voltaria para o jantar. Foi a última vez que o vi.

— Tintas? Ele estava fazendo trabalhos extras?

Jenny emitiu um som de desdém.

— Até parece. Bem que precisávamos do dinheiro. Que nada, Mick pintava aquarelas. Pode acreditar? Dá para imaginar uma coisa mais inútil durante a greve de 1984 do que um mineiro pintando aquarelas?

— Ele não poderia vendê-las? — intrometeu-se o Novo em Folha, inclinando-se para a frente e parecendo perspicaz.

— Para quem? Todo mundo aqui estava duro e não havia dinheiro para que ele se arriscasse a tentar ir vender em outro lugar. — Jenny indicou a parede atrás deles. — Ele teria tido sorte se conseguisse algumas libras por peça.

Karen se virou e olhou para as três pinturas pobremente emolduradas na parede. West Wemyss, Macduff Castle e a Lady's Rock. A seus olhos leigos, as pinturas pareciam vívidas e expressivas. Ela as teria levado para casa, embora não soubesse quanto estaria disposta a pagar pelo privilégio, nos idos de 1984.

— Como foi que ele começou com isso? — Karen perguntou, virando-se para Jenny.

— Ele fez um curso no Serviço Social dos Mineiros, no ano em que Misha nasceu. A professora disse que ele tinha jeito para aquilo. Acho que ela dizia a mesma coisa para qualquer um que fosse bonitinho.

— Mas ele deu continuidade?

— Permitia a ele sair de casa. Ficar longe das fraldas sujas e do barulho.

A amargura parecia emanar de Jenny Prentice em ondas. Era curioso, embora animador, que parecesse não ter contaminado a filha. Talvez aquilo tivesse alguma coisa a ver com o padrasto de quem ela havia falado. Karen lembrou a si mesma de perguntar sobre o outro homem da vida de Jenny, que também parecia fazer-se notar pela ausência.

— Ele pintou muito, durante a greve?

— Todo dia ele saía com sua sacola e o cavalete. Se estivesse chovendo, ele descia às cavernas com seus companheiros da Sociedade de Preservação.

— A senhora se refere às cavernas de Wemyss?

Karen conhecia as cavernas que retrocediam a partir da costa, afundando-se nos penhascos de pedra calcária entre East Wemyss e Buckhaven. Ela havia brincado ali algumas vezes, quando criança, inconsciente de sua importância histórica como um dos principais sítios pictos. As crianças locais as haviam

tratado como áreas de diversão, uma das razões pelas quais se havia estabelecido a Sociedade de Preservação. Agora, havia grades fechando as seções mais profundas e perigosas da rede de salões das cavernas, e historiadores e arqueólogos amadores as haviam preservado como parque de diversões para adultos.

— Mick estava envolvido com as cavernas?

— Mick estava envolvido em tudo. Ele jogava futebol, pintava seus quadros, fuçava nas cavernas, estava metido até os dentes no sindicato. Tudo e qualquer coisa era mais importante do que passar tempo com sua família. — Jenny cruzou uma perna por cima da outra e os braços sobre o peito. — Ele dizia que isso o mantinha mentalmente são durante a greve. Acho que simplesmente o mantinha longe de suas responsabilidades.

Karen sabia que aquele era um solo fértil para suas investigações, mas podia se dar ao luxo de deixar para mais tarde. A raiva reprimida de Jenny permanecia após vinte e dois anos. Não iria a lugar algum. Havia algo muito mais imediato que a interessava.

— Então, durante a greve, onde Mick conseguia dinheiro para as tintas? Não conheço muito de arte, porém sei que papel e tintas adequados custam uma grana.

Ela não podia imaginar um mineiro em greve gastando com materiais artísticos quando não havia dinheiro para comida nem aquecimento.

— Não quero deixar ninguém em apuros — ela disse.

Sei.

— Foi há vinte e dois anos — Karen disse sem rodeios. — Não estou interessada em contrabando em pequena escala da época da greve dos mineiros.

— Um dos professores de arte da escola secundária vivia lá em Coaltown. Era um carinha bem esquisito. Uma perna mais curta que a outra e corcunda. Mick costumava limpar o jardim para ele. O cara o pagava com tintas. — Ela deu uma fungada. — Perguntei se ele não podia pagar com dinheiro ou comida. Mas parece que o cara estava dando todo o seu salário para a ex-mulher. As tintas ele podia surrupiar da escola. — Ela cruzou novamente os braços. — De qualquer jeito, ele já morreu.

Karen tentou afastar a sua aversão pela mulher, tão diferente da filha que a havia seduzido a entrar no caso.

— Então, como estavam as coisas entre vocês antes de Mick desaparecer?

— Eu culpo a greve. Tudo bem, nós tínhamos nossos altos e baixos. Mas foi a greve que colocou uma barreira entre nós. E não sou a única mulher nesta parte do mundo que diz isso.

Karen sabia que aquilo era verdade. Naquela época, as terríveis privações

da greve haviam deixado suas marcas em praticamente todo casal que ela conhecia. A violência doméstica havia irrompido nos lugares mais improváveis; os índices de suicídio aumentaram; casamentos haviam se despedaçado diante da pobreza implacável. Ela não compreendera isso na época, mas agora sim.

— Pode ser. Mas cada um tem uma história diferente. Eu gostaria de ouvir a sua.

Sexta-feira, 14 de dezembro de 1984; Newton of Wemyss

— Volto para o jantar — disse Mick Prentice, pendurando a grande bolsa de pano atravessada no corpo e pegando o pacote estreito com o cavalete dobrado.

— Jantar? Que jantar? Não tem nada nesta casa para comer. Você precisa sair para arranjar comida para sua família, não para pintar o maldito mar pela enésima vez — Jenny gritou, tentando obrigá-lo a parar a caminho da porta.

Ele se virou, o rosto magro contorcido pela vergonha e pela dor.

— Você acha que não sei disso? Você acha que somos os únicos? Você acha que se eu tivesse alguma ideia de como melhorar as coisas, eu não estaria fazendo? Ninguém tem porra nenhuma de comida. Ninguém tem porra nenhuma de dinheiro. — Sua voz entalou na garganta como um soluço. Ele fechou os olhos e respirou fundo. — Ontem à noite, lá no Serviço Social, Sam Thomson disse que falaram de uma entrega de comida, vinda da Associação de Mulheres Contra o Fechamento das Minas. Se você for até lá, parece que vai chegar às duas horas. — Estava tão frio na cozinha que suas palavras formavam uma nuvem diante dos lábios.

— Mais esmolas. Não consigo me lembrar da última vez que, de fato, escolhi o que iria preparar para o jantar. — Jenny, repentinamente, se sentou em uma das cadeiras da cozinha. Ergueu os olhos para ele. — Será que algum dia vamos superar isso?

— Só temos que aguentar mais um pouco. Já chegamos até aqui. Podemos vencer. — Ele parecia tentar convencer a si mesmo tanto quanto a ela.

— Eles estão voltando a trabalhar, Mick. O tempo todo, estão voltando. Deu no noticiário na outra noite. Mais de um quarto das minas voltou a funcionar. Seja o que for que digam Arthur Scargill e o resto da diretoria do sindicato, não há forma de ganharmos. É só uma questão de quanto aquela vaca da Thatcher nos fará perder.

Ele balançou a cabeça com veemência.

— Não diga isso, Jenny. Só há alguns focos lá no sul em que os mineiros cederam. Aqui no norte, estamos firmes como rochas. Em Yorkshire também. E em Gales do Sul. E nós somos quem realmente importa.

Suas palavras soaram vazias e não havia convicção em seu rosto. Todos eles, pensou ela, estavam derrotados. Apenas não sabiam quando cair ao chão.

— Se você diz... — ela murmurou, virando-se.

Esperou até ouvir a porta se fechar atrás dele e, então, levantou-se lentamente e vestiu o casaco. Apanhou uma bolsa de plástico resistente e deixou

o frio congelante da cozinha para sair para o frio úmido da manhã. Essa era sua rotina, atualmente. Levantar-se e levar Misha à escola. No portão da escola, a pequena receberia uma maçã ou uma laranja, um saco de batatas fritas e um biscoito de chocolate da associação Amigos de Lady Charlotte, um grupo desorganizado de estudantes e funcionários públicos de Kirkcaldy, que garantiam que nenhuma criança começasse o dia de estômago vazio. Pelo menos os dias úteis.

E então, voltava para casa. Eles já haviam desistido de tomar leite junto com o chá, quando tinham chá. Em algumas manhãs, uma xícara de água quente era tudo o que Mick e Jenny tinham para começar o dia. Aquilo não havia acontecido com frequência, mas uma só vez já era suficiente para lembrar como era fácil cair no abismo.

Depois de uma bebida quente, Jenny geralmente ia com a sacola até o bosque e tentava catar lenha suficiente para garantir algumas horas de calor à noite. Entre os membros executivos do sindicato, sempre os chamando de “camaradas”, e a coleta de lenha, ela se sentia uma camponesa da Sibéria. Pelo menos eles tinham a sorte de viver perto de uma fonte de combustível. Ela sabia que era muito mais difícil para outras pessoas. Tiveram a sorte de manter a lareira, graças ao benefício do carvão barato para os mineiros.

Ela cumpria aquela tarefa de forma mecânica, sem prestar muita atenção aos arredores, relembrando a última discussão entre ela e Mick. Às vezes, parecia que era só a dificuldade que os mantinha unidos, só a necessidade de calor que os mantinha na mesma cama. A greve tinha aproximado alguns casais, mas muitos outros haviam se separado como uma tora de madeira sob o fio do machado, após os primeiros meses, quando suas reservas de dinheiro se esgotaram.

Não havia sido tão ruim no começo. Desde a última onda de greves nos anos setenta, os mineiros tinham ganhado bastante dinheiro. Eles eram os reis do movimento sindicalista: bem remunerados, organizados e confiantes. Afinal, haviam derrubado o governo de Ted Heath, na época. Eram intocáveis. E tinham dinheiro para provar.

Alguns haviam gastado até o último centavo: férias no exterior em que podiam expor ao sol a pele branca como leite e as tatuagens de carvão, carros exuberantes com rádios caros, casas novas que pareciam ótimas quando eles se mudaram, mas que começaram a se deteriorar quase que imediatamente. Mas a maioria deles, cautelosa devido à história passada, havia guardado um pouco do dinheiro. O bastante para cobrir o aluguel ou a hipoteca, o bastante para alimentar a família e pagar as contas de combustíveis durante alguns meses. Foi a velocidade com que aquelas parcas economias desapareceram que os deixou

aterrorizados. No início, o sindicato pagara salários decentes aos homens que se amontoassem em carros, vans e micro-ônibus para se unir a piquetes móveis, nas minas em funcionamento, usinas e plantas de coqueificação. Mas a polícia tornara-se cada vez mais opressora para garantir que os grevistas itinerantes nunca chegassem ao destino, e não havia muito entusiasmo em pagar homens para não atingir os objetivos. Além disso, nesses dias, os líderes sindicais estavam ocupados demais tentando esconder seus milhões dos confiscadores do governo para se importar em desperdiçar dinheiro numa briga que deviam saber que estava fadada ao fracasso. Portanto, até mesmo aquela pequena fonte de renda havia se esgotado, e a única coisa que as comunidades mineiras tinham para engolir era seu orgulho.

Jenny já havia engolido muito do seu durante os últimos nove meses. Havia começado logo de cara, quando ela ouvira que os mineiros escoceses iriam apoiar a região carbonífera de Yorkshire na convocação de uma greve nacional, não da boca de Mick, mas de Arthur Scargill, presidente do Sindicato Nacional dos Mineradores. Não pessoalmente, claro. Apenas sua conversa mole no noticiário da TV. Em vez de voltar direto da reunião no Serviço Social dos Mineiros para lhe contar, Mick havia ficado com Andy e os outros colegas do sindicato, bebendo no bar como se dinheiro não fosse problema. Comemorando com a forma consagrada no grito de batalha do Rei Arthur: *Mineiros unidos jamais serão vencidos*.

Desde o começo, as esposas sabiam bem que tudo aquilo era inútil. Uma greve de carvão deve ser feita no começo do inverno, quando a procura, por parte das usinas elétricas, está no auge. Não na primavera, quando todos começam a desligar a calefação. E quando se parte para uma intensa ação industrial contra uma vaca como Margaret Thatcher, deve-se proteger a retaguarda. Devem-se cumprir as leis trabalhistas. Devem-se cumprir suas próprias regras. Estipula-se uma eleição nacional. Não se deve confiar numa interpretação dúbia de uma resolução aprovada três anos antes para um propósito distinto. Ah, sim, as esposas souberam que não daria em nada. Mas haviam ficado de boca fechada e, pela primeira vez na vida, haviam formado sua própria organização para apoiar seus homens. Lealdade — era isso que contava nas vilas e nas comunidades mineradoras.

E, portanto, Mick e Jenny ainda estavam juntos. Jenny às vezes se perguntava se a única razão pela qual Mick ainda estava com ela e Misha era porque não tinha aonde ir. Pais falecidos, nenhum irmão ou irmã, não havia nenhum refúgio óbvio para ele. Ela havia lhe perguntado, uma vez, e ele ficara imóvel como uma estátua, por um momento. Então, caçoara dela, negando que quisesse ir embora, lembrando-a de que Andy sempre o acolheria em seu sítio,

se ele quisesse se afastar. Portanto, não havia motivo para que ela imaginasse que aquela sexta-feira seria diferente de qualquer outra.

Quinta-feira; 28 de junho de 2007; Newton of Wemyss

— Então, aquela não foi a primeira vez que ele saiu com suas tintas para passar o dia fora? — perguntou Karen. O que quer que estivesse passando pela cabeça de Jenny Prentice, claramente era muito mais que os fatos básicos que ela estava entregando.

— Quatro ou cinco vezes por semana.

— E a senhora? O que fazia no resto do dia?

— Ia até o bosque buscar gravetos, então voltava e assistia ao noticiário na TV. Foi um dia bastante especial, aquela sexta-feira. O Rei Arthur estava no tribunal por obstrução da polícia, na Batalha de Orgreave. O Band Aid^[3] chegou ao topo da parada de sucesso. Te digo uma coisa, eu poderia cuspir na cara deles. Todo aquele esforço para arrecadar dinheiro para crianças a milhares de quilômetros, enquanto havia crianças famintas bem na porta deles. Onde estavam Bono e Bob Geldof, quando nossos filhos despertaram na manhã de Natal e não havia nada em suas meias?

— Deve ter sido duro de encarar — Karen comentou.

— Foi como um tapa na cara. Não havia nenhum glamour em ajudar os mineiros, havia? — Um sorrisinho amargo iluminou seu rosto. — Mas poderia ter sido pior. Poderíamos ter sido obrigados a aturar aquele merda hipócrita do Sting. Sem falar naquele maldito alaúde dele.

— Isso é verdade. — Karen estava se divertindo, dava para ver. Rir da própria desgraça era uma constante naquelas comunidades mineradoras. — E então, o que a senhora fez depois do noticiário?

— Desci até o Serviço Social. Mick tinha falado alguma coisa sobre uma distribuição de comida. Entrei na fila e voltei para casa com um pacote de macarrão, uma lata de tomates e duas cebolas. E um pacote de sopa desidratada. Lembro que fiquei bastante satisfeita. Peguei Misha na escola e achei que decorar a casa para o Natal poderia nos animar um pouco, então, foi isso que fizemos.

— Quando a senhora percebeu que já era tarde para que Mick voltasse para casa?

Jenny fez uma pausa, a mão remexendo num botão do jaleco.

— Naquela época do ano, fica escuro cedo. Geralmente, ele voltaria não muito depois de mim e Misha. Mas como ficamos montando os enfeites de Natal, não percebi o tempo passar.

Ela estava mentindo, Karen pensou. Mas por quê? E sobre o quê?

Sexta-feira, 14 de dezembro de 1984; Newton of Wemyss

Jenny tinha sido uma das primeiras na fila do Serviço Social dos Mineradores e havia voltado rapidamente para casa com sua lamentável comida, determinada a cozinhar uma panela de sopa para que tivessem alguma coisa saborosa para o jantar. Ela contornou o prédio dos banheiros da mina, notando que todas as casas dos vizinhos estavam no escuro. Naqueles dias, ninguém deixava uma luz acesa acolhedora quando saía. Cada centavo contava, quando chegavam as contas de combustível.

Quando ela chegou ao portão de sua casa, quase morreu de susto. Uma figura indefinida saiu da escuridão, parecendo agigantar-se na sua imaginação. Ela emitiu um ruído que era em parte ofego, em parte gemido.

— Jenny, Jenny, acalme-se. Sou eu. Tom. Tom Campbell. Me desculpe, não quis te assustar. — A figura tomou forma, e ela reconheceu o homenzarrão, próximo à porta da frente.

— Cristo, Tom, você quase me matou de susto — ela reclamou, passando por ele e abrindo a porta. Ciente do frio assombroso na casa, ela seguiu até a cozinha. Sem hesitação, encheu a panela de água e a colocou no fogão, o anel de gás emitia um pouco de calor. Então, ela se virou para encará-lo na penumbra da luz da tarde. — Como você está?

Tom Campbell ergueu os grandes ombros e deu um sorriso desanimado.

— Mais ou menos — ele disse. — É irônico. A única vez na vida em que realmente preciso dos meus amigos e acontece esta greve.

— Pelo menos você tem a mim e a Mick — Jenny disse, indicando-lhe uma cadeira.

— Bem, tenho a você, de qualquer jeito. Não acho que esteja na lista de cartões de Natal do Mick, supondo que alguém envie cartões este ano. Não depois de outubro. Ele não falou mais comigo, desde então.

— Isso passa — ela disse, sem um pinga de convicção.

Mick sempre tivera certas reservas no que se referia à extensão da amizade escolar entre Jenny e a esposa de Tom, Moira. As mulheres eram amigas desde sempre, e Moira fora dama de honra no casamento de Jenny e Mick. Quando chegou a vez de retribuir o favor, Jenny estava grávida de Misha. Mick havia ressaltado que seu aumento de peso era a desculpa perfeita para recusar o convite de Moira, já que o vestido de dama de honra tinha de ser comprado com antecedência. Não era uma sugestão, e sim uma ordem. Isso porque embora Tom Campbell fosse, sem dúvida alguma, um homem decente, bem-apegoado e

honesto, ele não era mineiro. Verdade, ele trabalhava na Lady Charlotte. Descia até a mina no subsolo, naquela gaiola de revirar o estômago. Às vezes, até mesmo sujava as mãos. Mas não era mineiro. Era um auxiliar de minas. Membro de um sindicato diferente. Um homem da administração, que estava ali para verificar o cumprimento das regras de saúde e segurança, e que os rapazes fizessem o que deviam fazer. Os mineiros tinham um termo para se referir à parte mais fácil de qualquer tarefa: “a parte do auxiliar”. Parecia bastante inocente, mas num ambiente em que cada membro do grupo sabia que sua vida dependia dos colegas, aquilo expressava um desdém enorme. E, portanto, Mick Prentice sempre tivera certa reserva no que se referia à sua relação com Tom Campbell.

Ele havia se ofendido com os convites para jantar em sua casa afastada em West Wemyss. Desconfiava dos convites de Tom para que fosse jogar futebol com ele. Tinha até mesmo se ressentido das horas que Jenny passara ao lado da cama de Moira, durante sua morte pouco digna, porém rápida, de câncer, alguns anos atrás. E, quando o sindicato de Tom havia hesitado e ficado indeciso com relação a se unir à greve, alguns meses antes, Mick se enfurecera como uma criança mimada, quando eles finalmente se colocaram do lado dos patrões.

Jenny desconfiava que parte do motivo de sua raiva era a bondade que Tom havia lhes demonstrado desde que a greve começara a afetá-los. Ele criara o hábito de passar por sua casa com presentinhos: uma sacola de maçãs, um saco de batatas, um brinquedo de pelúcia para Misha. Sempre vinham acompanhados de desculpas plausíveis: a árvore do vizinho estava carregada, vieram mais batatas na sua porção do que ele iria precisar, um prêmio ganho na rifa do clube de boliche. Mick sempre reclamava depois.

— Idiota condescendente — ele dizia.

— Ele está tentando ajudar sem nos envergonhar — Jenny respondia.

Tampouco era ruim o fato de que a presença de Tom sempre a fazia se lembrar de tempos mais felizes. De alguma forma, quando ele estava ali, ela tinha novamente a sensação de novas possibilidades. Ela via a si mesma refletida em seus olhos, como se fosse uma mulher jovem, uma mulher que tinha ambições de uma vida diferente. Então, embora soubesse que irritaria Mick, Jenny ficava feliz quando Tom se sentava em sua cozinha e conversava com ela.

Ele tirou um pacote meio mole, mas pesado, do bolso.

— Você aproveitaria uns gramas extras de toucinho? — ele disse, a sobrelha se franzindo de ansiedade. — Minha cunhada trouxe da fazenda de sua família na Irlanda. Mas é defumado, sabe, e eu não consigo comer toucinho defumado. Tenho aversão. Então pensei que, melhor do que jogar fora... — Ele o entregou a ela.

Jenny pegou o pacote sem hesitar um só segundo. Suspirou desanimada.

— Olhe só para mim. Meu coração disparou por causa de um pedaço de toucinho. Foi isso que Margaret Thatcher e Arthur Scargill conseguiram fazer com a gente. — Ela balançou a cabeça. — Obrigada, Tom. Você é um bom homem.

Ele desviou o olhar, incerto do que falar ou fazer. Seus olhos se fixaram no relógio.

— Você não tem que ir buscar a menina? Me desculpe, nem me liguei na hora, quando estava te esperando. Só queria... — ele se levantou, o rosto enrubescido. — Volto depois.

Ela ouviu suas botas tropeçarem no corredor e, então, o ruído do trinco. Jogou o toucinho sobre a pia e desligou o fogo da panela de água. Agora, seria uma sopa diferente.

Moira sempre tinha sido a sortuda.

Quinta-feira, 28 de junho de 2007; Newton of Wemyss

Os olhos de Jenny voltaram da distância e se fixaram em Karen.

— Imagino que fossem umas sete horas, quando percebi que Mick não havia voltado para casa. Eu estava furiosa, porque tinha conseguido um jantar razoável para pôr na mesa. Então, coloquei a pequena na cama, pedi à vizinha para cuidar dela para que eu pudesse correr até o Serviço e ver se Mick estava lá. — Ela balançou a cabeça, ainda surpresa após tantos anos. — E, é claro, ele não estava.

— Alguém o havia visto?

— Aparentemente, não.

— A senhora deve ter ficado preocupada — disse Karen.

Jenny ergueu um ombro.

— Não muito. Como eu disse, nós não tínhamos nos despedido no melhor dos ânimos. Simplesmente pensei que ele tivesse ficado irritado e ido para a casa do Andy.

— O cara da foto?

— Isso. Andy Kerr. Era funcionário do sindicato. Mas estava de licença médica do trabalho. Estresse, disseram. E estavam certos. Ele se matou um mês depois. Sempre achei que o fato de Mick decidir furar a greve foi a última gota para Andy. Ele idolatrava Mick. Aquilo teria acabado com ele.

— Então foi lá que a senhora deduziu que ele estivesse? — Karen a provocou.

— Isso mesmo. Andy tinha um sítio no bosque, no meio do nada. Ele dizia que gostava da paz e do silêncio. Mick me levou lá uma vez. Me deu arrepios. Era como a casa da bruxa de um dos contos de fada de Misha; não se via a casa até que, de repente, você dava de cara com ela, bem na sua frente. Eu é que não moraria lá.

— A senhora não podia ter telefonado para confirmar? — intrometeu-se o Novo em Folha. As duas mulheres olharam para ele com uma mistura de diversão e indulgência.

— Nosso telefone tinha sido cortado meses antes, filho — disse Jenny, trocando um olhar com Karen. — E isso foi muito antes dos celulares.

Naquele ponto, Karen já estava seca por uma xícara de chá, mas nem morta iria se colocar em dívida com Jenny Prentice. Ela pigarreou e prosseguiu:

— Quando foi que a senhora começou a se preocupar?

— Quando a menina me acordou de manhã e ele ainda não estava em casa.

Ele nunca tinha feito isso. Não havia sido uma briga de verdade, na sexta-feira. Foram só umas palavras ásperas. Já tínhamos tido piores, acredite. Quando vi que ele não estava ali de manhã, comecei realmente a pensar que havia alguma coisa terrivelmente errada.

— O que a senhora fez?

— Dei comida a Misha, troquei sua roupa e a levei até a casa de Lauren, uma amiguinha dela. Daí, atravessei o bosque até a casa de Andy. Mas não havia ninguém lá. Então, me lembrei que Mick dissera que talvez Andy subisse até as Highlands para passar uns dias, já que estava de licença. Afastar-se de tudo. Pôr a cabeça no lugar. Então, é lógico que ele não estava lá. Nesse ponto eu já estava bastante assustada. E se houvesse acontecido um acidente? E se ele tivesse ficado doente?

A lembrança ainda tinha o poder de perturbar Jenny. Seus dedos cutucavam sem parar a barra do jaleco.

— Subi até o Serviço Social para ver os representantes do sindicato. Pensei que se alguém soubesse onde Mick estava, seriam eles. Ou que, pelo menos, eles saberiam onde começar a procurar. — Ela olhou fixamente para o chão, as mãos entrelaçadas no colo. — Foi então que as coisas começaram a degradingolar na minha vida.

Sábado, 15 de dezembro de 1984; Newton of Wemyss

Mesmo pela manhã, sem a presença de pessoas para elevar a temperatura, o Instituto do Serviço Social dos Mineradores estava mais quente do que sua casa, notou Jenny ao entrar. Não muito, mas o suficiente para ser perceptível. Não era algo que geralmente chamava sua atenção, mas hoje ela tentava pensar em qualquer coisa que não fosse a ausência do marido. Parou por um momento, hesitante, no hall de entrada, tentando decidir aonde ir. Os escritórios do Sindicato Nacional dos Mineradores ficavam no andar de cima, ela se lembrava vagamente; caminhou, portanto, até a escadaria extravagantemente esculpida. Chegando ao primeiro andar, tudo ficou mais fácil. Era só seguir o burburinho das vozes e a fumaça de cigarro.

Mais adiante no corredor, havia uma porta entreaberta, de onde vinham o som e o cheiro. Jenny bateu nervosamente, e a sala ficou em silêncio. Por fim, uma voz cautelosa disse:

— Entre.

Ela esgueirou-se pela porta como se fosse uma pedinte. A sala era tomada por uma mesa em forma de U coberta por um oleado axadrezado. Alguns homens estavam sentados em torno dela, demonstrando níveis variados de desânimo. Jenny vacilou quando percebeu que o homem na ponta mais distante era alguém que ela reconhecia, mas que não conhecia pessoalmente. Mick McGahey, ex-comunista, líder dos mineiros escoceses. O único homem, dizia-se, que podia enfrentar o Rei Arthur e fazer-se ouvir. O homem que fora mantido deliberadamente longe do primeiro posto por seu antecessor. Se Jenny ganhasse uma libra cada vez que ouvia alguém dizer que tudo teria sido muito diferente se McGahey estivesse no comando, sua família teria sido a mais bem alimentada e mais bem-vestida em Newton of Wemyss.

— Me desculpem — ela gaguejou. — Eu só queria dar uma palavrinha... — Seus olhos passaram pela sala, em dúvida sobre em qual dos homens que conhecia seria melhor fixar a atenção.

— Tudo bem, Jenny — disse Ben Reekie. — Era só uma reuniãozinha. Já terminamos, não é, rapazes? — Houve um murmúrio descontente de assentimento. Mas Reekie, o secretário local, era habilidoso em avaliar o andamento de uma reunião e fazer as coisas avançarem. — Então, Jenny, como podemos te ajudar?

Ela gostaria de ficar a sós com ele, mas não tinha coragem de pedir. As mulheres tinham aprendido muito no processo de apoiar seus homens, mas, cara

a cara, sua assertividade ainda tendia a se esvaír. Mas tudo ficaria bem, ela disse a si mesma. Vivera nesse universo encasulado durante toda a vida adulta, um mundo que se centrava na mina e na Associação, no qual não havia segredos e onde o sindicato era sua mãe e seu pai.

— Estou preocupada com Mick — ela disse. Não adiantava fazer rodeios. — Ele saiu ontem de manhã e não voltou. Eu estava pensando se, talvez...?

Reekie apoiou a testa nos dedos, esfregando-a com tanta força que deixou marcas alternadas em vermelho e branco no centro.

— Deus do céu — ele sibilou entre os dentes cerrados.

— E você espera que acreditemos que você não sabe onde ele está?

A acusação veio de Ezra Macafferty, o último sobrevivente na vila das greves dos mineiros e das greves patronais da década de vinte.

— É claro que não sei onde ele está. — A voz soou melancólica, mas um medo sombrio começara a espalhar seu gelo pelo peito dela. — Pensei que talvez ele tivesse passado por aqui. Achei que alguém pudesse saber.

— Isso eleva o número a seis — disse McGahey. Ela reconheceu o tom grave e áspero de sua voz das entrevistas na TV e comícios ao ar livre. Era estranho estar na mesma sala que ele.

— Não entendo — ela disse. — Seis o quê? O que está acontecendo? — Todos os olhos estavam voltados para ela, perfurando-a. Podia sentir seu desprezo, mas não entendia o motivo. — Aconteceu alguma coisa com Mick? Um acidente?

— Aconteceu uma coisa, sim — disse McGahey. — Parece que o seu marido furou a greve e fugiu para Nottingham.

Suas palavras pareceram sugar todo o ar dos pulmões dela. Jenny parou de respirar, deixando que se formasse uma bolha ao seu redor para protegê-la. Não podia ser verdade. Não o Mick. Muda, ela sacudiu a cabeça com força. As palavras começaram a penetrar a barreira, mas ainda não faziam sentido.

— Sabíamos de cinco... pensamos que haveria mais... sempre um traidor no grupo... decepcionados... sempre um do sindicato.

— Não — ela disse. — Ele não faria isso.

— De que outra forma você explica o fato de ele não estar aqui? — disse Reekie. — Foi você que veio até nós procurando por ele. Sabemos que uma van cheia deles foi embora ontem à noite. E ao menos um deles é amigo do seu Mick. Onde mais ele poderia estar?

Quinta-feira, 28 de junho de 2007; Newton of Wemyss

— Eu não teria me sentido pior se eles tivessem me chamado de prostituta — disse Jenny. — Imagino que, aos olhos deles, era exatamente isso que eu era. Meu marido fugindo da greve, não demoraria nada até que eu começasse a viver de forma imoral.

— A senhora nunca duvidou de que eles estivessem certos?

Jenny afastou o cabelo do rosto, removendo momentaneamente um pouco de sua idade e docilidade.

— Na verdade, não. Mick era amigo de Iain Maclean, um dos que foram para Nottingham. Isso eu não discutia. E não se esqueça de como era, naquela época. Os homens controlavam o jogo, e o sindicato controlava os homens. Quando as mulheres quiseram participar da greve, a primeira batalha que tivemos que travar foi contra o sindicato. Tivemos que implorar que nos deixassem entrar. Eles nos queriam onde sempre havíamos estado: no cômodo dos fundos, cuidando do fogão. Não ao lado da fogueira, nas linhas de piquete. Mas embora tivéssemos conseguido formar a Associação de Mulheres Contra o Fechamento das Minas, ainda conhecíamos bem nosso lugar. Teríamos que ser muito fortes, ou muito burras, para tentar ir contra a corrente por aqui.

Não era a primeira vez que Karen ouvia uma versão daquela verdade. Ela se perguntou se teria feito diferente, na mesma situação. Era bom pensar que teria ficado ao lado de seu homem com um pouco mais de firmeza. Mas, diante da hostilidade que Jenny Prentice devia ter enfrentado por parte da comunidade, Karen achava que também teria cedido.

— Entendo — ela disse. — Mas agora que parece que, afinal, Mick pode não ter fugido da greve, a senhora tem alguma ideia do que pode ter acontecido com ele?

Jenny balançou a cabeça.

— Nenhuma? Ainda que eu não pudesse acreditar, a fuga fazia algum sentido. Então, nunca considereei outra possibilidade.

— A senhora acha que ele pode ter simplesmente se enchido? Simplesmente caiu fora?

Ela franziu a testa.

— Olha, isso não seria do feitio de Mick. Ir embora sem falar nada? Acho que não. Ele faria questão que eu soubesse que tinha sido por minha culpa. — Ela soltou uma risada amarga.

— A senhora não acha que ele pode ter ido embora sem dizer nada como

uma forma de fazer com que a senhora sofresse ainda mais?

Jenny levantou a cabeça.

— Isso é asqueroso demais — ela protestou. — Você o faz parecer um sádico. Ele não era um homem cruel, inspetora. Apenas insensível e egoísta, como todos eles.

Karen fez uma pausa. Aquela era sempre a parte mais difícil, quando se entrevistava os parentes de um desaparecido.

— Ele havia discutido com alguém? Tinha algum inimigo, Sra. Prentice?

Jenny a olhou como se Karen tivesse, de repente, passado a falar grego.

— Inimigo? Tipo, alguém que quisesse matá-lo?

— Talvez não matá-lo. Apenas brigar com ele.

Dessa vez, a risada de Jenny tinha um calor genuíno.

— Meu Jesus, isso é engraçado, vindo de você. — Ela balançou a cabeça. — As únicas brigas físicas em que Mick se meteu, durante todos os anos em que estivemos casados, foi com o seu pessoal. Nas linhas de piquete. Nas manifestações. Se ele tinha inimigos? Claro, os de uniforme azul. Mas aqui não é a América Latina e não me lembro de ouvir falar de desaparecidos nas greves dos mineiros. Portanto, a resposta para sua pergunta é não, ele não tinha o tipo de inimigo com quem teria uma briga séria.

Karen observou o carpete por um longo tempo. A violência exagerada da polícia, contra os grevistas, havia envenenado os relacionamentos nas comunidades por mais de uma geração. Não importava que os piores transgressores viessem de forças externas, trazidos ali para aumentar os números, e a quem se pagavam quantias obscenas de dinheiro para oprimir seus concidadãos de formas que a maioria das pessoas preferia nem saber. O resultado de sua ignorância e arrogância havia afetado a todos os policiais, em todas as corporações das cidades mineradoras. Ainda afetava, pensou Karen. Ela respirou fundo e ergueu os olhos.

— Sinto muito — ela disse. — A forma como trataram os mineiros foi imperdoável. Prefiro pensar que não agiríamos dessa maneira hoje em dia, mas é provável que esteja enganada. A senhora tem certeza de que não havia ninguém com quem ele houvesse se desentendido?

Jenny nem sequer parou para pensar.

— Não que eu soubesse. Ele não era encenqueiro. Tinha seus princípios, mas não os usava para provocar brigas. Defendia aquilo em que acreditava, mas era só de falar, não de partir para a briga.

— E se falar não adiantasse? Ele retrocederia?

— Não tenho certeza se entendi a pergunta.

Karen falou vagarosamente, tateando a ideia.

— Estou pensando se ele não topou com esse tal de Iain Maclean naquele dia e tentou convencê-lo a não ir para Nottingham. E se Iain se recusou a mudar de ideia, e talvez tivesse seus amigos para apoiá-lo... Será que Mick entraria numa briga com eles?

Jenny balançou firmemente a cabeça.

— De jeito nenhum. Ele diria o que pensava e, se não adiantasse, se afastaria.

Karen se sentiu frustrada. Mesmo depois de tanto tempo, os casos arquivados geralmente ofereciam um ou dois fios soltos por onde começar. Mas, até agora, parecia não haver nada ali. Uma última pergunta e, depois, ela iria embora.

— A senhora tem alguma ideia de aonde Mick pode ter ido para pintar naquele dia?

— Ele não disse. A única coisa que posso dizer é que, no inverno, ele geralmente seguia pelo litoral até East Wemyss. Assim, se começasse a chover, ele poderia descer até as cavernas e se abrigar lá. Os caras do grupo de preservação tinham uma cabaninha no fundo de uma das cavernas, com um fogareiro onde podiam fazer chá. Ele tinha as chaves, podia ficar à vontade — ela acrescentou, a acidez de volta à sua voz. — Mas não tenho ideia se ele esteve ali nesse dia ou não. Ele poderia estar em qualquer lugar entre Dysart e Buckhaven. — Ela olhou para o relógio. — Isso é tudo que sei.

Karen se levantou.

— Agradeço muito por seu tempo, Sra. Prentice. Continuaremos fazendo nossas investigações e a manteremos informada.

Novo em Folha se levantou desajeitadamente e seguiu Karen e Jenny até a porta da frente.

— Não estou preocupada por mim, entende? — Jenny disse, quando eles estavam a meio caminho da rua. — Mas veja se você consegue encontrá-lo pelo bem da criança.

Aquele era, pensou Karen, o primeiro sinal de emoção que ela demonstrava durante toda a manhã.

— Pegue seu caderno — ela disse a Novo em Folha, quando entraram no carro. — Próximos passos. Falar com a vizinha. Ver se ela se lembra de alguma coisa sobre o dia em que Mick Prentice desapareceu. Falar com alguém do grupo da caverna, ver quem ainda está lá desde 1984. Obter outra visão de como realmente era Mick Prentice. Procurar nos arquivos alguma coisa a respeito desse Andy Kerr, funcionário do Sindicato dos Mineiros, que supostamente cometeu suicídio na época em que Mick desapareceu. Como é essa história? E precisamos rastrear esses cinco fura-greves e pedir que a polícia fale com eles

em Nottingham. — Ela abriu a porta do passageiro novamente, enquanto Novo em Folha terminava de escrever. — E já que estamos aqui, vamos dar uma olhada nessa vizinha.

Ela mal se afastara dois passos do carro quando seu telefone tocou.

— Phil — ela disse.

Nenhuma piadinha, ele simplesmente foi direto aos fatos:

— Você precisa voltar aqui agora mesmo.

— Por quê?

— O Biscoito está furioso. Quer saber por que diabos você não está na sua mesa.

Simon Lees, subchefe de Polícia (Criminal), tinha um temperamento muito diferente do de Karen. Ela estava convencida de que, antes de dormir, ele lia o Código de Polícia, Ordem Pública e Justiça Criminal de 2006 (da Escócia). Sabia que ele era casado e tinha dois filhos adolescentes, mas não fazia ideia de como aquilo podia ter acontecido com um homem tão obsessivamente organizado. Era Lei de Murphy que, na primeira manhã, em meses, que ela estava fazendo algo fora das normas, o Biscoito viesse procurá-la. Ele parecia acreditar que tinha o direito divino de saber o paradeiro de qualquer oficial sob seu comando, quer estivesse ou não de serviço. Karen se perguntou o quão próximo de um derrame ele teria chegado ao descobrir que ela não estava ocupando a mesa onde esperava encontrá-la. Pelo jeito, não próximo o bastante.

— O que você disse a ele?

— Disse que você estava numa reunião com a equipe de armazenamento de provas, discutindo uma forma de agilizar o procedimento de catalogação deles — disse Phil. — Ele gostou da ideia, mas não do fato de que isto não estivesse registrado em sua lista eletrônica de compromissos.

— Estou a caminho — Karen disse, confundindo Novo em Folha ao entrar novamente no carro. — Ele disse por que estava me procurando?

— Para mim? Um mero sargento? Dá um tempo, Karen. Ele apenas disse que era “muito importante”. Alguém provavelmente roubou os biscoitinhos digestivos dele.

Karen gesticulou impacientemente para Novo em Folha.

— Para casa, James, e não poupe os cavalos. — Ele olhou-a como se ela tivesse enlouquecido, mas deu partida no carro e saiu dirigindo. — Estou indo — ela disse. — Ponha a água para ferver.

Glenrothes

A dupla hélice de frustração e irritação se retorceu nas entranhas de Simon Lees.

Ele se mexeu na cadeira e rearrumou as fotos da família sobre a mesa. Qual era o problema dessa gente? Quando fora procurar a inspetora Pirie e não a encontrara onde deveria estar, o sargento Parhatka agira como se aquilo estivesse perfeitamente bem. Havia algo fundamentalmente indiferente nos detetives de Fife. Ele havia percebido aquilo dias após ter chegado de Glasgow. Surpreendia-se que eles houvessem conseguido colocar alguém atrás das grades, antes que ele chegasse com seus métodos analíticos, suas investigações eficientes, análises sofisticadas de vínculos criminais e o inevitável aumento nos níveis de detecção.

O que o irritava ainda mais era o fato de que eles pareciam não ter qualquer gratidão pelos métodos modernos que ele trouxera para o trabalho. Ele até mesmo suspeitava que riam dele. Seu apelido, por exemplo. Todo mundo no prédio parecia ter um apelido, a maioria deles podendo ser interpretados como levemente carinhosos. Mas não ele. Logo descobrira que fora apelidado de Biscoito, porque compartilhava o sobrenome com uma fábrica de doces; seu produto mais famoso ficara conhecido devido a um antiquíssimo jingle de propaganda, cujo racismo brincalhão causaria tumulto nas ruas se fosse veiculado na Escócia do século XXI. Ele culpava Karen Pirie; não era coincidência que o apelido houvesse surgido após seu primeiro desentendimento com ela. Algo que se tornaria comum na maioria de seus encontros. Ele não tinha certeza de como acontecia, mas ela sempre parecia confundi-lo.

Lees ainda se ressentia com aquela primeira lembrança. Mal havia chegado, já começara a dar as ordens, promovendo uma série de treinamentos. Não os de praxe, numa postura machista, nem a tediosa revisão das regras de comportamento, mas abordagens originais de temas referentes ao policiamento moderno. A primeira leva de oficiais tinha se reunido na sala de treinamento e Lees dera início a seu prólogo, explicando como eles passariam o dia desenvolvendo estratégias para o policiamento em uma sociedade multicultural. Seus espectadores pareceram rebeldes, e Karen Pirie liderara o ataque:

— Senhor, posso fazer uma observação?

— É claro, inspetora Pirie. — Seu sorriso havia sido cordial, ocultando a irritação de ser interrompido antes de sequer ter revelado o programa.

— Bem, senhor, Fife não é realmente o que se poderia chamar de multicultural. Não temos muitas pessoas aqui que não sejam britânicas nativas. À exceção dos italianos e poloneses, quero dizer, e eles já estão aqui há tanto tempo que nos esquecemos que não são daqui.

— Então o racismo parece estar bem para você; é isso, inspetora Pirie?

Talvez não tivesse sido a melhor resposta, mas ele fora levado àquilo pela atitude aparentemente retrógrada expressada por ela. Sem falar daquela cara de bolacha impassível que ostentava sempre que dizia alguma coisa que pudesse ser

interpretada como provocadora.

— Em absoluto, senhor. — Ela sorria, de forma quase piedosa. — O que eu queria dizer é que, já que temos um orçamento limitado para treinamentos, pode fazer mais sentido lidar primeiro com o tipo de situação que é mais provável que encontremos no dia a dia.

— Tais como?... Com quanta força devemos bater nas pessoas, quando as prendemos?

— Eu estava pensando em estratégias para lidar com a violência doméstica. É um tipo de chamada frequente e que pode facilmente se agravar. Gente demais ainda morre todos os anos porque uma briga doméstica escapa ao controle. E nem sempre sabemos lidar com elas, sem piorar a situação. Eu diria que essa seria minha prioridade número um no momento, senhor.

E com aquele discurso, ela havia tirado o chão dele. Não tinha volta. Poderia seguir adiante com o treinamento planejado, sabendo que todos na sala estariam rindo dele. Ou poderia adiá-lo, organizando algo relacionado à sugestão da inspetora Pirie, e então perderia completamente a moral. No fim, ele disse a eles para passarem o resto do dia pesquisando sobre o assunto da violência doméstica, preparando-se para outro dia de treinamento.

Dois dias depois, ouviu sem querer alguém se referindo a ele como o Biscoito. Ah, sim, ele sabia a quem culpar. Mas assim como em tudo que ela fazia para sabotá-lo, não havia nada que ele pudesse atribuir diretamente a ela. Ela simplesmente ficaria ali, tão desgrenhada, impassível e inescrutável quanto uma vaca escocesa das Highlands, nunca dizendo ou fazendo nada de que ele pudesse se queixar. E ela estabeleceu o padrão para todos os demais, mesmo estando isolada nos cafundós, na Equipe de Revisão de Casos Arquivados, onde não deveria ser capaz de exercer nenhuma espécie de influência. Mas, de alguma forma, graças a Pirie, lidar com os detetives das três divisões era como pastorear gatos.

Ele tentava evitá-la, tentava desviar-se dela através de suas diretrizes operacionais. Até então pensava que estava funcionando. Mas aí o telefone tinha tocado.

— Subchefe de Polícia Lees — anunciara ao atender. — Em que posso ajudar?

— Bom dia, subchefe Lees. Meu nome é Susan Charleson. Sou assistente pessoal de Sir Broderick MacLennan Grant. Meu chefe gostaria de falar com o senhor. Agora seria um bom momento?

Lees se endireitou na cadeira, alinhando os ombros. Broderick MacLennan Grant era conhecido por três coisas: sua fortuna, seu isolamento misantrópico e pelo sequestro e assassinato da filha Catriona, há vinte e poucos anos. Por mais

improvável que pudesse parecer, um telefonema de sua assistente para o subchefe criminal só poderia significar que havia ocorrido algum tipo de mudança no caso.

— Sim, claro, o momento perfeito, não poderia ser melhor.

Ele escavou a memória em busca de detalhes, ouvindo apenas em parte à mulher no telefone. Filha e neto sequestrados, tinha sido isso. Filha morta durante uma entrega de resgate que deu errado, neto nunca mais visto. E, agora, ele parecia ter a chance de, finalmente, solucionar o caso. Concentrou-se novamente na voz da mulher.

— Se o senhor puder fazer a gentileza de aguardar, colocarei Sir Broderick na linha agora mesmo — ela disse.

O som oco de uma interrupção e, então, uma voz soturna e pesada disse:

— Aqui fala Broderick MacLennan Grant. Você é o subchefe de Polícia?

— Exatamente, Sir Broderick. Subchefe de Polícia Lees. Simon Lees.

— Você está ciente do assassinato não solucionado da minha filha, Catriona? E do sequestro do meu neto, Adam?

— É claro, naturalmente, não existe um só policial na região que não...

— Achamos que surgiu uma prova nova. Eu ficaria agradecido se você tomasse todas as providências para que a inspetora Pirie venha até a minha casa amanhã cedo, para discutir o assunto comigo.

Lees literalmente afastou o telefone do rosto e ficou olhando para o aparelho. Seria algum trote sofisticado?

— Inspetora Pirie? Eu não... eu poderia ir — ele balbuciou.

— Você é um funcionário administrativo. Não preciso de um funcionário administrativo. — O tom de Brodie Grant era desdenhoso. — A inspetora Pirie é detetive. Gostei da forma como ela lidou com o caso Lawson.

— Mas... mas, para tratar disso, deveria ser um oficial mais graduado — protestou Lees.

— Não é a inspetora Pirie quem está no comando da sua Equipe de Revisão de Casos Arquivados? — Grant começava a parecer impaciente. — Isso é graduação suficiente para mim. Não me importo com postos, me importo com eficiência. É por isso que quero a inspetora Pirie na minha casa amanhã às dez. Isso deve lhe dar tempo suficiente para se familiarizar com as informações básicas do caso. Tenha um bom dia, Sr. Lees. — A linha emudeceu e Simon Lees ficou sozinho, com seu mau humor e a pressão arterial que se elevava.

Por mais que aquilo o angustiasse, ele não tinha escolha senão encontrar a inspetora Pirie e lhe dar as ordens. Pelo menos, poderia fazer com que aquilo parecesse ter sido ideia dele. Embora não houvesse nenhum compromisso marcado no sistema de agendamento eletrônico que ele instituíra para seus

detetives mais antigos, ela não estava em sua mesa. Tudo bem que os policiais fizessem coisas por iniciativa própria, mas tinham de aprender a deixar um registro de seus movimentos.

Ele estava prestes a voltar para a sala da Revisão de Casos Arquivados para descobrir por que a inspetora Pirie ainda não havia aparecido quando uma batida incisiva na porta foi seguida, sem qualquer intervalo, pela entrada dela.

— Eu disse que poderia entrar? — perguntou Lees, olhando-a com raiva do outro lado da sala.

— Pensei que fosse urgente, senhor. — Ela continuou andando e se sentou na cadeira do outro lado da mesa dele. — O sargento Parhatka me deu a impressão de que, qualquer que fosse o motivo pelo qual o senhor estivesse me procurando, não podia esperar.

Que referência para o serviço policial, ele pensou, irritado. Cabelo desgrenhado caindo sobre os olhos, pouquíssima maquiagem e dentes que precisavam seriamente de um aparelho ortodôntico. Ele supunha que ela fosse lésbica, dada sua atração por terninhos de calça comprida, o que era realmente um erro, devido à largura de seus quadris. Não que ele tivesse qualquer coisa contra lésbicas, lembrou-lhe seu censor interno. Apenas achava que dava às pessoas a impressão errada sobre o serviço policial de hoje.

— Sir Broderick MacLennan Grant me telefonou hoje de manhã — ele disse. O único sinal de interesse foi um ligeiro entreabrir dos lábios. — Suponho que saiba quem é Broderick MacLennan Grant.

Karen pareceu surpresa com a pergunta. Ela se reclinou na cadeira e recitou:

— Terceiro homem mais rico da Escócia, é dono de metade da porção rentável das Highlands. Ganhou seu dinheiro construindo estradas e casas, e administrando os sistemas de transporte que as servem. Possui uma ilha nas Hébridas, mas passa a maior parte do tempo no Castelo de Rotheswell, perto de Falkland. A maioria das terras entre lá e o mar pertence a ele ou a Wemyss. Sua filha Cat e o filhinho dela, Adam, foram sequestrados por um grupo anarquista em 1985. Cat foi morta com um tiro quando a entrega do resgate deu errado. Ninguém sabe o que aconteceu com Adam. A esposa de Grant suicidou-se alguns anos depois. Ele se casou novamente há cerca de dez anos. Tem um filho pequeno que deve estar com cinco ou seis anos. — Ela riu. — Como fui?

— Não é um concurso, inspetora. — Lees sentiu que cerrou os punhos e os manteve embaixo da mesa. — Parece que há novas provas. E já que você está no comando dos casos arquivados achei que deveria cuidar deste.

— Que tipo de provas? — Ela se reclinou sobre o braço da cadeira, numa postura relaxada.

— Achei melhor que você conversasse diretamente com Sir Broderick. Assim, não haverá qualquer possibilidade de confusão.

— Então, ele realmente não lhe disse nada a respeito?

Lees poderia jurar que ela estava gostando daquilo.

— Marquei de você se encontrar com ele no Castelo de Rothswell amanhã de manhã às dez. Não preciso lhe dizer o quanto é importante que fique bem claro que estamos levando isso a sério. Quero que Sir Broderick entenda que este assunto receberá toda a nossa atenção.

Karen se levantou abruptamente, os olhos repentinamente frios.

— Ele receberá exatamente a mesma atenção que todos os outros pais enlutados com quem trato. Não faço distinção entre os mortos, senhor. Agora, se isso é tudo, tenho um arquivo para estudar até amanhã cedo.

Ela não esperou por uma dispensa. Apenas virou nos calcanhares e saiu, deixando Lees com a sensação de que ela tampouco fazia distinção entre os vivos.

Mais uma vez, Karen Pirie o havia feito se sentir um idiota.

Castelo de Rothswell

Bel Richmond deu uma última olhada em seu arquivo sobre Catriona MacLennan Grant, certificando-se de que sua lista de perguntas cobria todos os ângulos. A intolerância a bobagens por parte de Broderick MacLennan Grant era tão notória quanto sua aversão à publicidade. Bel suspeitava de que ele fosse atacar ao primeiro sinal de falta de preparo de sua parte e usá-la como desculpa para romper o acordo que ela havia negociado com Susan Charleson.

Para dizer a verdade, ela ainda estava surpresa por haver conseguido. Levantou-se, fechou o laptop e deu uma olhada no espelho. *Vestida para matar. Afinal, a primeira impressão é a que fica.* Fim de semana no campo. Era esse o *look* que ela havia adotado. Sempre fora boa em camuflagem. Mais uma das muitas razões pelas quais ela era tão boa naquilo que fazia. Integrar-se, tornar-se “parte do grupo”, qualquer que fosse ele, era um mal necessário. Portanto, se ela iria dormir sob o teto aristocrático de Brodie Grant, precisava se vestir a caráter. Alisou o vestido axadrezado Black Watch que havia tomado emprestado de Vivianne, conferiu se não havia arranhões nos sapatos de salto sabrina, ajeitou o cabelo, negro como um corvo, para trás da orelha e entreabriu os lábios rubros num sorriso. Uma olhada em seu relógio confirmou que estava na hora de descer as escadas e descobrir o que a formidável Susan Charleson havia preparado.

Ao virar uma curva da ampla escadaria, teve de se desviar para evitar um garotinho que subia a toda velocidade. Ele conseguiu controlar os gestos

desgovernados no patamar entre dois lances, ofegou um “Desculpe”, e voou escada acima. Bel piscou e ergueu as sobrancelhas. Já fazia algum tempo que não esbarrava assim num garotinho e não havia sentido a menor falta. Continuou descendo, mas, antes de chegar ao pé da escada, uma mulher com calças de veludo bege e uma blusa vermelho-escuro circulou a coluna da escadaria e parou de repente, pega de surpresa.

— Oh, me desculpe, não quis assustá-la — ela disse. — Viu um garotinho passar por aqui?

Bel apontou com o polegar por sobre o ombro.

— Ele foi por ali.

A mulher assentiu. Agora que estava mais próxima, Bel podia ver que era uns dez anos mais velha do que pensara de início, trinta e tantos, no mínimo. A pele tratada, o cabelo castanho grosso e o porte elegante ajudavam a confundir.

— Monstrinho — disse a mulher. Elas se encontraram a alguns degraus do patamar. — Você deve ser Annabel Richmond — ela disse, estendendo a mão delgada que estava fria, apesar da temperatura agradável dentro das grossas paredes do castelo. — Sou Judith. Esposa de Brodie.

Claro que sim. Como Bel poderia ter imaginado uma babá tão bem arrumada?

— Lady Grant — ela disse, estremecendo por dentro.

— Judith, por favor. Mesmo depois de todos esses anos casada com Brodie, ainda tenho vontade de olhar para trás quando alguém me chama de Lady Grant. — Ela não parecia dizer aquilo apenas por falsa modéstia.

— E eu sou Bel. Vamos deixar para lá o nome que uso profissionalmente.

Lady Grant sorriu, os olhos já examinando os degraus acima.

— Bel então. Olhe, não posso parar agora, tenho de capturar aquele monstrinho. Vejo você no jantar. — E lá foi ela, subindo dois degraus de cada vez.

Sentindo que havia exagerado ao se vestir, em comparação à castelã de Rothswell, Bel seguiu pelos corredores de lajotas de pedra até o escritório de Susan Charleson. A porta estava aberta e Susan, que falava ao telefone, acenou para que ela entrasse.

— Muito bem. Obrigada por arranjar tudo, Sr. Lees. — Ela recolocou o fone no gancho e contornou a mesa, conduzindo Bel de volta à porta. — Bem na hora — ela disse. — Ele aprecia a pontualidade. Gostou do quarto? Tem tudo de que precisa? O acesso wi-fi está funcionando?

— Tudo está perfeito — disse Bel. — A vista também é linda.

Sentindo-se como se tivesse entrado num drama da BBC2 escrito por Stephen Poliakoff, ela deixou-se conduzir pelo labirinto de corredores, cujas

paredes estavam forradas de fotografias de paisagens escocesas enormes impressas em telas para parecerem quadros pintados. Ficou surpresa de tudo lhe parecer tão aconchegante. Mas, também, aquela não era a ideia que fazia de um castelo. Esperara algo como Windsor ou Alnwick. Em vez disso, Rotheswell parecia-se mais a uma mansão fortificada e com torres. O interior lembrava mais uma casa de campo do que um salão de banquetes medieval. Sólido, mas não tão intimidador quanto ela temera.

Quando finalmente pararam diante de uma porta dupla de mogno alta e abobadada, Bel já estava começando a se arrepender de não ter deixado uma trilha de migalhas de pão.

— Chegamos — disse Susan, abrindo uma das portas e conduzindo Bel para o interior de uma sala de bilhar, forrada de painéis de madeira escura e com persianas nas janelas. A única luz provinha de uma série de lustres sobre a mesa de bilhar de tamanho oficial. Quando elas entraram, Broderick MacIennan Grant levantou os olhos do taco que posicionava para a jogada. Uma massa densa de cabelo impressionantemente grisalho caía jovialmente sobre a testa ampla, sobrancelhas como um par de muralhas prateadas sobre olhos tão fundos que sua cor só podia ser adivinhada, nariz como o bico de um papagaio, e uma boca ampla e fina sobre um queixo quadrado, eram características que o tornavam instantaneamente reconhecível. A iluminação do lugar dava um ar dramático a sua figura.

Por conta de fotografias, Bel sabia o que esperar, mas ficou surpresa com a eletricidade crepitante que sentiu em sua presença. Já estivera na presença de homens e mulheres poderosos antes, mas poucas vezes sentira aquele carisma instantâneo. Entendeu, de imediato, como Brodie Grant havia construído seu império do nada.

Ele se endireitou e apoiou-se no taco.

— Srta. Richmond, suponho. — Sua voz era profunda e quase relutante, como se não a usasse muito.

— Exatamente, Sir Broderick. — Bel não tinha certeza se deveria avançar ou permanecer onde estava.

— Obrigado, Susan — disse Grant. Quando a porta se fechou atrás dela, ele acenou na direção de um par de poltronas de couro desgastadas ao lado de uma lareira de mármore entalhado. — Sente-se. Posso jogar e conversar ao mesmo tempo. — Ele voltou a estudar a tacada enquanto Bel deslocava uma das poltronas para que pudesse observá-lo de forma mais direta.

Ela esperou enquanto ele fez mais algumas jogadas, o silêncio se erguia entre eles como uma maré ameaçadora.

— É uma linda casa — ela disse afinal.

Ele resmungou:

— Não sou de papo furado, Srta. Richmond. — Deu uma tacada rápida e duas bolas colidiram num estalo que pareceu um tiro. Passou giz no taco e a observou por um longo momento. — Você provavelmente está se perguntando como conseguiu isso. Acesso direto a um homem famoso por sua aversão à exposição na mídia. Que conquista, hein? Bem, sinto muito em decepcioná-la, mas você apenas teve sorte. — Ele circulou a mesa, franzindo a testa diante da posição das bolas, movendo-se como um homem vinte anos mais jovem.

— Foi assim que consegui algumas das minhas melhores histórias — Bel disse calmamente. — Grande parte do jornalismo de sucesso deve-se a isso: a habilidade de estar no lugar certo, na hora certa. Não tenho problema algum com relação à sorte.

— Que seja. — Ele estudou as bolas, inclinando a cabeça para obter um ângulo diferente. — Então, você não está se perguntando por que escolhi romper meu silêncio, após todos esses anos?

— Sim, é claro que estou. Mas, para ser honesta, não acho que suas razões para falar agora terão muito a ver com o que acabarei escrevendo. Portanto, é mais uma curiosidade pessoal do que profissional.

Ele parou a meio caminho de sua preparação para uma tacada e empertigou-se, encarando-a com uma expressão que ela não podia decifrar. Ele poderia estar furioso ou curioso.

— Você não é como eu esperava — ele disse. — É mais durona. Isso é bom.

Bel estava acostumada a ser subestimada pelos homens, em seu universo. Estava menos acostumada, porém, a que eles admitissem seu erro.

— Pode ter certeza de que sou durona. Não confio a mais ninguém as minhas batalhas.

Ele se virou para olhá-la, apoiando-se na mesa e cruzando os braços sobre o taco.

— Não gosto de ficar exposto ao público — ele disse. — Mas sou realista. Em 1985 era possível que alguém como eu exercesse um determinado grau de influência sobre a mídia. Quando Catriona e Adam foram sequestrados, controlamos em grande parte o que foi impresso e transmitido. A polícia também cooperou conosco. — Ele suspirou e balançou a cabeça. — Olhe só de que adiantou. — Deixou o taco na mesa e veio se sentar de frente para Bel.

Sentou-se na posição clássica do macho dominante: joelhos bem abertos, mãos sobre as coxas, ombros para trás.

— O mundo é um lugar diferente agora — ele disse. — Eu vi o que vocês fazem com pais que perderam seus filhos. Mohamed Al Fayed, retratado como

um palhaço paranoico. Kate McCann, transformada em uma Medeia moderna. Dê um passo em falso e eles o enterram. Bem, não vou deixar que isso aconteça. Sou um homem muito bem-sucedido, Srta. Richmond. E cheguei até aqui aceitando que existem coisas que eu não sei e entendendo que a forma de superar isso é contratando especialistas e ouvindo-os. No que se refere a esse ramo de negócios, você é minha especialista. Quando souber que existem novas provas, a mídia enlouquecerá. Mas não falarei com ninguém além de você. Tudo passará por você. Portanto, qualquer que seja a imagem que chegue ao público, será a que você gerar. Este lugar foi construído para resistir a um cerco, e meu sistema de segurança é o melhor que existe. Nenhum dos répteis chega perto de mim, de Judith ou de Alec.

Bel sentiu um sorriso repuxar os cantos da boca. Acesso exclusivo era o sonho erótico de todo redator. Geralmente, tinha de se matar para conseguir algo assim. Mas, ali estava, numa bandeja e de graça. Contudo, deixou-o continuar pensando que era ela quem estava lhe fazendo um favor.

— E o que eu ganho com isso? Além de me tornar a jornalista que todo mundo adora odiar?

A linha estreita dos lábios de Grant se comprimiu ainda mais, e o peito se ergueu numa respiração profunda.

— Eu falarei com você. — As palavras saíram como se tivessem sido trituradas entre duas pedras de moinho. Claramente, sua intenção era que aquele fosse um momento comparado a quando Moisés desceu do Monte Sinai.

Bel estava determinada a não se deixar impressionar.

— Excelente. Podemos começar, então? — Enfiou a mão dentro da bolsa e tirou um gravador digital. — Sei que isto não será fácil para o senhor, mas preciso que me conte sobre Catriona. Chegaremos ao sequestro e suas consequências, mas teremos que voltar um pouco antes disso. Quero ter um panorama de como ela era e de como vivia.

Ele olhou para o nada e, pela primeira vez, Bel viu um homem que parecia ter setenta e dois anos.

— Não tenho certeza se sou a pessoa mais adequada para isso — ele disse. — Éramos parecidos demais. Sempre foi uma disputa, entre mim e Catriona. — Ele se levantou da poltrona e voltou à mesa de bilhar. — Ela sempre foi voluntariosa, mesmo quando pequena. Tinha ataques de fúria que podiam balançar as paredes deste lugar. Ela cresceu e deixou os ataques para trás, mas não o temperamento. Contudo, sempre conseguia reconquistar a boa vontade das pessoas. Quando ela queria. — Ergueu os olhos para Bel e sorriu. — Ela sabia bem o que queria. E não era possível fazê-la mudar de ideia, uma vez que estivesse decidida sobre algo.

Grant se moveu em torno da mesa, estudando as bolas, alinhando sua próxima jogada.

— E tinha talento. Quando criança, nunca estava sem um lápis ou um pincel nas mãos. Desenho, pintura, modelagem em argila. Ela nunca parava. Não deixou de fazer isso com o tempo, como a maioria das crianças. Simplesmente se aprimorou. Então, ela descobriu o vidro. — Ele se inclinou sobre a mesa e acertou a bola vermelha com a bola da vez, encaçapando-a no buraco do meio. Então, reposicionou a vermelha e estudou os ângulos.

— O senhor disse que sempre houve disputa entre vocês. Quais eram os pontos críticos? — Bel perguntou, quando ele não demonstrou sinais de que continuaria com suas reminiscências.

Grant deu uma risadinha irônica.

— Tudo e qualquer coisa. Política. Religião. Se a comida italiana era melhor do que a indiana. Se Mozart era melhor do que Beethoven. Se a arte abstrata tinha algum significado. Se deveríamos plantar faia, bétula ou pinho escocês no bosque de Check Bar. — Ele se endireitou lentamente. — Por que ela não queria assumir a companhia. Esse era o ponto mais crítico. Eu não tinha um filho homem, naquela época. E nunca tive problemas para aceitar mulheres nos negócios. Não via razão alguma para que ela não pudesse assumir a MGE, desde que aprendesse como tudo funcionava. Ela dizia que preferiria furar os próprios olhos com uma agulha.

— Ela não aprovava a MGE? — perguntou Bel.

— Não, não tinha nada a ver com a companhia ou com sua política. Ela queria era ser uma artista do vidro. Esculpir, soprar, modelar... tudo que fosse possível fazer com vidro, ela queria ser a melhor. E isso não deixava espaço para a construção de rodovias ou casas.

— Deve ter sido uma grande decepção.

— Fiquei arrasado. — Grant pigarreou. — Fiz tudo o que podia para convencê-la a desistir daquilo. Mas ela não me dava ouvidos. Agiu à minha revelia e se candidatou a uma vaga na universidade Goldsmiths, em Londres. E conseguiu. — Ele balançou a cabeça. — Eu queria cortar qualquer ajuda financeira a ela, mas Mary, minha esposa, mãe de Cat, me compeliu a concordar em sustentá-la. Ela disse que, para alguém que detestava se expor ao público, eu estava dando uma imensa colher de chá para os tabloides. Então, deixei-me convencer. — Ele deu um sorriso amargo. — Quase me conformei com tudo, também. Então, descobri o que realmente estava acontecendo.

Quarta-feira, 13 de dezembro de 1978; Castelo de Rotheswell

Brodie Grant girou o Land Rover numa curva que espalhou cascalho para os lados e freou a metros da porta da cozinha do Castelo de Rotheswell. Entrou pisando forte na casa, com um labrador chocolate nos calcanhares. Atravessou a cozinha, deixando um redemoinho de ar gelado à sua passagem, e gritou para o cão ficar ali. Moveu-se pela casa com a velocidade e a segurança de um homem que sabe precisamente aonde está indo.

Finalmente, irrompeu na sala belamente decorada onde a esposa se entregava à sua paixão pela costura de colchas de retalhos.

— Você sabia disto? — ele indagou. Mary ergueu os olhos, assustada. Podia ouvir a intensidade de sua respiração, do outro lado da sala.

— Disto o quê, Brodie? — perguntou. Ela estava casada com uma força da natureza havia tempo suficiente para não se espantar com uma entrada dramática.

— Foi você que me convenceu a isto. — Ele se jogou numa poltrona baixa, lutando para ajeitar as pernas. — “É o que ela quer, Brodie. Ela jamais o perdoará se você ficar no caminho dela. Você seguiu seus sonhos, Brodie. Deixe-a seguir os dela.” Foi o que você disse. Então, foi o que fiz. Contrariando o que achava certo, eu disse que iria apoiá-la. Financiar seu maldito diploma. Ficar de boca fechada sobre a maldita perda de tempo que é tudo isso. Parar de lembrá-la que são pouquíssimos os artistas que conseguem se sustentar com essa bobajada indulgente. Não enquanto estão vivos, pelo menos. — Ele bateu o punho fechado no braço da poltrona.

Mary continuou a enfiar a agulha no tecido e sorriu.

— Você fez isso mesmo, Brodie. E estou orgulhosa de você.

— E olhe só aonde isso nos levou. Olhe só o que realmente está acontecendo!

— Brodie, não tenho ideia do que está falando. Você poderia explicar? E não se esqueça da sua pressão.

Ela tinha o dom de provocá-lo gentilmente e demovê-lo de suas posturas tão extremas. Mas, naquele dia, não estava dando certo. A irritação de Brodie estava no auge, e seria necessária mais que uma dose de racionalidade amável para fazê-lo voltar a seu humor normal.

— Saí com Sinclair. Fomos verificar as trilhas para a caçada na sexta-feira.

— E como estavam as trilhas?

— Ótimas. Sempre ótimas. Ele é um bom caseiro. Mas não é essa a

questão, Mary. — Sua voz se elevou novamente, incompatível com o ambiente aconchegante, cheio de tecidos nas prateleiras.

— Claro que não, Brodie. Percebi isso. Qual é exatamente a questão?

— Aquele maldito do Fergus Sinclair. Eu disse ao Sinclair. No verão passado, quando seu maldito filho estava farejando atrás da Cat. Eu disse a ele para manter o garoto longe da minha filha, e achei que ele tivesse me ouvido. E agora, isto! — Sacudiu as mãos como se estivesse jogando uma pilha de feno para o ar.

Mary finalmente abaixou seu trabalho.

— Qual é o problema, Brodie? O que aconteceu?

— É o que *vai* acontecer. Você se lembra de como respiramos aliviados quando ele se matriculou no maldito curso de administração de propriedades em Edimburgo? Bem, acontece que essa não era sua única opção. Ele simplesmente aceitou uma vaga na Universidade de Londres. Vai estar na mesma droga de cidade que a nossa filha. Vai ficar em cima dela o tempo todo, como uma sarna. Maldito caipira oportunista. — Fechou a cara e socou novamente a poltrona. — Vou acabar com a raça dele, você vai ver.

Para espanto dele, Mary desandou a rir em sua mesinha de trabalho, com lágrimas cintilando nos cantos dos olhos.

— Ai, Brodie — ela ofegou. — Nem consigo lhe dizer como isso é engraçado.

— Engraçado? — ele berrou. — Aquele garoto dos infernos vai arruinar a vida de Cat e você acha engraçado?

Mary se levantou de um salto e cruzou a sala até o marido. Ignorando seus protestos, sentou-se no colo dele e passou os dedos por seu cabelo grosso.

— Está tudo bem, Brodie. Tudo ficará bem.

— Não vejo como. — Ele se afastou da mão dela.

— Durante a última semana, eu e a Cat tentávamos arranjar uma forma de lhe contar.

— Contar o quê, mulher?

— Ela não vai para Londres, Brodie.

Ele se endireitou, quase derrubando Mary no chão.

— O que você quer dizer com não vai para Londres? Ela vai desistir dessa idiotice? Virá trabalhar comigo?

Mary suspirou.

— Não Seja bobo. Você sabe, no fundo do seu coração, que ela está fazendo o que deveria fazer. Não, ela recebeu a oferta de uma bolsa de estudos. É uma combinação de formação acadêmica e trabalho em uma fábrica de vidro artístico. Brodie, é simplesmente a melhor escola do mundo. E eles querem a nossa

Catriona.

Por um longo momento, ele se permitiu ficar dividido entre o orgulho e o medo.

— E onde é isso? — disse, por fim.

— Não é muito longe, Brodie. — Mary passou as costas da mão pelo rosto dele. — É na Suécia.

— Suécia? Na maldita Suécia? Por Deus, Mary. Suécia?

— Você fala como se fosse o fim do mundo. Pode-se voar para lá de Edimburgo, sabe? Leva menos de duas horas. Sinceramente, Brodie. Escute o que está dizendo. Isso é maravilhoso. É o melhor começo possível para ela. E você não terá de se preocupar com o fato de Fergus estar no mesmo lugar. Não é provável que ele apareça numa cidadezinha perdida entre Estocolmo e Uppsala, é?

Grant passou os braços em volta da esposa e descansou o queixo sobre sua cabeça.

— Só você mesmo para encontrar o lado bom disso. — Seus lábios se curvaram num sorriso cruel. — Com certeza, isso irá colocar o maldito do Fergus Sinclair no lugar dele.

Quinta-feira, 28 de junho de 2007; Castelo de Rotheswell

— Então o senhor também discutia com Cat a respeito de namorados? — Bel perguntou. — Era com relação a todos eles, ou apenas no caso de Fergus Sinclair?

— Ela não teve tantos namorados assim. Estava concentrada demais no trabalho. Saiu durante alguns meses com um dos escultores da fábrica de vidro. Eu o encontrei algumas vezes. Sueco, mas mesmo assim um rapaz bastante sensato. Eu podia ver que ela não estava levando muito a sério; então não havia necessidade de discutirmos sobre ele. Mas Fergus Sinclair era outra história. — Ele contornou a mesa, e sua raiva era óbvia. — A polícia nunca o considerou suspeito, mas questionei, na época, se ele poderia estar por trás do que aconteceu com Cat e Adam. Ele, logicamente, não havia aceitado, quando ela finalmente rompeu os laços entre eles. E não aceitava que ela não o reconhecesse como pai de Adam. Na época, pensei que era possível que ele tivesse feito justiça com as próprias mãos. Embora fosse difícil imaginar que tivesse inteligência para armar algo tão complicado.

— Mas Cat continuou o relacionamento com Fergus, depois de ir para a Suécia?

Subitamente o cansaço pareceu dominá-lo, e Grant se deixou cair na poltrona, de frente para Bel.

— Eles eram muito próximos. Haviam brincado juntos quando crianças. Eu deveria ter colocado um ponto final naquilo, mas nunca passou pela minha cabeça que se transformaria em alguma coisa. Eles eram muito diferentes. Cat, com sua arte, e Sinclair, sem outra ambição a não ser a de seguir os passos do pai e ser caseiro. Classes sociais diferentes, aspirações diferentes. A única coisa que os aproximava era o fato de a vida os ter colocado no mesmo lugar. Portanto, sim, quando ela voltava, nas férias, e ele estava por perto, eles se juntavam novamente. Ela não fazia segredo sobre isso, ainda que soubesse minha opinião a respeito de Sinclair. Eu continuava com a esperança de que ela conhecesse alguém que fosse digno dela, mas isso nunca aconteceu. Ela continuava voltando para Sinclair.

— E, apesar disso, o senhor não despediu o pai dele. Não o retirou da propriedade.

Grant pareceu chocado.

— Meu Deus, claro que não. Você tem ideia de como é difícil encontrar um caseiro tão bom quanto Willie Sinclair? Você poderia entrevistar cem homens

antes de encontrar alguém com os instintos que ele tem sobre pássaros e sobre as terras. E também é um sujeito decente. Ele sabia que o filho não estava à altura de Cat. Sentia vergonha por não conseguir impedir que Fergus andasse atrás dela. Queria proibi-lo de frequentar a casa deles, mas sua esposa não permitiu. — Ele deu de ombros. — Não posso culpá-la. As mulheres são sempre moles com os filhos.

Bel tentou ocultar sua surpresa. Ela havia presumido que Grant não respeitaria qualquer limite para que tudo fosse como ele queria, no que dizia respeito à filha. Aparentemente, ele era mais complexo do que ela havia imaginado.

— O que aconteceu quando ela voltou da Suécia?

Grant esfregou o rosto com as mãos.

— Não foi nada agradável. Ela queria se mudar. Montar um estúdio onde pudesse trabalhar e vender suas coisas, um lugar onde também houvesse um espaço separado para ela morar. Ela estava de olho numa propriedade nas minhas terras. Eu disse que o preço da minha ajuda era que ela parasse de se encontrar com Sinclair. — Pela primeira vez, Bel viu tristeza se infiltrando através da raiva fervilhante. — Foi burrice da minha parte. Mary disse isso, na época, e ela estava com a razão. As duas ficaram furiosas comigo, mas eu não quis ceder. Então, Cat seguiu seu próprio caminho. Ela entrou em contato com a corretora da propriedade rural de Wemyss e alugou um imóvel deles. Uma velha casa, próxima à entrada da propriedade, juntamente com o que havia sido um depósito de lenha, entrando pela estrada principal. Perfeito para atrair a clientela. Área para estacionamento na frente dos antigos portões, um estúdio e espaço para exposição, além de dependências para ela morar, por trás dos muros. Toda a privacidade que ela poderia desejar. E todo mundo ficou sabendo que Catriona MacLennan Grant fora morar em Wemyss só para contrariar seu velho pai.

— Se ela dependia do senhor, como é que pôde pagar por tudo isso? — perguntou Bel.

— A mãe dela equipou o estúdio, pagou o aluguel referente ao primeiro ano e encheu a despensa de Cat até ela começar a vender suas peças. — Ele não conseguiu evitar um sorriso. — O que não demorou muito. Ela era boa, sabe? Muito boa. E a mãe cuidou que todos os seus amigos fossem até lá para comprar presentes de casamento e de aniversário. Nunca fiquei tão bravo com Mary quanto naquela época. Estava ultrajado. Sentia-me frustrado e desrespeitado, e a situação só piorou quando o desgraçado do Sinclair voltou da universidade e retornou de onde havia parado.

— Eles moravam juntos?

— Não. Cat tinha bom-senso o bastante para não fazer isso. Agora eu olho

para trás e, às vezes, penso que ela só continuava se encontrando com ele para me irritar. Não durou muito, depois que ela abriu o estúdio. Estava praticamente terminado cerca de um ano e meio antes que... que ela morresse.

Bel fez as contas mentalmente e concluiu que havia algo errado.

— Mas Adam só tinha seis meses quando eles foram sequestrados. Então, como Fergus Sinclair podia ser o pai, se ele se separou de Cat um ano e meio antes?

Grant suspirou.

— De acordo com Mary, não foi um rompimento definitivo. Cat ficava repetindo para Sinclair que tudo havia terminado, mas ele não queria aceitar. Hoje em dia, isso se chama assédio. Parece que ele vivia aparecendo com aquela cara de cão sem dono, e Cat nem sempre tinha forças para mandá-lo embora. E daí, ela ficou grávida. — Ele olhou para o chão. — Sempre imaginei como seria ser avô. Ver a família continuar. Mas, quando Cat nos contou, tudo o que senti foi raiva. Aquele filho da puta do Sinclair havia arruinado o futuro dela. Ele a sobrecarregou com seu bebê, destruiu suas chances de ter a carreira que ela havia sonhado. A única coisa boa que ela fez foi se recusar a manter qualquer contato com ele. Não quis reconhecê-lo como pai da criança, não queria vê-lo nem falar com ele. Deixou muito claro que, daquela vez, estava realmente tudo acabado entre eles.

— Como ele reagiu a isso?

— Mais uma vez, eu soube indiretamente. Dessa vez por Willie Sinclair. Ele disse que o garoto estava devastado. Mas só o que me importava era que ele finalmente tivesse entendido o recado de que nunca faria parte da nossa família. Willie aconselhou-o a manter distância de Cat e, pela primeira vez na vida, ele ouviu. Em poucas semanas, arranjou um emprego na Áustria para trabalhar numa propriedade de caça perto de Salzburg. Desde então ele trabalha na Europa.

— E hoje? O senhor ainda acha que ele pode ter sido responsável pelo que aconteceu?

Grant fez uma careta.

— Se é para ser honesto, não. Acho que não. Não creio que ele tivesse inteligência suficiente para criar um plano tão complicado. Tenho certeza de que ele adoraria ter colocado as mãos no filho e ao mesmo tempo se vingar de Cat, mas é muito mais provável que tenham sido alguns filhos da puta com motivos políticos que pensaram que seria muito inteligente me fazer financiar sua revolução. — Fatigado, ele se levantou. — Agora estou cansado. A polícia virá amanhã de manhã e teremos que repassar tudo. Nós a veremos no jantar, Srta. Richmond.

Ele saiu da sala, deixando Bel cheia de coisas a considerar. E anotar. Quando Brodie Grant dissera que falaria com ela, não havia imaginado, nem por um minuto, que ele lhe entregaria esse precioso filão de informações. Ela teria de pensar com muito cuidado em como apresentá-lo à mídia mundial. Um passo em falso e sabia que a mina seria fechada. Agora que tivera um gostinho do que jazia adiante, isso era, definitivamente, a última coisa que ela queria.

Glenrothes

Novo em Folha olhava fixamente para a tela do computador, como se fosse um artefato alienígena, quando Karen voltou a seu escritório.

— O que você tem aí para mim? — ela perguntou. — Já conseguiu rastrear os cinco fura-greves?

— Nenhum deles tem registro criminal — ele disse.

— E?

— Eu não sabia onde mais procurar.

Karen revirou os olhos. Sua convicção de que Novo em Folha havia sido imposto a ela por Biscoito como uma forma de sabotagem se intensificava a cada dia.

— Google. Registro eleitoral. O site 192.com. Registro de carteiras de habilitação. Comece por aí, Jason. E depois marque para mim uma visita, em terreno, com o responsável pela preservação de cavernas. É melhor deixar o dia de amanhã livre; veja se você consegue que ele me receba no sábado cedo.

— Nós geralmente não trabalhamos aos sábados — disse Novo em Folha.

— Você é que está dizendo — Karen murmurou, lembrando-se de pedir a Phil que fosse com ela. A insistência da lei escocesa na corroboração para todo tipo de prova fazia com que ficasse difícil dar uma de justiceiro solitário.

Ela despertou seu computador da hibernação e rastreou as informações de contato de seu equivalente em Nottingham. Para seu alívio, o inspetor Des Mottram estava em sua mesa e foi receptivo a seu pedido.

— Acho provável que seja um beco sem saída, mas é algo que precisa ser verificado — ela disse.

— E não lhe atrai nem um pouco uma viagem até Costa del Trent — ele disse, com uma resignação divertida na voz.

— Não é isso. Tive um caso importantíssimo reaberto hoje e não tenho como desperdiçar pessoas com algo que, provavelmente, não nos trará qualquer avanço, exceto num caminho negativo.

— Não se preocupe. Eu sei como é isso. Hoje é seu dia de sorte, Karen. Teremos dois novos assistentes no Departamento de Investigação Criminal na

segunda-feira e isso é exatamente o tipo de coisa que posso usar para treiná-los. Nada muito complicado, não exige muita manha.

Karen passou para ele os nomes dos homens.

— Um dos meus rapazes está procurando pelos últimos endereços conhecidos. Assim que ele achar alguma coisa, pedirei que lhe mande um e-mail. — Mais alguns detalhes e ela terminou. Bem naquele instante, Phil Parhatka voltou a entrar na sala, com um enrolado de bacon que transmitiu uma mensagem diretamente para os centros de prazer do cérebro de Karen. — Hummm — ela gemeu. — Deus, isto está com um cheiro delicioso.

— Se eu soubesse que você havia voltado, teria lhe trazido um. Bom, vamos dividir esse.

Ele pegou uma faca em sua gaveta e cortou o enrolado na metade, espirrando molho de tomate nos dedos. Passou a ela sua metade e, então, lambeu os dedos. O que mais, pensou Karen, uma mulher poderia querer de um homem?

— O que o Biscoito queria? — perguntou Phil.

Karen deu uma mordida no enrolado e falou com a boca cheia da massa adocicada com bacon salgado.

— Novos desdobramentos no caso Catriona MacLennan Grant.

— É mesmo? O que aconteceu?

Karen sorriu.

— Não sei. O Rei Brodie não se preocupou em dizer ao Biscoito. Só disse a ele para me mandar lá amanhã de manhã. Então, preciso me atualizar rapidinho. Já mandei buscar os arquivos, mas vou checar on-line primeiro. Olhe só... — Ela o puxou para um lado. — O assunto Mick Prentice. Preciso falar com alguém no sábado e é óbvio que o Novo em Folha não trabalha aos sábados. Existe alguma chance de eu convencer você a ir comigo?

— Ir aonde?

— Às cavernas de Wemyss.

— Sério? — Phil se animou. — Poderemos passar para o outro lado das grades?

— Imagino que sim — disse Karen. — Não sabia que você se interessava por cavernas.

— Karen, eu já fui garoto um dia.

Ela revirou os olhos.

— Isso é bem verdade.

— Além disso, as cavernas têm coisas realmente legais. Inscrições e desenhos pictos. Entalhes da Idade do Ferro. Gosto da ideia de ser um espião-agente-secreto e poder dar uma espiada nas coisas que geralmente não podem ser vistas. Claro que irei com você. Você já fez os registros do caso?

Karen pareceu envergonhada.

— Quero ver aonde vai dar. Foi uma época difícil por aqui. Se alguma coisa ruim aconteceu a Mick Prentice, quero ir até o fundo. E você sabe como a mídia está sempre se metendo no que fazemos no setor de Casos Arquivados. Tenho a sensação de que esse é um caso em que temos mais chance de descobrir o que aconteceu se mantivermos segredo por um tempo.

Phil terminou seu enrolado e limpou a boca com as costas da mão.

— Parece justo. Você é a chefe. Só se assegure de que o Biscoito não possa usar isso contra você.

— Vou tomar cuidado. Escute, você está ocupado agora?

Ele atirou o saco de papel vazio na lixeira com uma jogada por cima da cabeça, comemorando quando acertou.

— Nada que eu não possa adiar.

— Veja o que você consegue descobrir sobre um cara chamado Andy Kerr. Ele era funcionário do Sindicato Nacional dos Mineradores durante a greve. Morava num sítio no meio do bosque de Wemyss. Estava de licença médica, com depressão, na época em que Mick desapareceu. Dizem que deu fim à própria vida, mas nunca encontraram o corpo.

Phil assentiu.

— Verei o que consigo descobrir.

Enquanto ele voltava à própria mesa, Karen procurava Catriona MacLennan Grant no Google. O primeiro resultado a levou a uma publicação em formato de jornal, de dois anos antes, marcando o vigésimo aniversário da morte da jovem escultora. Depois de ler três parágrafos, Karen sentiu um golpe no meio de seu peito. “É incrível como são poucas as pessoas que se dispõem a falar sobre este caso”, ela leu. “O pai de Cat Grant jamais falou com a imprensa sobre o que aconteceu. Sua mãe se matou dois anos após a morte da filha. Seu ex-namorado, Fergus Sinclair, se recusa a dar entrevistas. E o policial encarregado do caso também está fora do nosso alcance, já que ele mesmo cumpre pena por assassinato.”

— Ai, Jesus — ela gemeu. Nem sequer tinha visto o arquivo do caso e aquela já estava se transformando numa missão dos infernos.

Kirkcaldy

Já passava das dez quando Karen entrou em casa com um pacote de arquivos e uma porção de peixe para o jantar. A ideia de que estava brincando de casinha nunca a tinha abandonado. Talvez tivesse algo a ver com a casa em si, uma caixa pré-fabricada num empreendimento imobiliário popular de 1960, no norte de

Kirkcaldy. O tipo de lugar no qual as pessoas começavam a vida, aferrando-se à esperança de que não a terminariam ali. Um subúrbio com baixos índices de criminalidade, onde se podia deixar as crianças brincar na rua, desde que não se morasse em uma das estradas. Acidentes de trânsito, e não sequestros, eram o que os pais mais temiam por ali. Karen nunca se lembrava ao certo por que havia comprado a casa, embora, na época, tivesse parecido uma boa ideia. Suspeitava que o apelo estivera no fato de ela vir completamente mobiliada, provavelmente por alguém que havia tirado a ideia de um programa de TV sobre decoração. Comprara a mobília junto com a casa, até mesmo os quadros nas paredes. Não ligava para o fato de não ter sido ela a escolher as coisas entre as quais vivia. De qualquer maneira, era o tipo de coisa que ela provavelmente teria escolhido, e aquilo lhe havia economizado o trabalho de passar um domingo numa loja da IKEA. E ninguém podia negar que era um milhão de vezes mais agradável do que a confusão floral desbotada em que viviam seus pais. Sua mãe continuava esperando que ela se tornasse como todo mundo, mas isso não iria acontecer. Quando tinha um fim de semana livre, Karen não desejava nada além de um prato de carne e legumes com curry com os amigos e passar um bom tempo estirada no sofá, assistindo a jogos de futebol e a filmes antigos. Nada de arrumar a casa.

Ela colocou tudo sobre a mesa de jantar e foi à procura de um prato e talheres. Ainda conservava alguns padrões, pelo amor de Deus. Atirou o casaco sobre uma cadeira e sentou-se com a refeição, abrindo um dos arquivos para ler enquanto comia. Ela já havia estudado os arquivos do caso Grant antes e tomado nota das perguntas para as quais queria respostas. Agora, finalmente, tinha a chance de analisar o material que Phil compilara para ela.

Como havia esperado, o relatório de pessoa desaparecida original não poderia estar mais incompleto. Naquela época, o desaparecimento de um homem adulto, solteiro e sem filhos, com histórico de depressão clínica, não teria muita atenção da polícia. Não tinha nada a ver com o fato de que a greve dos mineiros houvesse sobrecarregado a força policial até o limite, e tudo a ver com o fato de que, naquele tempo, pessoas desaparecidas não eram prioridade. A não ser que fossem crianças pequenas ou mulheres jovens e atraentes. Mesmo nos dias atuais, somente os problemas clínicos de Andy Kerr teriam garantido um leve interesse.

Seu desaparecimento havia sido informado por sua irmã, Angie, na véspera do Natal. Ele não aparecera na casa dos pais para a tradicional comemoração em família. Angie, em casa de férias do curso de pedagogia, havia deixado alguns recados na secretária eletrônica dele na semana anterior, tentando marcar um encontro para um drinque. Andy não respondera, mas aquilo não era incomum.

Ele sempre fora dedicado ao trabalho, mas, desde que a greve havia começado, tornara-se um verdadeiro workaholic.

Então, na tarde da véspera de Natal, a Sra. Kerr admitira que Andy estava de licença por depressão. Angie convenceu o pai a levá-la de carro até o sítio de Andy, no bosque de Wemyss. O lugar estava frio e deserto, sem qualquer comida fresca na geladeira. Havia um bilhete encostado no açucareiro sobre a mesa da cozinha. Incrivelmente, o bilhete havia sido embalado e incluído no arquivo. *Se você estiver lendo isto, provavelmente é porque está preocupado comigo. Não fique. Já aguentei o suficiente. É uma coisa depois da outra, e não suporto mais. Fui embora para tentar colocar a cabeça no lugar. Andy.*

Não era exatamente um bilhete de suicídio, mas, se você encontrasse um corpo ao lado de uma mensagem dessas, não esperaria que fosse uma vítima de assassinato. E a irmã dissera que Andy gostava de fazer caminhada pela montanha. Ela podia entender por que o oficial que investigara o sítio e o bosque ao redor houvesse recomendado que não se tomassem outras medidas além de fazer a informação circular entre as demais forças da Escócia. Uma anotação no arquivo, escrito com caligrafia diferente, atestava que Angie Kerr havia entrado com um pedido para que seu irmão fosse declarado legalmente morto em 1992 e que o pedido fora concedido.

A última página estava na caligrafia familiar de Phil. “Os pais de Kerr morreram no desastre de balsa de Zeebrugge, em 1987. Angie não poderia reclamar sua herança enquanto Andy não fosse declarado morto. Quando ela, finalmente, conseguiu legitimar a sucessão, em 1993, vendeu tudo e emigrou para a Nova Zelândia. Ela ensina piano em Nelson, em South Island; trabalha em casa.” Seguiam o endereço completo e o número de telefone de Angie Kerr.

Ela havia sofrido bastante com tudo aquilo, pensou Karen. Perder o irmão e os pais no espaço de alguns anos já era duro, e ainda por cima ter de passar pelo processo de obter a declaração de morte legal para Andy. Não era de admirar que ela tivesse desejado se mudar para o outro lado do mundo. Onde, ela notou, seriam onze e meia da manhã. Uma hora perfeitamente civilizada para se ligar para alguém.

Uma das poucas coisas que Karen havia comprado para sua casa era uma secretária eletrônica que lhe permitia gravar digitalmente as ligações telefônicas, que ela, então, podia transferir via conexão USB para seu computador. Tentara convencer Biscoito a comprar algumas para o escritório, mas ele não se interessava. Provavelmente porque não tinha sido ideia dele. Karen podia apostar que, muito em breve, algo parecido surgiria no escritório principal do Departamento de Investigação Criminal, uma invenção do próprio subchefe Lees. Tudo bem. Pelo menos ela podia usar o sistema em casa e pedir

ressarcimento pelas ligações.

Uma mulher atendeu no terceiro toque, o sotaque escocês evidente até mesmo nas duas sílabas de “Alô?”.

Karen se apresentou e, então, disse:

— É Angie Kerr?

— Antes era Kerr. Agora é Mackenzie. É a respeito do meu irmão? Vocês o encontraram? — Ela parecia ansiosa, quase satisfeita.

— Não. Infelizmente, não.

— Ele não se matou, sabe? Sempre achei que sofreu um acidente. Caiu de alguma montanha, em algum lugar. Por mais deprimido que estivesse, Andy jamais se mataria. Ele não era covarde. — O tom de desafio era claro em sua voz.

— Sinto muito — disse Karen. — Realmente não tenho respostas para você. Mas estamos examinando novamente os fatos da época em que ele desapareceu. Estamos investigando o desaparecimento de Mick Prentice, e o nome do seu irmão veio à tona.

— Mick Prentice. — Angie parecia enojada. — Que belo amigo ele se revelou.

— O que você quer dizer?

— Não acho que seja coincidência que ele tenha fugido da greve justamente antes de Andy partir.

— Por que você diz isso?

Uma pausa curta, então Angie continuou:

— Porque seria o pior tipo de traição. Aqueles caras eram amigos desde o primeiro dia de escola. O fato de Mick ter furado a greve arrasaria Andy. E eu acho que ele previu que isso aconteceria.

— O que a faz dizer isso?

— A última vez que o vi, ele sabia que alguma coisa estava acontecendo com Mick.

Domingo, 2 de dezembro de 1984; Bosque de Wemyss

Nenhuma visita à casa de sua família seria completa, para Angie, se não passasse algum tempo com o irmão. Ela tentava vir pelo menos uma vez por semestre, mas, embora a viagem de ônibus de Edimburgo levasse apenas uma hora, às vezes parecia demais para suportar. Ela sabia que o problema era o diferente tipo de distância que estava crescendo entre ela e os pais, conforme se movimentava com maior liberdade num universo que era estranho para eles: palestras, sociedades estudantis, festas nas quais as drogas eram tão comuns quanto um drinque, e uma gama de assuntos que ultrapassava tudo que ela já houvesse encontrado em Fife. Não que não existissem oportunidades para ampliar os horizontes intelectuais por lá. Mas as salas de leitura, os cursos da WEA e os Burns Clubs eram para os homens. As mulheres nunca tiveram acesso nem tempo para eles. Os homens cumpriam seus turnos no subterrâneo e, depois, seu tempo era só deles. Mas o trabalho das mulheres nunca terminava de verdade, principalmente para aquelas cujos senhorios eram as antigas empresas carboníferas ou a comissão nacional do carvão. A própria avó de Angie não tivera água quente corrente nem um banheiro em sua casa até já ter mais de sessenta anos. Portanto, os homens não se sentiam facilmente atraídos por mulheres com formação escolar.

Andy era uma exceção. Sua mudança da frente mineira para o trabalho no sindicato o havia exposto às políticas igualitárias aspiradas pelo movimento sindicalista. Ainda que não existissem mulheres trabalhando nas minas, o contato com outros sindicatos havia convencido Andy de que o mundo não acabaria se as mulheres fossem tratadas como companheiras igualitárias da raça humana. E, assim, irmão e irmã tornaram-se mais próximos, substituindo as brigas da infância por discussões legítimas. Agora, Angie esperava com ansiedade pelas tardes de domingo passadas com o irmão, passeando pelo bosque ou segurando canecas de chocolate quente diante da lareira.

Naquela tarde, Andy a esperara na parada de ônibus no final da estrada que descia até seu sítio, adentrando o bosque. Eles haviam planejado contornar o bosque e caminhar até a orla, mas o céu ameaçava chuva, então optaram por voltar ao sítio.

— Acendi a lareira para a sua chegada — Andy dissera quando começaram a caminhada. — Me sinto culpado por ter dinheiro para o carvão, então, geralmente, não a acendo. Simplesmente visto mais um suéter.

— Isso é uma tolice. Ninguém o culpa por ainda receber um salário.

Andy balançou a cabeça.

— É aí que você se engana. Tem um monte de gente que acha que deveríamos devolver nosso salário para o fundo do sindicato.

— E a quem isso beneficia? Você está fazendo um trabalho. Está apoiando os homens em greve. Merece ser remunerado. — Ela passou o braço pelo de Andy, compreendendo como ele devia estar se sentindo acuado.

— Pois é, e muitos dos grevistas acham que também deveriam receber alguma coisa do sindicato. Ouvi alguns deles, lá no Serviço Social, dizendo que, se o sindicato estivesse pagando salário-greve, não teriam que estar trabalhando tanto para manter os fundos a salvo das mãos dos confiscadores. Eles questionam para que servem os fundos do sindicato se não é para ajudar seus membros quando há uma greve. — Ele suspirou, a cabeça baixa como se estivesse caminhando contra um vento forte. — E eles têm razão, sabe?

— Imagino que sim. Mas se você delega a tomada de decisões a seus líderes, que foi o que eles fizeram ao concordar com a greve sem uma votação nacional, então não pode começar a reclamar quando eles tomam decisões com as quais você não concorda muito. — Angie olhou atentamente para o irmão, observando como as linhas de tensão ao redor de seus olhos haviam se aprofundado, desde a última vez que o vira. Sua pele parecia pálida e pouco saudável, como a de um homem que viesse passando tempo demais em ambientes fechados e sem suplementos vitamínicos. — E se você se deixar intimidar a esse respeito, não ajudará a ninguém.

— Não sinto que esteja sendo de muita ajuda no momento — ele disse, tão baixinho que a fala quase se perdeu no ruído das folhas mortas sob seus pés.

— Isso é uma bobagem — Angie protestou, sabendo que não era suficiente, mas sem saber o que mais poderia dizer.

— Não, é a verdade. A vida dos homens que eu represento está desmoronando. Eles estão perdendo a casa porque não conseguem pagar a hipoteca. A esposa já vendeu o anel de casamento. Os filhos vão para a escola com fome. Têm furos nos sapatos. Aqui mais parece um maldito país de Terceiro Mundo, só que não temos nenhuma instituição de caridade arrecadando dinheiro para nos ajudar com nosso desastre. E não posso fazer nada a respeito. Como você acha que me sinto com isso?

— Bem mal — disse Angie, agarrando seu braço com mais força. Não havia resistência; era como abraçar o protetor estofado contra correntes de ar que sua mãe usava para manter a sala o mais abafada possível. — Mas você pode fazer apenas o melhor que conseguir. Ninguém espera que você solucione todos os problemas da greve.

— Eu sei — ele suspirou. — Mas me sentia parte desta comunidade.

Pertenci a ela minha vida inteira. Agora, parece que os caras em greve estão num lado da cerca e todos os demais estão no outro. Funcionários do sindicato, auxiliares das minas, gerentes, a porra do governo Tory... somos todos inimigos.

— Agora é que você está realmente dizendo bobagens. De jeito nenhum estamos no mesmo lado que os Tories. Todo mundo sabe disso. — Eles caminharam em silêncio, apressando o passo quando a promessa de chuva se tornou realidade. Caiu torrencialmente em gotas frias e duras. Os galhos nus acima de sua cabeça ofereciam pouca proteção contra o aguaceiro penetrante. Angie soltou o braço dele e começou a correr. — Vamos apostar uma corrida? — ela disse, animada, de alguma forma, pelo aguaceiro gelado. Não olhou para verificar se ele a estava seguindo. Apenas correu de forma desordenada em meio às árvores, seguindo a trilha sinuosa. Como sempre, emergir na clareira onde o sítio se incrustava era incrivelmente repentino. A casa aparecia como algo saído dos contos dos Irmãos Grimm, uma construção baixa sem qualquer outro charme além do seu isolamento. O teto de ardósia, o estuque cinza, a porta e as janelas pretas levariam qualquer criança que passasse por ali a identificá-la como a casa da bruxa malvada. Um alpendre de madeira abrigava um recipiente para carvão, uma pilha de madeira e a motocicleta com sidecar de Andy.

Angie correu até a varanda e se virou, ofegante. Não havia sinal de Andy. Alguns minutos se passaram antes que ele surgisse entre as árvores, caminhando com dificuldade, o cabelo castanho-claro grudado à cabeça. Angie sentiu-se murchar diante do fracasso de sua tentativa de animá-lo um pouco. Ele não disse nada ao entrar primeiro na casa, tão organizada e espartana quanto um quartel. A única decoração era uma série de pôsteres de animais selvagens que haviam sido dados como brinde junto com um dos jornais dominicais escoceses. Um conjunto de prateleiras estava lotado de livros sobre história natural e política; outro, de LPs. Não poderia ser mais diferente dos quartos que ela frequentava em Edimburgo, mas Angie gostava mais dali do que de qualquer um deles. Ela sacudiu a cabeça como um cachorro para tirar as gotas de chuva do cabelo louro-escuro, atirou o casaco sobre uma cadeira e se encolheu em uma das poltronas de segunda mão que estavam ao lado da lareira. Andy foi direto até a cozinha para preparar o chocolate quente.

Enquanto esperava que ele se juntasse a ela, Angie tentava imaginar uma forma de animá-lo. Geralmente, ela o fazia rir com as histórias de seus colegas da universidade e suas travessuras, mas sentia que isso não iria funcionar naquele dia. Iriam parecer histórias insensíveis sobre os privilegiados. Talvez a solução fosse lembrá-lo das pessoas que ainda acreditavam nele.

Ele voltou com duas canecas fumegantes numa bandeja. Geralmente, eles comiam biscoitos, mas qualquer coisa que cheirasse a luxo estava fora do

cardápio daquele dia.

— Tenho doado a maior parte do meu salário para o fundo de emergência — ele disse, percebendo que ela havia notado. — Só guardo o suficiente para o aluguel e as coisas básicas.

Sentaram-se de frente um para o outro, aferrando-se à bebida quente para deixar que o calor penetrasse em suas mãos geladas. Angie falou primeiro.

— Você não deveria dar atenção a eles. As pessoas que realmente o conhecem não acham que você seja um dos inimigos. Você deveria ouvir gente como Mick, que sabe quem você é. O que você é.

— Você acha mesmo? — Sua boca se retorceu numa expressão amargurada. — Como é que pessoas da laia de Mick podem saber quem eu sou, se nem sequer sabem mais quem elas mesmas são?

— O que você quer dizer com não saber mais quem é Mick? Vocês são amigos há mais de vinte anos. Não acredito que a greve tenha mudado nenhum de vocês tanto assim.

— É o que se poderia pensar, não? — Andy olhou fixamente para o fogo com os olhos embotados e os ombros caídos. — Os homens daqui... não é comum a gente conversar sobre nossos sentimentos. Vivemos nesta atmosfera de camaradagem, lealdade e dependência mútua, mas nunca falamos sobre o que acontece dentro da gente. Mas eu e o Mick, nós não éramos assim. Costumávamos contar tudo um ao outro. Não havia nada sobre o que não pudéssemos conversar. — Ele afastou o cabelo molhado da testa alta e estreita. — Mas, ultimamente, algo mudou. Sinto que ele está escondendo alguma coisa. Parece que há alguma questão realmente importante sobre a qual ele não consegue se obrigar a falar.

— Mas pode ser qualquer coisa — disse Angie. — Algo entre ele e Jenny, talvez. Algo que não seria certo discutir com você.

Andy fungou.

— Você acha que ele não fala sobre Jenny? Eu sei tudo sobre aquele casamento, pode acreditar. Poderia desenhar um mapa das falhas geológicas entre aqueles dois. Não, não é Jenny. A única coisa que posso pensar é que ele concorda com os outros. Que ache que eu não esteja servindo de nada para eles, no momento.

— Tem certeza de que não é sua imaginação? Isso não parece coisa do Mick.

— Bem que eu gostaria. Mas não é imaginação. Nem mesmo meu melhor amigo acha que eu mereça confiança. Só não sei quanto tempo conseguirei fazer meu trabalho, me sentindo deste jeito.

Angie começou a se preocupar de verdade. O desespero de Andy estava

claramente além de qualquer coisa com a qual ela soubesse lidar.

— Andy, não me leve a mal, mas você precisa ir ao médico.

Ele emitiu um som que parecia o de uma risada sufocada antes mesmo de se formar.

— Quem? O Dr. Aspirina e o Dr. Melhoral, os gêmeos analgésicos? Você acha que estou perdendo o juízo? Acha que esses dois saberiam o que fazer a respeito, se eu estivesse mesmo? Acha que preciso de temazepam, como a porra da metade das mulheres daqui? Pílulas da felicidade, para fazer com que nada mais importe?

— Eu quero ajudar você, Andy. E não tenho competência para isso. Você precisa conversar com alguém que saiba o que fazer, e os médicos são um bom começo. Até mesmo o Aspirina e o Melhoral sabem mais do que eu sobre depressão. Acho que você está deprimido, Andy. Uma depressão clínica mesmo, e não apenas tristeza.

Ele pareceu que ia chorar.

— Sabe o que é o pior de tudo isso que você acabou de falar? Que eu acho que você pode ter razão.

Quinta-feira, 28 de junho de 2007; Kirkcaldy

Parecia plausível. Andy Kerr havia sentido que Mick Prentice escondia alguma coisa dele. Quando pareceu que Mick havia se unido aos fura-greves e ido para Nottingham, deve ter sido o suficiente para empurrar alguém já fragilizado para o abismo. Mas aparentemente Mick Prentice, afinal, não havia ido para Nottingham. A questão, pensou Karen, era se Andy Kerr sabia o que realmente havia acontecido com seu melhor amigo. E se ele estava envolvido no desaparecimento dele.

— E você nunca mais falou com Andy, depois daquele domingo? — ela perguntou.

— Não. Tentei telefonar para ele algumas vezes, mas só caía na secretária eletrônica. Eu não tinha telefone onde estava morando, então ele não tinha como me ligar de volta. Minha mãe me disse que o médico lhe dera uma licença do trabalho, por causa da depressão, mas isso foi tudo que eu soube.

— Você acha que é possível que ele e Mick tenham ido a algum lugar juntos?

— O quê? Você quer dizer que tenham dado as costas para todo mundo e ido em direção ao pôr do sol, como Butch Cassidy e Sundance Kid?

Karen recuou.

— Não exatamente assim. Mas como se os dois tivessem se fartado e não conseguissem ver outra saída. Não há dúvida de que Andy estava com problemas. E você sugeriu que Mick e Jenny também não estavam se entendendo. Talvez eles tenham se decidido por um rompimento limpo.

Ela podia ouvir Angie respirando, no outro lado do mundo.

— Andy não faria isso conosco. Ele jamais teria nos magoado dessa forma.

— Mick poderia tê-lo convencido? Você disse que eles eram amigos desde a escola. Quem era o líder? Quem era o seguidor? Sempre há um que lidera e outro que segue. Você sabe disso, Angie. Mick era o líder? — Ninguém conseguia ser mais insistente do que Karen, quando estava inspirada.

— Acho que sim. Mick era o extrovertido, Andy era muito mais quieto. Mas eles formavam uma dupla. Estavam sempre metidos em problemas, mas não de forma negativa. Não com a polícia. Apenas enrolados na escola. Eles sabotavam as experiências de química com fogos de artifício. Grudavam a tampa da mesa da professora. Andy era bom com as palavras, e Mick era artístico, então eles imprimiam pôsteres com anúncios falsos da escola. Ou Mick falsificava bilhetes dos professores, dando aos dois permissão para sair das aulas

de que eles não gostavam. Ou bagunçavam a biblioteca, trocando as capas dos livros. Eu teria um ataque de nervos se tivesse alunos como eles. Mas eles amadureceram. Na época da greve, os dois já estavam assentados na vida. — Havia mais do que um toque de pesar em sua voz. — Portanto, sim, teoricamente, Mick poderia ter convencido Andy a dar no pé. Mas não teria sido por muito tempo. Eles teriam voltado. Não poderiam ficar longe. Tinham raízes profundas demais.

— Você cortou as suas — Karen observou.

— Eu me apaixonei por um neozelandês, e minha família inteira estava morta — Angie disse, simplesmente. — Eu não estava deixando para trás ninguém para chorar por mim.

— É justo. Podemos voltar para o Mick? Você disse que Andy sugerira que havia problemas no casamento dele.

— Ela o obrigou a casar, sabe? Andy sempre achou que ela ficara grávida de propósito. Ela deveria estar tomando pílula, mas, incrivelmente, não funcionou e, em seguida, Misha estava a caminho. Ela sabia que Mick vinha de uma família decente, o tipo de gente que não foge das responsabilidades. Então, é claro que ele se casou com ela.

Havia um toque de amargura em seu tom de voz que fez Karen se perguntar se ela havia sido apaixonada por Mick Prentice antes que seu neozelandês aparecesse.

— Não foi o melhor dos começos, então.

— No início, eles pareciam bem felizes. — A admissão rancorosa de Angie custou a vir. — Mick a tratava como uma princesinha, e ela se aproveitava disso. Mas não gostou nada quando chegaram os tempos difíceis. Achei, na época, que ela o havia forçado a furar a greve porque tinha se cansado de viver na miséria.

— Mas ela sofreu muito, depois que ele foi embora — disse Karen. — Foi um estigma terrível ser a esposa de um fura-greve. Ela não teria permitido que ele a deixasse enfrentar aquilo sozinha.

Angie emitiu um ruído de desdém.

— Ela não tinha ideia de como seria, até que aconteceu. Ela não entendia. Não era das nossas, sabe? As pessoas falam da classe trabalhadora como se fosse um bolo só, mas as linhas demarcatórias são tão bem definidas quanto em qualquer outra classe. Ela nasceu e foi criada em East Wemyss, mas não era uma de nós. Seu pai não sujava as mãos. Ele trabalhava na cooperativa. Ficava atrás de um balcão de loja. Vestia camisa e gravata para trabalhar. Aposto que ele nunca votou no Partido Trabalhista na vida. Então, não tenho certeza de que ela entendesse bem o que iria acontecer com ela, se Mick entrasse em greve.

Fazia sentido. Karen compreendia visceralmente o que Angie estava

dizendo. Ela conhecia pessoas assim em sua própria comunidade. Pessoas que não se encaixavam em lugar algum, que tinham a bunda calejada de tanto ficarem sentadas em cima do muro. Acrescentava peso à ideia de que Mick Prentice poderia ter fugido da greve. Exceto pelo fato de ele não ter feito isso.

— O negócio, Angie, é que parece que Mick não fugiu da greve, naquela noite. Nossos inquéritos preliminares indicam que ele não se uniu àqueles cinco homens que foram para Nottingham.

Um silêncio chocado. Então, Angie disse:

— Ele poderia ter ido para outro lugar, sozinho.

— Ele não tinha dinheiro. Nem um meio de transporte. Não levou nada consigo quando saiu naquela manhã, além de seu material de pintura. Seja o que for que aconteceu com ele, não acho que ele tenha fugido da greve.

— Então, o que aconteceu com ele?

— Ainda não sei — disse Karen. — Mas planejo descobrir. E esta é a pergunta que preciso começar a fazer: vamos supor que Mick não tenha furado a greve. Quem poderia ter motivos para querê-lo fora do caminho?

Sexta-feira, 29 de junho de 2007; Nottingham

Femi Otitoju digitou o quarto endereço no Google Earth e estudou o resultado.

— Vamos, Fem — resmungou Mark Hall. — O inspetor-chefe está de olho na gente. Ele está se perguntando que diabo você está fazendo, brincando com o computador, depois de ele ter nos mandado numa missão.

— Estou calculando a ordem mais eficiente para fazer as entrevistas, assim não teremos que perder a metade do dia voltando aos lugares. — Ela olhou para os quatro nomes e endereços fornecidos por um detetive de Fife e os numerou de acordo com sua lógica. — E eu já falei: não me chame de Fem. — Ela imprimiu a lista e a dobrou com esmero, guardando-a em sua impecável bolsa de mão. — Meu nome é Femi.

Mark girou os olhos e a seguiu, saindo do escritório de Revisão de Casos Arquivados, lançando um sorriso nervoso para o inspetor-chefe Mottram no caminho. Ele havia esperado ansiosamente por sua transferência para o Departamento de Investigações Criminais, mas, se tivesse sido avisado de que isso significaria trabalhar com Femi Otitoju, ele poderia ter reconsiderado a questão. O comentário na delegacia, quando ambos ainda usavam uniformes, era que, no caso de Otitoju, a sigla AP (agente policial) queria dizer Além da Perfeição. Seu uniforme sempre fora imaculado e os sapatos, lustrados no padrão militar. Suas roupas civis seguiam o mesmo estilo: um discreto terninho cinza impecavelmente passado, camisa de um branco ofuscante, cabelo impecável. E sapatos mais polidos que um espelho. Tudo que ela fazia era dentro das regras; tudo era preciso. Não que Mark tivesse algo contra as coisas serem feitas adequadamente. Mas ele sempre acreditara que havia espaço para a espontaneidade, principalmente numa entrevista. Se a pessoa com quem você estivesse falando saísse pela tangente, não havia mal algum em segui-la por um tempo. Às vezes, era entre as tangentes que a verdade estava oculta.

— Então, esses quatro eram mineiros de Fife que furaram a greve para vir trabalhar nas minas daqui? — ele perguntou.

— Exatamente. Originalmente, havia cinco, mas um deles, Stuart McAdam, morreu há dois anos, de câncer de pulmão.

Como é que ela se lembrava daquelas coisas? E por que se importava em memorizá-las?

— E quem você vai ver primeiro?

— William John Fraser. Conhecido como Billy. Cinquenta e três anos, casado, dois filhos adultos, um na Universidade de Leeds, o outro em

Loughborough. Ele é eletricista autônomo agora. — Ela pendurou a bolsa no ombro. — Eu dirijo; sei aonde estamos indo.

Saíram para o estacionamento descoberto atrás da delegacia e se dirigiram para um carro sem identificação de uso comum do DIC (Departamento de Investigação Criminal). Mark sabia que o carro estaria cheio de lixo deixado por outros policiais. Conforme descobria, o DIC e os carros eram como cães e postes.

— Ele não vai estar no trabalho agora?

Ele abriu a porta do passageiro e constatou que o assoalho do carro estava coberto de embalagens de sanduíches, latas de Coca-Cola vazias e cinco papéis de chocolate Snickers. Algo branco esvoaçou no canto de sua visão periférica. Otitoju sacudia uma sacolinha plástica vazia.

— Tome — ela disse. — Enfie o lixo aqui para eu jogar na lixeira.

Mark pensou que, afinal, ela servia para alguma coisa. Seguiram pela estrada principal, ainda movimentada mesmo depois da hora do rush matinal, e foram na direção oeste. A estrada era margeada por casas de tijolos vermelhos sujos e pelo tipo de comércio que mal conseguia sobreviver, devido às opções mais sofisticadas em outros lugares. Lojas de conveniência, salões de manicure, lojas de ferramentas, lavanderias, lanchonetes de fast-food e cabeleireiros. Era deprimente passar por ali. Mark ficou agradecido por seu apartamento no centro da cidade, em uma fábrica de rendas que fora reformada. Podia ser pequeno, mas ele não tinha de lidar com essa pobreza em sua vida pessoal. E havia um excelente restaurante chinês bem na esquina, que entregava em domicílio.

Quinze minutos percorrendo a estrada que contornava a cidade e eles viraram para um enclave de casinhas geminadas. Pareciam ter sido construídas na década de 1930; sólidas, despretensiosas e de boa proporção. A casa de Billy Fraser ficava num terreno de esquina, com um jardim considerável e bem cuidado.

— Morei nesta cidade a vida toda e nem sequer sabia que este lugar existia — comentou Mark.

Ele seguiu Otitoju pela entrada da casa. A porta foi aberta por uma mulher que não podia ter mais de um metro e cinquenta de altura. Tinha a aparência de alguém que já perdera sua melhor forma: mechas grisalhas no chanel castanho-claro, o queixo começando a ficar flácido, e alguns quilos a mais do que o ideal. Mark achou que ela até que estava bem para a idade. Sua abordagem foi direta, antes que Otitoju tivesse a chance de assustá-la.

— Sra. Fraser?

A mulher assentiu, parecendo ansiosa.

— Sim, sou eu. — Sotaque local, notou Mark. Então, ele não havia trazido

uma esposa de Fife. — E vocês são...?

— Sou Mark Hall, e esta é minha colega, Femi Otitoju. Somos policiais e precisamos conversar com Billy. Não é nada para se preocupar — acrescentou rapidamente, ao ver o olhar de pânico no rosto da Sra. Fraser. — Uma pessoa que ele conhecia, lá em Fife, foi dada como desaparecida, e nós precisamos fazer algumas perguntas a Billy.

A mulher balançou a cabeça.

— Você vai perder seu tempo, meu bem. Billy não manteve contato com ninguém de Fife a não ser os rapazes que vieram com ele para cá. E isso já faz mais de vinte anos.

— O homem no qual estamos interessados desapareceu há mais de vinte anos — Otitoju disse, asperamente. — Então, precisamos falar com seu marido. Ele está em casa?

Mark sentiu vontade de chutá-la, ao ver o rosto da Sra. Fraser se fechar para eles. Otitoju, definitivamente, não havia entrado na fila da simpatia.

— Ele está no trabalho.

— Você poderia nos dizer onde ele está trabalhando, minha flor? — perguntou Mark, tentando recuperar o rumo da conversa.

Ele quase podia enxergar o debate mental no rosto da mulher.

— Espere um pouco — ela disse, enfim. Voltou com uma agenda grande aberta na página daquele dia. Virou-a para que ele a olhasse. — Aqui está.

Otitoju já estava anotando o endereço em sua preciosa folha de papel. A Sra. Fraser viu os nomes.

— Vocês estão com sorte — ela disse. — Johnny Ferguson está trabalhando com ele hoje. Vocês poderão matar dois coelhos com uma cajadada só. — Pela expressão em seu rosto, ela não estava muito convencida de que fosse apenas uma metáfora.

Os dois ex-mineiros estavam trabalhando a apenas cinco minutos de carro dali, reformando uma loja na rua principal.

— De casa de espetinhos de carne a oficina de molduras de quadros num passe de mágica — disse Mark, lendo as placas.

Fraser e Ferguson trabalhavam duro. Fraser abria um canal para passar os fios elétricos enquanto Ferguson derrubava o banco que havia em uma das paredes para facilitar os clientes que compravam para viagem. Ambos pararam o que estavam fazendo quando os dois policiais entraram, olhando-os cautelosamente. Era engraçado, pensou Mark, como algumas pessoas sempre reconheciam policiais instantaneamente, ao passo que outras pareciam ignorar quaisquer sinais que ele e seus colegas pudessem emitir. Não tinha nada a ver com ser culpado ou inocente, como ele havia pensado, ingenuamente, no

começo. Era só um instinto para identificar o caçador.

Otitoju os apresentou e explicou por que estavam ali. Fraser e Ferguson pareceram confusos.

— Por que alguém pensaria que ele veio conosco? — perguntou Ferguson.

— Mais objetivamente, por que alguém pensaria que nós o traríamos? — Billy Fraser passou as costas da mão pela boca, num gesto de repulsa. — Mick Prentice achava que nós estávamos abaixo dele. Mesmo antes de nós furarmos a greve, ele desprezava a gente. Achava que era melhor do que nós.

— Por que ele pensaria isso? — Mark perguntou.

Fraser tirou um maço de Bensons do bolso do macacão. Antes que ele pudesse pegar um cigarro, Otitoju já havia colocado a mão macia sobre a aspereza da dele.

— Isso agora é contra a lei, Sr. Fraser. Este é um local de trabalho. O senhor não pode fumar aqui.

— Ah, puta que pariu — Fraser reclamou, virando-se enquanto enfiava os cigarros de volta no bolso.

— Por que Mick Prentice achava que era melhor do que vocês? — Mark perguntou novamente.

Ferguson aceitou o desafio.

— Alguns homens entraram em greve porque o sindicato mandou que fizessem isso. E outros porque estavam convencidos de sua razão e de que sabiam o que era melhor para o restante de nós. Mick Prentice era um dos que achavam que sabiam mais do que os outros.

— Isso — Fraser concordou, com amargura. — E ele tinha seus amigos do sindicato para cuidarem dele. — Ele esfregou o polegar e o indicador no gesto universal que representava dinheiro.

— Não entendo — disse Mark. — Sinto muito, companheiro, sou jovem demais para me lembrar da greve. Mas achei que um dos maiores problemas era que vocês não recebiam salário-greve.

— Você está certo, filho — disse Fraser. — Mas, por algum tempo, os rapazes que participavam dos piquetes móveis recebiam dinheiro vivo. Então, quando havia qualquer necessidade de ir aos piquetes, eram sempre os mesmos que recebiam autorização. E se você não servisse para aquilo, não havia nada mais para você. Acontece que o Mick servia mais do que a maioria. Seu melhor amigo era funcionário do Sindicato Nacional dos Mineradores, percebe?

— Era mais difícil para uns do que para outros — acrescentou Ferguson. — Imagino que o amiguinho de Prentice lhe dava uma graninha ou um pacote de comida quando terminava o dinheiro dos piquetes. A maioria de nós não tinha tanta sorte. Portanto, não, Mick Prentice não veio conosco. E Billy tem razão.

Nós não o teríamos aceitado, se ele tivesse pedido para vir.

Otitoju andava pela sala, vistoriando o trabalho deles como se fosse uma inspetora de obras.

— No dia em que vocês partiram... Vocês chegaram a ver Mick Prentice?

Os dois homens trocaram um olhar que pareceu furtivo para Mark. Ferguson, rapidamente, sacudiu a cabeça.

— Mais ou menos — ele disse.

— Como é possível ver alguém “mais ou menos”? — Otitoju inquiriu, virando-se na direção deles.

Sexta-feira, 14 de dezembro de 1984

Johnny Ferguson estava no escuro, na janela do quarto, de onde podia ver a estrada principal que atravessava o vilarejo. O quarto não estava frio, mas ele tiritava um pouco, e a mão que segurava o cigarro enrolado tremia, recortando a elevação suave da fumaça.

— Vamos, Stuart — ele resmungou a meia-voz. Deu outra tragada no cigarro e olhou novamente para o relógio barato em seu pulso. Dez minutos de atraso. Seu pé direito começou, involuntariamente, a tamborilar no chão.

Nada se movia. Ainda não eram nove horas, mas quase não havia luz. As pessoas não tinham dinheiro para pagar a eletricidade. Elas iam até o Serviço Social para usufruir um pouco de luz e de aquecimento, ou iam para a cama, esperando dormir o suficiente para que o pesadelo tivesse terminado quando despertassem. Pela primeira vez, entretanto, o silêncio das ruas não incomodou Ferguson. Quanto menos pessoas testemunhassem o que aconteceria naquela noite, melhor. Ele sabia exatamente o que estava prestes a fazer, e estava morrendo de medo.

De repente, viu um par de faróis virando a esquina da Main Street. Contra as luzes fracas da rua, Ferguson pôde definir a silhueta de uma van Transit. Modelo antigo, não o novo, que a polícia usava para transportar as tropas em suas operações contra os mineiros. Conforme a van se aproximou, ele pôde ver que era de cor escura. Finalmente, Stuart havia chegado.

Ferguson apagou o cigarro. Deu uma última olhada no quarto em que havia dormido nos últimos três anos, desde que alugara aquela casinha minúscula. Estava escuro demais para ver muita coisa, mas, também, ali não havia muito o que ver. O que não podia ser vendido tinha sido quebrado para usar como lenha. Agora só havia o colchão no assoalho com um cinzeiro e um livro rasgado de Sven Hassel ao lado. Nada que se arrependeria de abandonar. Helen já partira havia muito tempo, então, ele podia muito bem dar as costas para aquele bando de desgraçados.

Desceu ruidosamente as escadas até o andar de baixo e abriu a porta bem no instante em que Stuart ia bater.

— Preparado? — perguntou-lhe Stuart.

Um suspiro profundo:

— Mais preparado, impossível.

Ele empurrou uma bolsa de viagem com o pé na direção de Stuart, agarrou a outra e apanhou também um saco preto de lixo. Dez anos de merda

trabalhando na mina de carvão e aquilo era tudo que tinha.

Deram dois passos, dos quatro que os conduziriam até a van e, de repente, já não estavam mais sozinhos. Uma figura virou a esquina, apressadamente, como alguém que estivesse numa missão. Alguns metros mais perto, e a forma se definiu como Mick Prentice. Ferguson sentiu como se uma gelada mão lhe apertasse o peito. Era só o que faltava! Prentice vir atacá-los, gritando insultos e fazendo com que todas as portas da rua se abrissem.

Stuart jogou a bolsa na traseira da van, onde Billy Fraser já estava acomodado sobre uma pilha de sacolas. Ele se virou para encarar Prentice, pronto para agir, se fosse necessário.

Mas a raiva que tinham esperado que chovesse sobre eles não veio. Em vez disso, Prentice apenas ficou ali parado, parecendo prestes a romper em lágrimas. Olhou para eles e balançou a cabeça.

— Não, rapazes. Não. Não façam isso — disse.

Ele continuou repetindo aquilo. Ferguson mal podia acreditar que aquele era o mesmo homem que os atormentava, convocando-os e incitando-os para que continuassem leais ao sindicato. Isso era, pensou ele, uma amostra de como aquela greve os havia derrotado.

Ferguson passou por Prentice, guardou suas bolsas no carro e sentou-se ao lado de Fraser, que puxou as portas para fechá-las atrás dele.

— Inacreditável, porra — disse Fraser.

— Parece que ele acabou de levar um soco no estômago — disse Ferguson.
— O cara pirou de vez.

— Dê graças a Deus — disse Fraser. — A última coisa de que precisávamos era que ele explodisse como uma porra de um foguete e fizesse a casa cair para a gente. — Ele ergueu a voz quando o motor deu a partida. — Vamos, Stu. A vida nova começa agora.

Sexta-feira, 29 de junho de 2007

— Houve alguma testemunha desse encontro? — perguntou Otitoju.

— Stuart já morreu, então sou a única testemunha que resta — Fraser disse.

— Eu estava na van. A porta traseira estava aberta e eu vi tudo. Johnny tem razão: Prentice parecia devastado. Como se o que estávamos fazendo fosse uma afronta pessoal.

— Poderia ter sido bem diferente se, em vez de você na van, estivesse o Iain — disse Ferguson.

— Por que isso teria feito diferença? — perguntou Mark.

— Iain e ele eram amigos. Prentice talvez sentisse a necessidade de tentar convencê-lo a mudar de ideia. Mas Iain foi o último a ser apanhado, então achei que havíamos nos livrado de uma boa. E essa foi a última vez que vimos Prentice — disse Ferguson. — Ainda tenho família por lá. Ouvi dizer que ele tinha dado no pé, mas supus que ele houvesse ido com aquele amigo dele, o cara do sindicato. Não consigo me lembrar do nome dele...

— Andy alguma coisa — disse Fraser. — Isso mesmo, quando você me disse que os dois estavam na lista de desaparecidos, pensei que tivessem decidido dar o fora e começar do zero em outro lugar. Vocês têm que entender, a vida das pessoas estava se desfazendo, naquela época. Os homens faziam coisas que jamais imaginaríamos que fossem capazes. — Ele se virou, caminhou até a porta e saiu, tirando os cigarros do bolso.

— Ele está certo — disse Ferguson. — E, na maioria das vezes, não queríamos pensar muito a respeito. Pensando bem, ainda não queremos. Portanto, a não ser que haja mais alguma coisa, desejamos a vocês um bom dia. — Ele apanhou o pé de cabra e voltou à sua tarefa.

Incapaz de pensar em mais perguntas, Mark se dirigiu para a porta. Otitoju hesitou um instante, antes de segui-lo até o carro. Ficaram sentados em silêncio por um momento e, então, Mark disse:

— Deve ter sido horrível.

— Não justifica o desrespeito deles pela lei — disse Otitoju. — A greve dos mineiros provocou um distanciamento entre nós e as pessoas a quem servimos. Eles nos fizeram parecer brutais, apesar de termos sido provocados. Dizem que até a rainha ficou chocada com a batalha de Orgreave, mas o que as pessoas esperavam? Supostamente, devemos manter a paz. Se as pessoas não consentem em ser policiadas, o que mais podemos fazer?

Mark a encarou.

— Você me assusta — ele disse.
Ela pareceu surpresa.
— Às vezes me pergunto se você está no trabalho certo — ela retrucou.
Mark olhou para longe.
— Então somos dois, minha flor.

Castelo de Rotheswell

A despeito de sua determinação de lidar com Sir Broderick MacLennan Grant exatamente da mesma forma como lidaria com qualquer outra pessoa, Karen tinha de admitir que seu estômago não estava colaborando. A ansiedade sempre havia afetado seu sistema digestivo, tirando-lhe o apetite e obrigando-a a fazer visitas urgentes ao banheiro.

— Se eu tivesse que fazer mais entrevistas assim, não precisaria me preocupar com dieta — disse, quando ela e Phil partiram em direção ao Castelo de Rotheswell.

— Ach, andam valorizando demais as dietas — disse Phil, da confortável posição de um homem cujo peso não se alterara desde que completara dezoito anos, independentemente do que comesse ou bebesse. — Você está bem assim.

Karen queria acreditar nele, mas não conseguia. Ninguém acharia atraente sua figura gorducha, a não ser que estivesse muito mais necessitado de companhia feminina do que Phil.

— Ah, sei.

Ela abriu sua maleta e revisou os pontos principais do arquivo do caso, para o bem de Phil. Mal havia chegado ao final de seu resumo quando viraram para tomar a entrada de Rotheswell. Para além dos galhos secos de um grupo de árvores, podiam avistar o castelo, mas, antes de se aproximarem mais, sua identidade precisava ser verificada. Tiveram de sair do carro e mostrar a credencial para a câmara do circuito fechado de televisão. Então, os sólidos portões de madeira se abriram, permitindo que o carro chegasse a uma espécie de antecâmara de segurança. Phil foi dirigindo, enquanto Karen caminhava ao lado do carro. Os portões de madeira se fecharam atrás deles, deixando-os presos num tipo de curral gigante. Dois guardas saíram de uma guarita e revistaram o exterior e o interior do carro, a maleta de Karen e os bolsos do casaco esportivo de Phil.

— Ele tem um sistema de segurança melhor que o do primeiro-ministro — disse Karen, quando finalmente puderam seguir de carro até o castelo.

— É mais fácil conseguir um primeiro-ministro novo do que outro Brodie Grant — disse Phil.

— De qualquer forma, aposto que é isso que ele pensa.

Ao se aproximarem da casa, um senhor de idade, vestindo um casaco impermeável e um quepe de lã, contornou a torre mais próxima e acenou para que eles seguissem até o extremo do pátio de cascalho, em frente à casa. Quando eles finalmente estacionaram, ele já havia desaparecido, sem deixar-lhes outra opção senão a de se aproximar das imensas portas de madeira com tachas de ferro, no centro da fachada.

— Onde está o Mel Gibson quando precisamos dele? — Karen resmungou, levantando uma aldrava pesada de ferro e deixando-a cair com um estrondo considerável. — Parece um filme ruim.

— E nós ainda nem sabemos por que estamos aqui. — Phil parecia aborrecido. — Difícil entender o que poderia justificar tamanha preparação.

Antes que Karen pudesse responder, a porta se abriu, girando em dobradiças silenciosas. Uma mulher, que lembrara sua professora do primário, disse:

— Bem-vindos a Rotheswell. Sou Susan Charleson, assistente pessoal de Sir Broderick. Entrem.

Eles entraram em um saguão onde, não fosse pela grandiosa escadaria, poderia caber a casa inteira de Karen. Antes que pudessem observar mais do que as cores intensas e a atmosfera de aconchego, eles foram impelidos a seguir por um amplo corredor, por uma curta distância.

— Suponho que seja a inspetora Pirie — disse Susan Charleson. — Mas não estou a par do nome e do posto do seu colega.

— Sargento detetive Phil Parhatka — ele disse, com toda a pompa de que era capaz diante da formalidade dela.

— Ótimo, agora posso apresentá-los — ela disse, dando um passo para o lado e abrindo uma porta. Ela acenou para que entrassem em uma sala onde o DIC poderia facilmente realizar seu Burns' Supper^[4] anual. Teriam de empurrar alguns dos móveis para junto das paredes, só para abrir espaço para as danças tradicionais, mas, ainda assim, não ficariam muito apertados.

Havia três pessoas na sala, mas Karen instantaneamente se concentrou naquela que irradiava carisma. Brodie Grant podia já ter passado dos setenta anos, mas ainda tinha mais glamour que as duas mulheres que o rodeavam. Ele estava próximo à notável cornija de pedra entalhada da lareira, com a mão esquerda sob o cotovelo direito e a mão direita segurando casualmente um charuto fino; o rosto estava tão imóvel e impressionante quanto na capa de revista que ela havia encontrado, ao buscar por imagens dele no Google. Vestia um paletó de tweed cinza e branco cujo caimento sugeria ser de caxemira e seda, em vez do tradicional Harris and Donegal, uma camiseta polo preta, calça

combinando e aquele tipo de sapatos que Karen somente havia visto nos pés de americanos ricos. Ela achava que se chamavam sapatos oxford ou algo parecido. Assemelhavam-se a alguma coisa que se veria num boneco escocês com traje típico, e não num capitão da indústria. Ela estava tão ocupada observando seus sapatos estranhos que quase perdeu as apresentações.

Ergueu os olhos a tempo de captar o levíssimo esboço de sorriso nos lábios de Lady Grant, elegante em um terninho de mescla de lã com o clássico colarinho aveludado que, por alguma razão, Karen sempre associava a dinheiro e classe. O sorriso, porém, parecia estranhamente cúmplice.

Susan Charleson apresentou a outra mulher.

— Esta é Annabel Richmond, uma jornalista freelancer.

Agora, cautelosa, Karen assentiu, expressando reconhecimento. Que diabos fazia uma jornalista ali? Se havia uma coisa que Karen sabia a respeito de Brodie Grant era que ele era tão alérgico à mídia que poderia entrar em choque anafilático a qualquer momento na presença de alguém da imprensa.

Brodie Grant deu um passo à frente e indicou, com um ondular de seu charuto, que eles deveriam se sentar num sofá, a quilômetros de distância da lareira. Karen se sentou na beirada, ciente de que aquele era o tipo de sofá que a engoliria, impossibilitando uma saída que não fosse extremamente desastrada.

— A Srta. Richmond está aqui a meu pedido, por dois motivos — disse Grant. — O primeiro deles explicarei em breve. O outro é que ela vai atuar como uma ligação entre a mídia e a família. Não concederei entrevistas coletivas nem farei apelos sentimentais pela televisão. Ela é, portanto, a primeira a ser procurada se vocês estiverem atrás de alguma coisa para alimentar os répteis.

Karen inclinou a cabeça.

— Essa é uma prerrogativa sua — ela disse, tentando soar como se estivesse fazendo uma concessão, por pura bondade. Qualquer coisa que lhe garantisse recuperar um pouco do controle. — O Sr. Lees me comunicou que o senhor acredita que tenham surgido novas provas no que se refere ao sequestro de sua filha e neto. Correto?

— São novas provas, sim. Disso não resta dúvida. Susan?

Ele olhou para a assistente, com expectativa. Suficientemente esperta para antecipar-se às exigências do chefe, ela já avançava na direção deles com uma folha de compensado de madeira, coberta por um plástico. Ao se aproximar, virou-a de frente para Karen e Phil.

Karen sentiu um lampejo de decepção.

— Esta não é a primeira vez que vemos algo assim — ela disse, estudando a impressão monocromática de um titereiro com suas marionetes sinistras. — Deparei-me com três ou quatro exemplares, nos arquivos.

— Cinco, na verdade — disse Grant. — Mas nenhum como este. Todos os anteriores foram desconsiderados porque divergiam de alguma maneira dos originais. As reproduções que o inspetor-chefe Lawson distribuiu para a mídia, na época, foram alteradas sutilmente para que pudéssemos eliminar quaisquer imitadores. Todos os que apareceram desde então eram cópias das versões alteradas.

— E esta aqui é diferente? — perguntou Karen.

Grant assentiu.

— Exatamente, inspetora. É idêntica em todos os aspectos. Estou ciente de que a recompensa que ofereci seja uma tentação para certas pessoas. Mantive minha própria cópia do original para que pudesse comparar com qualquer coisa que me fosse trazida diretamente. Como esta. — Ele deu um sorriso cansado. — Não que eu precise de uma cópia. Jamais me esquecerei de nenhum detalhe. A primeira vez que pus os olhos nesta imagem, ela ficou gravada na minha memória.

Sábado, 19 de janeiro de 1985

Mary Grant serviu uma segunda xícara de café ao marido antes que ele percebesse que havia terminado a primeira. Ela vinha fazendo aquilo havia tantos anos que ainda o surpreendia o fato de sua xícara precisar ser enchida tantas vezes, quando se hospedava em hotéis. Ele virou a página de seu jornal e resmungou.

— Enfim, uma notícia boa. Lord Wolfenden libertou-se do invólucro mortal.

A expressão de Mary era mais de resignação cansada do que de choque.

— Que coisa horrível de se dizer, Brodie.

Sem levantar os olhos, ele continuou:

— O homem fez do mundo um lugar pior, Mary. Portanto, não fico triste por ele ter partido.

Anos de casamento haviam eliminado a maior parte da beligerância de Mary Grant. Mas, mesmo que ela houvesse pensado em dizer alguma coisa, não teria tido a oportunidade. Para a surpresa de ambos, a porta da sala de café da manhã se abriu de repente, sem nenhuma batida prévia, e Susan Charleson entrou quase correndo. Brodie deixou cair o jornal sobre os ovos mexidos, notando-lhe as bochechas rosadas e a respiração ofegante.

— Desculpem-me — ela balbuciou. — Mas o senhor precisa ver isto. — Ela empurrou um grande envelope de papel manilha na direção dele. Na frente, lia-se seu nome e endereço e as palavras “particular” e “confidencial” escritas em hidrocor preto, acima e abaixo.

— Em nome de Deus, o que é isto que não pode esperar até depois do café? — ele perguntou, enfiando dois dedos sob a aba do envelope, revelando um papel grosso dobrado em quatro.

— Isto — disse Susan, apontando para o envelope. — Coloquei de volta no envelope porque não quis que mais ninguém visse.

Com um resmungo de impaciência, Grant pegou o papel e o desdobrou. Parecia um pôster de propaganda de um show macabro de marionetes. Totalmente em preto e branco, um titereiro se inclinava sobre o palco, manipulando um grupo de marionetes que incluíam um esqueleto e um bode. Lembrou-lhe aquele tipo de impressões que ele vira uma vez, num programa da TV sobre a arte que Hitler odiava. Enquanto pensava isso, seus olhos examinaram a parte inferior do pôster. Onde se esperaria encontrar detalhes sobre o show de marionetes havia uma mensagem muito diferente.

Seu capitalismo explorador e gerenciado está prestes a ser castigado. Nós temos uma filha e um neto em nosso poder. Faça exatamente o que mandarmos se quiser vê-los novamente. Nada de polícia. Apenas siga sua vida normalmente. Estamos te observando. Entraremos em contato com você em breve. Pacto Anarquista da Escócia.

— É alguma brincadeira de mau gosto? — perguntou Grant, atirando-o sobre a mesa e empurrando a cadeira para trás. Quando ele se levantou, Mary apanhou o pôster e, então, o deixou cair, como se tivesse queimado seus dedos.

— Ah, meu Deus — ela arfou. — Brodie?

— É um trote — ele disse. — Algum filho da puta doente está tentando nos assustar.

— Não — disse Susan. — Tem mais. Ela apanhou o envelope no chão e sacudiu-o para que uma fotografia Polaroid caísse de dentro dele. Em silêncio, entregou-a a Grant.

Ele viu sua única filha amarrada a uma cadeira. Um pedaço de fita adesiva cobria-lhe a boca. O cabelo estava despenteado e uma mancha de sujeira, ou um hematoma, marcava-lhe a face esquerda. Entre ela e a câmera, uma mão enluvada segurava a primeira página do *Daily Record* do dia anterior para não deixar margem a dúvida. Ele sentiu as pernas cederem e deixou-se cair na cadeira, as pálpebras tremendo enquanto tentava recuperar o autocontrole. Mary estendeu a mão pedindo a fotografia, mas ele sacudiu a cabeça e segurou-a de encontro ao peito.

— Não — ele disse. — Não, Mary.

Houve um longo silêncio e, então, Susan disse:

— O que o senhor quer que eu faça?

Grant não conseguia articular as palavras. Não sabia o que estava pensando, o que estava sentindo nem o que queria dizer. Era uma experiência tão estranha e improvável quanto usar drogas alucinógenas. Ele sempre estava no controle de si mesmo, assim como da maior parte do que acontecia ao seu redor. Sentir-se impotente era algo que não lhe acontecia havia tanto tempo, que até se esquecera de como era lidar com aquilo.

— O senhor quer que eu telefone para o chefe de polícia? — perguntou Susan.

— Aqui fala para não fazer isso — disse Mary. — Não podemos colocar em risco a vida de Catriona e Adam.

— Ao diabo com isso — disse Grant, numa pálida aproximação à sua voz normal. — Não vou ser manipulado por um bando de anarquistas malditos. — Ele se forçou a levantar, sua força de vontade superando o medo que já o

devorava. — Susan, telefone para o chefe de polícia. Explique a situação. Diga a ele que quero o melhor agente que tiver, que não se pareça com um policial. Quero que ele esteja no meu escritório dentro de uma hora. E, agora, vou para o escritório. Seguir com minha vida normal, caso eles estejam realmente observando.

— Brodie, como você pode fazer isso? — Com o rosto lívido, Mary parecia chocada. — Temos que fazer o que eles mandarem.

— Não temos, não. Apenas temos que aparentar estar fazendo. — Agora, sua voz estava mais forte. Ter estabelecido os princípios básicos de um plano lhe dera forças para se recuperar. Ele poderia lidar com o medo desde que pudesse se obrigar a acreditar que estava fazendo alguma coisa para resolver a situação. — Susan, comece a tomar as providências. — Ele foi até Mary e lhe deu um tapinha no ombro. — Vai ficar tudo bem, Mary. Eu prometo.

Se ele não visse o rosto dela, não teria de lidar com suas dúvidas ou seu pavor. Já tinha o suficiente com que se preocupar, sem aquela carga extra.

Dysart, Fife

Outros homens teriam caminhado de um lado para o outro, esperando que a polícia chegasse. Brodie Grant nunca fora de desperdiçar energia em atividades inúteis. Permaneceu sentado em sua cadeira no escritório, virada de costas para a escrivaninha, para que pudesse ver a vista espetacular por cima do estuário do Forth até Berwick Law, Edimburgo e as montanhas Pentlands. Olhou por sobre a água cinzenta, ordenando seus pensamentos para evitar qualquer perda de tempo quando a polícia chegasse. Ele detestava desperdiçar qualquer coisa, mesmo aquilo que podia ser facilmente repostado.

Susan, que o havia seguido para o trabalho na hora de costume, entrou pela porta que separava seu escritório do dele.

— A polícia está aqui — ela disse. — Devo fazê-los entrar?

Grant se virou em sua cadeira.

— Sim. Depois, deixe-nos a sós.

Ele notou o olhar de surpresa no rosto dela. Estava acostumada a participar de todos os seus segredos, a conhecer mais coisas do que Mary se daria ao trabalho de saber. Mas, dessa vez, ele queria que o círculo fosse o menor possível. Até mesmo Susan seria demais.

Ela fez entrar dois homens vestidos com macacão de pintor e, então, fechou dramaticamente a porta atrás de si. Grant ficou satisfeito com o disfarce.

— Obrigado por terem vindo tão rápido. E tão discretamente — ele disse, observando os dois. Pareciam jovens demais para uma tarefa tão importante. O

mais velho, magro e moreno, tinha provavelmente uns trinta e poucos anos, e o outro, louro e avermelhado, uns vinte e tantos.

O moreno falou primeiro. Para surpresa de Grant, sua apresentação atingiu diretamente suas restrições.

— Sou o inspetor James Lawson — ele disse. — E este é o agente Rennie. Fomos instruídos pessoalmente pelo chefe de polícia. Sei que o senhor deve estar pensando que sou muito novo para comandar uma operação como esta, mas fui escolhido devido à minha experiência. No ano passado, a esposa de um dos jogadores do time de futebol East Fife foi sequestrada. Conseguimos resolver o assunto sem que ninguém se machucasse.

— Não me lembro de ter ouvido falar sobre isso — disse Grant.

— Fomos muito bem-sucedidos em manter segredo — disse Lawson, com o mais tênue sorriso de orgulho no rosto.

— Não houve julgamento? Como vocês conseguiram manter isso fora dos jornais?

Lawson deu de ombros.

— O sequestrador se confessou culpado. O caso estava resolvido e encerrado antes que a imprensa sequer percebesse. Somos bastante bons em lidar com a imprensa, aqui em Fife. — De novo, um sorriso ligeiro. — Como pode ver, senhor, tenho uma experiência relevante.

Grant lançou-lhe um olhar demorado e avaliador.

— Fico satisfeito em saber disso. — Tirou uma pinça da gaveta e, delicadamente, deslocou a folha de papel que havia colocado por cima do pôster de resgate. — Foi isto que chegou pelo correio, hoje de manhã. Acompanhado por isto... — Erguendo-a cuidadosamente pelas extremidades, ele virou a foto Polaroid.

Lawson se aproximou e os analisou atentamente.

— E o senhor tem certeza de que esta é sua filha?

Pela primeira vez, o autocontrole de Grant vacilou por uma fração de segundo.

— Você acha que não conheço minha própria filha?

— Não é isso, senhor. Mas, para que fique registrado, preciso ter certeza de que o senhor tem certeza absoluta.

— Tenho certeza.

— Neste caso, não há qualquer dúvida — disse Lawson. — Quando foi a última vez que o senhor viu ou falou com sua filha?

Grant fez um gesto de impaciência com a mão.

— Não sei. Suponho que a tenha visto pela última vez há umas duas semanas. Ela trouxe Adam para nos visitar. A mãe dela deve ter conversado com

ela ou a visto desde então. Você sabe como são as mulheres.

A culpa repentina que ele sentiu foi mais uma vibração lenta do que uma pontada. Ele não se arrependia de nada do que havia feito ou dito; só se arrependia de que houvesse provocado uma ruptura entre ele e Cat.

— Falaremos com sua esposa — disse Lawson. — Será útil para nós termos uma ideia de quando isso aconteceu.

— Catriona é dona de seu próprio negócio. Creio que alguém perceberia, se sua galeria estivesse fechada. Deve haver centenas, milhares de pessoas que passam de carro por ali todos os dias. Ela era bem escrupulosa com relação à placa de aberto e fechado. — Ele deu um sorriso rígido e frio. — Ela é boa para negócios. — Puxou um bloco de anotações em sua direção e escreveu o endereço e as indicações de como chegar à galeria de Catriona.

— É claro — disse Lawson. — Mas achei que o senhor não quisesse que os sequestradores soubessem que nos procurou.

Grant foi pego de surpresa por sua própria estupidez.

— Desculpe-me. Você tem razão. Não estou raciocinando direito. Eu...

— Esse é meu dever, não seu. — Havia gentileza no tom de voz de Lawson. — O senhor pode estar certo de que não faremos perguntas que levantem suspeitas. Se não conseguirmos descobrir nada de forma aparentemente natural, deixaremos de lado. A segurança de Catriona e Adam está acima de tudo. Isso eu prometo ao senhor.

— É uma promessa que espero que cumpra. Agora, qual é o próximo passo? — Grant estava novamente no comando de si mesmo, porém desconcertado pelas emoções que o desequilibravam.

— Colocaremos uma escuta e um rastreador em suas linhas telefônicas para o caso de eles tentarem entrar em contato com o senhor através do telefone. E vou precisar que o senhor vá à casa de Catriona. É o que os sequestradores esperariam. O senhor terá de ser os meus olhos dentro da casa. O senhor deverá registrar qualquer coisa fora do lugar, qualquer coisa incomum. Terá de levar uma maleta ou algo assim para que, se por exemplo, houver duas canecas sobre a mesa, o senhor possa trazê-las para nós. Também precisaremos de alguma coisa de Catriona para obtermos suas impressões digitais. Uma escova de cabelo seria ideal, pois teríamos também um pouco de seu cabelo. — Lawson parecia ansioso.

Grant balançou a cabeça.

— Você terá que pedir à minha esposa para fazer isso. Não sou muito observador. — Não queria admitir que só havia cruzado a porta da casa da filha uma vez e, mesmo assim, com relutância. — Ela ficará feliz por ter alguma coisa a fazer. Por se sentir útil.

— Muito bem, providenciaremos isso. — Lawson tocou o pôster com uma caneta. — Aparentemente esse é mais um ato político do que pessoal. E vamos verificar informações a respeito de qualquer grupo que possa ter os recursos e a determinação para planejar algo assim. Preciso lhe perguntar, no entanto... o senhor teve algum desentendimento com qualquer grupo de interesse específico? Uma organização que pudesse ter alguns caras mais exaltados em suas facções, capazes de achar que era uma boa ideia fazer isso?

Grant já havia se perguntado aquilo enquanto esperava pela polícia.

— A única coisa em que posso pensar é um problema que tivemos há mais ou menos um ano com uma dessas organizações do tipo “salvem as baleias”. Nós tínhamos um empreendimento imobiliário em Black Isle que eles alegavam que afetaria de forma adversa o habitat de uns golfinhos no Moray Firth. Tudo bobagem, é claro. Eles tentaram deter nosso pessoal da construção... aquela coisa de sempre, deitando-se em frente às retroescavadeiras. Um deles se machucou. Foi culpa de sua própria estupidez, como disseram as autoridades. Mas foi apenas isso. Eles se foram, com o rabo entre as pernas, e nós continuamos com o empreendimento. E, a propósito, os golfinhos estão perfeitamente bem.

Lawson ficou visivelmente animado com a informação de Grant.

— Mesmo assim, teremos que verificar essa possibilidade — ele disse.

— A Srta. Charleson tem todos os arquivos. Ela poderá lhes dizer o que vocês precisarem.

— Obrigado. Também preciso lhe perguntar se existe alguém que possa ter algum motivo de reclamação pessoal contra o senhor. Ou contra alguém de sua família.

Grant balançou a cabeça.

— Já incomodei muita gente nesta vida. Mas não consigo pensar em algo que tenha feito capaz de levar alguém a fazer isso. Certamente isto se relaciona com dinheiro, não com ódio. Todo mundo sabe que sou um dos homens mais ricos da Escócia. Não é nenhum segredo. Para mim, esse é o motivo óbvio por trás disso. Alguns filhos da puta tentando pôr as mãos no meu dinheiro suado. E eles acham que é dessa forma que irão conseguir.

— É possível — concordou Lawson.

— É mais do que possível. É o mais provável. E nem morto vou deixar que escapem ilesos dessa. Quero minha família de volta, e quero que eles voltem sem ter de ceder um milímetro a esses desgraçados! — Grant bateu na mesa com a mão espalmada e os dois policiais deram um pulo com o estrondo repentino.

— É por isso que estamos aqui — disse Lawson. — Faremos tudo que for possível para obter o resultado que o senhor deseja.

Naquele momento, a confiança de Grant ainda estava intacta.

— Não espero nada menos do que isso — ele disse.

Sexta-feira, 29 de junho de 2007; Castelo de Rotheswell

Ao ouvir o relato de Grant sobre aquela primeira manhã depois de o mundo ter mudado, o que mais chamou a atenção de Karen foi a suposição, por parte de todos, de que tudo tinha a ver com Brodie Grant. Ninguém parecia haver considerado que a pessoa que estava sendo punida não era Grant, e sim sua filha.

— Catriona tinha algum inimigo?

Grant olhou-a, com impaciência.

— Catriona? Como ela poderia ter inimigos? Era uma mãe solteira e uma artesã do vidro. Não levava o tipo de vida que gerasse animosidade pessoal. — Com um suspiro, ele apertou os lábios.

Karen disse a si mesma que não deveria se intimidar com sua atitude.

— Desculpe-me. Eu me expressei mal. Deveria ter perguntado se o senhor sabe de alguém a quem ela houvesse desagradado.

Grant dirigiu-lhe um pequeno gesto de satisfação, como se ela houvesse passado num teste que nem sequer sabia existir.

— O pai de seu filho. Ele estava, de fato, bastante contrariado. Mas nunca pensei que ele fosse capaz de algo assim, e os seus colegas da polícia nunca puderam encontrar nenhuma prova que o conectasse ao crime.

— O senhor está se referindo a Fergus Sinclair? — Karen perguntou.

— E quem mais poderia ser? Pensei que você tivesse se atualizado com relação ao caso — cobrou Grant.

Karen começava a sentir pena de qualquer pessoa que fosse obrigada a suportar o alto nível de irritação de Brodie Grant. Desconfiava que não fosse reservada apenas para ela.

— Só existe uma menção a Sinclair no arquivo — ela disse. — Nas anotações de uma entrevista com Lady Grant, Sinclair é mencionado como suposto pai de Adam.

Grant bufou.

— Suposto? É claro que ele era o pai do garoto. Eles vinham se encontrando de maneira intermitente havia anos. Mas o que você quer dizer com só existe uma referência a Sinclair? Deve haver mais. Eles foram até a Áustria para interrogá-lo.

— Áustria?

— Ele trabalhava lá. É formado em administração rural. Trabalhou também na França e na Suíça, mas voltou para a Áustria cerca de quatro anos atrás. Susan pode lhe dar todos os detalhes.

— O senhor o tem vigiado? — O que não seria nenhuma surpresa, pensou Karen.

— Não, inspetora. Eu já lhe disse: nunca achei que Sinclair tivesse a coragem para fazer algo assim. Então, por que o vigiaria? A única razão pela qual sei onde Sinclair mora é porque seu pai ainda é meu caseiro. — Grant balançou a cabeça. — Não posso acreditar que tudo isso não esteja nos arquivos.

Karen estava pensando a mesma coisa, mas não quis admitir.

— E, que o senhor saiba, havia mais alguém que Catriona pudesse ter desagradado?

O rosto de Grant estava tão cinzento quanto seu cabelo.

— Só a mim, inspetora. Olhe, é óbvio, pelo lugar onde apareceu esta nova prova, que isso não tem nada a ver pessoalmente com Cat. É obviamente político. O que faz com que tenha a ver com meus princípios pessoais, e não com quem Cat possa ter incomodado.

— Então, onde foi que este pôster apareceu? — perguntou Phil.

Karen ficou agradecida pela interrupção. Ele era bom em interromper e guiar as entrevistas em direções mais produtivas quando ela estava correndo o risco de estancar.

— Em uma fazenda em ruínas na Toscana. Parece que o local vinha sendo usado por posseiros. — Ele estendeu o braço na direção da jornalista. — Este é o outro motivo pelo qual a Srta. Richmond está aqui. Foi ela que o encontrou. Sem dúvida, vocês vão querer conversar com ela. — Ele indicou o pôster. — Também vão querer levar isto com vocês. Imagino que farão alguns testes. E, inspetora...?

Karen recuperou o fôlego, diante da arrogância dele.

— Sim?

— Não quero ler a respeito disso no jornal amanhã cedo. — Ele olhou feio para ela como se a desafiasse a responder.

Karen se controlou por um momento, tentando compor uma resposta que abrangesse tudo que ela queria dizer e deixasse de fora qualquer coisa que pudesse ser mal interpretada. A expressão de Grant mudou rapidamente.

— O que quer que comuniquemos à mídia, assim como o momento de qualquer comunicação, será uma decisão operacional — ela disse, por fim. — Será tomada por mim e, quando apropriado, por meus oficiais superiores. Entendo plenamente como tudo isso é doloroso para o senhor, mas sinto muito. Temos de basear nossas decisões naquilo que pensamos que, provavelmente, irá produzir o melhor resultado. O senhor pode nem sempre concordar, mas, infelizmente, não tem nenhum direito de veto. — Ela esperou a explosão, mas esta não se fez. Supôs que ele a estivesse reservando para o Biscoito ou para os chefes dele.

Em vez disso, Grant assentiu.

— Confio em você, inspetora. Tudo que peço é que se comunique com a Srta. Richmond antes, para que possamos nos precaver contra a máfia. — Ele correu os dedos pelos densos cabelos grisalhos num gesto que parecia bem ensaiado. — Tenho muita esperança de que, desta vez, a polícia chegue à verdade. Com todos os avanços nas ciências criminais, vocês devem estar em vantagem com relação ao inspetor Lawson. — Ele se virou, claramente os dispensando.

— Creio que ainda teremos algumas perguntas a lhe fazer — disse Karen, determinada a não ceder todo o controle do encontro. — Se Catriona não tinha inimigos, talvez o senhor pudesse pensar em alguns amigos dela que possam nos ajudar. O sargento Parhatka lhe informará quando eu quiser falar novamente com o senhor. Nesse meio-tempo... Srta. Richmond?

A mulher inclinou a cabeça e sorriu.

— Estou à sua disposição, inspetora.

Até que enfim alguém por ali com uma vaga noção de como as coisas deveriam funcionar.

— Gostaria de vê-la no meu escritório esta tarde. Podemos marcar para as quatro horas?

— Qual é o problema em entrevistar a Srta. Richmond aqui? E agora? — perguntou Grant.

— Esta investigação é minha — disse Karen. — Conduzirei minhas entrevistas onde me convier. E, devido a outros inquéritos em andamento, me convém que seja no meu escritório, esta tarde. Agora, se o senhor nos der licença.

Ela se levantou, notando o divertimento cauteloso da Lady Grant e a desaprovação sombria de Susan Charleson. O próprio Grant permaneceu imóvel feito uma estátua.

— Tudo bem, Susan, eu acompanho os policiais — disse Lady Grant, levantando-se rapidamente e caminhando em direção à porta antes que a assistente recuperasse o autocontrole.

Enquanto a seguiam pelo corredor, Karen disse:

— Isso deve ser muito difícil para a senhora.

Lady Grant voltou-se para eles, andando de costas com a segurança de alguém que conhece cada centímetro de seu território.

— Por que você diz isso?

— Ver seu marido reviver uma época tão difícil... Eu não gostaria de ver alguém de quem eu gostasse passando por tudo isso.

Lady Grant pareceu confusa.

— Ele convive com isso todos os dias, inspetora. Pode ser que não o demonstre, mas não tira isso da cabeça. Às vezes o vejo olhando para nosso filho, Alec, e sei que ele está pensando em como poderia ter sido, com Adam. Pensando no que perdeu. Ter algo novo em que focar é quase um alívio para ele.

Ela girou nos calcanhares e deu-lhes as costas novamente. Enquanto a seguiam, Karen encontrou o olhar de Phil e ficou surpresa com a raiva que viu ali.

— Ainda assim, a senhora não seria humana se uma parte sua não desejasse que nunca encontrássemos Adam são e salvo — Phil disse, a leveza do tom contrastando diretamente com a severidade de sua expressão.

Lady Grant se deteve e voltou-se para eles, franzindo as sobrancelhas. Um rubor rosado subiu por seu pescoço.

— Que diabos você quer dizer com isso?

— Acho que a senhora sabe exatamente o que quero dizer, Lady Grant. Nós encontramos Adam e, de repente, seu filho Alec não é mais o único herdeiro de Brodie — disse Phil. Era preciso ter coragem, pensou Karen, para assumir o papel de para-raios da investigação.

Por um momento, Lady Grant pareceu estar a ponto de estapeá-lo. Karen podia ver seu peito subindo e descendo com o esforço de se controlar. Finalmente, ela se obrigou a assumir a pose habitual de civilidade.

— Na verdade — ela disse secamente —, você está vendo a situação precisamente pelo ângulo errado. O comprometimento absoluto de Brodie em descobrir o destino de seu neto me enche de confiança com relação ao futuro de Alec. Um homem tão preso aos deveres para com sua própria carne e seu próprio sangue jamais decepcionará nosso filho. Acredite se quiser, sargento, a busca de Brodie pela verdade me dá esperança. Não medo. — Ela se virou nos calcanhares e marchou até a porta da frente, que manteve enfaticamente aberta para eles.

Depois que a porta se fechou, Karen disse:

— Caramba, Phil, por que você não diz o que realmente está pensando? O que provocou aquilo?

— Me desculpe. — Ele abriu a porta do passageiro para ela, uma pequena cortesia a que raramente se dava ao trabalho. — Eu já estava cheio de brincar de Miss Marple, a detetive, e aquela palhaçada toda de crime na casa de campo. Tudo muito limpo e civilizado. Só queria ver se conseguia provocar uma reação honesta.

Karen sorriu.

— Acho que se pode dizer que conseguiu. Só espero que não sejamos atingidos pelas faíscas.

Phil bufou.

— Você não fica muito atrás, quando se trata de ser durona. “Esta investigação é minha” — ele a imitou, sem maldade.

Ela se acomodou no carro.

— É, tudo bem. A ilusão de estar no comando. Foi bom, enquanto durou.

Nottingham

As belezas do parque Nottingham Arboretum não só haviam sido obscurecidas como praticamente ficaram invisíveis com a chuva torrencial que cegava o agente Mark Hall enquanto seguia Femi Otitoju, subindo pela trilha que levava ao Campanário Chinês. Ela finalmente havia mostrado alguma emoção, mas não era exatamente o que Mark havia esperado.

Logan Laidlaw tinha ficado ainda menos contente do que Ferguson e Fraser ao vê-los. Ele não só se recusara a permitir que entrassem em seu apartamento, como lhes dissera que não tinha a menor intenção de repetir o que já tinha contado à filha de Mick Prentice.

— Esta droga de vida é curta demais para desperdiçar minha energia falando duas vezes sobre a mesma coisa — ele dissera e, então, batera a porta na cara deles.

Otitoju havia ficado mais púrpura do que uma beterraba em conserva, respirando pesadamente pelo nariz. Cerrou os punhos e chegou a levar o pé para trás como se fosse chutar a porta. Bastante violento, levando em conta que não havia muita violência nela. Mark colocara a mão em seu braço.

— Deixe estar, Femi. Ele está no direito dele. Não é obrigado a falar conosco.

Otitoju dera meia-volta, seu corpo inteiro tenso de raiva.

— Não deveria ser permitido — ela disse. — Eles deveriam ser obrigados a falar com a gente. Deveria ser contra a lei que as pessoas se recusassem a responder a nossas perguntas. Deveria ser crime.

— Ele é uma testemunha, não um criminoso — disse Mark, assustado com a veemência dela. — Foi o que nos disseram em nosso treinamento: policiais por consentimento, não por coerção.

— Isso não está certo — disse Otitoju, voltando furiosamente para o carro. — Eles esperam que a gente solucione crimes, mas não nos dão as ferramentas para fazer o serviço. Que diabos ele pensa que é?

— Ele é alguém cuja opinião sobre a polícia foi gravada em pedra nos idos de 1984. Você nunca viu as reportagens de jornal dessa época? Policiais a cavalo atacavam os piquetes como se fossem cossacos ou coisa parecida. Se usássemos

hoje o cassete de aquele jeito, seríamos presos. Não foi um de nossos melhores momentos. Portanto, não é de surpreender que o Sr. Laidlaw não queira falar conosco.

Ela balançou a cabeça.

— Faz com que eu me pergunte o que ele pode ter a esconder.

O trajeto da casa de Iain Maclean até o Arboretum, cruzando a cidade, não havia ajudado a melhorar o humor dela. Mark a alcançou.

— Deixe isso comigo, o.k.? — ele disse.

— Você acha que não sei conduzir uma entrevista?

— Não, não é isso. Mas conheço o suficiente sobre ex-mineiros para saber que são bastante machistas. Você viu como foi com Ferguson e Fraser... eles não ficaram muito contentes com o fato de você fazer as perguntas.

Otitoju parou abruptamente e atirou a cabeça para trás, deixando que a chuva escorresse por seu rosto como lágrimas geladas. Recompondo-se, suspirou.

— Está bem. Vamos tirar vantagem de seus preconceitos. Você conduz a conversa. — Então, ela voltou a andar, dessa vez num passo mais comedido.

Chegaram ao Campanário Chinês e encontraram dois homens de meia-idade, vestindo macacão da prefeitura e abrigando-se da tempestade. Os pilares estreitos, que davam suporte ao teto elegante, não ofereciam muita proteção aos respingos de chuva espalhados pelas rajadas de vento, mas era melhor do que ficar totalmente exposto.

— Estou procurando Iain Maclean — disse Mark, olhando um e outro.

— Sou eu — disse o mais baixo dos dois, com olhos azuis cintilando no rosto bronzeado. — E quem são vocês?

Mark apresentou os dois.

— Tem algum lugar aonde possamos ir tomar uma xícara de chá?

Os dois homens trocaram um olhar.

— Deveríamos estar podando as margens, mas estávamos prestes a desistir e voltar para as estufas — disse Maclean. — Não há nenhum café por aqui, mas vocês podem nos acompanhar até as estufas, e nós preparamos o chá.

Dez minutos depois, eles estavam espremidos num canto, nos fundos de um amplo túnel de polietileno, e fora do caminho dos demais jardineiros, cujos olhares curiosos se haviam acalmado ao perceberem que não haveria nada espetacular. Um forte cheiro de húmus pairava no ar, lembrando Mark do barracão no jardim de seu avô. Iain Maclean segurou a xícara com as mãos enormes e esperou que eles falassem. Ele não havia mostrado qualquer surpresa com a chegada dos policiais e tampouco lhes havia perguntado por que estavam ali. Mark desconfiava que Fraser ou Ferguson já o tivessem avisado.

— Queremos conversar com você sobre Mick Prentice — ele começou.

— O que tem o Mick? Não o vejo desde que nos mudamos para o sul — disse Maclean.

— Nem você nem mais ninguém — disse Mark. — Todos presumiram que ele houvesse viajado para o sul com vocês, mas não é isso que estão nos dizendo hoje.

Maclean coçou as cerdas prateadas que cobriam sua cabeça num corte de cabelo militar.

— É, bem. Eu tinha ouvido falar que as pessoas achavam isso, lá em Newton. É só para mostrar a você como as pessoas sempre preferem pensar o pior. De jeito nenhum Mick teria se juntado a nós. Não imagino como alguém que o conhecesse poderia pensar isso.

— E você nunca os corrigiu?

— Para quê? Na cabeça deles, eu sou um mineiro fura-greve e desonesto. Nada do que eu pudesse dizer em defesa de alguém teria muito peso, lá em Newton.

— Para ser justo, não é apenas uma questão de tirar conclusões precipitadas. A esposa dele recebia dinheiro ocasionalmente, depois que ele foi embora. O carimbo do correio era de Nottingham. Essa é uma das principais razões pelas quais todos acharam que ele houvesse feito o impensável.

— Não sei qual é a explicação para isso. Mas te digo uma coisa: seria mais fácil Mick Prentice ir para a Lua do que furar a greve.

— Isso é o que todos nos dizem — disse Mark. — Mas as pessoas fazem coisas que parecem insólitas, quando estão desesperadas. E, segundo consta, Mick Prentice estava desesperado.

— Não tanto a ponto de fazer isso.

— Você fez.

Maclean olhou fixamente para sua xícara.

— Fiz. E nunca me envergonhei tanto de algo. Mas minha mulher estava grávida do nosso terceiro filho. Eu sabia que não havia maneira alguma de trazer mais um bebê àquela vida. Então, fiz o que fiz. Eu conversei a respeito com o Mick, antes. — Ele lançou um olhar rápido a Mark. — Éramos amigos, ele e eu. Estudamos juntos na escola. Eu queria explicar para ele por que estava fazendo aquilo. — Ele suspirou. — Ele disse que entendia a minha decisão. Que ele também tinha vontade de ir embora. Mas que furar greve não era para ele. Não sei para onde ele foi; mas eu sei que, com certeza, não foi para outra mina.

— Quando você soube que ele havia desaparecido?

Ele contorceu o rosto enquanto pensava.

— É difícil dizer. Acho que quando minha esposa veio para ficar comigo.

Isso quer dizer que foi por volta de fevereiro. Mas pode ter sido depois disso. Minha esposa, ela ainda tem família lá em Wemyss. Nós não voltamos lá. Não seríamos bem-vindos. As pessoas têm memória boa, sabe? Mas nos mantemos em contato e, às vezes, eles vêm aqui nos visitar. — Um pálido sorriso de desculpa passou por seu rosto. — O sobrinho da minha mulher, ele é estudante na universidade daqui. Está terminando o segundo ano. Ele vem jantar aqui em casa de vez em quando. Então, sim, eu ouvi falar que Mick havia entrado na lista dos desaparecidos, mas não saberia te dizer com certeza quando foi que fiquei sabendo.

— Aonde você acha que ele foi? O que você acha que aconteceu? — Em sua ansiedade, Mark se esqueceu da regra fundamental de fazer apenas uma pergunta por vez. Maclean ignorou ambas.

— Por que cargas d'água vocês ficaram interessados no Mick, assim de repente? — ele perguntou. — Ninguém veio procurar por ele, em todos esses anos. Por que tanto alvoroço agora?

Mark explicou por que Misha Gibson havia, finalmente, informado a polícia sobre o desaparecimento de seu pai. Maclean se mexeu na cadeira, sem jeito, fazendo o chá se derramar sobre os dedos.

— Que coisa horrível. Me lembro de quando a própria Misha não passava de uma garotinha. Gostaria de poder ajudar. Mas não sei para onde ele foi — ele disse. — Como eu falei antes, não o vi mais desde que saí de Newton.

— Ouviu falar alguma coisa sobre ele? — acrescentou Otitoju.

Maclean lhe lançou um olhar duro. Em seu rosto curtido pelo sol, o olhar parecia tão impassível quanto o Monte Rushmore.

— Não tente dar uma de esperta pra cima de mim, querida. Não, não ouvi nada sobre ele. No que me diz respeito, Mick Prentice sumiu do planeta no dia em que vim para cá. E foi exatamente o que esperei que fosse acontecer.

Mark tentou restabelecer a camaradagem, infiltrando solidariedade em sua voz:

— Entendo perfeitamente — disse. — Mas o que você acha que aconteceu com Mick? Você era amigo dele. Se alguém pode pensar numa resposta, esse alguém é você.

Maclean balançou a cabeça.

— Não sei mesmo.

— E se tivesse que fazer uma suposição?

Novamente ele coçou a cabeça.

— Te digo uma coisa. Achei que ele e Andy tivessem fugido juntos. Achei que os dois estivessem cheios, que houvessem ido para algum outro lugar para começar do zero. Vida nova e essas coisas.

Mark se lembrava do nome do amigo de Prentice, que vira no relatório informativo sobre o caso. Mas não houvera qualquer menção de terem fugido juntos.

— Aonde eles iriam? Como poderiam simplesmente desaparecer, sem deixar rastros?

Maclean bateu com o dedo na lateral do nariz.

— Andy era comunista, sabe? E, nessa época, Lech Walesa e o Solidariedade eram importantíssimos na Polônia. Sempre achei que aqueles dois tivessem ido para lá. Havia um monte de minas na Polônia e não iria parecer que eles estivessem furando a greve. De jeito nenhum.

— Polônia? — Mark sentiu que precisava de um curso rápido sobre a história política do século XX.

— Eles estavam tentando derrubar o comunismo totalitário — Otitoju disse, asperamente. — Para substituí-lo por uma espécie de socialismo dos trabalhadores.

Maclean assentiu.

— Isso teria sido bem do gosto de Andy. Acho que ele deve ter convencido Mick a ir com ele. Isso explicaria por que ninguém nunca mais soube deles. Presos nas minas de carvão atrás da Cortina de Ferro.

— Mas já faz algum tempo que essa Cortina de Ferro cheira a naftalina — Mark disse.

— Sim, mas quem sabe que tipo de vida eles conseguiram estabelecer por lá? Poderiam estar casados, com filhos, poderiam ter deixado o passado para trás. Se Mick tivesse uma nova família, não iria querer que a antiga aparecesse do nada, não é?

De repente, Mark teve um daqueles momentos de revelação em que pôde ver o cenário completo.

— Era você quem mandava o dinheiro, não era? Você colocava dinheiro num envelope e enviava a Jenny Prentice, porque achava que Mick não enviaria dinheiro para ela da Polônia.

Maclean pareceu se encolher contra a parede translúcida de polietileno. Seu rosto se franziu tanto, que era difícil ver seus brilhantes olhos azuis.

— Só estava tentando ajudar. Tenho ganhado bem desde que vim para cá. Sempre senti pena de Jenny. Parecia que ela havia ficado com a pior parte porque Mick não teve coragem para assumir suas responsabilidades.

Aquela era uma forma estranha de se expressar, pensou Mark. Ele podia muito bem deixar por isso mesmo; aquele caso não era seu, afinal, e ele não precisaria enfrentar os problemas que poderiam advir de se investigar algo aparentemente sem conexão. Mas, por outro lado, ele queria cumprir aquela

missão da melhor forma possível. Queria explorar a posição de assistente do DIC para conseguir uma transferência permanente para a divisão de detetives. Então, fazer esforços extras era definitivamente parte do seu plano.

— Tem alguma coisa que você não esteja nos dizendo, Iain? — ele perguntou. — Alguma outra razão para Mick ter fugido da forma como fez, sem dizer uma palavra a ninguém?

Maclean tomou o resto do seu chá e colocou a xícara de lado. Suas mãos, desproporcionalmente grandes devido a uma vida inteira de trabalho manual intenso, se entrelaçaram e se soltaram. Ele parecia alguém pouco à vontade com o conteúdo de sua própria mente. Respirou fundo e disse:

— Imagino que agora já não faça diferença. Não se pode punir alguém que já tenha ido desta pra melhor.

Ototoju estava prestes a romper o silêncio de Maclean, mas Mark agarrou seu braço, numa advertência. Ela cedeu, sua boca formou uma linha estreita, e eles esperaram.

Finalmente, Maclean falou.

— Nunca contei isso a ninguém. Até parece que adiantou de alguma coisa manter segredo. Vocês têm de entender, Mick era um defensor ferrenho do sindicato. E, claro, Andy era funcionário em tempo integral do Sindicato Nacional dos Mineradores. Estava totalmente em casa, íntimo dos altos escalões. Não duvido que Andy tenha contado a Mick muitas coisas que talvez não devesse. — Ele deu um sorriso melancólico. — Ele estava sempre tentando impressionar Mick, ser seu melhor amigo. Frequentamos a mesma classe, na escola. Nós três costumávamos andar juntos. Mas você sabe como são os trios. Sempre existe um líder e os outros dois ficam tentando agradá-lo, tentando tirar o outro da jogada. Era assim conosco. Mick no meio, tentando manter a paz. Ele era bom nisso, esperto em encontrar formas de deixar nós dois contentes. Nunca permitia que um de nós ficasse por cima. Bem, não por muito tempo, pelo menos.

Mark podia perceber que Maclean relaxava ao lembrar-se da calma relativa daqueles dias.

— Sei bem o que você quer dizer — ele disse, baixinho.

— Enfim, nós todos continuamos amigos. Eu e minha mulher costumávamos sair com Mick e Jenny, os quatro. Ele e Andy jogavam futebol juntos. Como eu disse, ele era bom em encontrar coisas que faziam com que seus dois amigos se sentissem especiais. Pois então, algumas semanas antes de eu vir para cá, passamos o dia juntos. Caminhamos até o porto de Dysart. Ele montou o cavalete e pintou, e eu pesquei. Contei a ele o que havia planejado fazer, e ele tentou me dissuadir. Mas eu podia ver que ele não estava prestando muita

atenção. Então, perguntei a ele o que o estava incomodando. — Ele parou novamente, seus dedos fortes apoiavam-se uns contra os outros.

— E o que era? — perguntou Mark, inclinando-se para a frente para afastar a presença rígida de Otitoju e fazendo daquele um círculo puramente masculino.

— Ele disse que achava que um dos funcionários do sindicato estava roubando. — Olhou fixamente nos olhos de Mark. Ele podia sentir a terrível traição que havia por trás das palavras de Maclean. — Nós todos estávamos sem um tostão e passando fome, e um dos caras que, supostamente, deveria ficar do nosso lado estava enchendo os próprios bolsos. Pode não parecer muita coisa agora, mas naquela época, isso me abalou profundamente.

Quinta-feira, 30 de novembro de 1984; Dysart

Uma cavala estava puxando seu anzol, mas Iain Maclean não lhe prestava a menor atenção.

— Você só pode estar brincando! — ele disse. — Ninguém faria uma coisa dessas.

Mick Prentice deu de ombros, sem tirar os olhos do papel grosso preso em seu cavalete.

— Você não precisa acreditar em mim. Eu sei o que sei.

— Você deve ter entendido errado. Nenhum funcionário do sindicato roubaria da gente. Não aqui. Não agora. — Maclean parecia estar à beira das lágrimas.

— Olhe, vou lhe contar o que sei. — Mick passou o pincel rapidamente pelo papel, deixando uma mancha de cor ao longo do horizonte. — Eu estava no escritório na terça passada. Andy tinha me pedido para ir lá ajudá-lo com os requerimentos da assistência, então eu estava folheando as cartas que havíamos recebido. Digo uma coisa a você: ver o que as pessoas estavam passando era de partir o coração. — Ele limpou o pincel e misturou uma cor cinza esverdeada em sua palheta de bolso. — Então, estou eu lá naquele cubículo, ao lado do escritório principal, examinando essas coisas, e esse outro funcionário está lá na frente. Enfim, vem uma mulher de Lundin Links. Terninho de lã e uma boina idiota de pelo de angorá. Você conhece o tipo: a ricaça metida a Madre Teresa de Calcutá. Ela disse que eles haviam realizado um café da manhã beneficente no clube de golfe e que tinham arrecadado 232 libras para ajudar as famílias pobres dos mineiros em greve.

— Fizeram muito bem — disse Maclean. — Melhor vir diretamente até nós do que falar com aquela maldita equipe da Thatcher.

— Certamente. Então, ele lhe agradece e ela vai embora. Agora, eu não vi exatamente para onde foi o dinheiro, mas posso lhe dizer que não foi para dentro do cofre.

— Ah, tenha dó, Mick. Isso não prova nada. Pode ser que o cara tenha levado diretamente para a subseção do sindicato. Ou para o banco.

— Sei. — Mick deu uma risada sem humor nenhum. — Como se, nos dias de hoje colocássemos dinheiro no banco com os confiscadores atrás da gente.

— Mesmo assim — disse Maclean, sentindo-se ofendido, por alguma razão.

— Olhe, se fosse só isso, eu não teria me incomodado. Mas tem mais. Uma

das tarefas de Andy é manter um registro do dinheiro que vem de doações e coisas do tipo. Todo esse dinheiro deve ser repassado para a subseção. Não sei o que acontece com ele, então, se volta para a gente em forma de doações ou se vai parar na corte do Rei Arthur, escondido em alguma maldita conta bancária na Suíça. Mas qualquer pessoa que arrecade dinheiro deve dizer a Andy, e ele anota num livrinho.

Maclean assentiu.

— Me lembro de ter de dizer a ele quanto tínhamos conseguido juntar, quando fizemos as arrecadações na rua, no último verão.

Mick fez uma breve pausa e olhou para o ponto onde o mar se encontrava com a terra.

— Eu estava na casa de Andy, na outra noite. O livro estava em cima da mesa. E a doação de Lundin Links não estava anotada nele.

Maclean puxou a linha com tanta força que quase perdeu o peixe.

— Merda — ele disse, girando a carretilha furiosamente. — Talvez Andy estivesse atrasado com as anotações.

— Gostaria que fosse tão simples assim. Mas não é isso. As últimas anotações no livro de Andy eram de quatro dias depois que aquele dinheiro foi entregue.

Maclean jogou a vara nas lajotas de pedra a seus pés. Ele podia sentir as lágrimas queimando nos olhos.

— Que porra de situação desgraçada. E você espera que eu sinta remorso por estar indo para Nottingham? Pelo menos é trabalho honesto, por um pagamento honesto, e não roubo. Não posso acreditar numa coisa dessas.

— Eu também não. Mas de que outra forma se poderia explicar isso? — Mick balançou a cabeça. — E vindo de um cara que ainda está recebendo salário.

— Quem é ele?

— Não posso lhe dizer. Não até que tenha decidido o que fazer a respeito.

— É óbvio o que você tem de fazer. Tem que contar ao Andy. Se houver uma explicação inocente, ele saberá.

— Não posso contar ao Andy — Mick protestou. — Jesus, às vezes sinto vontade de fugir desta merda de confusão toda. Passar a régua e começar do zero em outro lugar. — Ele balançou a cabeça. — Não posso contar a Andy, Iain. Ele já está deprimido. Se eu contar isso, poderia estar empurrando-o de uma vez para o fundo do abismo.

— Bem, conte para outra pessoa, então. Para alguém da subseção. Você tem que pegar esse filho da puta. Quem é ele? Me conte. Mais algumas semanas e estarei longe daqui. Para quem eu iria contar? — Maclean sentia a necessidade

de saber queimando-o por dentro. Era mais uma coisa que o ajudaria a acreditar que estava fazendo a coisa certa. — Me conte, Mick.

O vento fez o cabelo de Mick entrar em seus olhos, salvando-o do desespero no rosto de Maclean. Mas a necessidade de compartilhar seu fardo era pesada demais para ignorar. Ele afastou o cabelo e olhou nos olhos do amigo.

— Ben Reekie.

Sexta-feira, 29 de junho de 2007; Glenrothes

Karen tinha de admitir que estava impressionada. Não só a equipe de Nottingham havia feito um excelente trabalho, mas a agente Femi Otitoju tinha digitado seu relatório e o enviado por e-mail em tempo recorde. Veja bem, pensou Karen, eu provavelmente teria feito a mesma coisa, no lugar dela. Dada a qualidade das informações que ela e seu parceiro haviam conseguido obter, qualquer policial candidato ao DIG ficaria desesperado para tirar a maior vantagem possível.

E realmente havia algo ali para explorar ao máximo. A agente Otitoju e seu colega em Nottingham haviam descoberto quem tinha confundido a todos, enviando dinheiro a Jenny Prentice. E, crucialmente, ela também tinha fornecido a primeira resposta possível à questão de quem ficaria feliz ao ver Mick Prentice pelas costas. Os ânimos andaram bastante exaltados na época, e a impopularidade do sindicato crescia em várias partes. A violência já havia irrompido mais vezes do que se poderia contar, e nem sempre entre a polícia e os grevistas. Mick Prentice poderia ter sido consumido pelo fogo com o qual brincava. Caso houvesse confrontado Ben Reekie com o que sabia, se ele fosse culpado da acusação e se Andy Kerr tivesse sido arrastado para a confusão, devido à sua conexão com os outros dois, então, havia motivo para Reekie se livrar dos dois homens, que desapareceram aproximadamente na mesma época. Talvez Angie Kerr estivesse certa a respeito do irmão. Talvez ele não tivesse se matado. Talvez Mick Prentice e Andy Kerr fossem vítimas de um assassino — ou assassinos — desesperado para proteger a reputação de um funcionário desonesto do sindicato.

Karen estremeceu.

— É imaginação demais — ela disse, em voz alta.

— O quê? — Phil afastou os olhos da tela do computador, franzindo a testa.

— Desculpe. Só estou me dando uma bronca por ser melodramática demais. Mas lhe digo uma coisa, se essa Femi Otitoju algum dia decidir se mudar para o norte, vou colocá-la no lugar do Novo em Folha tão rápido que ele não vai nem saber o que está acontecendo.

— Não que isso seja muito difícil — disse Phil. — A propósito, o que você está fazendo aqui? Não deveria estar conversando com a adorável Srta. Richmond?

— Ela deixou um recado. — Karen olhou para seu relógio. — Chegará dentro de alguns minutos.

— Por que o atraso?

— Parece que teve que conversar com o advogado de algum jornal sobre um artigo que ela escreveu.

Phil reclamou.

— Que nem o tal do Brodie Grant. Ainda pensam que somos da classe serviçal, aqueles lá. Talvez você devesse deixá-la esperando.

— Não posso me dar ao luxo de entrar nesse jogo idiota. Olhe só isto aqui. O parágrafo que eu marquei. — Ela passou o relatório de Otitoju para Phil e esperou que ele o lesse. Assim que ele levantou os olhos da página, ela disse: — Alguém afirmando que viu Mick Prentice umas doze horas depois de ele ter saído de casa. E parece que ele não estava agindo de forma normal.

— Que estranho. Se ele estava fugindo, por que ainda estaria por ali, àquela hora da noite? Onde havia estado antes? E para onde estava indo? O que estava esperando? — Phil coçou o queixo. — Não faz nenhum sentido para mim.

— Nem para mim. Mas vamos ter que tentar descobrir. Vou acrescentar à minha lista — ela suspirou. — Um pouco abaixo de “ter uma conversa decente com a polícia italiana”.

— Pensei que você houvesse conversado com eles.

Ela assentiu.

— Com um policial no quartel-general de Siena, um cara chamado di Stefano, com quem Peter Spinks, da Proteção Infantil, trabalhou há uns anos. Ele fala inglês razoavelmente bem, mas precisa de mais informações.

— Então, você vai entrar em contato com eles novamente na segunda-feira?

Karen assentiu.

— Isso. Ele disse para não esperarmos encontrar ninguém no escritório deles depois das duas da tarde de uma sexta-feira.

— Será ótimo, se você conseguir — disse Phil. — Falando nisso, quer ir tomar um drinque rápido depois que terminar a conversa com Annabel Richmond? Tenho que ir jantar na casa do meu irmão, mas tenho tempo para uma cervejinha.

Karen ficou dividida. A perspectiva de um drinque com Phil sempre a atraía, mas sua ausência do escritório significava que a papelada administrativa tinha ficado esquecida por tempo demais. E ela não poderia colocar tudo em ordem no dia seguinte porque eles iriam até as cavernas. Entreteve-se com a ideia de dar uma escapadinha para um drinque rápido e, depois, voltar para o escritório. Mas se conhecia bem o suficiente para saber que, uma vez que houvesse escapado de sua mesa, encontraria qualquer desculpa para evitar ter de retornar o serviço burocrático.

— Desculpe — ela disse. — Tenho que botar a casa em ordem.

— Quem sabe amanhã, então? Poderíamos nos dar de presente um almoço no Laird o' Wemyss.

Karen riu.

— Você ganhou na loteria? Sabe quanto custa comer naquele lugar?

Phil piscou.

— Eu sei que eles têm uma promoção de almoço no último sábado de cada mês. Que seria amanhã.

— E pensei que fosse eu a detetive por aqui. O.k., estamos combinados. — Karen voltou sua atenção para as anotações, certificando-se de que sabia exatamente o que perguntar a Annabel Richmond.

O telefone de Karen tocou cinco minutos antes da hora combinada. A jornalista havia chegado. Ela pediu a um policial uniformizado que conduzisse Richmond até a sala de entrevistas onde havia se encontrado com Misha Gibson; então, juntou seus papéis e desceu a escadaria. Entrou na sala e se deparou com sua testemunha inclinada na janela e olhando para fora, para os escassos filamentos de nuvens que se espalhavam pelo céu.

— Obrigada por ter vindo, Srta. Richmond — disse Karen.

Ela se virou, o sorriso aparentemente genuíno.

— Me chame de Bel, por favor — disse. — Eu é que deveria lhe agradecer por ser tão gentil. Agradeço muito sua flexibilidade. — Ela foi até a mesa e se sentou, os dedos entrelaçados, parecendo relaxada. — Espero não tê-la obrigado a ficar até mais tarde.

Karen se perguntou quando tinha sido a última vez que chegara em casa às cinco numa sexta-feira e não pôde se lembrar.

— Até parece — ela disse.

O riso de Bel era cálido e conspirador.

— Imagino. Desconfio que seu trabalho tenha muita coisa a ver com o meu. Devo dizer, a propósito, que estou impressionada.

Karen sabia que se tratava de um truque, mas mordeu a isca mesmo assim.

— Impressionada com o quê?

— Com o poder de influência de Brodie Grant. Não imaginei que estaria lidando com a mulher que colocou Jimmy Lawson atrás das grades.

Karen sentiu o rubor subindo por seu pescoço, sabia que devia estar toda vermelha e feia e quis chutar os móveis.

— Não gosto de falar sobre isso — ela disse.

De novo, a risada agradável e convidativa.

— Imagino que não seja um tema de conversa muito popular entre você e seus colegas. Saber que você foi responsável por atribuir três assassinatos a seu chefe deve fazer com que todos fiquem mais atentos do que de costume.

Ela falava como se Karen tivesse armado para que ele parecesse culpado. Na verdade, depois que Karen se viu instigada a pensar o impensável, as provas haviam estado logo ali, esperando para serem descobertas. Um estupro e um assassinato de vinte e cinco anos atrás, e duas mortes frescas para encobrir o delito anterior. Não enquadrar Lawson é que teria sido armação. Era tentador dizer exatamente isso para Bel Richmond. Mas Karen sabia que responder daria início a uma conversa que só poderia levar a lugares que ela não queria revisitar.

— Como eu disse, não falo sobre esse assunto. — Bel inclinou a cabeça e deu um sorriso que Karen interpretou como triste, porém confiante. Não uma derrota, mas um adiamento. Karen sorriu internamente, sabendo que a jornalista estava errada sobre aquilo.

— Então, como você prefere conduzir isso, inspetora Pirie? — perguntou Bel.

Recusando-se impassivelmente a ser seduzida pelo charme de Bel, Karen manteve seu tom profissional.

— O que preciso neste momento é que você seja meus olhos e ouvidos e me relate o que aconteceu, passo a passo. Como encontrou o pôster, onde o encontrou. A história completa. Todos os detalhes de que possa se lembrar.

— Começou com a minha corrida matinal — Bel iniciou.

Karen ouviu atentamente enquanto ela narrava a história de sua descoberta, mais uma vez. Tomou notas, rascunhando perguntas para fazer posteriormente. Bel parecia sincera e meticulosa em sua narrativa, e Karen sabia que não deveria interromper o fluxo de pensamento de uma testemunha obsequiosa. Os únicos ruídos que emitiu foram murmúrios de encorajamento.

Finalmente, Bel chegou ao término da narrativa.

— Para ser sincera, fiquei surpresa de você ter reconhecido o pôster de imediato — disse Karen. — Não tenho certeza de que eu o reconheceria.

Bel deu de ombros.

— Sou redatora freelance, inspetora. Na época, essa história ficou famosíssima. Eu estava começando a pensar em ser jornalista e andava prestando mais atenção aos jornais e noticiários. Mais do que as pessoas fazem, normalmente. Imagino que a imagem tenha ficado retida nos recantos mais profundos do meu cérebro.

— Posso entender que isso tenha acontecido. Mas, como você sabia do significado do pôster, fico surpresa por não tê-lo trazido diretamente para nós, em vez de levá-lo a Sir Broderick. — Karen deixou que a acusação não proferida pairasse entre elas.

A resposta de Bel foi tranquila.

— Por duas razões, na verdade. Em primeiro lugar, eu não fazia ideia de

quem contatar. Achei que, se simplesmente entrasse na minha delegacia de polícia local, o assunto poderia não ser tratado com muita seriedade. E, segundo, a última coisa que eu queria fazer era desperdiçar o tempo da polícia. Pelo que eu sabia, aquela poderia ser apenas uma cópia mórbida. Deduzi que Sir Broderick e seu pessoal saberiam de imediato se era algo a ser levado a sério ou não.

Resposta astuta, pensou Karen. Não que ela esperasse que Bel Richmond admitisse qualquer interesse na recompensa substancial que Brodie Grant ainda oferecia. Nem na perspectiva de ganhar um acesso incomparável à fonte de informações perfeita.

— Muito bem — ela continuou. — Agora, você disse que teve a impressão de que quem quer que estivesse morando lá houvesse saído às pressas. E você me falou que havia algo parecido a uma mancha de sangue na cozinha. Pareceu a você que essas duas coisas estavam relacionadas?

Um momento de silêncio e, então, Bel disse:

— Não sei ao certo como eu poderia julgar isso.

— Se a mancha no chão era antiga, ou se não era sangue, ela poderia ser simplesmente parte do cenário. Marca de cadeiras, esse tipo de coisa.

— Ah, certo. Sim, eu não havia pensado nesses termos. Não, não acho que fosse parte do cenário. Havia uma cadeira virada perto da mancha. — Ela falava devagar, obviamente revendo a cena em sua mente. — Em uma parte da mancha, parecia que alguém havia tentado limpá-la, mas depois percebeu que não adiantaria. O chão é feito de lajotas de pedra, não de azulejos vitrificados. Então, a pedra absorveu o sangue.

— Havia outros pôsteres ou outros materiais impressos?

— Não que eu tivesse visto. Mas não vasculhei o lugar todo. Para ser honesta, o pôster me assustou tanto que mal podia esperar para sair de lá. — Ela deu uma risadinha. — Não sou exatamente a imagem do intrépido repórter investigativo, sou?

Karen não podia se dar ao trabalho de alimentar o ego dela.

— O pôster a assustou? Não o sangue?

Mais uma vez, uma pausa para pensar.

— Sabe de uma coisa? Isso não tinha me passado pela cabeça até agora. Você tem razão. Foi mesmo o pôster, não o sangue. E não sei muito bem por quê.

Sábado, 30 de junho de 2007; East Wemyss

O quebra-mar era novo, feito depois da última vez que Karen estivera em East Wemyss. Ela havia deliberadamente chegado cedo para poder caminhar pela parte baixa do vilarejo. Eles tinham percorrido a orla algumas vezes, entre ali e Buckhaven, quando ela era pequena. Lembrava-se de um lugar velho e caindo aos pedaços, pobre e abandonado. Agora, estava reformado e moderno, as casas antigas haviam sido caiadas de branco ou pintadas em tom de arenito vermelho, e as novas pareciam recém-construídas. A igreja desconsagrada de St. Mary's-by-the-Sea tinha sido salva da dilapidação e transformada em uma casa particular. Graças à União Europeia, construíra-se um quebra-mar com blocos robustos de pedra local para manter o famoso "Firth of Forth", o estuário do rio Forth, sob controle. Ela seguiu pela rua Back Dykes, tentando se localizar. O bosque atrás da casa paroquial tinha desaparecido, substituído por casas novas. O mesmo havia acontecido com as fábricas antigas. A paisagem do horizonte à sua frente fora modificada, agora que o elevador do poço da mina e a pilha de carvão não estavam mais lá. Se ela não soubesse que era o mesmo lugar, não o teria reconhecido tão facilmente.

Porém, tinha de admitir que era uma melhora. Era fácil ser sentimental com relação ao passado e se esquecer das condições terríveis em que tantas pessoas tinham sido forçadas a viver. Também elas foram escravas da economia, obrigadas pela pobreza a comprar apenas nos estabelecimentos locais. Mesmo a cooperativa, supostamente criada para o benefício de seus membros, era mais cara, se comparada às lojas da Kirkcaldy High Street. Fora um estilo de vida muito duro, cujo único benefício real era o espírito de comunidade. A perda dessa pequena compensação deve ter sido um golpe fatal para Jenny Prentice.

Karen voltou para o estacionamento, olhando através do litoral para o costão de arenito vermelho listrado que marcava o início da cadeia de cavernas profundas, agrupadas ao longo da margem do penhasco. Em sua memória, elas ficavam bastante separadas do vilarejo, mas agora havia uma fileira de casas novas encostadas na extremidade exterior da caverna Court. E havia postos de informações para turistas, contando sobre os cinco mil anos de história de habitação das cavernas. Os pictos tinham vivido ali. Os escoceses primitivos as tinham utilizado como ferrarias e fábrica de vidros. A parede do fundo da caverna Doo fora perfurada por dúzias de buracos de pombas. Ao longo dos tempos, as cavernas haviam sido usadas pelos moradores locais para fins tão diversos quanto reuniões políticas clandestinas, piqueniques familiares em dias

chuvosos e encontros românticos. Karen nunca havia tirado a calcinha lá, mas conhecia várias garotas que o haviam feito e nem por isso pensava mal delas.

Ao voltar, ela viu o carro de Phil parar onde o asfalto dava lugar à trilha litorânea. Hora de explorar uma conjunção diferente entre passado e presente. Quando chegou ao estacionamento, Phil estava acompanhado de um homem alto e curvado, de careca brilhante e vestindo o tipo de jaqueta e calça que a classe média sentia necessidade de comprar antes de qualquer tentativa de fazer uma caminhada mais longa do que a ida até o pub local. Cheia de zíperes e bolsos e num material de alta tecnologia. Nenhuma das pessoas com quem Karen havia crescido precisava de roupas ou botas especiais para caminhar. Você simplesmente saía para caminhar com suas roupas normais, talvez acrescentando uma camada extra, no inverno. O que não os impedia de percorrer treze ou catorze quilômetros antes do jantar.

Karen se conteve mentalmente ao aproximar-se dos dois homens. Às vezes, assustava-se consigo mesma, ao pensar como sua avó. Phil a apresentou ao outro homem, Arnold Haigh.

— Sou secretário da Sociedade de Preservação das Cavernas de Wemyss desde 1981 — ele disse, com orgulho, num sotaque que tinha suas raízes a algumas centenas de quilômetros ao sul de Fife. Seu rosto era comprido e fino, com um nariz arrebitado incompatível com suas feições e dentes que resplandeciam, num branco pouco natural, em contraste com a pele maltratada pelo sol.

— Isso é que é dedicação — disse Karen.

— Mais ou menos. — Haigh deu uma risadinha. — Mais ninguém quis o trabalho. Sobre o que exatamente você quer falar comigo? Quer dizer, sei que é a respeito de Mick Prentice, mas há anos que nem sequer pensava nele.

— Por que não vamos dar uma olhada nas cavernas e conversamos no caminho? — sugeriu Karen.

— Certamente — disse Haigh com cortesia. — Podemos parar nas cavernas Court e Doo e, depois, tomar uma xícara de café na caverna Thane's.

— Uma xícara de café? — Phil pareceu achar graça. — Tem um café aqui embaixo?

Haigh deu outra risadinha.

— Desculpe, sargento. Nada de tão grandioso assim. A caverna Thane's foi fechada ao público depois do desmoronamento de 1985, mas a sociedade tem as chaves das grades. Achamos que seria apropriado manter a tradição de dar às cavernas alguma função, então fizemos uma pequena área como sede do clube, numa parte segura. É tudo muito improvisado, mas nós gostamos muito do lugar. — Ele foi caminhando em direção à primeira caverna, sem ver o olhar de fingido

horror que Phil lançou para Karen.

O primeiro sinal de que as rochas não eram muito sólidas era um buraco no arenito, que havia sido fechado com tijolos, anos antes. Alguns tijolos estavam faltando, revelando a escuridão lá dentro.

— Aquela abertura e a passagem por trás dela foram feitas pelo homem — Haigh disse, apontando para os tijolos. — Como podem ver, a caverna Court se projeta mais que as outras. No século XIX, a maré alta chegava à boca da caverna, separando East Wemyss de Buckhaven. As moças que limpavam os arenques não podiam ir de uma vila à outra durante a maré alta; então, abriram uma passagem através do lado oeste da caverna, que permitia a elas percorrerem a orla em segurança. Agora, se vocês me seguirem, entraremos pela entrada leste.

Ao dizer “podemos ir conversando no caminho”, não era bem isso que Karen tinha em mente. No entanto, como estavam fazendo aquilo em seu próprio tempo, pela primeira vez não havia pressa e, se pudesse tranquilizar Haigh, talvez funcionasse em seu favor. Feliz por haver escolhido jeans e tênis, ela seguiu os homens pela frente da caverna e subiu uma trilha, ao lado de uma cerca baixa. Perto da entrada da caverna, a cerca fora pisoteada; eles passaram por cima dos arames retorcidos e entraram na caverna, onde o chão de terra batida estava surpreendentemente seco, apesar da chuva que havia caído nas semanas anteriores. O fato de o teto estar escorado por uma coluna de tijolos com o aviso PERIGO: ENTRADA PROIBIDA não era muito tranquilizador.

— Algumas pessoas acreditam que quem deu esse nome à caverna foi o rei James V, que gostava de andar, disfarçado, no meio dos seus súditos — disse Haigh, enquanto acendia uma lanterna potente e iluminava o teto. — Dizem que ele realizava cortejos aqui, entre os ciganos que a habitavam na época. Mas eu acho que é mais provável que aqui fosse onde as cortes baroniais eram conduzidas, durante a Idade Média.

Phil perambulava de um lado para outro, sua expressão ansiosa era como a de um garotinho no melhor dia de passeio escolar de sua vida.

— Até onde ela vai?

— Depois de uns vinte metros, o chão encontra-se com o teto. Havia uma passagem que seguia por uns cinco quilômetros em direção ao interior, até Kennoway, mas um desabamento do teto fechou a abertura deste lado; então, a entrada de Kennoway foi vedada por questões de segurança. Faz a gente pensar, não? O que estavam aprontando por aqui para precisar de uma passagem secreta até Kennoway? — Haigh deu sua risadinha novamente. Karen só pensava em quão irritada aquela risadinha dele a deixaria até que terminassem a entrevista.

Ela deixou os homens explorando a caverna e voltou para o ar fresco. O céu

estava salpicado de cinza, com promessa de chuva. O mar refletia o céu e acrescentava mais alguns tons cinzentos próprios. Ela se voltou para o exuberante verde da vegetação de verão e para as cores brilhantes do arenito, ambas ainda vibrantes a despeito da melancolia do clima. Não demorou muito e Phil apareceu, com Haigh ainda falando às suas costas. Ele deu a Karen um sorriso arrependido; ela lhe devolveu um rosto impassível.

Em seguida, foram à caverna Doo e ouviram uma palestra sobre a necessidade histórica de se criar pombos para ter carne fresca durante o inverno. Karen escutava apenas parcialmente e, quando Haigh fez uma pausa, ela disse:

— As cores aqui são incríveis. Mick costumava pintar dentro das cavernas?

Haigh pareceu espantado pela pergunta.

— Sim, na verdade, ele pintava, sim. Algumas de suas aquarelas estão à mostra no centro de informações sobre as cavernas. É a variedade de sais minerais na rocha que cria cores tão vívidas.

Antes que ele pudesse entrar em cheio naquele assunto, Karen fez outra pergunta:

— Ele vinha muito aqui durante a greve?

— Não muito. Acredito que ele estivesse colaborando nos piquetes móveis, no começo. Mas não o víamos mais do que o normal. Menos, até, conforme foram passando o outono e o inverno.

— Ele disse o porquê disso?

Haigh não demonstrou qualquer expressão.

— Não. Nunca me passou pela cabeça perguntar a ele. Nós todos somos voluntários, fazemos aquilo que podemos.

— Vamos tomar aquele café agora? — sugeriu Phil, em sua luta entre o dever e o prazer, óbvia para Karen, embora não, graças a Deus, para Haigh.

— Boa ideia — disse Karen, conduzindo-os de volta à luz do dia. Chegar até a caverna Thane's era mais difícil, envolvia uma escalada pelas pedras e pelo concreto que serviam como quebra-ondas rudimentar, entre o mar e o pé dos rochedos. Karen se lembrava da praia mais para baixo, do mar não tão próximo e foi o que ela disse.

Haigh concordou, explicando que, no decorrer dos anos, o nível do mar havia subido, em parte por causa dos detritos das minas de carvão.

— Ouvi alguns dos antigos moradores dizerem que havia areia dourada aqui, quando eles eram pequenos. Agora é difícil de acreditar — ele disse, acenando na direção do granulado negro, produzido por minúsculos fragmentos de carvão que enchiam todos os vãos entre as rochas e os calhaus.

Eles emergiram num semicírculo gramado. Assentada sobre o rochedo acima deles estava a única torre restante do Castelo Macduff. Outra coisa de que

Karen se lembrava, de sua infância. Tinham existido mais ruínas em volta da torre, mas haviam sido removidas pela prefeitura por questões de salubridade e segurança, alguns anos antes. Ela se lembrava de seu pai reclamando sobre isso, na época.

Na base do penhasco havia várias aberturas. Haigh se dirigiu a uma robusta grade de metal que protegia uma entrada estreita de pouco mais de um metro e meio de altura. Destrancou o cadeado e lhes pediu para esperar. Ele entrou e desapareceu numa curva na passagem estreita. Voltou quase imediatamente com três capacetes de construção. Sentindo-se uma idiota, Karen colocou um e o seguiu para dentro. Os primeiros metros do caminho eram estreitos, e ela escutou Phil reclamando atrás dela ao bater o cotovelo na parede. Mas logo se abria para uma câmara ampla cujo teto desaparecia na escuridão.

Haigh enfiou a mão num nicho na parede e, de repente, a luz amarelada das lâmpadas à bateria emitiu um brilho suave pela caverna. Meia dúzia de cadeiras bamboleantes de madeira rodeavam uma mesa com tampo de fórmica. Numa prateleira funda, a cerca de um metro do chão havia um fogareiro de acampamento, meia dúzia de litros de água e canecas. Os ingredientes para fazer chá e café estavam fechados em recipientes plásticos. Karen olhou ao redor e imediatamente soube que o grupo de preservação das cavernas era formado basicamente de homens.

— Muito aconchegante — ela disse.

— Parece que havia uma passagem secreta desta caverna até o castelo acima — disse Haigh. — Diz a lenda que foi assim que Macduff escapou quando voltou para casa e encontrou sua mulher e seus filhos assassinados e Macbeth no controle. — Ele indicou as cadeiras. — Sentem-se, por favor — disse, ocupando-se com o fogareiro e com a chaleira. — Então, por que o interesse em Mick depois de todo esse tempo?

— A filha dele só agora informou sobre seu desaparecimento — disse Phil. Haigh voltou-se, perplexo.

— Mas ele não está desaparecido, não é mesmo? Pensei que ele tinha ido para Nottingham com outro grupo de rapazes. Boa sorte para eles, eu pensei. Aqui não havia nada além de miséria, naquele tempo.

— Você não desaprovava os mineiros fura-greves, então? — Karen perguntou, tentando não parecer ácida demais.

A risadinha de Haigh ecoou de forma sinistra.

— Não me leve a mal. Não tenho nada contra os sindicatos. Os trabalhadores merecem ser tratados decentemente por seus empregadores. Mas os mineiros foram traídos por aquele egocêntrico interesseiro do Arthur Scargill. Um verdadeiro exemplo de leões liderados por um burro. Eu vi esta comunidade

se desfazer. Vi um sofrimento terrível. E tudo por nada. — Ele colocou colheradas de café nas canecas, balançando a cabeça. — Sentia muita pena dos homens e de suas famílias. Fiz o que podia... eu era gerente regional de uma importadora alimentícia e trazia para a vila o máximo de amostras que conseguia. Mas era só uma gota d'água no oceano. Eu compreendi bem por que Mick e seus amigos fizeram o que fizeram.

— Você não achou que havia algo de egoísta no fato de ele deixar a mulher e a filha para trás? Sem saber o que tinha acontecido com ele?

Haigh deu de ombros, de costas para eles.

— Para ser sincero, não sabia muito sobre sua situação pessoal. Ele não discutia sua vida doméstica.

— Sobre o que ele falava? — perguntou Karen.

Haigh trouxe até eles dois potinhos de plástico, um contendo sachês de açúcar surrupiados de lanchonetes de postos de gasolina e quartos de hotel, e o outro, cheio de potinhos de creme para misturar ao café, vindos das mesmas fontes.

— Não me lembro, então era provavelmente o de sempre. Futebol. Tevê. Projetos para arrecadar dinheiro para restaurações nas cavernas. Teorias a respeito do significado dos entalhes. — A risadinha. — Desconfio que pareçamos um pouco tolos para os de fora, inspetora. A maioria das pessoas que têm um hobby parece.

Karen pensou em mentir, mas não quis se dar ao trabalho.

— Só estou tentando obter uma impressão de como era Mick Prentice.

— Sempre achei que ele era um cara decente e sincero. — Haigh trouxe os cafés, tomando um cuidado exagerado para não derramar nem uma gota. — Para ser sincero, com exceção das cavernas, não tínhamos muito mais em comum. Eu o achava, no entanto, um pintor talentoso. Todos nós o encorajávamos a retratar as cavernas, por dentro e por fora. Parecia apropriado ter um registro artístico, já que a principal fama das cavernas se deve aos entalhes pictos. Alguns dos melhores estão aqui na caverna Thane's. — Ele pegou sua lanterna e a apontou para um ponto preciso na parede. Nem precisou pensar para fazer aquilo. Diretamente na linha do fecho de luz, eles puderam ver a forma inconfundível de um peixe, com o rabo para baixo, entalhada na rocha. Em seguida, ele revelou um cavalo correndo e algo que podia ter sido um cão ou um cervo. — Nós perdemos alguns desenhos em baixo-relevo no desmoronamento de 1985, mas, por sorte, Mick havia feito algumas pinturas deles não muito antes.

— Onde ocorreu o desmoronamento? — perguntou Phil, olhando para o fundo da caverna.

Haigh os conduziu até o canto mais distante, onde uma pilha de pedras

quase chegava até o teto.

— Havia uma segunda câmara pequena conectada por uma passagem curta. — Phil deu um passo à frente para olhar mais de perto, mas Haigh agarrou-o pelo braço e o puxou para trás. — Cuidado — ele disse. — Onde houve uma queda recente, nunca podemos saber quão seguro é o teto.

— É incomum que haja um desmoronamento? — perguntou Karen.

— Grande como este? Costumavam acontecer regularmente quando a mina Michael ainda estava funcionando. Mas a mina fechou em 1967, e depois...

— Eu sei sobre o desastre da mina Michael — Karen interrompeu. — Cresci em Methil.

— É claro. — Haigh pareceu sentir-se devidamente censurado. — Bem, desde que eles pararam de trabalhar no subterrâneo, não houve muito movimento nas cavernas. Não temos um desmoronamento grande desde este aqui, na verdade.

Karen sentiu a fisgada de seu instinto policial.

— Quando exatamente aconteceu o desmoronamento? — ela perguntou, lentamente.

Haigh pareceu surpreso com sua linha de questionamento, lançando a Phil um olhar que sugeria uma cumplicidade masculina.

— Bem, não temos como ser precisos sobre isso. Para ser sincero, de meados de dezembro a meados de janeiro, não há praticamente movimento por aqui. Natal e Ano-Novo e tudo mais. As pessoas estão ocupadas, viajam. Só o que podemos dizer, com alguma certeza, é que a passagem estava aberta no dia 7 de dezembro. Um dos nossos membros esteve aqui naquele dia, tomando medidas detalhadas para uma proposta de subvenção. Pelo que sabemos, eu fui a pessoa seguinte a entrar na caverna. O aniversário da minha esposa é dia 24 de janeiro, e alguns amigos vieram de Londres nos visitar. Eu os trouxe aqui para ver as cavernas e foi então que descobri o desmoronamento. Foi um choque e tanto. Claro, eu os tirei daqui o mais rápido possível e chamei a prefeitura quando voltamos para casa.

— Então, em algum momento entre 7 de dezembro de 1984 e 24 de janeiro de 1985, o teto caiu? — Karen queria ter certeza de que entendera corretamente. Dois e dois estavam começando a se somar em sua cabeça e tinha quase certeza de que não daria cinco.

— Isso mesmo. Embora eu, particularmente, ache que tenha sido mais próximo do dia 7 de dezembro — disse Haigh. — O ar já estava limpo na caverna. E demora muito mais do que você imagina. Poderia se dizer que a poeira havia assentado totalmente.

Newton of Wemyss

Phil olhou para Karen com preocupação. Na frente dela havia um empadão recheado de peito de pombo, perfeitamente apresentado, rodeado por minúsculas batatas e por uma torre de minicenouras assadas e abobrinhas. O Laird o' Wemyss estava superando sua reputação. Mas o prato já estava parado na frente de Karen havia pelo menos um minuto e ela nem sequer tinha levantado os talheres. Em vez de comer com apetite, estava olhando fixamente para o prato, com uma ruga profunda entre as sobrancelhas.

— Você está bem? — ele perguntou cautelosamente. Às vezes, as mulheres se comportavam de formas estranhas e imprevisíveis, quando em presença de comida.

— Pombos — ela disse. — Cavernas. Não consigo tirar aquele desmoronamento da cabeça.

— E o que tem isso? Cavernas desmoronam. É por isso que existem avisos advertindo as pessoas. E grades trancadas com cadeados para mantê-las do lado de fora. Saúde e segurança, esse é o mantra da chefia, nos dias de hoje. — Ele cortou um pedaço de seu crocante filé de robalo e o ajeitou no garfo com os legumes ao molho de gergelim.

— Mas você ouviu o cara. Esse é o único desmoronamento relevante em qualquer das cavernas, desde que a mina foi fechada, em 1967. E se não foi um acidente?

Phil sacudiu a cabeça, mastigando e engolindo com afobação.

— Você está fazendo melodrama de novo. Isso aqui não é “Indiana Jones e as Cavernas de Wemyss”, Karen. É um cara que desapareceu quando sua vida era uma merda.

— Não é um cara, Phil. São dois. Mick e Andy. Melhores amigos. Não eram do tipo que furaria a greve. Não eram do tipo que abandonaria seres queridos sem uma palavra.

Phil pousou o garfo e a faca.

— Já passou pela sua cabeça que eles podem ter sido um casal? Mick e seu melhor amigo Andy, no sítiozinho isolado no meio da floresta? Ser gay num lugar como Newton of Wemyss, no começo dos anos oitenta, não devia ser a coisa mais simples do mundo.

— É claro que passou pela minha cabeça — disse Karen. — Mas não podemos seguir teorias que não tenham absolutamente nenhum embasamento. Ninguém com quem conversamos sequer sugeriu isso. E, acredite em mim, se Fife tem uma coisa em comum com Brokeback Mountain, é que as pessoas falam. Não me leve a mal. Não estou descartando essa possibilidade. Mas até

que eu tenha algo em que baseá-la, tenho que deixá-la no fim da fila.

— Parece justo — disse Phil, atacando sua comida novamente. — Mas você tampouco tem embasamento para sua ideia de que haja alguém enterrado debaixo de um desmoronamento não natural.

— Nunca disse que havia alguém enterrado — disse Karen.

Ele sorriu.

— Eu conheço você, Karen. Não existe nenhuma outra razão para você ficar interessada numa pilha de pedras.

— Talvez sim — ela disse sem qualquer atitude defensiva. — Mas não estou simplesmente apostando em hipóteses malucas. Se existe um grupo de pessoas que sabe tudo sobre usar detonação para derrubar rochas precisamente no ponto desejado, são os mineiros. E os detonadores também tinham acesso aos explosivos. Se eu estivesse procurando alguém para explodir uma caverna, a primeira pessoa com quem falaria seria um mineiro.

Phil piscou.

— Acho que você precisa comer. Acho que está com baixo nível de açúcar no sangue.

Karen olhou feio para ele por um momento, então pegou a faca e o garfo e atacou a comida com seu entusiasmo normal. Depois de devorar alguns bocados, disse:

— Isso dará um jeito no baixo nível de açúcar. E ainda acho que descobri alguma coisa. Se Mick Prentice não sumiu por vontade própria, ele desapareceu porque alguém o queria fora do caminho. Olhe só que coisa! Nós temos alguém que o queria fora do caminho! O que foi mesmo que Iain Maclean nos disse?

— Que Prentice descobriu que Ben Reekie estava metendo a mão no cofre do sindicato — disse Phil.

— Exatamente. Embolsando o dinheiro que deveria ir para a subseção do sindicato. Com base em tudo que ouvimos a respeito de Mick, ele não teria deixado passar uma coisa dessas. E é difícil imaginar como ele poderia dar seguimento ao assunto sem envolver Andy, já que era ele quem mantinha os registros. Acho que não seria da natureza deles se omitirem sobre isso. Se o caso tivesse chegado ao conhecimento da comunidade, Reekie teria sido linchado, e você sabe disso. É motivação suficiente, Phil.

— Talvez. Mas se eram dois contra um, como foi que Reekie os matou? Como levou os corpos para dentro da caverna? Como conseguiu pôr as mãos em cargas explosivas no meio de uma greve?

O sorriso amplo de Karen sempre conseguia desarmá-lo.

— Ainda não sei. Mas, se estiver certa, saberei mais cedo ou mais tarde. Isso eu lhe prometo, Phil. E experimente isso, como aperitivo: sabemos quando

Mick desapareceu, mas não temos a data exata para o desaparecimento de Andy. É totalmente possível que tenham sido mortos separadamente. Eles poderiam ter sido mortos na caverna. E, quanto ao acesso aos explosivos, Ben Reekie era funcionário do sindicato. Haveria todo tipo de pessoa lhe devendo favores. Não finja que você não sabe disso.

Phil terminou seu peixe e afastou o prato. Ele ergueu as mãos, com as palmas voltadas para Karen, indicando rendição.

— Então, o que faremos agora?

— Limpamos aquelas pedras e vemos o que há por trás delas — ela disse, como se a resposta fosse óbvia.

— E como vamos fazer isso? No que diz respeito ao Biscoito, você nem sequer está trabalhando nesta investigação. E mesmo que ela fosse oficial, de jeito nenhum ele iria esticar seu precioso orçamento para cobrir uma escavação arqueológica para procurar dois corpos que provavelmente não estão lá.

Karen parou com uma garfada de peito de pombo a meio caminho da boca.

— O que foi que você disse?

— Não há orçamento.

— Não, não. Você disse “uma escavação arqueológica”. Phil, se não fosse por este pombo entre nós, eu lhe daria um beijo. Você é um gênio.

Phil sentiu um aperto no coração. Era difícil evitar a sensação de que aquela seria outra bela confusão na qual se meteria.

Kirkcaldy

Às vezes era mais sensato dar telefonemas profissionais da sua casa. Até que colocasse as coisas em andamento de fato, e tivesse definido seu argumento, Karen não queria que Biscoito suspeitasse do que ela estava fazendo. As palavras de Phil haviam detonado uma reação em cadeia em sua mente. Ela queria que limpassem o desmoronamento de pedras. As datas que Arnold Haigh havia lhe fornecido ofereciam a possibilidade de passar por cima do Biscoito sob o pretexto de uma possível conexão com o caso Grant, mas, quanto menos dinheiro ela gastasse, menor seria a probabilidade de que ele fizesse perguntas demais.

Ela se acomodou na mesa de jantar com o telefone, um bloco de anotações e uma lista de contatos. Por mais à vontade que ficasse com novas tecnologias, Karen ainda mantinha um registro em papel de nomes, endereços e telefones. Ela se precavia: se um dia o mundo resolvesse entrar em colapso eletrônico, ela ainda poderia encontrar as pessoas de que precisasse. Naturalmente lhe ocorreu que, nesse caso, não haveria nenhum telefone que funcionasse e que o sistema de

transportes também estaria paralisado, mas, mesmo assim, sua agenda de contatos era como uma boia salva-vidas. E, se algum dia fosse necessário, seria muito mais fácil destruí-la sem deixar traço do que qualquer memória eletrônica.

Ela o abriu na página apropriada e desceu o dedo pela lista até chegar à Dra. River Wilde. A antropóloga judicial havia sido uma das mentoras em um curso de que Karen participara, voltado à melhoria da consciência científica dos detetives responsáveis por cenas de crimes. A julgar pela aparência, teria sido difícil encontrar muita coisa em comum entre as duas mulheres, mas elas haviam formado uma conexão instantânea, ainda que improvável. Embora nenhuma das duas jamais o explicasse nestes termos, tinha algo a ver com a maneira como ambas pareciam jogar segundo as regras, ao mesmo tempo que, sutilmente, solapavam a autoridade daqueles que não tivessem conseguido ganhar seu respeito.

Karen gostava da forma como River nunca tentava ofuscar seus espectadores com a ciência. Fosse numa palestra para um grupo de policiais, cujo conhecimento científico vinha da adolescência, ou compartilhando uma anedota no bar, ela conseguia transmitir informações complicadas em termos que um leigo pudesse entender e apreciar. Algumas de suas histórias eram aterrorizantes; outras levavam os ouvintes ao riso descontrolado; outras, ainda, os faziam parar para pensar.

A outra coisa que transformava River numa grande aliada em potencial era o fato de o homem da sua vida ser policial. Karen não o havia conhecido, mas por tudo que River lhe contara, ele parecia ser seu tipo de policial. Sem frescuras, apenas com um desejo objetivo de chegar diretamente ao cerne das coisas. Portanto, ela havia voltado do curso de criminalística com maior compreensão de seu trabalho, e também com algo que parecia ser uma nova amizade. O que era suficientemente raro a ponto de valer a pena alimentar. Desde então, as duas haviam se encontrado algumas vezes em Glasgow, o ponto central entre Fife e a base de River, em Lake District. Havia aproveitado muito suas noites fora, ocasiões em que cimentaram o que havia começado em seu primeiro encontro. Agora Karen descobriria se River tinha falado sério quando oferecera seus alunos como uma opção econômica para trabalhos exploratórios que não pudessem, de fato, justificar grandes despesas de orçamento.

River atendeu o celular no segundo toque.

— Me tire daqui — ela disse.

— De onde?

— Estou sentada na varanda de uma cabana de madeira assistindo ao péssimo time de críquete de Ewan e rezando para que chova. O que a gente não faz por amor, não?

O acaso podia ser uma coisa incrível.

— Pelo menos você não está preparando o chá para todos eles.

River fungou.

— Nem morta. Deixei isso bem claro, desde o início. Não lavo uniformes esportivos e não me escravizo na cozinha. Recebo um monte de olhares feios das outras esposas e namoradas, mas, se elas acham que vou me incomodar, estão me confundindo com alguém que dá valor a essas coisas. E aí, como vão as coisas com você?

— Complicadas.

— Nenhuma novidade, então. Precisamos nos encontrar, sair uma noite. Para descomplicar um pouco.

— Para mim parece ótimo. E pode ser que o façamos antes do que você pensa.

— A-ha! Aí tem coisa.

— Podemos dizer que sim. Escute, lembra que uma vez você disse que tinha um pequeno exército de alunos à sua disposição, se eu algum dia precisasse de mão de obra barata?

— Claro — disse River, com tranquilidade. — Está tentando fazer alguma coisa por baixo dos panos?

— Mais ou menos. — Karen explicou os elementos básicos da situação. River emitia ruídos de aprovação, enquanto ela falava.

— O.k. — ela disse, quando Karen terminou. — Então precisamos de arqueólogos criminais primeiro, de preferência os fortões que consigam carregar pedras. Não posso usar alunos do último ano porque eles ainda estão fazendo os exames. Mas estamos quase no final do período e posso recrutar os do primeiro e segundo anos. Além de quaisquer antropólogos que eu consiga arrumar. Posso chamar de trabalho de campo, fazê-los pensar que ganharão pontos com isso. Para quando você vai precisar da gente?

— Que tal amanhã?

Houve um longo silêncio. Então, River perguntou:

— De manhã ou à tarde?

O telefonema para River deixou Karen acelerada, mas sem ter o que fazer. Ela aproveitou parte do repentino excesso de energia para encontrar acomodações para os alunos que trabalhariam na escavação, nos campos litorâneos da vizinha Leven. Tentou assistir a um DVD da série *Sex and the City*, mas isso só serviu para deixá-la irritada. Era sempre assim quando estava no meio de um caso. Não tinha apetite para mais nada além da caçada. Detestava ficar empacada porque

era fim de semana, ou porque testes levavam tempo, ou porque não se poderia fazer nada até que a próxima informação se encaixasse.

Ela tentou se distrair fazendo uma faxina. O problema era que ela nunca passava tempo suficiente em casa para bagunçá-la muito. Depois de uma hora de trabalho intenso, não havia mais nada que garantisse sua atenção.

— Ah, que se dane — ela murmurou, ao pegar as chaves do carro e ir em direção à porta.

Estritamente falando, as leis referentes à coleta de evidências forenses exigiam que ela não estivesse sozinha ao colher depoimentos de testemunhas. Mas Karen disse a si mesma que apenas estaria complementando o que já tinha, e não obtendo novas provas. E se ela se deparasse com alguma coisa que pudesse ser relevante mais tarde, no tribunal, sempre poderia enviar um par de policiais posteriormente para tomar um depoimento formal.

A viagem de carro de volta a Newton of Wemyss levou menos de vinte minutos. Não havia sinal de vida no enclave isolado em que vivia Jenny Prentice. Não havia crianças brincando; ninguém sentado nos jardins, curtindo o sol de fim de tarde. A estreita plataforma formada pelas casas tinha um ar de desânimo que precisaria de mais do que um pouco de verão para dispersar.

Dessa vez, Karen foi à casa vizinha à de Jenny Prentice. Ela ainda estava tentando obter uma imagem de como Mick Prentice havia realmente sido. Alguém que fosse próximo o bastante da família para cuidar de Misha devia ter tido algum tipo de contato com seu pai.

Karen bateu à porta e esperou. Estava a ponto de desistir e voltar para o carro quando a porta se entreabriu, presa pela corrente de segurança. Um rostinho murcho a espreitou, sob uma massa de cachos de cabelo grisalho.

— Sra. McGillivray?

— Eu não a conheço — disse a velha.

— Não. — Karen pegou sua identificação oficial e a segurou diante das lentes sujas dos óculos enormes da mulher, que faziam seus olhos azuis esmaecidos parecerem maiores. — Sou da polícia.

— Não chamei a polícia — disse a mulher, inclinando a cabeça e franzindo a testa para a credencial de Karen.

— Não, eu sei disso. Só queria ter uma palavrinha com a senhora sobre o homem que morava na casa ao lado. — Karen indicou com o polegar a casa de Jenny.

— Tom? Ele já morreu há anos.

Tom? Quem era Tom? Ah, merda, ela havia se esquecido de perguntar a Jenny sobre o padrasto de Misha.

— Não, não o Tom. Mick Prentice.

— Mick? Você quer falar sobre o Mick? O que a polícia quer com Mick? Ele fez alguma coisa errada? — Ela parecia confusa, o que encheu Karen de maus pressentimentos. Ela já havia passado tempo suficiente tentando tirar informações coerentes de pessoas idosas para saber que podia ser uma luta difícil e de resultados duvidosos.

— Não é nada disso, Sra. McGillivray — Karen garantiu a ela. — Só estamos tentando descobrir o que aconteceu com ele, desde que desapareceu.

— Ele decepcionou a todos nós, foi isso que aconteceu — a velha disse num tom ríspido.

— Certamente. Mas preciso apenas esclarecer alguns detalhes. Será que eu poderia entrar e ter uma conversinha com a senhora?

A mulher exalou ruidosamente.

— Tem certeza de que você bateu na casa certa? É a Jenny que você quer. Não há nada que eu possa lhe contar.

— Para ser sincera, Sra. McGillivray, estou tentando ter uma ideia de como Mick era realmente. — Karen usou seu melhor sorriso. — Jenny é um pouquinho parcial, se é que a senhora me entende.

A velha deu uma risadinha.

— Ela é uma bruxa, a Jenny. Ela não tem nada de bom a dizer sobre ele, não é mesmo? Bem, moça, é melhor você entrar.

Um ruído da corrente que se abria e, então, Karen foi admitida no interior abafado. Havia um cheiro avassalador de lavanda, com toques de gordura rançosa e de cigarros baratos. Ela seguiu a figura encurvada da Sra. McGillivray até o cômodo dos fundos, cuja parede havia sido derrubada para se fazer uma copa. Parecia que a obra tinha sido feita nos anos setenta e nada fora mudado desde então, nem mesmo o papel de parede. A luz direta do sol, a preparação de alimentos e a fumaça dos cigarros haviam deixado como testemunhas inúmeras descolorações e manchas. O sol baixo se infiltrava, lançando uma luz dourada nos móveis gastos.

Um periquito engaiolado matraqueou, assustado, quando elas entraram.

— Fique quietinho, Jocky. Esta é uma policial simpática que veio conversar com a gente. — O periquito soltou uma série de gorjeios que davam a impressão que ele as estava xingando e, então, acalmou-se. — Sente-se. Vou colocar água para ferver.

Karen não queria realmente uma xícara de chá, mas sabia que a conversa fluiria melhor se deixasse a mulher servi-la. No fim, encararam uma a outra sobre uma mesa surpreendentemente limpa, com um bule de chá e um prato de biscoitos — obviamente feitos em casa — entre elas. O sol iluminava a Sra. McGillivray como uma luz de palco, revelando detalhes da maquiagem que

havia sido claramente feita sem a ajuda dos óculos.

— Ele era um rapaz adorável, o Mick. Um moço lindo, com aquele cabelo louro e ombros largos. Sempre tinha um sorriso e uma palavra alegre para mim — ela confidenciou enquanto servia chá em xícaras de porcelana tão fina que se podia ver a luz do sol batendo no líquido. — Sou viúva já há trinta e dois anos, e nunca tive um vizinho melhor do que o jovem Mick Prentice. Ele sempre fazia qualquer trabalhinho que eu não conseguisse fazer. Nunca parecia se incomodar comigo. Um rapazinho adorável, sem dúvida alguma.

— Deve ter sido difícil para eles, a greve. — Karen se serviu de um dos biscoitos recheados.

— Foi difícil para todo mundo. Mas não foi por isso que Mick fugiu.

— Não? — *Mantenha o tom despreocupado, não demonstre que está particularmente interessada.*

— Foi ela que o levou a fazer isso. Encontrando-se com aquele Tom Campbell bem debaixo do nariz dele. Nenhum homem toleraria isso, e Mick tinha lá seu orgulho.

— Tom Campbell?

— Ele nunca estava muito longe da casa. Jenny tinha sido amiga da mulher dele. Ela ajudou a cuidar da pobre coitada quando teve câncer. Mas depois que ela morreu, parecia que ele não conseguia ficar longe de Jenny. Só se podia especular o que vinha acontecendo durante todo aquele tempo. — A Sra. McGillivray deu uma piscadela conspiradora.

— A senhora está dizendo que Jenny estava tendo um caso com Tom Campbell? — Karen mordeu a língua para não fazer as perguntas que realmente queria, mas que sabia que seria melhor deixar para depois. *Quem era Tom Campbell? Onde ele está agora? Por que Jenny não o mencionou?*

— Não vou dizer aquilo que não posso jurar. Tudo que sei é que não havia um dia em que ele não viesse fazer uma visita. E sempre quando Mick estava fora. Tampouco vinha de mãos vazias. Pequenos embrulhos disto, pacotes daquilo. Durante a greve, Mick dizia que Jenny podia fazer uma libra render mais do que qualquer outra mulher em Newton. Eu nunca contei a ele o porquê.

— E como é que Tom Campbell tinha coisas para dar? Ele não era mineiro, então?

A Sra. McGillivray fez uma careta, como se o chá que tinha acabado de tomar houvesse se transformado em vinagre.

— Ele era auxiliar de mina. — Karen desconfiava que a palavra “pedófilo” teria sido pronunciada com mais respeito do que aquilo.

— E a senhora acha que Mick descobriu o que estava se passando entre eles?

Ela assentiu enfaticamente.

— Todo mundo em Newton sabia das coisas. É a história de sempre. O interessado é sempre o último a saber. E se alguém ainda tivesse dúvidas, Tom Campbell se mudou para lá bem rápido, depois que Mick foi embora.

Tarde demais, Karen se lembrou de que não havia dado seguimento ao assunto do padrasto de Misha.

— Ele se mudou para a casa de Jenny?

— Alguns meses se passaram, antes que ele se mudasse. Para manter as aparências, pelo que me consta. E então ele se instalou no território do Mick.

— Ele não tinha sua própria casa? Com o salário de um auxiliar, eu pensaria que...

— Ah, sim, ele tinha uma bela casa em West Wemyss. Mas Jenny não quis se mudar. Ela disse que era pelo bem da criança. Que a partida de Mick já havia sido agitação suficiente para Misha sem ela ter que ser arrancada de sua própria casa. — A Sra. McGillivray apertou os lábios e balançou a cabeça. — Mas você sabe, eu sempre tive dúvidas. Acho que ela nunca amou Tom Campbell do jeito que amava Mick. Ela gostava do que ele podia oferecer a ela, mas acho que seu coração sempre pertenceu a Mick. Apesar de todo o drama que ela fazia, nunca acreditei que Jenny tivesse deixado de amá-lo. Acho que ela ficou aqui porque, no fundo, acredita que ele irá voltar um dia. E ela quer ter certeza de que ele saberá onde encontrá-la.

Era uma teoria, pensou Karen, baseada em sentimentalismo de novela. Mas tinha o mérito de dar sentido ao que, de outra forma, parecia inexplicável.

— Então, o que aconteceu com ela e Tom?

— Ele alugou sua casa e se mudou para a daqui ao lado. Nunca tive muito contato com ele. Ele não tinha o jeito de Mick para lidar com as pessoas. E as coisas nunca foram tranquilas entre os rapazes da Lady Charlotte e os auxiliares de mina, principalmente depois que a mina foi fechada, em 1987. — A velha sacudiu a cabeça, balançando os cachos grisalhos. — Mas Jenny acabou recebendo seu castigo. — Seu sorriso era de pura satisfação.

— Como assim?

— Ele morreu. Teve um ataque cardíaco fulminante no campo de golfe em Lundin Links. Deve fazer bem uns dez anos. E quando o testamento foi lido, Jenny teve um choque e tanto. Ele havia deixado tudo em depósito para Misha. Ela recebeu tudo quando completou vinte e cinco anos, e Jenny nunca viu um tostão. — A Sra. McGillivray ergueu sua xícara num brinde. — Foi bem feito para ela, se você quer saber a minha opinião.

Karen não podia evitar concordar. Ela esvaziou sua xícara e afastou a cadeira.

— A senhora foi de muita ajuda — disse.

— Ele esteve aqui exatamente no dia em que Mick foi para Nottingham — disse a Sra. McGillivray. Foi o equivalente verbal de agarrar alguém pelo braço para impedir que fosse embora.

— Tom Campbell?

— O próprio.

— Quando ele chegou? — perguntou Karen.

— Deve ter sido por volta das três da tarde. Eu gosto de ouvir a novela da tarde, no rádio, na sala da frente. Vi Tom subir pela entrada e ficar por ali, esperando que ela voltasse para casa. Acho que Jenny tinha ido ao Serviço Social; ela tinha uns pacotes e latas, uma das entregas de comida que eles apanhavam lá.

— A senhora parece se lembrar com bastante clareza.

— Me recordo bem porque aquela manhã foi a última vez que vi Mick. Ficou gravado na minha cabeça. — Ela se serviu mais uma xícara de chá.

— Quanto tempo ele ficou? Tom Campbell, quero dizer.

A Sra. McGillivray balançou a cabeça.

— Nisso, eu não posso ajudar. Depois que terminou a novela, desci até o campo de golfe para tomar o ônibus para Kirkcaldy. Agora já não consigo mais fazer isso, mas gostava de ir ao grande supermercado Tesco perto da estação rodoviária. Tomava o ônibus para ir e voltava de táxi. Então, não sei quanto tempo ele ficou. — Ela tomou um longo gole do chá. — Algumas vezes fiquei me perguntando, sabe?

— O quê?

A velha desviou os olhos. Enfiou a mão no bolso de seu cardigã largo e tirou um maço de Benson & Hedges. Extraiu um cigarro e demorou um pouco para conseguir acendê-lo.

— Imaginava se ele não teria dado dinheiro a Mick.

— A senhora diz, dado dinheiro a Mick para que ele fosse embora da cidade? — Karen não pôde ocultar sua incredulidade.

— Não é uma ideia tão louca assim. Como eu disse, Mick tinha seu orgulho. Ele não teria ficado onde achasse que não o queriam. Então, se ele estava decidido a ir embora de qualquer jeito, talvez tenha aceitado o dinheiro de Tom Campbell.

— Mas certamente ele teria amor-próprio demais para fazer isso, não?

A Sra. McGillivray exalou um fio de fumaça.

— De qualquer maneira, seria dinheiro sujo. Talvez o dinheiro de Tom Campbell parecesse um pouquinho mais limpo que o da comissão do carvão. E, além disso, quando ele partiu, naquela manhã, não parecia que iria além da orla,

para fazer suas pinturas. Se Tom Campbell lhe tivesse dado dinheiro, ele não precisaria voltar para pegar roupas nem nada, não é?

— A senhora tem certeza de que ele não voltou para pegar suas coisas depois?

— Tenho. Confie em mim, não existem segredos nesta rua.

Os olhos de Karen estavam na velha, mas sua mente estava a mil por hora. Ela não acreditou, nem por um minuto, que Mick Prentice tivesse vendido seu posto no leito conjugal para Tom Campbell. Mas talvez Tom Campbell houvesse desejado tomar aquele posto com intensidade suficiente para pensar numa forma de se livrar do rival.

Era nisso que tinha dado ir até lá só para conseguir um pouco mais de informações complementares. Karen reprimiu um suspiro e disse:

— Gostaria de mandar uns policiais para falar com a senhora na segunda-feira de manhã. Será que a senhora poderia repetir para eles o que acaba de me contar?

A Sra. McGillivray se animou.

— Seria um prazer. Eu poderia fazer uns pãozinhos doces.

Castelo de Rotheswell

Só porque estava presa em Rotheswell feito uma Rapunzel autoconfinada não significava que Bel Richmond podia dar as costas para o resto do mundo. Ainda que estivesse privada do acesso a Grant, ela não tinha por que ficar ociosa. Havia passado a maior parte do dia redigindo uma entrevista para uma publicação no *Guardian*. Estava quase pronta, mas precisava de um certo distanciamento do texto antes de dar a polida final. Uma visita à casa da piscina escondida no bosquezinho de pinheiros ali perto funcionaria bem, ela pensou, tirando o maiô da bolsa de roupas. Estava cruzando o quarto quando o interfone da casa tocou.

A voz de Susan Charleson soou rápida e clara:

— Está ocupada?

— Estava indo dar um mergulho.

— Sir Broderick tem uma hora livre. Ele gostaria de continuar a sua entrevista de antecedentes históricos.

Estava claro que não havia espaço para discussão.

— Ótimo — suspirou Bel. — Onde o encontro?

— Ele a encontrará lá embaixo, no Land Rover. Ele achou que você gostaria de ver onde Catriona vivia.

Ela não podia se queixar daquilo. Qualquer coisa que acrescentasse cor à história valia a pena.

— Cinco minutos — ela disse.

— Obrigada.

Rapidamente, Bel trocou a roupa por jeans e uma jaqueta impermeável, agradecendo aos deuses estilistas pelo fato de as botas estilo construção estarem na moda e permitirem que ela parecesse vagamente pronta para o campo. Apanhou seu gravador e correu para baixo. Um cintilante Land Rover Defender estava lá fora, em frente à porta, com o motor ligado. Brodie Grant estava na direção. Mesmo a distância, ela pôde ver seus dedos enluvados tamborilando no volante.

Bel entrou no carro e lhe deu seu melhor sorriso. Ela não o havia visto desde a conversa bizarra com os policiais, no dia anterior. Tinha almoçado sozinha em seu quarto, e, à noite, Judith dissera que ele estava em um jantar beneficente de alguma sociedade exclusivamente masculina. Ela parecera aliviada por ter escapado. A conversa entre elas foi superficial; a própria Judith ou a sempre presente Susan a haviam desviado toda vez que o assunto ameaçasse se tornar de alguma maneira revelador. Bel sentira-se frustrada.

Mas, agora que estava a sós com ele novamente, podia perdoar tudo aquilo. Cogitou perguntar a ele se realmente achava que poderia controlar Karen Pirie como se fosse o lorde da mansão em um filme de mistério dos anos trinta, mas acabou reconsiderando. Melhor seria usar o tempo para complementar suas informações sobre os antecedentes do caso.

— Obrigada por me levar à casa de Cat — ela disse.

— Não poderemos entrar — ele disse, soltando o freio de mão, contornando a casa por trás e descendo a trilha que passava no meio dos pinheiros. — Já houve várias famílias locatárias desde então, você não estará perdendo nada, na verdade. Então, o que achou da inspetora Pirie?

Não havia nada em seu rosto ou voz que indicasse o que ele queria ouvir, então Bel se decidiu pela verdade.

— Acho que ela é uma dessas pessoas que são facilmente subestimadas — disse. — Desconfio que ela seja muito esperta.

— Ela é — disse Grant. — Imagino que você saiba que ela é a responsável pelo subchefe de polícia anterior deste distrito estar cumprindo pena de prisão perpétua na cadeia. Um homem aparentemente acima de qualquer suspeita. Mas ela foi capaz de questionar sua probidade. E, uma vez que havia começado, não parou até ter deixado claro, à prova de qualquer dúvida, que ele era um assassino cruel. E é por isso que a quero nesta investigação. Na época em que Catriona morreu, nós todos fomos culpados por haver pensado nos moldes tradicionais. E olhe só no que deu. Se vamos ter direito a uma segunda tentativa, quero alguém que não siga o padrão estabelecido.

— Faz sentido — disse Bel.

— Então, sobre o que você quer conversar agora? — ele perguntou, quando saíram do meio das árvores para uma clareira que terminava com um muro alto e outros portões duplos, como aqueles que Bel havia atravessado ao chegar. Estava claro que ninguém entrava na propriedade de Rotheswell a não ser que fosse bem-vindo. Grant desacelerou o suficiente para que os guardas de segurança se certificassem de quem estava dirigindo o carro e, então, acelerou em direção à estrada principal.

— O que aconteceu depois? — ela perguntou, ligando o gravador e segurando-o entre eles. — Você recebeu a primeira exigência e começou a trabalhar em conjunto com a polícia. Como foram as coisas depois disso?

Ele olhava para a frente de forma resoluta, não demonstrando qualquer sinal de emoção. Enquanto passavam por campos quadriculados de grãos maduros e pasto, com o sol se ocultando e reaparecendo por trás das nuvens cinza, suas palavras jorraram num fluxo perturbador. Era difícil para Bel manter qualquer tipo de distanciamento profissional. Morar com seu sobrinho Harry lhe dera suficiente percepção para imaginar prontamente a angústia de um pai na situação de Brodie Grant. Essa compreensão gerava solidariedade o bastante para que ela o absolvesse de quase qualquer crítica.

— Nós esperamos — ele disse. — Nunca vi o tempo se arrastar tão lentamente quanto naquele momento.

Segunda-feira, 21 de janeiro de 1985; Castelo de Rotheswell

Para um homem que não tinha paciência nem para esperar que sua cerveja Guinness assentasse no copo, aguardar pelo contato do Pacto Anarquista da Escócia era uma verdadeira tortura. Grant se movia por Rotheswell como uma bola de fliperama, quase que literalmente trombando em paredes e portas no seu esforço para não implodir. Não havia sentido ou lógica em seus movimentos e, quando ele e a esposa se cruzavam, ele mal podia encontrar palavras para responder a suas perguntas ansiosas.

Mary parecia estar muito mais controlada, e ele quase chegou a se ressentir dela por isso. Ela havia ido ao sítio de Cat e informara, tanto para ele quanto para Lawson, que, além da cadeira virada na cozinha, nada parecia estar fora do lugar. A data de vencimento do leite tinha sido no domingo, indicando que não fazia mais de alguns dias, portanto, que ela havia desaparecido.

As noites eram piores do que os dias. Ele não dormia, apagava somente, quando a exaustão física superava suas forças. Então, despertava com um sobressalto, desorientado e ainda cansado. Assim que retomava a consciência, desejava estar de novo inconsciente. Sabia que deveria estar se comportando de maneira normal, mas aquilo estava além de sua capacidade. Susan cancelou todos os seus compromissos, e ele se enfurnou por trás das paredes de Rotheswell.

Na manhã da segunda-feira, ele estava, como nunca antes na vida, próximo de um colapso. O rosto que viu no espelho deveria estar num acampamento de prisioneiros de guerra, e não no castelo de um milionário. Ele nem sequer se importava que as pessoas ao seu redor pudessem ver sua vulnerabilidade. Tudo que queria era que o correio chegasse, trazendo algo concreto, algo que pudesse libertá-lo da impotência e lhe dar uma tarefa a realizar. Ainda que fosse apenas levantar qualquer soma de dinheiro que os desgraçados estivessem exigindo de resgate. Se tivesse dependido dele, teria vigiado a central de distribuição do correio em Kirkcaldy, abordado o carteiro como se fosse um bandoleiro à moda antiga, e exigido sua correspondência. Mas ele entendia a loucura daquilo. Em vez disso, andava de um lado para o outro atrás da caixa postal, a fenda na porta pela qual as cartas do castelo caíam, em algum momento, entre oito e meia e nove da manhã.

Lawson e Rennie já estavam a postos. Havia chegado em uma van de encanadores, vestidos de macacão, e entrado pelos fundos às oito horas da manhã. Agora estavam sentados no vestíbulo da casa, impassíveis, esperando

pelo correio. Mary, atordoada pelo tranquilizante que ele insistira que ela tomasse, estava sentada no degrau inferior da escadaria, de pijama e roupão, os braços ao redor das pernas e o queixo apoiado nos joelhos. Susan se movia entre eles com chás e cafés, sua compostura normal escondia só Deus sabia o quê. Grant certamente não tinha ideia de como ela havia mantido tudo em ordem nos últimos dias.

O rádio de Lawson emitiu ruidosamente uma mensagem incompreensível e, momentos depois, houve um barulho na caixa postal. O maço diário de cartas cascadeou até o chão, e Grant se atirou sobre elas como um homem faminto diante da promessa de comida. Lawson foi quase tão rápido quanto ele, agarrando o envelope grande de papel manilha segundos depois que os dedos de Grant se fecharam sobre ele.

— Eu vou ficar com isto — ele disse.

Grant o arrancou dele.

— Não vai mesmo. Está endereçado a mim e você o verá na hora certa. — Ele o segurou junto ao peito e se levantou, afastando-se de Lawson e Rennie.

— Está bem, está bem — disse Lawson. — Vá com calma, senhor. Por que não se senta ao lado de sua esposa?

Para sua própria surpresa, Grant fez o que Lawson sugeria, abaixando-se na escada ao lado de Mary. Olhou fixamente para o envelope, subitamente não desejando descobrir o que estavam a ponto de exigir dele. Então, Mary, como uma transfusão inesperada de força, pousou a mão no braço dele. Ele rasgou a aba do envelope e sacou um calhamaço de papel. Desdobrando-o, viu que, desta vez, havia duas cópias do pôster do titereiro. Antes que pudesse absorver as palavras escritas no quadro nos pés de cada um deles, viu a Polaroid. Tentou cobri-la, mas Mary foi mais rápida, estendendo a mão e tomando-a.

Dessa vez, a boca de Cat não estava coberta por fita adesiva. Sua expressão era raivosa e desafiante. Estava amarrada a uma cadeira por várias voltas de fita adesiva, e a parede atrás dela era branca e lisa. Uma mão enluvada segurava a edição do *Sunday Mail* do dia anterior, na parte da frente da fotografia.

— Onde está Adam? — inquiriu Mary.

— Temos que supor que ele esteja aí. É um pouco difícil fazer um bebê posar para fotos — disse Lawson.

— Mas não há provas. Ao que tudo indica, ele poderia estar morto. — Mary cobriu a boca com a mão como se tentasse fazer retroceder suas palavras traiçoeiras.

— Não seja boba — disse Grant, colocando o braço em volta dela e injetando uma amabilidade artificial em sua voz. — Você sabe como Catriona é. De jeito nenhum ela seria tão cooperativa se eles houvessem feito alguma coisa a

Adam. Ela estaria urrando feito uma leoa e se atirando no chão, não sentada ali, toda obediente e quieta. — Ele afagou seus ombros. — Vai ficar tudo bem, Mary.

Lawson esperou um momento e, então, disse:

— Podemos dar uma olhada nas mensagens?

Grant pestanejou e assentiu. Abriu o primeiro pôster sobre os joelhos e leu a mensagem, escrita com o mesmo hidrocor grosso que a anterior.

Queremos um milhão de libras. Duzentos mil em notas verdes e não inesquecíveis de 20 numa bolsa de viagem. O resto em diamante não lapidado. A entrega será feita na quarta-feira à noite. Quando você entregar o resgate, terá um deles de volta. Você poderá escolher qual.

— Deus do céu! — disse Grant. Ele passou o pôster para Lawson, que havia calçado as luvas antecipadamente. A segunda folha não oferecia mais consolo.

Quando nós autenticamos os diamantes e lembramos que o dinheiro está a salvo, libertaremos o outro refém. Lembre-se, nada de polícia. Não tente trapacear. Sabemos o que estamos fazendo e não temos medo de derramar sangue pela grana. Pacto Anarquista da Escócia

— O que vocês já fizeram para rastrear essa gente? — exigiu Grant. — Quando vão encontrar a minha família?

Lawson manteve a mão aberta erguida enquanto analisava o segundo pôster. Passou-o para Rennie e disse:

— Estamos fazendo todo o possível. Entramos em contato com a Divisão Especial do MI5, mas nenhum deles tem qualquer conhecimento de um grupo ativista chamado Pacto Anarquista da Escócia. Conseguimos que um datiloscopista e um analista de evidências fossem até o sítio de Catriona às escondidas, no sábado à noite. Por enquanto, não temos nenhuma pista direta, mas estamos trabalhando nisso. Também enviamos um policial, que se fazendo passar por cliente perguntou por lá se alguém sabia quando o ateliê de Catriona abriria. Conseguimos descobrir que ela, definitivamente, trabalhou na quarta-feira, mas ninguém pôde confirmar ter visto qualquer sinal dela depois disso. Não recebemos nenhuma notícia de qualquer coisa fora do normal na área. Nenhum veículo ou comportamento suspeito. Nós...

— O que você está dizendo é que não tem nada e não sabe nada — Grant interrompeu, com brutalidade.

Lawson nem sequer piscou.

— Geralmente é assim, em casos de sequestro. A não ser que a captura ocorra num lugar público, há pouco em que se apegar. E quando há uma criança pequena envolvida, é muito fácil controlar o adulto, não se tem, portanto, nem o tipo de luta física que geralmente gera evidências de criminalística. Normalmente, a entrega do resgate é o ponto em que podemos fazer algum progresso real.

— Mas vocês não poderão fazer nada nesse ponto. Você não sabe ler? Eles vão manter um dos reféns até terem certeza de que não tentamos enganá-los — disse Grant.

— Brodie, ambos estarão lá, na entrega — disse Mary. — Olhe, aqui diz que nós poderemos escolher um deles.

Grant bufou.

— E qual deles vamos escolher? É óbvio que escolheríamos Adam. O mais vulnerável. Aquele que não pode cuidar de si mesmo. Ninguém, em seu juízo perfeito, deixaria um bebê de seis meses com um bando de terroristas anarquistas, se tiver escolha. Eles trarão Adam e deixarão Catriona para trás, onde quer que a estejam mantendo presa. É o que eu faria, no lugar deles. — Ele olhou para Lawson buscando confirmação.

O policial se recusou a encontrar seu olhar.

— Essa é, certamente, uma possibilidade — ele disse. — Mas seja lá o que eles façam, nós temos opções. Podemos tentar segui-los. Podemos colocar um dispositivo de rastreamento na bolsa do dinheiro e outro entre os diamantes.

— E se isso não funcionar? O que os impedirá de exigir mais dinheiro? — perguntou Grant.

— Nada. É totalmente possível que eles exijam um segundo resgate. — Lawson parecia profundamente perturbado.

— Então, pagaremos — disse Mary, calmamente. — Quero minha filha e meu neto de volta em segurança. Brodie e eu faremos qualquer coisa para conseguir isso. Não é mesmo, Brodie?

Grant se sentia encurralado. Ele sabia qual deveria ser a resposta, mas estava surpreso por sua ambivalência. Ele pigarreou.

— É claro que sim, Mary. — Dessa vez, os olhos de Lawson se fixaram nos dele, e Grant achou que podia ter expressado sentimentos demais. Tinha de lembrar o policial de que ele também tinha algo em jogo. — Assim como o Sr. Lawson, Mary, isso eu lhe prometo.

Lawson dobrou os pôsteres juntos e os colocou de volta no envelope.

— Todos nós estamos cem por cento comprometidos em recuperar Catriona e Adam com segurança — ele disse. — E a primeira coisa a ser feita é que vocês

precisam começar a tomar providências com seu banco.

— Meu banco? Você quer dizer que vamos dar a eles dinheiro de verdade?
— Grant estava incrédulo. Se em algum momento havia pensado naquele assunto, deduzira que a polícia tinha um lote de notas falsas marcadas para tais contingências.

— Seria muito perigoso, neste ponto, fazer diferente — disse Lawson. Ele olhava fixamente para o carpete, a imagem perfeita do embaraço. — Suponho que o senhor tenha o dinheiro, não?

Sábado, 30 de junho de 2007; Newton of Wemyss

— O filho da puta descarado tentou parecer sem graça ao fazer aquela pergunta, mas eu podia ver que ele estava realmente gostando de me colocar em evidência — disse Grant, pisando no acelerador conforme deixavam Coaltown of Wemyss para trás. — Não me leve a mal. Lawson nunca deu um passo em falso durante toda a investigação. Não tenho nenhum motivo para suspeitar de que ele não estivesse totalmente comprometido em apanhar os desgraçados que pegaram Catriona e Adam. Mas eu podia ver que havia uma parte dele que, secretamente, se regozijava por me ver castigado.

— E por quê? Você pensou sobre isso?

Grant desacelerou quando surgiu uma abertura no muro alto que eles vinham acompanhando com o carro.

— Inveja, pura e simplesmente. Não importa que nome se dê a isso: disputa entre classes sociais, machismo, provocação. No fundo, é sempre a mesma coisa. Existe um monte de gente aí fora que se ressentido do que eu tenho.

Ele saiu da estrada e entrou num acostamento amplo. A parede se adentrava em ambos os lados, convergindo para portões altos feitos de uma grossa treliça de madeira pintada de preto, construída para se parecer a uma grade medieval. Conjugada ao muro, de um lado, ficava a fachada de uma casa de dois andares, construída dos mesmos blocos de arenito vermelho local que o próprio muro. Cortinas de voile tapavam as janelas e nenhuma delas se moveu ao som do motor do Land Rover.

— E essas mesmas pessoas também se ressentiam de Catriona. Irônico, não? As pessoas supunham que Catriona tivera um começo de carreira profissional tão bom por minha causa. Nunca perceberam que, na verdade, foi apesar de mim.

Ele desligou o motor e saiu do carro, batendo a porta atrás de si. Bel o seguiu, intrigada pelos insights que surgiam em sua mente, tanto os conscientes quanto os inconscientes.

— E quanto ao senhor? A inveja que têm do senhor também é irônica?

Grant girou nos calcanhares e olhou para ela com raiva.

— Pensei que você tivesse feito sua pesquisa.

— E fiz. Sei que o senhor começou numa vila de mineiros em Kelty. Que construiu seu negócio do nada. Mas alguns trechos das reportagens e notícias dão a entender que seu casamento não prejudicou exatamente sua ascensão meteórica.

Bel sabia que estava brincando com fogo, mas, se ia aproveitar ao máximo esse acesso exclusivo e utilizá-lo em algo que iria transformar completamente sua carreira, precisava penetrar sob a superfície, para obter o material que ninguém mais houvesse sequer desconfiado existir, muito menos conseguido alcançar.

As sobrancelhas grossas de Grant se uniram em um olhar furioso e, por um momento, ela pensou que experimentaria a explosão destruidora de seu mau gênio. Mas algo mudou na expressão dele. Ela podia ver o esforço que era necessário, mas ele conseguiu produzir um sorrisinho torto e deu de ombros.

— Sim, o pai de Mary tinha poder e influência em áreas que eram cruciais ao desenvolvimento do meu negócio. — Ele abriu os braços num gesto de desamparo. — E, sim, casar com ela não me fez nada além de bem, no aspecto profissional. Mas aí é que está, Bel. A minha Mary era suficientemente esperta para saber que seria extremamente infeliz se casasse com um homem que não a amasse. E foi por isso que ela escolheu a mim. — Seu sorriso murchou lentamente. — Eu nunca tive escolha, nesse assunto. E também não tive escolha quando ela optou por me abandonar. — Abruptamente, ele se virou e caminhou a passos largos em direção aos portões pesados.

Sexta-feira, 23 de janeiro de 1987; Eilean Dearg

Eles passavam pouquíssimo tempo juntos, ultimamente. Aquele pensamento havia incomodado Grant em cada refeição que fizera em Rotheswell durante a semana toda. Café da manhã sem ela. Almoço sem ela. Jantar sem ela. Houvera convidados; parceiros de negócios, políticos e, é claro, Susan. Mas nenhum deles era Mary. O tempo sem ela havia chegado a um ponto crítico naquela semana. Ele não podia viver mais com aquela distância entre eles. Precisava dela tanto quanto sempre havia precisado. Nada fazia com que a morte de Cat fosse mais fácil, no entanto Mary fazia com que fosse suportável. E agora sua ausência, ainda mais naquele dia, era totalmente insuportável.

Ela havia saído na segunda-feira, dizendo que precisava ficar sozinha. Na ilha, ela teria a paz de espírito que desejava. Não havia empregados lá. Só levava vinte minutos para caminhar pela ilha toda, mas estar no meio do mar, a alguns quilômetros dali, dava a sensação de distância de tudo e de todos. Grant gostava de ir lá tanto para pensar como para pescar. Mary geralmente o deixava só, apenas ocasionalmente se unia a ele. Ela nunca havia ido para lá sozinha, pelo que se lembrava. Mas estava decidida.

É claro que não havia linha telefônica. Tinha um celular no carro, mas este ficaria parado no estacionamento do hotel em Mull, a oitocentos metros do quebra-mar. E, além disso, não haveria sinal de celular na vastidão das Hébridas. Ele nem sequer tinha ouvido sua voz desde que ela se despedira dele, na segunda-feira.

E agora já estava farto daquele silêncio. Ao completar dois anos do dia em que sua filha havia morrido e seu neto, desaparecido, Grant não queria estar a sós com sua dor. Tentava não ser duro demais consigo mesmo por tudo que havia dado errado, mas a culpa, ainda assim, havia marcado seu coração. Às vezes se perguntava se Mary também o culparia, se era por isso que ela se ausentava com tanta frequência. Ele tentara dizer a ela que as únicas pessoas que deveriam arcar com a culpa pela morte de Catriona eram os homens que a sequestraram, mas mal conseguira convencer a si mesmo disso, muito menos a ela.

Ele havia partido logo após ter tomado o café da manhã mais cedo que o habitual; antes, telefonara para o hotel para certificar-se de que alguém estaria disponível para levá-lo até sua ilha. Precisara sair da estrada algumas vezes e parar o carro, nos momentos em que o aperto da angústia em sua garganta havia ameaçado superar seu controle. Chegara enquanto ainda havia uma leve claridade de sol no céu, mas, ao completar a travessia, o anoitecer já estava bem

adiantado. Porém, o caminho até a casa era amplo e bem cuidado, então ele não tinha receio de se perder.

Conforme Grant se aproximava, ficou surpreso em não ver luzes acesas. Quando costurava, Mary acendia uma quantidade de lâmpadas que deixaria qualquer iluminação de teatro no chinelo. Talvez ela não estivesse costurando. Talvez estivesse sentada no solário nos fundos da casa, assistindo aos últimos filamentos de luz no céu ocidental. Grant apressou o passo, recusando-se a reconhecer as garras do medo que se enterravam em seu peito.

A porta não estava trancada e se abriu, girando nas dobradiças bem lubrificadas. Ele estendeu a mão para acender a luz e o saguão surgiu em cores e formas vivas.

— Mary — chamou. — Sou eu. — O ar parado pareceu absorver suas palavras, impedindo-as de se propagar na distância.

Grant cruzou o saguão com passadas largas, abrindo as portas ao passar por elas, chamando o nome da esposa, sentindo o pânico apertar-lhe o crânio e colocar lágrimas em seus olhos. Onde diabos ela estava? Não estaria lá fora. Não a esta hora da noite. Não com tanto frio.

Encontrou-a no solário. Mas ela não estava assistindo ao pôr do sol. Mary Grant nunca mais assistiria ao pôr do sol. Comprimidos espalhados e uma garrafa vazia de vodca entregaram o segredo de seu silêncio. Sua pele já estava fria.

Sábado, 30 de junho de 2007; Newton of Wemyss

Bel alcançou Grant perto das traves pesadas dos portões. De perto, ela podia ver que havia uma entrada menor em um dos portões, suficientemente grande para admitir uma van pequena ou um carro grande. No outro lado, havia uma trilha sulcada que conduzia para dentro do bosque fechado.

— Ela deixou um bilhete — ele disse. — Ainda o tenho na memória. “Sinto muitíssimo, Brodie. Não posso mais fazer isso. Você merece algo melhor e eu não consigo ser melhor. Não suporto ver a sua dor e não suporto a minha própria. Por favor, tente amar novamente. Rezo para que você consiga.” — Seu rosto se retorceu num sorriso amargurado. — Judith e Alec. Isso sou eu fazendo o que ela mandou. Você já ouviu falar da corrida de Iditarod?

Surpresa pela súbita mudança de assunto, Bel só pôde gaguejar:

— Sim. No Alasca. De trenós puxados por cães.

— Um dos maiores perigos que eles enfrentam é o que se chama de “gelo oco”. O que acontece é que a água recua debaixo do gelo, deixando apenas uma película fina sobre um bolsão de ar. De cima, a aparência é exatamente a mesma que a do resto do campo de gelo. Mas se você colocar qualquer peso sobre a superfície, vai atravessá-la. E não poderá sair mais, porque as laterais são de gelo sólido. A sensação de ter perdido Catriona, Adam e Mary, às vezes, é exatamente essa. Não sei quando o chão sob meus pés vai deixar de me suportar. — Ele pigarreou e apontou para um pequeno galpão de madeira que mal era visível, nas margens do bosque. — Aquele era o ateliê e a loja de Catriona. Estava em melhores condições, na época. Quando ela estava aberta, colocava algumas placas em cavaletes na beira da estrada. Deixava o portão interno aberto, o suficiente para que as pessoas entrassem e saíssem, mas não para que passassem carros. Havia bastante espaço para que as pessoas estacionassem aqui fora. — Ele acenou com a mão indicando o amplo lugar onde havia deixado o Land Rover. O assunto referente à sua primeira esposa estava claramente encerrado. Mas ele lhe havia fornecido um presente maravilhoso, com a imagem do “gelo oco”. Bel sabia que poderia transformar aquilo em algo notável.

Ela analisou o local.

— Mas, teoricamente, quem quer que a tenha sequestrado poderia ter aberto o portão o suficiente para passar com o carro. Então, eles teriam ficado praticamente invisíveis, para quem olhasse da estrada.

— Foi o que a polícia pensou, inicialmente, mas as únicas marcas de pneu que eles acharam eram do carro da própria Catriona. Eles devem ter estacionado

aqui fora, onde o terreno é mais duro. Qualquer pessoa que passasse de carro na estrada os teria visto. Estavam assumindo um risco enorme.

Bel deu de ombros.

— Sim e não. Se eles estavam de posse de Adam, Cat faria o que mandassem.

Grant assentiu.

— Até mesmo uma mulher de gênio forte como minha filha teria colocado a segurança do filho em primeiro lugar. Não tenho dúvida nenhuma sobre isso.

— Ele se virou. — Ainda culpo a mim mesmo.

Parecia uma reação extrema, mesmo para alguém tão controlador quanto ele.

— Como assim? — Bel perguntou.

— Confiei demais na polícia. Deveria ter assumido mais responsabilidade pela forma como as coisas se desenrolaram. Eu me esforcei. Mas não o suficiente.

Quarta-feira, 23 de janeiro de 1985; Castelo de Rotheswell

— Nós sabemos o que estamos fazendo — disse Lawson. Ele estava começando a parecer irritado, o que não deixava Grant muito confiante. — Podemos terminar com isso esta noite.

— Você deveria ter colocado a área sob vigilância — disse Grant. — Eles podem já estar no local.

— Imagino que eles não sabem exatamente quando as correspondências são entregues — disse Lawson. — Se quisessem nos pegar de surpresa, teriam se entrincheirado antes mesmo que recebêssemos a mensagem com as instruções. Portanto, não existe muita chance de que isso ocorra de fato.

Grant olhou fixamente para a foto de Polaroid daquela manhã. Dessa vez, Cat estava deitada de lado numa cama, com Adam estirado, de olhos bem abertos, a seu lado. Novamente, o *Daily Record* fornecia prova de vida. Pelo menos com relação ao dia anterior.

— Por que lá? — ele perguntou. — É um lugar tão estranho. Não se pode fugir de lá rapidamente.

— Talvez seja por isso que o escolheram. Se eles não podem fugir rapidamente, o senhor também não pode. Eles ainda terão uma refém. Podem usá-la como barganha para fazer com que o senhor mantenha distância até que eles voltem para o veículo — disse Lawson. Ele estendeu o mapa em grande escala que Rennie trouxera. O local da entrega estava circulado em vermelho. — A Lady's Rock. Fica entre o antigo poço de mina em East Wemyss e a extremidade leste de West Wemyss. Os pontos mais próximos aos quais eles podem chegar de carro ficam aqui, no início do bosque... — Lawson indicou no mapa. — Ou aqui. No estacionamento em West Wemyss. Se eu fosse eles, não escolheria West Wemyss. Fica mais longe da estrada principal. Demora alguns minutos cruciais a mais até o entroncamento de estradas.

— Porém, dá mais opções, depois que você chega lá — ressaltou Grant. — Em direção a Dysart ou a Boreland, em direção a Coaltown, ou descendo pela Check Bar Road até Standing Stone, e depois é possível ir a praticamente qualquer lugar.

— Cobriremos todas as possibilidades — disse Lawson.

— Vocês não podem correr nenhum risco — disse Grant. — Eles terão o resgate. Pode ser que sacrifiquem a Cat para poderem escapar.

— O que o senhor quer dizer?

— Se eu fosse um sequestrador que tivesse o resgate nas mãos e percebesse

que seus homens estavam atrás de mim, eu atiraria minha refém para fora do carro — disse Grant, parecendo muito mais calmo do que se sentia. — Vocês parariam para pegá-la, porque são civilizados. Eles sabem disso. Podem se dar ao luxo de apostar nessa possibilidade.

— Não vamos correr nenhum risco — disse Lawson.

Grant levantou as mãos, frustrado.

— Tampouco é essa a resposta certa. Vocês não podem manter a segurança em primeiro lugar numa situação como essa. Devem estar dispostos a correr riscos calculados. Terão de agir conforme o momento. Não podem ser rígidos. Têm de ser flexíveis. Eu não cheguei ao topo da árvore sem correr riscos.

Lawson lançou a ele um olhar calculado.

— E se eu corro um risco que acho necessário e o tiro sai pela culatra? O senhor será o primeiro a pedir a minha cabeça?

Grant fechou os olhos por um momento.

— É claro que serei — ele disse. — Agora, tenho duas vidas e um milhão de libras em jogo aqui. Você precisa me convencer de que sabe o que está fazendo. Podemos repassar tudo mais uma vez?

Sábado, 30 de junho de 2007; Newton of Wemyss

— Eu soube que a havia desapontado. Naquele instante mesmo, eu soube. — Grant suspirou fortemente. — Ainda assim, continuei acreditando que, se tudo desse errado, alguém apareceria. Que alguém devia ter visto alguma coisa.

— O que não aconteceu. — Foi uma afirmativa direta.

— Não. Não aconteceu. — Ele se voltou e olhou para Bel. Sua expressão era de perplexidade. — Nunca apareceu ninguém. Não para falar sobre o sequestro em si. Não para falar de onde eles foram mantidos em cativeiro. Nunca ninguém deu à polícia um único testemunho ocular crível. Ah, apareceram os malucos de sempre. E pessoas telefonando de boa-fé. Mas, depois de investigadas, todas as informações foram desacreditadas.

— Isso parece estranho — disse Bel. — Normalmente há alguma coisa. Mesmo que seja apenas um desentendimento entre os criminosos.

— Também acho. A polícia nunca pareceu achar estranho. Mas eu sempre me perguntei como eles conseguiram fazer tudo sem que houvesse uma única testemunha.

Bel parecia pensativa.

— Talvez não tenha havido um desentendimento entre os criminosos porque eles não eram criminosos.

— O que você quer dizer?

— Ainda não tenho certeza — ela disse, lentamente.

Grant parecia frustrado.

— Esse é o problema desse caso. — Ele foi em direção ao Land Rover. — Ninguém nunca tem certeza de nada. A única coisa certa é que a minha filha está morta.

Domingo, 1º de julho de 2007; East Wemyss

Karen nunca tivera uma opinião particularmente boa sobre os estudantes. Era uma das razões pelas quais ela havia optado por entrar para a polícia logo depois da escola, a despeito das tentativas de seus professores de a convencerem a cursar uma faculdade. Ela não via o sentido em juntar quatro anos de dívidas, quando poderia estar ganhando razoavelmente bem e fazendo um trabalho de verdade. Nada do que tinha visto da vida de seus antigos colegas de escola a fizera sentir que cometera um erro.

Mas a equipe de River Wilde a estava obrigando a admitir que, talvez, nem todos os estudantes fossem preguiçosos amantes da boa vida. Eles haviam chegado pouco antes das onze; descarregaram seus equipamentos e montaram os encerados e holofotes antes do meio-dia; e haviam organizado o serviço de pizzas, engolido a comida e começado a difícil, mas delicada, tarefa de deslocar toneladas de pedras e cascalho manualmente. Depois que estabeleceram um ritmo com as picaretas, espátulas, peneiras e escovas, River os deixou trabalhando e se uniu a Karen onde ela estava sentada, à mesa da sociedade das cavernas, sentindo-se meio dispensável.

— Muito impressionante — disse Karen.

— Eles não saem muito — disse River. — Bem, pelo menos, não no sentido profissional. Estão excitados com a tarefa.

— Quanto tempo você acha que levará para limpar a obstrução?

River deu de ombros.

— Depende de até onde ela vai. É impossível adivinhar. Um dos meus alunos de pós-graduação, formado em Ciências Geológicas, diz que o arenito é notoriamente imprevisível quando começa a se mover. Quando conseguirmos fazer uma abertura no topo, poderemos enfiar uma sonda. Isso nos dará uma ideia de até onde vai. Se atingirmos espaço aberto, podemos enfiar uma câmera de fibra ótica. Então, teremos uma noção muito melhor sobre o que estamos enfrentando.

— Eu lhe agradeço muito por tudo isso — disse Karen. — Estou dando um tiro no escuro aqui.

— Foi o que imaginei. Você quer me colocar a par da história? Ou é melhor que eu não saiba?

Karen sorriu.

— Você é que está me fazendo o favor. É melhor que saiba a quantas anda o placar. — Ela repassou com River os pontos principais da investigação,

aprofundando-se nos aspectos dos quais River pedia mais detalhes. — O que você acha? — ela perguntou, por fim. — Acha que eu consigo fazer meu plano dar certo?

River estendeu a mão, balançando-a para indicar que as chances eram iguais.

— Seu chefe é muito inteligente? — ela perguntou.

— Ele é um imbecil — respondeu Karen. — Tem a esperteza de uma lesma em coma.

— Neste caso, pode ser que você tenha sorte.

Antes que Karen pudesse responder, uma figura familiar surgiu da claridade da entrada da caverna.

— Ué, não está faltando uma? — perguntou Phil, chegando à parte iluminada e puxando uma cadeira para sentar-se.

— Do que é que você está falando? — perguntou Karen.

— “Mais dores para a barrela, mais fogo para a panela” — ele respondeu. — Das bruxas de Macbeth. Ah, tudo bem, foi só ilusão de ótica. Desculpe, chefe. — Ele estendeu a mão. — Você deve ser a Dra. Wilde. Tenho de confessar, achava que Karen fosse única, mas, aparentemente, estava enganado.

— Ele diz isso no bom sentido — disse Karen, virando os olhos. — Phil, você tem que aprender a ser simpático com mulheres desconhecidas. Principalmente aquelas que conhecem dezessete maneiras não detectáveis de matá-lo.

— Como é que é? — disse River, aparentemente ofendida. — Conheço muito mais do que dezessete maneiras.

Quebrado o gelo, Phil pediu a River que explicasse o que sua equipe esperava conseguir. Ele ouviu atentamente e, quando ela terminou, olhou para os estudantes. Eles já haviam feito uma depressão visível no canto superior, onde as pedras que haviam caído se encontravam com o teto.

— Sem querer ofender — ele disse —, mas espero que isso tudo seja uma grande perda de tempo.

— Você ainda tem esperança de que Mick Prentice esteja vivo e bem de saúde, cavando buracos na Polônia, como Iain Maclean sugeriu? — perguntou Karen, a voz repleta de piedade.

— Preferiria isso a encontrá-lo debaixo destas pedras.

— E eu preferiria que meus números tivessem sido sorteados na loteria ontem à noite — disse Karen.

— Não há nada de errado com um pouco de otimismo — River disse gentilmente. Ela se levantou. — É melhor eu dar um pouco de exemplo prático. Telefonarei para você se surgir alguma coisa.

Não houve dificuldade para encontrarem duas vagas de estacionamento na rua de Jenny Prentice. Phil seguiu Karen pelo caminho que levava à casa, resmungando baixinho que o Biscoito ia ter um treco quando descobrisse sobre a enorme escavação de River.

— Está tudo sob controle — disse Karen. — Não se preocupe. — A porta se abriu abruptamente, e Jenny Prentice olhou para eles de forma penetrante. — Boa tarde, Sra. Prentice. Gostaríamos de ter uma conversinha com a senhora. — Aço nos olhos e na voz.

— Sei, bem, eu não quero ter nenhuma conversa com vocês neste momento. Não é conveniente para mim.

— Mas é para nós — disse Phil. — A senhora quer fazer isso aqui, onde os vizinhos podem ouvir tudo? Poderíamos entrar, se a senhora preferir.

Outra figura surgiu por trás de Jenny. Karen não pôde deixar de ficar contente ao reconhecer Misha Gibson.

— Quem é, mãe? — ela perguntou e, então, percebeu. — Inspetora Pirie, você tem alguma novidade? — A esperança que surgiu em seus olhos foi como uma acusação.

— Nada concreto — disse Karen. — Mas você estava certa. Seu pai não foi para Nottingham com os fura-greves. O que quer que tenha acontecido com ele, não foi isso.

— Então, se vocês não vieram trazer novidades, por que estão aqui?

— Temos duas perguntas a fazer à sua mãe — disse Phil.

— Nada que não possa esperar até amanhã — disse Jenny, cruzando os braços sobre o peito.

— Mesmo assim, não existe razão para não resolvermos isso hoje mesmo — disse Karen, sorrindo para Misha.

— Não vejo minha filha com frequência — Jenny disse. — Não quero desperdiçar o tempo que temos falando com vocês.

— Não vai demorar muito — disse Karen. — E também diz respeito a Misha.

— Vamos, mãe. Eles vieram até aqui, o mínimo que podemos fazer é convidá-los para entrar — disse Misha, afastando a mãe da posição que esta ocupava, na soleira da porta. O olhar que Jenny lançou a eles poderia ter feito murchar almas mais frágeis, mas ela cedeu e se afastou, voltando para a sala na qual haviam conversado na última vez.

Karen recusou o chá que Misha ofereceu, mal permitindo que mãe e filha se acomodassem antes de ir direto ao ponto.

— Na última vez que conversamos, a senhora não falou nada sobre Tom Campbell.

— E por que deveria? — Jenny não podia evitar que a hostilidade aparecesse em sua voz.

— Porque ele esteve aqui no dia em que seu marido desapareceu. E não pela primeira vez, inclusive.

— Por que ele não deveria estar aqui? Era um amigo da família. Ele foi muito generoso conosco durante a greve. — A boca de Jenny se fechou tão rigidamente quanto uma ratoeira.

— O que está sugerindo, inspetora? — Misha parecia sinceramente confusa.

— Não estou sugerindo nada. Estou perguntando a Jenny por que ela nunca mencionou que Campbell esteve aqui naquele dia.

— Porque era irrelevante — disse Jenny.

— Quanto tempo depois do desaparecimento de Mick você e Tom começaram a ter um relacionamento? — A pergunta pairou no ar juntamente com as partículas de poeira suspensas no ambiente.

— Você tem uma mente muito suja — Jenny disse.

Karen deu de ombros.

— Está registrado que ele se mudou para cá. Que vocês viviam juntos como família. Que no testamento ele deixou tudo para Misha. Tudo que estou perguntando é quanto tempo se passou entre o desaparecimento de Mick e a entrada em cena de Tom.

Jenny lançou um olhar ininteligível à filha.

— Tom era um bom homem. Você não tem nenhum direito de vir aqui com suas insinuações e calúnias. Ele havia ficado viúvo fazia pouco tempo. Sua esposa era minha melhor amiga. Ele precisava de amigos por perto. E, como ele era um auxiliar de mina, então a maioria dos homens não queria saber dele.

— Não estou discutindo nada disso — disse Karen. — Só estou tentando entender toda a situação. O fato de a senhora não me contar a história toda não me ajuda a achar Mick. E então, quanto tempo demorou para que a senhora e Tom passassem da amizade para algo mais?

Misha fez um ruído impaciente.

— Diga o que ela quer saber, mãe. Caso contrário, ela simplesmente vai saber por outra pessoa. É melhor que seja por você do que da boca das doces esposinhas daqui.

Jenny olhava firmemente para os próprios pés, observando os chinelos surrados, quase furados no dedão, como se a resposta estivesse escrita ali e ela não tivesse os óculos adequados para ler.

— Nós dois estávamos nos sentindo sozinhos. Era como se tivéssemos sido abandonados. E ele era bom para nós, muito bom. — Houve uma longa pausa,

então Misha estendeu a mão para cobrir o punho cerrado da mãe. — Eu o convidei para a minha cama seis semanas contadas do dia que Mick nos abandonou. Teríamos morrido de fome se não fosse por Tom. Nós dois estávamos procurando conforto.

— Não há nada de errado nisso. — As palavras gentis vieram, surpreendentemente, de Phil. — Não estamos aqui para julgar ninguém.

Jenny assentiu.

— Ele se mudou para nossa casa em maio.

— E ele era um excelente padrasto — disse Misha. — Não poderia ter sido melhor se fosse meu pai de verdade. Eu amava Tom.

— Nós duas o amávamos — disse Jenny.

Karen não podia evitar o pensamento de que ela estava tentando convencer a si mesma tanto quanto a eles. Ela se lembrava da afirmação da Sra. McGillivray de que o coração de Jenny havia pertencido somente a Mick.

— A senhora alguma vez se perguntou se Tom teve algo a ver com a partida de Mick?

A cabeça de Jenny se ergueu abruptamente, seus olhos fuzilaram Karen.

— Que diabos está querendo dizer? Você acha que Tom fez alguma coisa com Mick? Você acha que ele deu sumiço no Mick?

— Me diga a senhora. Ele deu? — Karen estava tão implacável quanto Jenny estava eriçada.

— Você está completamente equivocada — Misha disse, em voz alta e desafiante. — Tom não machucaria uma mosca.

— Eu não falei nada sobre Campbell ter causado algum dano físico em Mick. Acho extremamente interessante que vocês duas tenham se precipitado a concluir que era isso que eu queria dizer — continuou Karen. Jenny parecia desnorteada, e Misha, furiosa. — O que eu estava pensando era se Mick percebeu que havia alguma ligação entre você e Tom. Pelo que tudo indica, ele era um homem orgulhoso. Talvez ele tenha decidido que seria melhor para todo mundo se ele desse lugar a um homem que a senhora parecia preferir.

— Você está falando um monte de merda — Jenny acusou. — Não havia nada acontecendo entre mim e Tom naquela época.

— Não? Bem, talvez Tom tenha achado que poderia haver, se ele pudesse tirar Mick de campo. Ele tinha bastante dinheiro. Talvez tenha dado um dinheiro a Mick para que ele fosse embora. — Era uma sugestão ultrajante, ela sabia. Mas o ultraje geralmente precipitava resultados interessantes.

Jenny tirou sua mão da de Misha e se afastou dela.

— Isto é culpa sua — ela gritou para a filha. — Eu não tenho de ficar escutando isso. Na minha própria casa, ela se atreve a caluniar o homem que lhe

deu tudo. Olha só o que você nos arrumou, Michelle! Olha só o que você fez! — As lágrimas escorriam por seu rosto quando ela levou a mão para trás e bateu com força no rosto de Misha.

Karen já estava de pé, mas não foi rápida o bastante. Jenny saiu da sala antes que qualquer pessoa pudesse impedi-la. Surpresa, Misha pressionou a mão em sua face escarlate.

— Deixe-a — ela gritou. — Você já causou dano suficiente por um dia. — Ela recuperou o fôlego e se recompôs. — Acho que vocês deveriam ir embora — disse.

— Sinto muito que as coisas tenham fugido ao controle — disse Karen. — Mas esse é o problema de se tirar a tampa da caixa. Você nunca sabe o que vai saltar lá de dentro.

Segunda-feira, 2 de julho de 2007; Glenrothes

Simon Lees, o subchefe de polícia, olhou fixamente para o papel que Karen Pirie havia colocado à sua frente. Já o lera três vezes e ainda não fazia sentido. Ele sabia que teria de pedir a ela que desse uma explicação e que, de alguma forma, ele terminaria em desvantagem. Era tão injusto. Logo cedo numa segunda-feira, e a segurança de seu escritório já fora violada.

— Não estou totalmente seguro do motivo de estarmos pagando para que essa... — ele verificou o papel novamente, tentando afastar a suspeita de que Pirie poderia estar se divertindo com uma pegadinha de mau gosto — Dra. River Wilde conduza um grupo de estudantes em uma “escavação criminalística” em uma caverna de East Wemyss.

— Porque irá nos custar aproximadamente um décimo do que o departamento de criminalística nos cobraria. E eu sei o quanto o senhor valoriza o fato de conseguirmos utilizar bem o dinheiro — disse Karen.

Lees pensou que ela sabia muito bem que não era aquilo que ele quisera dizer.

— Não estou me referindo às implicações orçamentárias — ele disse com irritação. — O que estou tentando entender é por que esse... — ele jogou as mãos para o alto num gesto de frustração — espetáculo circense está acontecendo.

— Pensei que não deveria deixar pedra sobre pedra na minha investigação do sequestro de Catriona MacLennan Grant — Karen disse com doçura.

Será que ela estava zombando dele? Ou realmente não entendia o que havia acabado de dizer?

— Eu não estava falando literalmente, inspetora. Para que diabos vai servir isso tudo? — Ele sacudiu a requisição orçamentária para ela.

— Chegou ao meu conhecimento, no curso das minhas investigações, que havia ocorrido um desmoronamento um tanto incomum em uma das cavernas de Wemyss, em janeiro de 1985. Digo incomum porque desde que a mina Michael fechou, em 1967, o terreno ficou estável e não houve outros desmoronamentos relevantes. — Karen saboreou o olhar de confusão no rosto de Lees. — Ao investigar esse aspecto mais profundamente, descobri que o desmoronamento havia sido descoberto na quinta-feira, 24 de janeiro.

— E? — Lees continuava sem compreender.

— Foi o dia seguinte à morte de Catriona, senhor.

— Sei disso, inspetora. Estou a par do caso. Mas ainda não vejo o que o

desmoronamento de um teto numa caverna obscura tenha a ver com a história.
— Ele mexeu no porta-retratos sobre a mesa.

— Bem, senhor, é o seguinte... — Karen se recostou na cadeira. — No que diz respeito às pessoas locais, as cavernas não são realmente obscuras. Todo mundo sabe sobre elas. A maioria brincou dentro delas pelo menos uma vez, quando criança. Agora, uma das coisas que nunca descobrimos, na época, foi onde Catriona e Adam ficaram presos em cativeiro. Nunca tivemos informações de testemunhas que os conectassem a qualquer local em particular. E comecei a pensar. Naquela época do ano, as cavernas são bastante desertas. É muito frio para as crianças brincarem fora de casa e nunca há muita luz natural para tentar as pessoas a entrar além dos primeiros metros de qualquer uma das cavernas.

Ainda que contra a vontade, Lees sentiu-se atraído por sua narrativa. Ela não fazia relatórios como os outros oficiais. Quase sempre isso o deixava meio louco, mas, às vezes, como naquele dia, não podia resistir à sua exposição.

— Você está dizendo que as cavernas poderiam ter sido um esconderijo para os sequestradores? Isso não é um pouco Enid Blyton^[5] demais? — ele disse, tentando assumir o controle da situação.

— Muito popular, a Enid Blyton, senhor. Talvez ela pudesse até ser considerada uma inspiração. De qualquer forma, a caverna em questão, a Thane's, tem um portão de grades para impedir que as pessoas entrem, hoje em dia. Mas, naquela época, só havia uma cerca na passagem de acesso. Não era intransponível. A sociedade das cavernas usava a Thane's como uma espécie de sede. Ainda usa, na verdade. A grade está lá só para desencorajar os exploradores eventuais. Portanto, entrar não teria sido difícil para ninguém.

— Mas eles estariam como ratos numa ratoeira, se fossem encontrados — protestou Lees.

— Bem, tem outra coisa. Não podemos ter certeza absoluta disso. Sempre se falou sobre uma passagem que ligava o Castelo Macduff à caverna.

— Ah, pelo amor de Deus, inspetora. Você está usando drogas? Isso é loucura.

— Com todo respeito, senhor. Faz um certo sentido, sim. Sabemos que os sequestradores fugiram da cena do crime num barco. Testemunhas policiais disseram, na época, que o som era de um motor externo pequeno. Mas que, quando eles finalmente conseguiram sair com o helicóptero e começaram a varrer o local com o holofote, não havia nem sinal de um barco pequeno ao redor da Lady's Rock. Agora, a maré estava alta naquela noite. E se eles simplesmente dispararam por alguns quilômetros margem acima e esconderam o barco na caverna? Eles teriam conseguido entrar com um bote inflável, sem dúvida. Eles o abandonariam juntamente com o resto de seu acampamento improvisado,

então sairiam de lá, derrubando o teto atrás deles.

Lees balançou a cabeça.

— Parece uma mistura de *O livro perigoso para garotos* e *Duro de matar*. E como exatamente você acha que eles conseguiram a façanha de... — ele fez um gesto indicando aspas, o que, por alguma razão, irritava profundamente sua esposa — derrubar o teto atrás deles?

Karen deu um sorriso animado demais para o gosto dele.

— Não faço ideia, senhor. Com sorte, a equipe da Dra. Wilde poderá nos dizer. Tenho certeza de que encontraremos alguma coisa por trás daquele desmoronamento que justificará toda essa despesa.

Lees segurou a cabeça com as mãos.

— Acho que você perdeu a cabeça, inspetora.

— Não importa — ela disse, levantando-se. — É o caso Brodie Grant. O senhor pode gastar praticamente quanto quiser. Esta é uma das únicas vezes em que ninguém vai questionar o orçamento.

Lees podia sentir o sangue martelando em seus ouvidos.

— Você está de sacanagem comigo?

Imediatamente, ele se arrependeu da linguagem chula, mesmo porque ela parecia pensar que aquilo era, definitivamente, um avanço.

— Não, senhor — Karen disse sobriamente. — Estou levando esse caso muito a sério.

— Você tem uma maneira engraçada de demonstrar isso. — Lees bateu a palma das mãos na mesa. — Quero ver trabalho policial de verdade aqui, não um passeio à Ilha do Tesouro. Está na hora de você escavar um pouco o passado. Está na hora de você ir conversar com Lawson. — Aquilo deixaria claro para ela quem era o chefe.

Porém, de alguma forma, ela já havia desativado sua pequena bomba.

— Fico feliz que pense assim, senhor. Marquei uma entrevista para... — ela consultou seu relógio — daqui a três horas. Portanto, se o senhor não se importa, vou sair para dar um gás e ir a Blue Toon.

— Perdão? — Por que as pessoas de Fife não podiam falar um inglês claro?

Karen suspirou.

— Vou dirigir até a cidade de Peterhead. Nós a chamamos de Blue Toon. — Ela se encaminhou para a porta. — Sempre esqueço que o senhor não é daqui. — Ela deu uma olhadela por cima do ombro. — O senhor não entende muito a gente, né?

Mas antes que ele pudesse responder, ela havia partido, deixando a porta completamente aberta. Como a vaca deixa aberta a porteira do estábulo, ele pensou, com amargura, levantando-se para fechá-la com um estrondo. O que

havia feito para merecer aquela maldita mulher? E como diabos iria conseguir sair do caso Brodie Grant cheirando a rosas, se era obrigado a confiar na capacidade investigativa de uma mulher que achava que poderia ser interessante cavar uma maldita caverna?

Campora, Toscana

Com uma sensação de alívio, Bel Richmond saiu da SS2, a rodovia de mão dupla traiçoeira que seguia em ziguezague pela Toscana, de Florença a Siena. Como sempre, os motoristas italianos a tinham deixado apavorada, dirigindo rápido demais e colado demais, os retrovisores quase se tocando cada vez que passavam voando por ela em curvas fechadas que pareciam deixar as estradas estreitas ainda menores. O fato de que ela estava num carro alugado apenas ampliava o desprazer. Bel se achava uma motorista bastante boa, mas a Itália nunca deixava de abalar seus nervos. E, graças a esse último trabalho, ela já estava se sentindo suficientemente abalada, muito obrigada.

Na noite de domingo, ela havia comido seu jantar numa bandeja, em seu quarto. Opção sua; ela fora convidada a se juntar aos Grant na sala de jantar, mas alegara urgências profissionais. A realidade era muito mais prosaica, mas o egoísmo que a caracterizava tornava impossível admitir. Na verdade, Bel queria ficar sozinha. Queria ficar à janela, fumando os cigarros Marlboro que Vivianne tanto a importunara para que largasse — o que fizera, supostamente, havia alguns meses. Queria assistir a bobagens na TV e fofocar ao telefone com qualquer uma de suas amigas cuja ligação a fazia sentir-se melhor. Queria fugir para casa e jogar videogames violentos no Playstation com Harry. Era sempre a mesma coisa quando ela se encontrava convivendo em ambientes fechados com os pivôs de suas histórias jornalísticas. Havia um limite para o tanto de intimidade que ela conseguia suportar.

Mas o prazer de ficar sozinha tinha durado pouco. Mal começara a assistir ao primeiro episódio de uma nova série policial quando ouviu baterem à porta. Bel silenciou a TV, pousou a taça de vinho e se levantou do sofá. Abriu a porta para se deparar com Susan Charleson, com uma pasta fina de plástico na mão.

— Desculpe-me por interromper — ela disse. — Mas, infelizmente, isto é urgente.

Disfarçando a má vontade que sentia, Bel deu um passo atrás e acenou para que ela entrasse.

— Entre — ela suspirou.

— Posso? — Susan indicou o sofá.

— Fique à vontade. — Bel se sentou no extremo oposto, deixando o maior

espaço possível entre elas. Não tinha ido com a cara de Susan Charleson. Por trás da eficiência glacial, não havia nada para compartilhar, nenhuma centelha de calor fraternal sobre o qual construir a conspiração de uma amizade. — Em que posso ajudá-la?

Susan inclinou a cabeça e deu um sorrisinho torto.

— Você já deve ter percebido que Sir Broderick é dado a tomar decisões repentinas, as quais ele espera que o resto do mundo transforme em realidade.

— É uma forma de expressar — disse Bel. *Acostumado a conseguir o que quer* poderia ser mais adequado. — Então, o que foi que ele decidiu que precisa de mim?

— Você também é bastante rápida no gatilho — disse Susan. — É provavelmente por isso que ele gosta de você. — Ela dirigiu a Bel um olhar calculado. — Ele não gosta de muitas pessoas. Quando gosta, nos recompensa muito bem.

Bajulação e suborno, os gêmeos pervertidos. Graças a Deus, ela havia atingido um ponto em sua carreira em que conseguia se alimentar e se vestir sem precisar se curvar diante de presentes envenenados.

— Faço as coisas porque elas me interessam. Se não me interessarem, não irei fazer direito, então nem faz muito sentido, na verdade.

— É justo. Ele gostaria que você fosse à Itália.

O que quer que estivesse esperando, não era aquilo.

— Por quê?

— Porque ele acha que a polícia italiana não tem nenhum interesse no caso e, portanto, não irá se esforçar muito nele. Se a inspetora Pirie for até lá ou enviar alguém de sua equipe, ela ficará limitada pela língua e por ser alguém de fora. Ele acha que você conseguiria se sair melhor, já que fala italiano. Além disso, você acabou de voltar de lá e deve ter mantido contato com as pessoas locais. Não com a polícia, é óbvio. Mas com as pessoas da região, que podem de fato saber alguma coisa a respeito do que vem acontecendo naquela *villa* em ruínas. — Susan sorriu para ela. — Se tudo falhar, pelo menos você conseguiu uma viagem, com todas as despesas pagas, de volta à Toscana.

Bel não precisou pensar no assunto por muito tempo. Aquela era, provavelmente, a única chance que teria de obter novas informações junto à polícia.

— Como você sabe que eu falo italiano? — ela procurou ganhar tempo, não querendo parecer fácil demais.

Um sorriso frio.

— Não são só os jornalistas que sabem pesquisar.

Você pediu.

— Quando ele quer que eu vá?

Susan lhe entregou a pasta.

— Há um voo para Pisa às seis da manhã de amanhã. Você tem reserva nele, e há um carro alugado à sua espera no aeroporto. Não reservei hospedagem... achei que você preferiria definir isso pessoalmente. Você será, obviamente, reembolsada.

Bel estava surpresa.

— Às seis da manhã?

— É o único voo direto. Já fiz o seu check-in. Você será levada de carro até o aeroporto. Leva apenas quarenta minutos, a essa hora da manhã...

— Sim, está bem — disse Bel, impaciente. — Você tinha certeza absoluta de que eu iria concordar.

Susan colocou a pasta sobre o sofá entre elas e se levantou.

— Era uma aposta bastante certa.

Portanto, ali estava ela, sacolejando por uma estradinha de terra no Val d'Elsa, passando por campos de girassóis dramaticamente floridos, com o batimento quente da excitação pulsando em sua garganta. Ela não sabia se o nome de Brodie Grant abriria portas na Itália tão facilmente quanto na Escócia, mas tinha uma secreta desconfiança de que ele saberia exatamente como manipular a corrupção que perpassava tudo por ali. Não havia nada na Itália, atualmente, que não pudesse ser reduzido a uma transação.

Exceto a amizade, é claro. E, graças a isso, pelo menos tinha um teto sobre a cabeça. A *villa*, obviamente, estava fora de cogitação. Não por causa do custo — tinha certeza que poderia ter feito Brodie Grant pagar por tudo —, mas porque era alta temporada na Toscana. Mas ela estava com sorte. Grazia e Maurizio haviam transformado um de seus velhos celeiros em apartamentos para turistas e o menor deles, um quarto com uma varanda minúscula, estava disponível. Quando ela telefonara do aeroporto, Grazia insistiu que não cobraria nada pela hospedagem. Bel precisara de quase dez minutos para explicar que outra pessoa estaria pagando suas despesas, então Grazia deveria cobrar ainda mais, tanto quanto ela quisesse.

Bel saiu da estrada para uma vereda esburacada ainda mais estreita, que serpenteava em meio a uma floresta de carvalhos e castanheiras. Após pouco mais de um quilômetro e meio, ela emergiu em um pequeno platô com um jardim de oliveiras e um campo de milho. No extremo oposto havia um agrupamento de casas atrás de uma placa pintada à mão que dizia: *Boscolata*. Bel percorreu as curvas acentuadas e foi em frente, de volta às árvores. Ao contornar a segunda curva depois da Boscolata, diminuiu a velocidade e olhou, em meio aos arbustos, para a *villa* em ruínas onde aquela trajetória toda havia se

iniciado. Não havia nada que demonstrasse haver qualquer coisa de interesse ali, a não ser um pedaço de fita adesiva vermelha e branca amarrada de qualquer jeito no portão. A isso se resumia a investigação policial italiana.

Mais cinco minutos dirigindo por caminhos tortuosos e Bel estacionou no pátio do sítio de Grazia. Um cão de caça marrom-claro de orelhas caídas e focinho rosado se remexia na ponta de sua corrente, latindo com toda a pompa de um cão que sabe que ninguém chegará perto o suficiente para ser mordido. Antes que Bel pudesse abrir a porta, Grazia apareceu na escada da varanda, limpando as mãos no avental e franzindo o rosto num amplo sorriso.

Os cumprimentos calorosos e sua acomodação no quarto cuidadosamente mobiliado levaram meia hora e deram a Bel a vantagem de ajudá-la a recuperar os ritmos da linguagem. As duas mulheres se sentaram para tomar uma xícara de café na cozinha escura de Grazia, as grossas paredes de pedra mantendo o calor sob controle, como haviam feito durante centenas de anos.

— E agora, você precisa me contar por que já está de volta, tão cedo — disse Grazia. — Você falou que tem algo a ver com trabalho?

— Mais ou menos — respondeu Bel, obrigando seu italiano a entrar no ritmo. — Me diga uma coisa: você notou algo lá na *villa* em ruínas, ultimamente?

Grazia olhou desconfiada.

— Como você sabe disso? Os *carabinieri* estiveram lá na sexta-feira. Eles deram uma olhada, depois foram falar com as pessoas da Boscolata. Mas o que isso tem a ver com você?

— Quando estivemos aqui de férias, fui explorar a antiga *villa*. Encontrei uma coisa lá que se relaciona a um crime não solucionado na Inglaterra. Um caso de vinte anos atrás.

— Que tipo de crime? — Grazia parecia ansiosa. As juntas inchadas de suas mãos se moviam sem descanso sobre a mesa.

— Uma mulher e seu bebê foram sequestrados. Mas algo deu errado quando o resgate foi entregue. A mulher foi morta e nunca descobriram o que aconteceu com a criança. — Bel estendeu as mãos e deu de ombros. Por alguma razão, aqueles gestos vinham mais naturalmente quando ela falava italiano.

— E você descobriu algo aqui relacionado a isso?

— Sim. Os sequestradores se autodenominavam anarquistas e faziam suas exigências por intermédio de pôsteres. Encontrei um pôster exatamente igual na antiga *villa*.

Grazia balançou a cabeça, espantada.

— O mundo está ficando cada vez menor. Então, quando é que você foi falar com os *carabinieri*?

— Não fui. Não achei que acreditariam em mim. Ou, se acreditassem, que não estariam interessados em algo que aconteceu lá no Reino Unido há vinte e poucos anos. Esperei até voltar para casa, então fui falar com o pai da mulher sequestrada. Ele é um homem muito rico, um homem poderoso. O tipo de pessoa que faz as coisas acontecerem.

Grazia deu uma risadinha amarga.

— Seria preciso um homem assim para fazer os *carabinieri* levantarem a bunda da cadeira e virem de Siena até aqui. Isso explica por que eles estavam tão interessados em quem vinha morando na *villa*.

— Sim. Parece que alguns posseiros estavam morando ali.

Grazia assentiu.

— A *villa* pertencia a Paolo Totti. Ele morreu há, talvez, uns doze anos. Um homem tolo, extremamente vaidoso. Gastou todo o seu dinheiro comprando uma casa enorme para impressionar a todos, mas não tinha o suficiente para cuidar do lugar como merecia. E, então, ele morreu sem deixar testamento. Sua família vem brigando pela propriedade desde então. A coisa se arrasta nos tribunais e, a cada ano que passa, a *villa* se deteriora um pouco mais. Ninguém da família faz nada para consertá-la, pois podem terminar sem ganhar nada. Pararam de vir aqui há anos. Às vezes, portanto, algumas pessoas se mudam para lá por um tempo. Ficam durante um verão e depois vão embora. Mas o último grupo, eles ficaram mais tempo. — Grazia terminou o café e se levantou. — Tudo que sei são fofocas, mas iremos até a Boscolata e poderemos conversar com meus amigos de lá. Eles vão lhe contar muito mais do que contaram àqueles *carabinieri* mandões.

Peterhead, Escócia

Karen observou James Lawson conforme ele ia se aproximando. Não estavam mais ali a postura altiva, a cabeça erguida e as costas retas. Seus ombros estavam curvados, os passos eram curtos e rígidos. Três anos na prisão haviam acrescentado dez anos à sua aparência. Ele se assentou na cadeira do outro lado da mesa, ajeitando-se nervosamente, até que, enfim, acomodou-se. Uma pequena tentativa de controlar algum aspecto da entrevista, pensou ela.

Então, ergueu os olhos. Ele ainda tinha o olhar fixo e penetrante de policial, os olhos ardentes, o rosto feito pedra.

— Karen — ele disse, reconhecendo sua presença com um minúsculo gesto da cabeça. Seus lábios, pálidos e azulados, estavam apertados numa linha fina.

Ela não via sentido em perder tempo com conversa fiada. Não havia nada a dizer que não levasse diretamente à recriminação e à amargura.

— Preciso da sua ajuda — ela disse.

A boca de Lawson se relaxou numa expressão de escárnio.

— Quem você pensa que é? Clarice Starling? Teria que perder uns quilos antes de dar uma de Jodie Foster.

Karen lembrou a si mesma que Lawson havia feito os mesmos cursos de técnicas de interrogatório que ela. Ele sabia tudo sobre tatear em busca das fraquezas do oponente. Por outro lado, ela também sabia.

— Valeria a pena fazer dieta pelo Hannibal Lecter — ela disse. — Mas não por um policial caído em desgraça que jamais voltará a pescar trutas no lago Leven.

Lawson levantou as sobrancelhas.

— Mandaram você fazer algum curso de esperteza antes de prestar o exame de inspetora? Se a sua intenção é me engambelar, não está indo pelo caminho certo.

Karen balançou a cabeça, resignada.

— Não tenho nem tempo nem energia para isso. Não estou aqui para inflar seu ego. Nós dois sabemos como essas coisas funcionam. Você me ajuda, sua vida dentro destas quatro paredes fica um pouquinho menos horrível por um tempo. Você me deixa falando sozinha e sua vida ficará ainda mais deprimente. Só depende de você, Jimmy.

— Pra você é Sr. Lawson.

Ela balançou a cabeça.

— Isso implicaria mais respeito do que você merece. E você sabe disso. — Tendo defendido seu ponto de vista, ela evitaria chamá-lo de qualquer coisa. Podia ouvi-lo respirar com dificuldade pelo nariz, um silvo débil no final de cada exalação.

— Você acha que conseguiria tornar minha vida ainda mais deprimente? — Ele olhou-a de forma penetrante. — Você não sabe da missa a metade. Eles me mantêm isolado porque sou ex-policial. Você é a primeira visita que recebo este ano. Estou velho demais e feio demais para atrair qualquer pessoa. Não fumo e não preciso mais de cartões telefônicos. — Ele deu uma risada ofegante, o catarro gorgolejava em sua garganta. — Como você acha que conseguiria piorar isso?

Ela respondeu com um olhar direto, inabalável. Sabia o que ele fizera e não havia espaço para pena ou compaixão por ele em seu coração. Ela não dava a mínima se cuspiam na comida dele. Ou coisa pior. Ele a havia traído e a todos que trabalharam com ele. A maioria dos policiais que Karen conhecia estava na profissão por motivos decentes. Faziam sacrifícios pelo trabalho, importavam-se que ele fosse realizado corretamente. Descobrir que um homem cujas ordens eles

havam seguido sem pestanejar cometera um triplo homicídio havia abalado a moral no Departamento de Investigação Criminal. As fraturas ainda estavam se consolidando. Algumas pessoas ainda culpavam Karen, argumentando que teria sido melhor deixar aquilo quieto. Ela não sabia como essas pessoas conseguiam dormir à noite.

— Me disseram que você usa muito a biblioteca — ela disse. Os olhos dele se desviaram. Ela soube que o havia encurralado. — É importante manter a mente ativa, não? Caso contrário, você realmente pode enlouquecer. Ouvi falar que hoje é possível descarregar livros e músicas da biblioteca num pequeno reproduutor de MP3. Para ouvir quando sentir vontade.

Ele olhou para longe, abrindo e fechando os dedos.

— Você ainda está trabalhando com casos arquivados? — A concessão das palavras parecia requerer uma energia que ele mal tinha para gastar.

— O departamento é meu agora. Robin MacLennan se aposentou. — Karen manteve um tom de voz neutro e o rosto impassível.

Lawson olhou por cima do ombro dela para uma parede vazia atrás de Karen.

— Eu era um bom policial. Não deixei muitos fios soltos para vocês, corvos carniceiros, retornarem — ele disse.

Karen olhou-o firmemente. Ele matara três pessoas e tentara culpar um homem vulnerável por dois assassinatos e, ainda assim, pensava em si mesmo como sendo um bom policial. A capacidade dos criminosos de se iludirem nunca deixava de surpreender Karen. Ela achava incrível que ele pudesse ficar ali sentado, com aquela cara impassível, depois das leis que havia infringido, das mentiras que tinha contado e das vidas que havia destruído.

— Você solucionou muitos casos — foi o melhor que conseguiu dizer. — Mas tenho algo que parece ser uma nova evidência num caso que ainda está aberto.

A expressão de Lawson não se alterou, mas ela sentiu um lampejo de interesse, quando ele se remexeu na cadeira.

— Catriona MacLennan Grant — ele disse, permitindo-se forçar um sorriso satisfeito. — Para você vir pessoalmente, teria de ser um assassinato. E esse é o único assassinato não solucionado no qual atuei como investigador sênior.

— Nada de errado com sua capacidade de dedução — disse Karen.

— E então? Você finalmente encontrou alguma coisa para pegar o filho da puta, depois de todo esse tempo?

— Que filho da puta?

— O ex-namorado, é lógico... — A pele acinzentada de Lawson se enrugou enquanto ele escavava a memória à procura de detalhes. — Fergus Sinclair.

Caseiro. Ela havia rompido com ele, não queria que ele assumisse a paternidade do filho.

— Você acha que Fergus Sinclair a sequestrou e ao bebê? Por que ele faria isso?

— Para pôr as mãos na criança e em dinheiro suficiente para que os dois vivessem em grande estilo — disse Lawson, como se estivesse instruindo uma criancinha sobre algo óbvio. — Então, ele a matou durante a entrega do resgate para que ela não pudesse denunciá-lo. Todos nós sabíamos que tinha sido ele, só não podíamos provar.

Karen se inclinou para a frente.

— No arquivo não há nenhuma menção a isso — ela disse.

— É claro que não. — Lawson fez um ruído de desdém com a garganta. — Cristo, Karen, você acha que éramos burros naquela época?

— Você não precisava revelar tudo para a defesa em 1985 — ela ressaltou. — Não havia nenhuma razão operacional pela qual não pudesse ter deixado uma mísera indicação para quem viesse depois de você.

— Mesmo assim, nós não colocávamos no papel nada que não pudéssemos embasar com provas sólidas.

— É justo. Mas não existe nada no arquivo que sugira que você sequer o tivesse investigado. Nenhuma anotação sobre entrevistas nem gravações, nenhum depoimento. A única menção no arquivo é um depoimento de Lady Grant dizendo que acreditava que Sinclair fosse o pai do filho de Catriona, mas que sua filha sempre havia se recusado a confirmar a paternidade.

Lawson olhou para longe.

— Brodie MacLennan Grant é um homem poderoso. Nós todos estávamos de acordo, até o chefe de polícia. Nada iria para o arquivo se não pudéssemos confirmar em cento e dez por cento. — Ele pigarreou. — Mesmo que achássemos que Sinclair fosse o suspeito óbvio, não queríamos assinar sua sentença de morte.

Karen abriu e fechou a boca. Seus olhos se arregalaram.

— Você achou que Brodie Grant mandaria matar Sinclair?

— Você não viu a dor dele depois da morte de Cat. Eu não duvidaria que ele fosse capaz disso. — Sua boca se fechou rigidamente, e ele olhou para ela de forma desafiadora.

Karen tinha achado Brodie Grant um homem duro e movido pelo sucesso a qualquer preço, mas nunca havia passado por sua cabeça considerá-lo um potencial mandante de assassinatos.

— Você estava enganado quanto a isso — ela disse. — Sinclair sempre esteve seguro. Grant não acha que ele teria coragem de fazer aquilo.

Lawson bufou.

— Ele pode dizer isso agora, mas, na época, era visível o ódio que sentia por aquele rapaz.

— E você investigou Sinclair a fundo?

Lawson assentiu.

— Ele parecia promissor. Não tinha nenhum álibi. Estava trabalhando no exterior. Áustria, acho que era. Administração de propriedades é o ramo dele. — Ele franziu a testa novamente, coçando o queixo barbeado. Começou a falar lentamente, ganhando velocidade conforme a lembrança tomou forma. — Enviamos uma equipe até lá para falar com ele. Não encontraram nada que o eximisse. Ele havia estado fora do trabalho, de férias, durante o período crucial: o sequestro, os pedidos de resgate, a entrega do dinheiro e a fuga. E o cara que consultamos na escola de arte disse que o pôster enquadrava-se no estilo expressionista alemão, o que tinha relação com o lugar onde ele estava morando.

Ele deu de ombros.

— Mas Sinclair disse que tinha ido esquiar nas férias. Viajando de uma estação de esqui a outra. Dormindo em seu Land Rover para economizar dinheiro. Ele possuía os passes das estações de esqui de todas as datas relevantes, todos pagos em dinheiro. Não podíamos provar que ele não havia estado onde alegava. E, o mais importante: não podíamos provar que ele houvesse estado onde achávamos que havia estado. Era nossa única pista real e não nos levou a lugar algum.

Segunda-feira, 21 de janeiro de 1985; Kirkcaldy

Lawson folheou a pasta novamente, como se pudesse encontrar alguma coisa que houvesse passado despercebida em exames anteriores. Ainda estava tristemente fina. Sem levantar a cabeça, chamou o agente Pete Rennie, que estava no outro lado do escritório.

— Os caras da investigação do local do crime ainda não mandaram nada?

— Acabei de falar com eles. Estão trabalhando o mais rápido possível, mas não estão muito otimistas. Dizem que parecem estar lidando com pessoas espertas o suficiente para não deixar pistas. — Rennie parecia, ao mesmo tempo, apologético e ansioso, como se soubesse que, de alguma forma, aquilo se tornaria culpa dele.

— Babacas inúteis — Lawson resmungou.

Depois de sua excitação inicial provocada pela segunda mensagem dos sequestradores, o dia havia sido de uma frustração crescente. Ele tivera de acompanhar Grant ao banco, onde se reuniram com um funcionário graduado que, do alto de seu pedestal, anunciara que o banco tinha uma política de não cooperação com sequestradores. E isso fora antes que qualquer um deles pudesse dizer uma palavra sobre o motivo para o pedido de Grant. Eles precisaram conversar com um diretor do banco antes de obter qualquer avanço.

Então, Grant o levava a um clube chique de cavalheiros em Edimburgo e o instalara numa poltrona, com uma generosa dose de uísque, a despeito de seus protestos por estar de serviço. Quando o garçom colocou o drinque à sua frente, ele o ignorou e esperou que Grant dissesse em que estava pensando. Aquela era uma investigação na qual Lawson estava ciente de que não deveria aparentar estar no comando.

— Eu tenho seguro contra sequestros, sabe? — Grant disse sem preâmbulos.

Lawson teve vontade de perguntar como funcionava, mas não quis parecer um caipira provinciano que não tinha ideia do que estava fazendo.

— Você conversou com eles?

— Ainda não. — Grant girou o malte dentro do copo de cristal. O forte cheiro do uísque flutuou num miasma que deixou Lawson levemente nauseado.

— Posso perguntar por que não?

Grant pegou um charuto e iniciou o processo minucioso de cortá-lo e acendê-lo.

— Você sabe como é. Eles vão querer participar da jogada. O preço do

resgate será deixá-los comandar o show.

— E isso é um problema?

Lawson estava se sentindo um pouco desorientado. Bebericou uísque e quase o cuspiu. Tinha o gosto do xarope para tosse que sua avó usava. Não parecia pertencer à mesma família da dosezinha de Famous Grouse que ele saboreava em casa, ao pé da lareira.

— Estou preocupado que as coisas fujam do controle. Eles têm dois reféns. Se chegarem a desconfiar que preparamos uma armadilha, quem sabe o que serão capazes de fazer? — Ele acendeu o charuto e apertou os olhos para olhar para Lawson através da fumaça. — O que preciso saber é se você está confiante de poder levar o assunto a uma conclusão bem-sucedida. Será que preciso me arriscar com pessoas de fora? Você é mesmo capaz de recuperar minha filha e meu neto para mim?

Lawson sentiu a fumaça doce e nauseante em sua garganta.

— Acredito que sim — ele respondeu, perguntando-se se sua carreira seguiria o mesmo caminho do charuto.

E era nesse pé que eles haviam deixado as coisas. Portanto, ali estava ele agora, ainda em sua mesa, enquanto a tarde se arrastava inexoravelmente em direção à noite. Nada estava acontecendo, exceto que suas palavras pareciam cada vez mais ingênuas. Ele olhou com raiva para Rennie.

— Você já conseguiu rastrear Fergus Sinclair?

Os ombros de Rennie se encurvaram, e ele se remexeu na cadeira.

— Sim e não — disse. — Descobri onde ele está trabalhando e conversei com o chefe dele. Mas ele não está por lá. O Sinclair, digo. Ele saiu de férias. Foi esquiar, parece. E ninguém sabe onde.

— Esquiar?

— Saiu no seu Land Rover com o equipamento de esqui — disse Rennie, na defensiva, como se houvesse feito pessoalmente as malas de Sinclair.

— Então ele poderia estar em qualquer lugar?

— Suponho que sim.

— Inclusive aqui? Em Fife?

— Não existe nenhuma evidência disso. — A boca de Rennie pareceu deslizar para o lado, como se seu queixo tivesse acabado de se dar conta de estar sobre gelo muito escorregadio.

— Você já foi às empresas aéreas? Aeroportos? Portos? Já pediu que eles verificassem as listas de passageiros?

Rennie desviou os olhos.

— Vou fazer isso agora mesmo.

Lawson apertou a base do nariz entre o polegar e o indicador.

— E entre em contato com o órgão emissor de passaportes. Quero saber se Fergus Sinclair entrou com algum pedido de passaporte para o filho.

Segunda-feira, 2 de julho de 2007; Peterhead

— Sempre estive convencido de que Sinclair estava envolvido de alguma forma. Não havia tantas pessoas assim que conheciam a rotina de Catriona tão bem a ponto de capturá-la — disse Lawson, agora num tom defensivo.

Karen sentia-se perplexa.

— Mas e o bebê? Se ele fez tudo isso para pôr as mãos no filho, onde está Adam agora?

Lawson levantou os ombros.

— Essa é a pergunta de um milhão de dólares, não é? Talvez Adam não tenha sobrevivido ao tiroteio. Talvez Sinclair tivesse alguma mulher preparada para tomar conta do bebê por ele. Se eu fosse você, daria uma olhada na vida dele atual. Veja se tem algum rapaz que bate com a idade de Adam. — Ele se recostou na cadeira, cruzando as mãos no colo. — Então, você não descobriu nada significativo? Isto aqui é uma mera pescaria?

Ela pegou o pôster enrolado que havia encostado na sua cadeira e retirou o elástico que o prendia. Deixou-o se desenrolar com a frente virada para Lawson. Ele estendeu a mão para pegá-lo e, então, deteve-se, dirigindo a ela um olhar interrogativo.

— Vá em frente — ela disse. — É uma cópia.

Lawson abriu cuidadosamente o papel. Analisou o trabalho artístico em preto e branco, passando um dedo sobre o titereiro e suas marionetes; o esqueleto, a Morte e o bode.

— Este é o pôster que os sequestradores usavam para se comunicar com Brodie MacLennan Grant. — Ele apontou para o espaço em branco na parte inferior do pôster. — Aqui, onde se colocariam os detalhes da apresentação, era onde as mensagens eram escritas. — Ele dirigiu a ela um olhar de resignação. — Mas você já sabe tudo isso. De onde veio este?

— Apareceu em uma casa abandonada na Toscana. O lugar está caindo aos pedaços, está desabitado há anos. Segundo os moradores locais, houve posseiros chegando e partindo. O último grupo se mandou na calada da noite. Sem nenhum aviso, sem despedidas. Deixaram um monte de coisas para trás. Inclusive meia dúzia destes pôsteres.

Lawson balançou a cabeça.

— Não significa nada. Apareceram alguns pôsteres assim ao longo dos anos. Como Sinclair o forjou de forma a parecer que um grupo anarquista estava atacando Brodie MacLennan Grant, de vez em quando aparecem idiotas usando o

pôster para promover alguma manifestação, festival, ou seja lá o que for. Nós sempre os investigávamos e nunca houve qualquer conexão com o que aconteceu com Catriona. — Ele fez um gesto de descaso com a mão.

Karen sorriu.

— Você acha que não sei disso? Pelo menos essa parte foi incluída no arquivo. Mas agora é diferente. Nenhuma das cópias que apareceram antes era exata. Havia diferenças em detalhes, como ocorreria se você estivesse copiando de antigos recortes de jornal. Mas este aqui é diferente. É exatamente o mesmo desenho. A criminalística já confirmou que é idêntico. Que veio da mesma tela de *silk-screen*.

Os olhos de Lawson brilharam, a centelha de interesse ficava, de repente, óbvia em seu rosto.

— Você está brincando?

— Eles tiveram o fim de semana inteiro para se decidirem. Disseram que não há dúvida. Mas por que alguém guardaria a tela durante todos esses anos? É a única prova que conecta os sequestradores com o crime.

Lawson sorriu com malícia.

— Talvez eles não tenham guardado a tela. Talvez apenas conservaram os pôsteres.

Karen balançou a cabeça.

— Não segundo o analista de documentos. Nem o papel nem a tinta haviam sido desenvolvidos em 1985. Isto foi produzido recentemente. Com a tela original.

— Não faz sentido.

— Assim como tantas outras coisas nesse caso — murmurou Karen. Sem perceber, ela havia voltado a seu relacionamento histórico com o homem sentado à sua frente. Ela era a policial subalterna, incitando-o a encontrar sentido nos fragmentos de informação que ela colocava a seus pés.

Inconscientemente, Lawson correspondeu, relaxando na conversa pela primeira vez.

— Que outras coisas? — ele perguntou. — Quando nos concentramos em Sinclair, tudo se encaixa.

— Não vejo como. Por que Fergus Sinclair mataria Cat na entrega?

— Porque ela poderia identificá-lo.

A impaciência na voz dele irritou Karen, lembrando-a dos papéis atuais de cada um deles.

— Isso eu entendo. Mas por que matá-la nesse momento? Por que não antes? Com ela viva na entrega, ele estava armando uma situação bastante complicada, file tinha de controlar Cat e o bebê, pôr as mãos no resgate, depois

atirar em Cat e fugir com o bebê em meio a toda confusão. Ele nem sequer podia ter certeza de que a mataria. Não no escuro, com todo mundo se movimentando de maneira desordenada. Teria sido muito mais simples para ele tê-la matado antes da entrega do resgate. Por que ele não a matou antes?

— Prova de vida — Lawson disse com a satisfação de um homem jogando um ás. — Brodie exigia prova de vida antes de ir em frente.

— Não, isso não me convence — disse Karen. — O sequestrador ainda tinha o bebê. Ele poderia usar Adam como prova de vida. Você não está me dizendo que Brodie Grant se recusaria a pagar o resgate se não tivesse prova de que Cat também estava viva, está?

— Não... ele teria pagado o resgate com Cat viva ou morta. — Lawson franziu a testa. — Eu não tinha pensado no assunto por esse ângulo. Você tem razão. Não faz sentido.

— É claro que, se o sequestrador não fosse Sinclair, ela não precisaria ter morrido. — Os olhos de Karen ficaram vagos enquanto ela cogitava sobre aquela ideia. — Pode ter sido um estranho. Ela poderia não ter sido capaz de identificá-lo. Quem sabe não foi um acidente?

Lawson inclinou a cabeça para o lado e lhe dirigiu um olhar especulativo. Karen sentiu como se sua objetividade estivesse sendo avaliada. Ele tamborilou de leve com os dedos na borda da mesa lascada.

— Sinclair pode ter sido o sequestrador, Karen. Mas não necessariamente o assassino. Sabe, existe mais um dado que não estava no relatório.

Quarta-feira, 23 de janeiro de 1985; Newton of Wemyss

A tensão era torturante. A grandeza da Lady's Rock recortava uma parte do céu estrelado, bloqueando a costa do outro lado. O frio mordia o nariz e as orelhas de Lawson, assim como a faixa estreita entre suas luvas de couro e os punhos de seu suéter. O ar tinha um cheiro forte e ácido de fumaça de carvão e sal. O mar ali perto sussurrava naquela noite sem vento. A lua minguante fornecia apenas luz suficiente para que ele notasse os traços tensos de Brodie MacLennan Grant a alguns metros de distância, fora da cobertura das árvores que protegiam o próprio Lawson. Com uma das mãos, Brodie segurava a bolsa de viagem com o dinheiro, os diamantes e os rastreadores; a outra segurava fortemente o cotovelo de sua esposa. Lawson imaginava a dor irradiando daquele aperto de pinça e ficou feliz por não o estar recebendo. O rosto de Mary MacLennan Grant estava nas sombras, e sua cabeça, abaixada. Lawson imaginava que ela estivesse tremendo dentro do seu casaco de pele, e não por causa do frio.

Ele não podia ver a meia dúzia de homens que havia posicionado entre as árvores. E isso era bom. Se ele não podia vê-los, os sequestradores tampouco poderiam. Ele os havia escolhido a dedo, elegendo aqueles que acreditava serem inteligentes e corajosos, duas qualidades que coincidiam com menos frequência do que ele gostava de admitir. Alguns eram atiradores treinados; um portava uma pistola e o outro, no alto da Lady's Rock, um rifle, ambos equipados com visão noturna. Estavam orientados a não atirar a não ser sob ordem direta sua. Lawson esperava, sinceramente, estar exagerando ao trazê-los com ele.

Ele havia conseguido levar mais alguns oficiais, removendo-os de suas tarefas de rotina de guardar as minas e usinas elétricas. Os companheiros de trabalho dos que foram chamados haviam ficado ressentidos por sua transferência, ainda mais porque Lawson não pudera explicar a razão da mudança temporária deles para o seu comando. Esses oficiais extras estavam posicionados no terreno irregular ao redor do bosque, nos pontos mais próximos do local de encontro em que se poderiam estacionar veículos. Eles deveriam ser capazes de impedir uma fuga, caso Lawson e sua equipe imediata falhassem na captura dos sequestradores no momento da entrega do resgate.

O que era uma séria possibilidade. Aquilo era uma verdadeira armadilha. Ele havia tentado convencer Grant a dizer não, a insistir em outro lugar para a entrega do dinheiro. Qualquer coisa menos uma droga de uma praia, no meio da noite. Ele deveria ter economizado saliva. No que dizia respeito a Grant, Lawson e seus homens estavam ali como uma espécie de força particular de segurança.

Ele agia como se estivesse fazendo um grande favor a eles, convidando os contra as instruções expressas de quem quer que houvesse capturado sua filha e seu neto. A despeito do que dissera sobre a equipe de seguro contra sequestro, ele não parecia enxergar tudo o que poderia dar errado. Na verdade, era melhor nem pensar a respeito.

Lawson deu uma olhadela no mostrador luminoso do seu relógio. Faltavam três minutos. Tudo estava tão parado que ele até poderia esperar ouvir o motor do carro deles a distância. No entanto, a céu aberto, a acústica era sempre imprevisível. Ele havia notado, ao percorrer o caminho durante seu reconhecimento prévio, como a imensa massa da Lady's Rock atuava como um abafador de ruído, isolando o som do mar tão eficazmente quanto um par de protetores de ouvido. Só Deus sabia como a mata distorceria o som de um veículo se aproximando.

Então, sem qualquer aviso, uma brilhante explosão de uma luz branca vinda da direção da rocha anulou sua visão noturna. Tudo que Lawson conseguia ver era um impressionante círculo de luz. Sem pensar de forma consciente, ele adentrou mais no meio das árvores, com medo de que seu esconderijo fosse descoberto.

— Deus do céu — gritou Brodie Grant, soltando a esposa e dando alguns passos adiante.

— Fique onde está. — Uma voz incorpórea gritou de trás da luz. Lawson tentou identificar o sotaque, mas não havia nada especial nele, além do fato de ser escocês.

Lawson podia ver o perfil de Grant, a luz branca ofuscante removia todas as partículas de cor de sua pele. Soltou um grunhido feroz, com os lábios estirados sobre os dentes. Uma sensação de desconforto tomou o estômago de Lawson, como uma indigestão ácida. Como os sequestradores haviam chegado àquela posição ao lado do rochedo sem que ele os visse? A luz da lua havia sido suficiente para iluminar o caminho em ambas as direções. Ele havia esperado um veículo. Afinal, eles tinham dois reféns. Não poderiam forçá-los a caminhar mais de um quilômetro e meio ao longo da praia, fosse vindo de West Wemyss ou de East Wemyss. O penhasco escarpado atrás dele eliminava também Newton of Wemyss.

O sequestrador gritou novamente:

— O.k., vamos logo com isso. Do jeito que combinamos. Sra. Grant, a senhora virá até nós com o dinheiro.

— Não sem uma prova de vida — berrou Grant.

As palavras mal haviam saído de sua boca quando uma figura surgiu trôpega da luz, como uma marionete, o que fez Lawson lembrar-se dos pôsteres

que os sequestradores haviam usado para fazer suas exigências. Conforme seus olhos se ajustaram, ele pôde ver que era Cat.

— Sou eu, papai — ela gritou, a voz rouca. — Mamãe, traga-me o dinheiro.

— E quanto a Adam? — Grant gritou, agarrando a esposa pelo ombro quando ela tentou pegar a bolsa. Mary quase tropeçou e caiu, mas o marido não tinha olhos para ela. — Onde está meu neto, seus filhos da puta?

— Ele está bem. Assim que eles receberem o dinheiro e os diamantes, eles o entregarão — Cat gritou, o desespero evidente em sua voz. — Por favor, mamãe, traga o dinheiro como foi combinado.

— Droga — disse Grant. Ele empurrou a bolsa para a esposa. — Vá em frente, faça o que ela diz.

Aquilo estava saindo do controle, e Lawson sabia. Ao diabo com o silêncio no rádio que ele havia pedido. Pegou o aparelho e falou tão claramente quanto se atrevia:

— Tango Um e Tango Dois. Aqui fala Tango Lima. Enviar oficiais para a lateral do rochedo que dá para a margem. Façam isso agora. Não respondam. Apenas tomem posições. Agora.

Enquanto falava, podia ver Mary caminhando com passos incertos em direção à filha, com os ombros encurvados. Ele calculou que havia aproximadamente trinta e dois metros entre elas. Pareceu-lhe que Mary estava cobrindo uma distância maior que a filha. Ao atingirem a distância de se tocarem, ele pôde ver Cat estendendo a mão para pegar a bolsa.

Para sua surpresa, aquele foi o momento em que Mary optou por deixar de lado o condicionamento de trinta e cinco anos de casamento com Brodie Grant. Em vez de fazer o que lhe haviam mandado — primeiro os sequestradores, através do bilhete, e, depois, o marido —, Mary se aferrou à bolsa apesar dos esforços de Cat de arrancá-la dela. Ele podia ouvir a exasperação na voz de Cat quando ela disse:

— Pelo amor de Deus, mãe, me dê esta maldita coisa. Você não sabe com o que está lidando aqui.

— Dê a ela a maldita bolsa, Mary — berrou Grant. Lawson podia ouvir o ruído que fazia a respiração do homem em seus pulmões.

Então, a voz do sequestrador se ouviu de novo.

— Entregue, Sra. Grant. Ou não verá Adam novamente.

Lawson registrou o horror no rosto de Cat ao olhar desesperadamente sobre o ombro, em direção à luz.

— Não, espere — ela gritou. — Tudo ficará bem. — Ela pareceu arrancar a bolsa de sua mãe e dar um passo para trás.

De repente, Grant saltou para a frente, percorrendo uns seis passos, com a

mão desaparecendo dentro do sobretudo.

— Maldição! — ele disse. E, então, sua voz se elevou: — Quero meu neto e o quero agora. — Sua mão emergiu, o brilho embaçado de uma pistola automática era óbvio diante da luz. — Ninguém se mexa. Tenho uma arma e não tenho medo de usá-la. Traga Adam aqui agora mesmo.

Mais tarde, Lawson ficaria espantado com a coleção de clichês que era Brodie MacLennan Grant. Mas, no momento, tudo que pôde sentir foi o peso da catástrofe, enquanto o tempo parecia ficar mais lento. Ele começou a correr na direção de Grant quando o empresário ergueu os braços, as mãos juntas, numa postura de atirador. Mas, antes que Lawson pudesse dar o segundo passo, a luz foi cortada, deixando-o cego e impotente. Ele viu o lampejo de um cano de arma perto dele, ouviu um tiro e sentiu cheiro de cordite. Depois, uma repetição da sequência, mas, dessa vez, a distância. Ele tropeçou em um galho no chão e caiu desajeitadamente. Ouviu um grito. Uma criança chorando. Uma voz aguda repetindo: “Caralho!” Então, percebeu que a voz era dele próprio.

Um terceiro tiro ecoou, dessa vez vindo do bosque. Lawson tentou ficar em pé, mas agulhadas quentes de dor subiam por seu tornozelo. Rolou de lado, tentando pegar a lanterna e o rádio.

— Cessar fogo — gritou no rádio. — Cessar fogo, isso é uma ordem! — Enquanto falava, podia ver fachos de lanternas se entrecruzando pela área, conforme seus homens se agrupavam ao redor da base do rochedo.

— Eles têm uma porra de um barco! — ele ouviu alguém gritar. Então, um rugido mais alto do que as ondas quando o motor pegou. Lawson fechou os olhos por um momento. Que fiasco. Ele devia ter se esforçado mais para fazer Grant recusar aquela combinação. Estivera fadada ao fracasso desde o início. Ele se perguntou com que os sequestradores teriam conseguido escapar. Com a criança, sem dúvida. O dinheiro, provavelmente. A filha, talvez.

Mas ele estava enganado com relação a Catriona MacLennan Grant. Terrivelmente enganado.

Segunda-feira, 2 de julho de 2007; Peterhead

— Brodie MacIennan Grant tinha uma arma? — A voz de Karen se elevou a um tom agudo. — Ele disparou uma arma? E você deixou isso fora do relatório?

— Não tive escolha. E pareceu uma boa ideia, na época — Lawson disse, com o ar cínico de alguém citando seus superiores.

— Uma boa ideia? Cat Grant morreu naquela noite. Em que sentido isso foi uma boa ideia? — Karen não podia acreditar no que estava ouvindo. Não conseguia conceber que alguém fizesse algo tão descuidado.

Lawson suspirou.

— O mundo mudou, Karen. Nós não tínhamos uma Comissão de Queixas contra a Polícia. Não sofriamos o tipo de inspeção com a qual vocês convivem hoje.

— Obviamente — ela disse com secura, lembrando-se por que ele estava onde estava. — Mas ainda assim. Você conseguiu esconder o fato de que um civil atirou com uma arma de fogo no meio de uma operação policial? Bem que se diz que o dinheiro pode tudo.

Lawson balançou a cabeça com impaciência.

— Não foi só dinheiro, Karen. O chefe de polícia também estava pensando nas repercussões públicas. A filha única de Grant estava morta. Seu neto estava desaparecido. No que dizia respeito ao público, ele era uma vítima. Se nós o processássemos por crime relacionado a armas de fogo, teria parecido vingança: não conseguimos pegar os verdadeiros vilões, então, em vez disso, pegaremos você; esse tipo de coisa. A opinião era de que ninguém se beneficiaria com a revelação de que Grant estava armado.

— Poderia ter sido o tiro de Grant que matou Cat? — Karen perguntou, os braços sobre a mesa, a cabeça inclinada para a frente como a de um centroavante de rúgbi.

Lawson se remexeu na cadeira, apoiando o peso em um lado.

— Ela levou o tiro pelas costas. Conclua você mesma.

Karen se recostou na cadeira, não gostara da resposta à qual chegou, mas sabia que não viria nada melhor do homem à sua frente.

— Vocês eram um bando de caubóis filhos da puta naquela época, não? — Não havia nenhuma admiração em sua voz.

— Nós fazíamos o trabalho — disse Lawson. — O público recebia o que queria.

— O público não sabia nem a metade, pelo jeito. — Ela suspirou. — Então,

temos três tiros, e não os dois que aparecem no relatório?

Ele assentiu.

— Apesar de toda a diferença que isso acarreta. — Ele se remexeu novamente, direcionando o corpo para a porta.

— Tem mais alguma coisa que eu deveria saber e que não foi colocada no relatório? — Karen perguntou, reafirmando-se como a pessoa no controle da entrevista.

Lawson inclinou a cabeça para trás, olhando para o canto onde as paredes e o teto se encontravam. Exalou ruidosamente e, então, espichou os lábios.

— Acho que é só isso — ele disse, finalmente. Arrastou o olhar de volta para encontrar a expressão cansada dela. — Nós achamos que fosse Fergus Sinclair, na época. E nada aconteceu, desde então, para me fazer mudar de ideia a esse respeito.

Campora, Toscana

O calor do sol toscano derreteu a rigidez nos ombros de Bel. Ela estava sentada na sombra de uma castanheira, escondida atrás do grupo de casas na extremidade final da Boscolata. Se esticasse o pescoço, poderia ver um canto do telhado de terracota da *villa* em ruínas de Paolo Totti. Sua vista mais imediata, no entanto, era muito mais atraente. Em uma mesa baixa à sua frente havia uma jarra de vinho tinto, uma garrafa de água e uma tigela de figos. Em volta da mesa, suas informantes principais: Giulia, jovem, cabeleira negra desordenada e pele coberta por antigas cicatrizes avermelhadas de acne, que fazia brinquedos pintados à mão para os turistas em um chiqueiro convertido em ateliê; e Renata, uma loura holandesa, cuja cútis tinha a cor de um queijo gouda, e que trabalhava meio expediente no departamento de restauração da Pinacoteca Nazionale de Siena, perto dali. Segundo Grazia, que estava recostada no tronco da árvore descascando um saco de ervilhas, os *carabinieri* já haviam conversado com as duas.

As sutilezas sociais tinham de ser respeitadas, e Bel tentava se conter enquanto elas batiam papo. Finalmente, Grazia as conduziu ao tema.

— Bel também está interessada no que aconteceu na *villa* Totti — ela disse. Renata assentiu com um ar nefasto.

— Sempre achei que alguém viria perguntar sobre aquilo — ela disse, num italiano tão perfeitamente enunciado que parecia fala gerada por computador.

— Por quê? — perguntou Bel.

— Eles foram embora muito repentinamente. Um dia eles estavam lá, no dia seguinte, haviam sumido — disse Renata.

— Partiram sem uma palavra — disse Giulia, parecendo zangada. — Eu não podia acreditar. Dieter era meu namorado, mas nem sequer se despediu de mim. Fui eu quem descobriu que eles haviam ido embora. Fui até lá para tomar um café com Dieter, exatamente como costumava fazer quando eles não tinham de sair cedo para um show. E o local estava deserto. Como se eles houvessem jogado tudo que pudessem pegar para dentro das vans e tivessem, simplesmente, partido. Não tive mais notícias daquele filho da puta do Dieter desde então.

— Quando foi isso? — Bel perguntou.

— No final de abril. Tínhamos planos para o feriado de Primeiro de Maio, mas foi tudo por água abaixo. — Giulia ainda estava furiosa.

— Quantas pessoas havia no grupo deles? — perguntou Bel.

Giulia e Renata contaram nos dedos entre elas. Dieter, Maria, Rado, Sylvia, Matthias, Peter, Luka, Ursula e Max. Uma mistura de gente de todas as partes da Europa. Um grupo heterogêneo que, a princípio, parecia não ter nada a ver com Cat Grant.

— O que eles estavam fazendo aqui? — ela perguntou.

Renata sorriu.

— Creio que poderíamos dizer que pegaram aquele lugar emprestado. Apareceram na primavera passada em dois trailers velhos e num vistoso *motorhome* Winnebago e, simplesmente, se instalaram ali. Eram muito simpáticos, muito sociáveis. — Ela deu de ombros. — Nós todos somos um pouco alternativos, aqui na Boscolata. Este lugar era uma ruína nos anos setenta, quando alguns de nós se mudaram ilegalmente para cá. Aos poucos, compramos as propriedades e as restauramos, transformando-as no que você está vendo agora. Portanto, todos fomos solidários com os novos vizinhos.

— Eles se tornaram nossos amigos — disse Giulia. — Os *carabinieri* estão loucos, agindo como se eles fossem criminosos ou coisa parecida.

— Então, eles apareceram por aqui sem mais nem menos? Como eles sabiam que a casa estava lá?

— Rado trabalhou na fábrica de cimento na descida do vale, faz alguns anos. Ele me disse que costumava caminhar no bosque e que encontrou a *villa*. Então, quando eles precisaram de um lugar que fosse acessível às principais cidades desta parte da Toscana, ele se lembrou da *villa* e eles vieram para ficar — disse Giulia.

— E o que eles faziam, exatamente? — Bel perguntou, procurando alguma conexão entre o passado e suas investigações.

— Eles tinham um teatro de marionetes — Renata disse. Ela parecia surpresa pelo fato de Bel não saber daquilo. — Bonecos. Teatro de rua. Durante a temporada de turistas, eles se apresentavam em pontos regulares. Florença,

Siena, Volterra, San Gimignano, Greve, Certaldo Alto. Eles também participavam de festivais. Cada cidadezinha da Toscana tem um festival de alguma coisa: de *funghi porcini*, de máquinas antigas de fatiar salame, de tratores de época. Então, o BurEst se apresentava em qualquer lugar onde houvesse plateia.

— BurEst? Como se escreve isso? — perguntou Bel.

Renata explicou:

— É abreviação de Burattinaio Estemporaneo. Eles faziam muitas improvisações.

— O pôster encontrado na *villa*... o desenho em preto e branco de um titereiro com algumas marionetes bastante estranhas... era isso que eles estavam usando como propaganda? — Bel perguntou.

Renata negou com a cabeça.

— Só para apresentações especiais. Só os vi usarem aqueles pôsteres quando fizeram uma apresentação em Colle di Val d'Elsa no Dia de Finados. Na maioria das vezes, eles usavam um pôster de cores berrantes, estilo *commedia dell'arte*. Uma versão moderna das imagens mais tradicionais dos fantoches. Refletia sua arte melhor que o pôster monocromático.

— Eles faziam sucesso? — Bel perguntou.

— Acho que estavam indo bem — disse Giulia. — Haviam estado no sul da França no verão anterior, antes de virem para cá. Dieter disse que a Itália era um lugar melhor para trabalhar. Ele disse que os turistas eram mais abertos, e os moradores locais, mais tolerantes com eles. Não ganhavam muito dinheiro, mas iam bem. Sempre tinham comida na mesa e bastante vinho. E faziam todos se sentirem bem-vindos.

— Ela está certa — disse Renata. — Não eram aproveitadores. Se jantavam um dia na sua casa, no outro, você jantava com eles. — Um canto de sua boca se retorceu para baixo. — Isso não é tão comum assim, nesses círculos. Falam muito sobre compartilhar e viver em comunidade, mas a maior parte é mais egoísta do que as pessoas a quem desprezam.

— Exceto Ursula e Matthias — Giulia comentou. — Eles eram mais reservados. Não se socializavam tanto quanto os demais.

Renata suspirou.

— Isso era porque Matthias achava que estava no comando. — Ela serviu mais vinho para todas e prosseguiu: — Foi Matthias quem iniciou a companhia, e ele ainda queria que todos o tratassem como se fosse o diretor do circo. E Ursula, a mulher dele, acreditava piamente nisso. Obviamente, Matthias também ficava com a maior parte da renda. Eles usavam o *motorhome*, suas roupas eram sempre de estilo hippie caro. Acho que era, em parte, um lance de geração:

Matthias devia estar com uns cinquenta anos, mas a maior parte dos outros era muito mais jovem. Vinte e tantos anos, trinta e pouco, no máximo.

Era tudo muito fascinante, mas Bel estava se esforçando para ver qual seria a ligação com a morte de Cat Grant e o desaparecimento de seu filho. Esse tal de Matthias parecia ser suficientemente velho para ter tido alguma conexão com aqueles eventos distantes.

— Ele tem um filho, esse Matthias? — ela perguntou.

As mulheres se entreolharam, perplexas.

— Não havia nenhuma criança com ele — disse Renata. — E nunca o escutei falar num filho.

Giulia apanhou um figo e o mordeu, a polpa arroxeadada se partiu e derramou sementes em seus dedos.

— Ele tinha um amigo que vinha visitá-los, às vezes. Um cara inglês. Ele tinha um filho.

Assim como todos os bons repórteres, Bel possuía um instinto imensurável para saber onde estava a história. E aquele instinto lhe disse que havia acabado de encontrar ouro.

— Quantos anos tinha o filho?

Giulia lambeu os dedos enquanto pensava.

— Vinte? Talvez um pouco mais, mas não muito.

Havia uma dúzia de perguntas brigando dentro da cabeça de Bel, mas ela sabia que o melhor era não despejá-las numa torrente desenfreada. Tomou um gole vagaroso de seu vinho e disse:

— O que mais você se lembra sobre ele?

Giulia deu de ombros.

— Eu o vi algumas vezes, mas só me encontrei mesmo com ele uma vez. Seu nome era Gabriel. Falava italiano perfeitamente. Disse que havia crescido na Itália, que não se lembrava de ter morado na Inglaterra. Estava estudando, mas não sei onde nem o quê. — Ela fez uma cara de desculpas. — Sinto muito, eu não estava muito interessada nele.

Tudo bem, aquilo não era decisivo. Mas parecia ser uma possibilidade.

— Como ele era fisicamente?

Giulia pareceu ainda mais incerta.

— Não sei como descrevê-lo. Alto, cabelo castanho-claro. Bem bonito; — Ela franziu o rosto. — Não sou boa nesse tipo de coisa. Afinal, o que tem de tão interessante nele?

Renata poupou Bel de ter de responder.

— Ele estava na festa de Ano-Novo? — ela perguntou.

O rosto de Giulia se iluminou.

— Sim. Ele estava lá com o pai.

— Então, pode ser que ele tenha saído em alguma fotografia — disse Renata. Ela se virou para Bel. — Eu estava com minha máquina fotográfica. Tirei dúzias de fotos naquela noite. Deixe-me pegar meu laptop. — Ela se levantou de um salto e voltou para sua casa.

— E quanto ao pai de Gabriel? — Bel perguntou. — Você disse que ele era inglês?

— Isso mesmo.

— Então, como ele conhecia Matthias? Ele era inglês também?

Giulia pareceu em dúvida.

— Eu achava que ele era alemão. Ele e Ursula haviam se conhecido anos atrás, na Alemanha. Mas ele falava italiano tão bem quanto o amigo. Eles pareciam falar do mesmo jeito. Então, talvez ele também fosse inglês. Não sei.

— Como se chamava o pai do Gabriel?

Giulia suspirou.

— Não estou ajudando muito. Não me lembro do nome dele. Sinto muito. Ele era apenas mais um homem da idade do meu pai, sabe? Eu estava com Dieter, não estava interessada num velho de cinquenta e poucos anos.

Bel ocultou sua decepção.

— Você sabe o que ele faz da vida? O pai do Gabriel, quero dizer.

Giulia se alegrou, feliz em saber a resposta para alguma coisa.

— Ele é pintor. Pinta paisagens para os turistas. Vende seus trabalhos para algumas galerias: uma em San Gimignano e uma em Siena. Ele também vai ao mesmo tipo de festivais em que o BurEst se apresenta e vende seu trabalho ali.

— Foi assim que ele conheceu Matthias? — Bel perguntou, tentando não se sentir desapontada ao descobrir que o misterioso pai de Gabriel não era o administrador de propriedades Fergus Sinclair. Afinal, um artista se encaixaria perfeitamente no passado de Cat. Talvez o pai de Adam fosse alguém que ela tivesse conhecido em seus dias de estudante. Ou alguém que havia encontrado numa galeria ou numa vernissagem na Escócia. Haveria tempo para explorar aquelas possibilidades mais tarde. Nesse momento, ela precisava prestar atenção em Giulia.

— Acho que não. Acho que eles já se conheciam de muito antes.

Enquanto ela falava, Renata voltou com o laptop.

— Você está falando de Matthias e o pai do Gabriel? É engraçado. Eles não pareciam gostar muito um do outro. Não sei por que tenho essa impressão, mas tenho. Era mais... sabe como às vezes você mantém contato com alguém porque é a única pessoa que sobrou que compartilha o mesmo passado que você? Pode ser que você não goste muito dessa pessoa, mas ela proporciona uma ligação

com alguma coisa do passado que era importante. Às vezes é a família, às vezes é uma época da sua vida em que aconteceram coisas importantes. E você quer se aferrar àquele elo. Era o que me parecia, quando os via juntos.

Enquanto ela falava, seus dedos voavam pelo teclado, revelando uma coleção de fotografias. Ela colocou o laptop onde Giulia e Bel podiam ver a tela, então deu a volta por trás delas, inclinando-se para avançar as fotos.

Lembrava a metade das festas nas quais Bel já estivera. Pessoas sentadas à mesa bebendo. Pessoas fazendo caretas para a câmera. Pessoas dançando. Pessoas ficando cada vez mais ruborizadas, com os olhos mais turvos e mais descoordenadas no decorrer da noite. As duas mulheres da Boscolata riam e falavam, mas nenhuma delas identificava Gabriel ou o pai dele.

Bel havia quase perdido a esperança quando Giulia, de repente, chamou-as e apontou para a tela.

— Aqui. Este é o Gabriel, no canto.

Não era a foto mais clara do mundo, mas Bel não achou que estivesse vendo coisas. Havia cinquenta anos separando-os, mas não era difícil distinguir a semelhança entre aquele garoto e Brodie Grant. Os traços de Cat tinham sido uma versão feminina da aparência marcante de seu pai. Por mais improvável que parecesse, uma imitação do original estava olhando para ela de uma festa de Ano-Novo numa casa invadida na Itália. Os mesmos olhos fundos, nariz de papagaio, queixo proeminente e cabeleira inconfundível, só que loura em vez de prateada. Ela remexeu a bolsa até encontrar um cartão de memória.

— Posso fazer uma cópia desta foto? — perguntou.

Renata fez uma pausa, parecendo pensativa.

— Você não respondeu quando Giulia perguntou por que está interessada neste garoto. Talvez devesse responder agora.

East Wemyss, Fife

River tirou as luvas resistentes de trabalho e endireitou as costas, tentando não gemer. O problema em trabalhar em conjunto com seus estudantes era que não podia revelar nenhum sinal de fraqueza. Realmente, eles tinham no mínimo doze anos menos que ela, mas River estava decidida a demonstrar que estava tão em forma quanto eles. Então, eles podiam reclamar de dores nos braços e das costas doloridas de tanto carregar pedras e cascalho, mas ela precisava manter sua aparência de Supermulher. Desconfiava que a única pessoa a quem estava enganando era a si mesma, mas não tinha problema. O engodo devia ser mantido pelo bem de sua autoimagem.

Ela atravessou a caverna até chegar ao local onde três de seus alunos

peneiravam a terra que tinha sido liberada pela movimentação das pedras. Por enquanto, não havia aparecido nada de interesse arqueológico ou criminalístico, mas seu entusiasmo não parecia diminuir. River lembrava-se de suas próprias investigações iniciais; como o simples fato de estar envolvida num caso real era suficientemente excitante para superar o tédio de uma tarefa repetitiva e aparentemente infrutífera. Ela viu suas próprias reações espelhadas naqueles estudantes e ficou feliz em pensar que teria alguma participação em garantir que a próxima geração de peritos criminalistas tivesse o mesmo comprometimento em falar pelos mortos.

— Alguma coisa? — ela perguntou ao emergir das sombras para a luz ofusca que banhava o grupo.

Alguns balançaram a cabeça, outros murmuraram que não havia nada. Um dos alunos de pós-graduação em arqueologia olhou para cima.

— Ficaré interessante quando os trabalhadores braçais terminarem de retirar as pedras.

River sorriu.

— Não deixe que meus antropólogos ouçam você chamá-los de trabalhadores braçais. — Ela voltou a olhar para eles com afeição. — Com sorte, eles terão removido o grosso das pedras até o fim da tarde.

Todos se surpreenderam com a descoberta de que o desmoronamento só se aprofundava por um metro ou dois. De acordo com a experiência de River, desmoronamentos em cavernas tendiam a se estender por uma grande distância, em direção ao fundo. Uma falha tinha que atingir um tamanho considerável antes de provocar o desabamento de um teto anteriormente estável. Portanto, quando desmoronava, levava abaixo uma grande quantidade de rochas. Mas aquilo era diferente. E isso tornava tudo muito interessante, sem dúvida alguma.

Eles já tinham removido uns dois metros da camada de pedras do alto, na direção do fundo da caverna. Alguns dos alunos mais intrépidos escalaram as pedras para dar uma olhada, enquanto River saía para buscar tortas e sanduíches para o almoço de todos. Eles informaram que parecia estar tudo limpo além do desmoronamento em si, com exceção de algumas pedras que haviam rolado do alto da pilha principal.

River saiu da caverna para dar alguns telefonemas, deliciando-se com o ar salgado como se fosse um prêmio. Mal havia terminado de falar com a secretária do departamento quando um dos alunos saiu correndo pela entrada estreita.

— Dra. Wilde! — ele gritou. — Você precisa ver isso.

Campora, Toscana

Bel relatou sua história de forma a provocar a máxima reação emocional possível. Pelo silêncio estupefato de Renata e Giulia, parecia ter atingido seu objetivo.

— Isso é muito triste. Eu ficaria arrasada se uma coisa dessas acontecesse com a minha família — Giulia disse por fim, apropriando-se da história como uma mulher que crescera assistindo a novelas e lendo revistas de fofocas. — Pobrezinho do bebê.

Renata foi mais objetiva.

— E você acha que Gabriel pode ser esse bebê?

Bel deu de ombros.

— Não tenho ideia. Mas esse pôster é a primeira pista significativa que aparece em mais de vinte anos. E Gabriel se parece incrivelmente com o avô do menino desaparecido. Pode ser que eu esteja me iludindo, mas me pergunto se não existe algo de verdade nisso que descobrimos.

Renata balançou a cabeça.

— Então devemos ajudar de todas as formas possíveis.

— Eu não vou falar de novo com os *carabinieri* — disse Giulia. — Aqueles porcos.

— Ei — protestou Grazia, despertando de sua tarefa de descascar ervilhas. — Não insulte assim os porcos. Nossos porquinhos são criaturas maravilhosas. Inteligentes. Úteis. Não têm nada a ver com os *carabinieri*.

Renata estendeu a mão.

— Dê-me o cartão de memória. Não há motivos para falar com os *carabinieri* porque eles não se importam com esse caso. Não como você. Não como a família se importa. É por isso que precisamos compartilhar tudo com você. — Habilmente, ela copiou a fotografia para o cartão de memória de Bel. — Agora precisamos ver se existem mais fotos de Gabriel e seu pai.

No final da procura, elas tinham três fotos em que Gabriel aparecia, embora nenhuma delas estivesse mais nítida do que a primeira. Renata também havia encontrado duas imagens do pai do garoto — uma de perfil e outra em que metade de seu rosto estava encoberta pela cabeça de outra pessoa.

— Você acha que mais alguém tem fotos daquela noite? — Bel perguntou.

As mulheres pareceram duvidar.

— Não me lembro de outra pessoa tirando fotos — disse Renata. — Mas com esses telefones celulares, quem sabe? Vou perguntar por aí.

— Obrigada. E ajudaria bastante se você pudesse perguntar se mais alguém conhecia Gabriel ou o pai dele.

Bel pegou o precioso cartão de memória. Assim que tivesse oportunidade, enviaria a um colega especializado em melhorar a qualidade de fotos não

autorizadas de gente importante fazendo o que não devia com quem não devia.

— Tenho uma ideia melhor — disse Grazia. — Que tal assar uma carne de porco no espeto hoje à noite? Assim, você vai conhecer todo mundo. Um saboroso pedaço de carne de porco e alguns copos de vinho e todos estarão prontos para lhe contar tudo que sabem sobre Gabriel e o pai.

Renata sorriu e levantou o copo num brinde.

— Eu topo. Mas vou logo avisando, Grazia. Pode ser que seu porco asse à toa. Aquele cara não era lá muito sociável. Não me lembro de ele ter se integrado muito na festa.

Grazia juntou suas ervilhas e as enfiou num saco plástico.

— Não importa. É uma boa desculpa para a gente se divertir um pouco com meus vizinhos. Bel, você vai ficar aqui embaixo ou quer uma carona para subir o morro?

Agora que tinha a perspectiva de fofocar com a comunidade toda, Bel sentia menos urgência.

— Vou voltar agora, e vejo vocês, garotas, mais tarde — ela disse, bebendo o resto do vinho.

— Você não quer saber a respeito do sangue? — Giulia perguntou.

Surpreendida enquanto se levantava da cadeira, Bel quase voltou a sentar.

— Você quer dizer o sangue no chão? — perguntou.

— Ah. Você já sabe. — Giulia parecia decepcionada.

— Eu sei que há uma mancha de sangue no chão da cozinha — disse Bel. — Mas isso é tudo.

— Nós fomos dar uma olhada depois que os *carabinieri* saíram, na sexta-feira — disse Giulia. — E a mancha de sangue estava diferente da primeira vez que vimos. Um dia depois que eles tinham ido embora.

— Diferente como?

— Agora está marrom e oxidada, absorvida pela pedra. Mas naquele dia ainda estava bem vermelha e brilhante. Como se estivesse fresca.

— E você não chamou a polícia? — Bel tentou não mostrar incredulidade.

— Não era problema nosso — disse Renata. — Se as pessoas do BurEst tivessem achado que era caso de polícia, teriam chamado. — Ela deu de ombros. — Sei que parece estranho para você, e, se tivesse acontecido na Holanda, não sei se teria agido assim. Mas aqui as coisas são diferentes. Ninguém de esquerda confia na polícia. Você viu como a polícia italiana reagiu no encontro do G8 em Gênova, como trataram os manifestantes. Giulia perguntou a alguns de nós se ela deveria chamar a polícia e todos concordamos que a única coisa que se conseguiria era dar aos policiais uma desculpa para culpar os titereiros, seja lá o que realmente aconteceu.

— Então vocês simplesmente abafaram o caso?

Renata ergueu os ombros.

— Estava na cozinha. Quem pode garantir que não era sangue de animal? Não era problema nosso.

Kirkcaldy

Karen rodou lentamente pela rua, verificando os números das casas. Era a primeira vez que visitava a casa nova de Phil Parhatka no centro de Kirkcaldy. Ele estava morando ali havia três meses; vivia prometendo fazer uma festa de inauguração, mas, até agora, não cumprira a promessa. Alguns anos atrás, Karen acalentara sonhos de um dia eles comprarem uma casa juntos. Mas havia superado aquilo. Um cara como Phil nunca se sentiria atraído por uma coisinha gorducha como ela, principalmente depois que sua última promoção a colocara acima dele em termos de autoridade. Alguns homens podiam gostar da ideia de dormir com a chefe. Karen sabia, instintivamente, que aquilo não fazia parte das fantasias de Phil. Portanto, optara pela preservação de sua amizade e da íntima relação profissional, apesar daquilo que classificava como um desejo adolescente. Se teria de se contentar em ser uma solteirona voltada para a carreira, poderia, ao menos, assegurar-se de que essa carreira fosse tão satisfatória quanto possível.

Parte da receita para a satisfação profissional era ter alguém com quem discutir ideias. Nenhum detetive era inteligente o bastante para enxergar sozinho o todo em uma investigação complexa. Todos precisavam de alguém com quem testar suas ideias, alguém que visse as coisas por um ângulo diferente e que fosse suficientemente esperto para enunciar tais divergências. Isso era especialmente importante nos casos arquivados para os quais, em vez de liderar uma equipe substancial de oficiais, o investigador-sênior poderia contar com apenas um ou dois indivíduos à sua disposição. E esses soldados rasos geralmente não tinham experiência para tornar sua contribuição tão valiosa quanto ela queria. Para Karen, Phil atendia todos os requisitos. E, a julgar pelo número de vezes em que ele discutia seus próprios casos com ela, a recíproca era verdadeira.

Geralmente, eles se reuniam para essas discussões no escritório dela ou num canto tranquilo de um pub, a meio caminho entre sua casa e a dele. Mas quando ela telefonara para ele, voltando de Peterhead, ele já havia tomado algumas taças de vinho.

— Talvez eu esteja dentro do limite legal, mas por pouco — ele dissera. — Por que você não vem até aqui? Pode me ajudar a escolher as cortinas da sala.

Karen encontrou o número da casa que estava procurando e estacionou o

carro em frente à garagem de Phil. Ficou ali sentada por algum tempo, presa ao hábito dos policiais de sondar o ambiente antes de sair do carro. Era uma rua tranquila e despretensiosa de casas geminadas de pedra, quadradas e resistentes, aparentemente tão sólidas quanto no dia de sua construção, no final do século XIX. Garagens com entrada de cascalho e canteiros de flores bem cuidados. Cortinas fechadas no andar de cima, onde as crianças dormiam, isoladas por forros grossos da persistente luz do dia. Ela se lembrou de como havia sido difícil adormecer nas noites claras de verão, quando era criança. Mas as cortinas de seu quarto eram finas. E sua rua, barulhenta por causa da música e da conversa no pub da esquina. Não como aqui. Era difícil acreditar que o centro da cidade estava a apenas cinco minutos de caminhada. A sensação era de que estivesse num subúrbio distante.

Alertado pelo barulho do carro dela, Phil abriu a porta antes de Karen deixar o banco do motorista. Contra a luz, ele parecia maior. Sua pose continha a ameaça casual de um guarda de segurança; um braço levantado para apoiar-se no batente, uma perna cruzada sobre a outra, a cabeça pendendo para um lado. Mas não havia nada de ameaçador em sua expressão. Os olhos escuros e arredondados cintilavam na luz, e o sorriso colocava dobras em suas bochechas.

— Vamos entrando — ele a cumprimentou, dando um passo para trás e convidando-a a entrar com um gesto.

Ela adentrou uma réplica perfeita de um saguão vitoriano, com o piso revestido por lajotas quadradas de terracota entremeadas por losangos brancos, azuis e vermelhos.

— Muito bonito — ela disse, notando a borda de madeira e o papel de parede com relevo, abaixo dela.

— A namorada do meu irmão é historiadora de arquitetura. Ela passou por aqui como um tufão. Vai ficar parecendo um maldito monumento tombado pelo National Trust, quando ela terminar — ele resmungou, bem-humorado. — Vire à direita no final do saguão.

Karen caiu na gargalhada ao entrar no cômodo.

— Jesus, Phil — ela riu. — Foi o Coronel Mostarda, na Biblioteca, com o Cano. Você deveria estar vestindo um smoking e não uma camiseta do time Raith Rovers.

Ele deu de ombros, tristemente.

— Temos que ver o lado engraçado. Eu, um policial, com o cenário perfeito de “assassinato-na-biblioteca”.

Ele acenou com a mão indicando as estantes de madeira escura, a escrivaninha com tampo de couro e as poltronas em volta da lareira bem trabalhadas. A sala, claramente, não havia sido muito grande, no início, mas

agora parecia definitivamente entulhada.

— Ela diz que é assim que o amo da casa iria querer.

— Numa casa deste tamanho? — disse Karen. — Acho que ela sofre de mania de grandeza. E, de alguma forma, não acho que ele teria escolhido o carpete de tartã.

Suas orelhas ficaram coradas de vergonha.

— Aparentemente, isso é ironia pós-moderna. — Ele levantou as sobrancelhas ceticamente. — Nem tudo é o que parece, no entanto — ele disse, alegrando-se ao remexer num dos livros. Uma parte da estante girou, revelando uma TV de plasma.

— Graças a Deus — disse Karen. — Eu já estava começando a questionar isso tudo. Não se parece muito com sua casa antiga, né?

— Acho que superei a fase de levar a vida ao estilo garotão corredor de rachas — disse Phil.

— Hora de se assentar?

Ele deu de ombros, sem olhá-la nos olhos.

— Talvez. — Ele apontou para uma poltrona e deixou-se cair na outra, do lado oposto. — Então, como estava o Lawson?

— Mudado. E não para melhor. Estava pensando nisso, vindo para cá. Ele sempre foi um filho da puta durão, mas antes de descobriremos o que ele realmente vinha aprontando, sempre achei que seus motivos fossem justos, sabe? Mas as coisas que ele me contou hoje... sei lá. Foi quase como se ele estivesse aproveitando para se vingar.

— Como assim? O que ele contou?

Karen levantou a mão.

— Vou chegar lá em um minuto. Só quero desabafar um pouco, acho. Eu tive a impressão de que ele contou o que fez por pura maldade. Porque ele sabia que prejudicaria a reputação da polícia, e não porque quer nos ajudar a solucionar o que aconteceu com Cat e Adam Grant.

Enquanto ela falava, Phil pegou seu maço de cigarrilhas e acendeu uma. Ele agora raramente fumava na companhia dela, Karen notou. Havia poucos lugares onde era permitido. O familiar aroma agridoce encheu suas narinas, confortando-a estranhamente, depois do dia que tivera.

— E importam quais sejam os motivos dele? — Phil questionou. — Desde que o que ele esteja nos dizendo seja verdade?

— Talvez não. E, no caso, ele tinha mesmo algo muito interessante para nos contar. Algo que lança uma luz completamente nova no que aconteceu na noite em que Cat Grant morreu. Parece que não eram só os policiais e os sequestradores que estavam armados aquela noite. O pilar da nossa sociedade,

Sir Broderick MacLennan Grant, também tinha uma arma. E a usou.

A boca de Phil permaneceu aberta, deixando a fumaça escapar.

— Grant tinha uma pistola? Você está brincando. Como é que só agora estamos ouvindo falar disso?

— Segundo Lawson, a ordem de encobrir o fato veio de cima. Grant era uma vítima, nada se ganharia processando-o. Seria má propaganda e essa merda toda. Mas eu acho que essa decisão alterou completamente o resultado final. — Karen tirou uma pasta de arquivo de sua bolsa. Sacou o esboço da cena do crime feito pela equipe de criminalística, na época, e o abriu entre eles. Apontou a posição em que cada pessoa estivera. — Percebe? — perguntou.

Phil assentiu.

— Então, o que aconteceu? — inquiriu Karen.

— A luz se apagou, nosso cara disparou para cima e, então, houve outro tiro vindo de trás de Cat. O tiro que a matou.

Karen negou com a cabeça.

— Não segundo Lawson. O que ele está dizendo agora é que Cat e a mãe dela estavam lutando pela bolsa de dinheiro. Cat conseguiu pegar a bolsa e começou a correr. Daí, Grant sacou sua arma e exigiu ver Adam. A luz se apagou, Grant disparou. Houve um segundo tiro, vindo de trás de Cat. Então, o agente Armstrong atirou para o alto.

Phil franziu a testa, digerindo o que ela dissera.

— O.k. — ele falou lentamente. — Não entendi bem como isso muda a situação.

— A bala que matou Cat a atingiu pelas costas e saiu pelo peito. Indo parar na areia. Nunca encontraram a bala. A ferida não era compatível com a arma de Armstrong, portanto, como a arma de Grant nunca foi mencionada, só havia uma explicação possível: os sequestradores mataram Cat. O que transformou o caso numa investigação de assassinato.

— Puta que pariu — resmungou Phil. — E, é lógico, foi isso que impediu qualquer possibilidade de recuperar Adam. Esses caras sabem que serão condenados a prisão perpétua, sem dúvida alguma, já que Cat está morta. Eles têm uma bolsa cheia de dinheiro e a criança. Nem mortos iriam se oferecer para um segundo confronto com Grant. Vão mais é desaparecer na noite. E Adam, agora, é apenas um estorvo. Não vale nada para eles, vivo ou morto.

— Exatamente. E nós dois sabemos de que lado a balança pesa mais. Porém, há mais que isso. O argumento sempre foi de que a natureza do ferimento, mais o fato de Cat ter sido atingida pelas costas, apontavam, inevitavelmente, para os sequestradores. Mas, de acordo com Lawson, a arma de Grant poderia ter infligido o ferimento fatal. Ele diz que Cat começara a correr

de volta para os sequestradores quando a luz se apagou. — Ela olhou-o tristemente. — É provável que Grant tenha matado a própria filha.

— E o encobrimento da verdade lhe custou o neto. — Phil deu uma tragada longa na cigarrilha. — Você vai falar com Brodie Grant sobre isso?

Karen suspirou.

— Não vejo como poderia evitar.

— Talvez você devesse deixar o Biscoito lidar com isso.

Karen riu com genuíno deleite.

— Que maravilha seria isso! Mas nós dois sabemos que ele seria capaz de se atirar do alto de um edifício para escapar dessa. Não, terei que encará-lo pessoalmente. Só não estou certa de qual seria a melhor maneira de lidar com o assunto. Talvez espere até ver o que os italianos têm para me dizer. Ver se existe alguma coisa para dourar a pílula. — Antes que Phil pudesse responder, o telefone de Karen tocou. — Coisa maldita — ela resmungou ao pegá-lo. Então, leu o nome na tela e sorriu. — Alô, River — disse. — Como vai?

— Melhor impossível — A voz de River chegou a seu ouvido cheia de estática. — Escute, acho que você precisa vir para cá.

— Quê? Você encontrou alguma coisa?

— A ligação está uma merda, Karen. É melhor você vir agora mesmo.

— Está bem. Vinte minutos. — Ela encerrou a chamada. — Pode ir tirando os chinelos, Sherlock. Que se dane Brodie Grant. Nossa querida doutora tem algo para nós.

Boscolata

Bel tinha de admitir que Grazia sabia como criar o ambiente perfeito para soltar a língua das pessoas. Enquanto o sol lentamente se escondia atrás das colinas distantes, e as luzes das cidadezinhas medievais salpicavam suas encostas como punhados de purpurina, os habitantes da Boscolata se empanturravam de um suculento leitão acompanhado por montes de batatas assadas lentamente, aromatizadas com alho e alecrim, e tigelas de salada de tomate perfumadas com manjerição e estragão. A Boscolata fornecera jarros de vinho de suas próprias vinícolas, e Maurizio acrescentara ao banquete algumas garrafas de seu *vin santo* feito em casa.

O fato de que essa comemoração inesperada era em homenagem a Bel tornava as pessoas mais receptivas a ela. Bel circulou entre elas, conversando agradavelmente sobre todo tipo de coisas. Mas a conversa sempre voltava para os titereiros que haviam tomado a *villa* de Paolo Totti. Aos poucos, ela pôde criar um dossiê mental das pessoas que tinham vivido ali. Rado e Sylvia, um

sérvio do Kosovo e uma eslovena que tinham talento para fazer marionetes. Matthias, que criara a companhia e que agora projetava e construía os cenários. Sua mulher, Ursula, responsável por organizar a agenda deles e por fazer o que fosse necessário para torná-la possível. Maria e Peter, da Áustria, os titereiros principais, e sua filhinha de três anos, a quem estavam decididos a manter longe do sistema educacional formal. Dieter, um suíço responsável pela iluminação e pelo som. Luka e Max, titereiros substitutos, que espalhavam os pôsteres, realizavam a maior parte do trabalho braçal e podiam fazer seu próprio show, quando uma apresentação especial coincidia com um dos compromissos regulares.

E também havia os visitantes. Parece que existiam vários deles. Gabriel e seu pai não se destacaram, particularmente, exceto pelo fato de o pai ser claramente amigo de Matthias, e não da casa. Ele mantinha a discrição. Sempre educado, mas nunca realmente aberto. As opiniões divergiam quanto a seu nome. Um achava que era David, outro, Daniel, e um terceiro, Darren.

Conforme a noite se esvaía, Bel começou a questionar se haveria alguma verdade em sua reação instintiva à fotografia que Renata lhe mostrara. Todo o resto parecia muito pouco substancial. Então, enquanto se servia de uma taça de *vin santo* e um punhado de biscoitos *cantuccini*, um adolescente se aproximou dela hesitante.

— É você quem quer saber sobre o BurEst, certo? — ele murmurou.

— Isso mesmo.

— E sobre aquele carinha, o Gabe?

— O que você sabe? — perguntou Bel, aproximando-se, fazendo-o sentir como se eles estivessem numa conspiração só dos dois.

— Ele estava lá, na noite em que eles deram o fora.

— Você quer dizer o Gabriel?

— Isso. Eu não disse nada antes porque eu deveria estar na escola, só que não estava, entendeu?

Bel deu um tapinha em seu braço.

— Acredite em mim, entendo perfeitamente. Eu também não me dava muito bem com a escola. Tanta coisa mais interessante para fazer.

— Pois é, bem, de qualquer maneira, eu estava em Siena e vi Matthias vindo da estação junto com o Gabe. Matthias ficara fora uns dias. Eu não tinha nada melhor a fazer, então segui os dois. Eles atravessaram a cidade até o estacionamento perto da Porta Romana e saíram na van de Matthias.

— Eles estavam conversando? Pareciam amistosos?

— Pareciam estar de saco cheio. Estavam de cabeça baixa, sem falar muito. Mas não brigados. Apenas como se estivessem irritados com alguma coisa.

— Você os viu novamente? Ao voltar para cá?

O garoto sacudiu um ombro.

— Não os vi mais. Mas, quando voltei, a van de Matthias estava lá. Os outros haviam ido até Grossetto para fazer uma apresentação especial. São algumas horas de carro, então eles já tinham saído quando eu cheguei. Eu apenas deduzi que Matthias e Gabe estivessem na *villa*. — Ele sorriu maldoso. — Fazendo sabe Deus o quê.

A julgar pelo sangue no chão, Bel pensou, não era nada tão divertido quanto aquele jovem sem imaginação estava pensando. A verdadeira pergunta era: de quem era o sangue? Será que os integrantes do BurEst haviam partido porque, ao retornarem, encontraram seu líder numa poça de seu próprio sangue? Ou haviam se dispersado porque seu líder tinha o sangue de Gabriel nas mãos?

— Obrigada — ela disse, voltando-se e completando o copo que, de alguma forma, havia se esvaziado. Ela se afastou da multidão falante e caminhou pelas margens da vinha. Seu informante lhe havia proporcionado muita coisa em que pensar. Matthias tinha passado alguns dias fora. Ele voltou com Gabriel. Os dois haviam ficado sozinhos na *villa*. No meio da manhã seguinte, toda a trupe havia partido às pressas, deixando os mesmos pôsteres previamente usados pelo Pacto Anarquista da Escócia e uma grande mancha de sangue no chão.

Não era preciso ser um detetive para concluir que alguma coisa dera terrivelmente errado. Mas para quem? E, talvez, o mais importante: por quê?

East Wemyss

Verão na Escócia, pensou Karen com azedume ao descer com dificuldade o caminho até a caverna Thane's. Ainda estava claro às nove da noite, uma garoa fina deixava-a ensopada e os mosquitos picavam como se não houvesse amanhã. Ela podia vê-los numa nuvem em volta da cabeça de Phil conforme o seguia, descendo até a praia. Tinha certeza de que eram piores agora do que quando ela era criança. Maldito aquecimento global. As criaturinhas ficavam ainda mais malignas, e o clima, cada vez pior.

Quando a trilha se nivelou, ela pôde ver alguns dos alunos de River encolhidos sob uma protuberância, fumando. Talvez se ela ficasse contra o vento, a fumaça espantasse os mosquitos. Além deles, River andava de um lado a outro, com o telefone no ouvido e o longo cabelo escuro preso num rabo de cavalo que saía pela abertura de trás do boné de beisebol. O que gelou Karen mais do que a chuva foi o resplendor do macacão de papel branco que River estava usando. A antropóloga se virou, avistou-os e encerrou abruptamente sua ligação telefônica.

— Só estava dizendo para o Ewan não me esperar em casa pelos próximos dias — ela disse, com tristeza.

— Então, o que você encontrou? — perguntou Karen, a pressa aniquilava qualquer cortesia.

— Vamos entrar e eu lhe mostrarei.

Eles a seguiram para dentro da caverna, as luzes de trabalho criando um padrão abstrato de escuridão e luz ao qual demorou um pouco para que os olhos se ajustassem. A equipe de remoção havia parado de trabalhar, e todos estavam sentados por ali, comendo sanduíches e tomando refrigerante. Karen e Phil funcionaram como ímãs para o interesse deles, e seus olhos seguiam os policiais o tempo todo.

River os conduziu até onde o desmoronamento de pedras havia bloqueado a passagem para o centro do rochedo. Quase todas as rochas e pedras pequenas haviam sido removidas, deixando uma abertura estreita. Ela iluminou o cascalho restante com uma lanterna potente, mostrando que o desmoronamento em si se estendia por apenas 1,20m.

— Ficamos surpresos ao descobrir como era pouco extenso. Esperávamos que se prolongasse por uns seis metros ou mais. Isso me deixou desconfiada logo de cara.

— Como assim? — perguntou Phil.

— Não sou geóloga. Mas, pelo que entendi das explicações dos meus colegas de Ciências Geológicas, é preciso haver muita pressão para que ocorra um desmoronamento natural. Quando estavam extraindo minério por aqui, a escavação produzia muito estresse nas rochas acima, então ocorriam grandes fraturas e desmoronamentos. É essa quantidade de pressão geológica que provoca desmoronamentos do teto em cavernas antigas como esta. Elas estão aqui há oito mil anos. Simplesmente não entram em colapso sem motivo. Mas, quando acontece, é como se retirassem o pilar central de uma ponte. E ocorre um desmoronamento enorme. — Enquanto falava, River movimentava o facho da lanterna ao redor, mostrando que o teto estava surpreendentemente sólido nos dois lados do desmoronamento. — Por outro lado, se você souber o que está fazendo, uma pequena carga explosiva criará uma queda controlada que só afetará uma área relativamente pequena. — Ela ergueu as sobrancelhas para Karen. — O tipo de coisa que fazem o tempo todo nas minas.

— Você está dizendo que este desmoronamento foi provocado deliberadamente? — perguntou Karen.

— Você precisaria de um especialista para lhe dar uma resposta definitiva, mas, baseada no pouco que sei, eu diria que, na minha opinião, parece que sim. — Ela se virou e apontou a lanterna para uma seção da parede da caverna a

aproximadamente um metro e meio do chão. Havia um buraco mais ou menos cônico na rocha, com listras pretas manchando o arenito vermelho. — Isto aqui me parece um buraco para carga explosiva — disse River.

— Merda — disse Karen. — E agora?

— Bem, quando vi isso, achei que precisávamos pisar com muita cautela, depois que abrísssemos uma passagem. Então, coloquei o macacão e entrei pessoalmente. Há, talvez, uns três metros de passagem e, então, ela se abre para uma câmara bastante grande. Talvez cinco metros por quatro. — River suspirou. — Vai ser um pesadelo para analisar.

— E existem razões para analisar? — perguntou Phil.

— Ah, sim. Existe uma razão. — Ela direcionou a lanterna para os pés deles. — Vocês podem ver que o solo é apenas terra batida. Logo na entrada da câmara, à esquerda, a terra está solta. Ela foi pisoteada, mas pude ver que era de textura diferente do resto do solo. Coloquei algumas lâmpadas e uma câmera e comecei a cavar a terra. — A voz de River havia ficado fria e distante. — Não precisei ir muito longe. A cerca de quinze centímetros de profundidade, encontrei um crânio. Não mexi nele. Quis que vocês o vissem *in situ* antes de prosseguirmos. — Ela acenou para que eles voltassem da área do desmoronamento. — Vocês precisam colocar o macacão — ela disse, virando-se para os alunos. — Jackie, você poderia me trazer macacões e protetores de sapatos para a investigadora Pirie e para o sargento Parhatka?

Enquanto eles se vestiam, River repassou suas opções. Resumiam-se a deixar os alunos trabalharem sob sua estrita supervisão ou trazer a equipe de peritos criminais da polícia.

— A decisão é sua — disse River. — Só lhe digo que não apenas somos a opção mais barata, como também especialistas treinados recentemente. Não sei qual é seu nível de conhecimento de arqueologia e antropologia, mas estou apostando que uma força policial pequena como a de Fife não conta com uma equipe de especialistas treinada nas mais recentes técnicas em sua folha de pagamento.

Karen lançou-lhe aquele olhar que fazia seus agentes voltarem à infância.

— Não tivemos nenhum caso como este, durante o tempo em que venho servindo à polícia. Para qualquer coisa fora do normal, sempre usamos especialistas externos. O ponto principal é garantir que a evidência seja aceita no tribunal. Sei que você, como especialista, é uma testemunha qualificada, mas seus alunos não são. Terei que consultar o Biscoito quanto a este caso, mas acho que devemos continuar com o seu time. Deve haver duas câmeras filmando o tempo todo, entretanto, e você tem de estar no local sempre que eles estiverem trabalhando. — Ela ajustou o macacão, feliz de que Jackie houvesse lhe dado um

suficientemente grande para acomodar suas generosas proporções. Os peritos criminais nem sempre eram tão atenciosos. Ela achava que eles, às vezes, faziam de propósito, para fazê-la se sentir constrangida no que consideravam como “seu” domínio. — Vamos dar uma olhada, então.

River entregou uma lanterna a cada um deles.

— Ainda não demarquei uma rota de aproximação — ela disse, enquanto ajustava uma lanterna de cabeça. — Apenas fiquem o máximo possível à esquerda.

Eles seguiram sua lâmpada sacolejante para dentro da escuridão. Karen deu um último olhar por cima do ombro, mas era difícil ver qualquer coisa além da silhueta de Phil. A qualidade do ar mudou quando passaram pelos restos do desmoronamento, a salinidade substituída por um leve cheiro de bolor, matizado pela acidez dos antigos excrementos de pássaros e morcegos. Um brilho opaco à frente deles indicava a luz da câmera de vídeo, que ainda estava filmando.

River parou no ponto em que as paredes se abriam para a câmara. Sua lanterna multiplicava a luz da câmera, revelando uma pequena área de chão de terra onde o solo havia sido varrido, formando uma depressão rasa. Resplandecendo em tom opaco em contraste à terra marrom-avermelhada havia o contorno inconfundível de um crânio humano.

— Você estava certa — Phil disse baixinho.

— E você não faz ideia de como isso me deixa puta da vida — Karen respondeu enfaticamente, observando todos os detalhes. Ela se virou, tentando concatenar os pensamentos. — Pobre filho da puta, quem quer que você seja.

Terça-feira, 3 de julho de 2007; Glenrothes

Karen estacionou na sua vaga na central e desligou o carro. Ficou sentada ali por um longo tempo, observando a chuva cobrir o para-brisa. Aquela não seria a manhã mais fácil da sua carreira. Tinha um cadáver, mas, tecnicamente, era o cadáver errado. Tinha de impedir que Biscoito se precipitasse e deduzisse que aquele era um dos sequestradores de Catriona MacLennan Grant. E, para isso, ela teria de admitir que vinha trabalhando em algo que ele não sabia. Phil estava certo. Ela não deveria ter cedido ao desejo de colocar a mão na massa. Não era um grande consolo o fato de ter feito mais progresso no caso de Mick Prentice do que os policiais teriam conseguido. Sair dessa sem uma advertência formal seria um verdadeiro milagre.

Suspirando, ela pegou seus arquivos e correu pela chuva intensa. Empurrou a porta, com a cabeça baixa, dirigindo-se diretamente para os elevadores. Mas a voz de Dave Cruickshank fez com que ela detivesse os passos.

— Investigadora Pirie — ele chamou. — Tem uma senhora aqui que quer vê-la.

Karen se virou no instante em que Jenny Prentice se levantava, hesitante, de uma cadeira na recepção. Ela obviamente havia se esforçado. O cabelo grisalho estava trançado com esmero, e a roupa era claramente a que ela reservava para ocasiões especiais. O casaco de lã vermelho-escuro normalmente teria sido absurdamente quente para o mês de julho, mas não este ano.

— Sra. Prentice — disse Karen, esperando que sua decepção não fosse tão aparente.

— Preciso falar com você — disse Jenny. — Não vai demorar muito — acrescentou, vendo Karen olhar de relance para o relógio na parede.

— Ótimo. Porque não tenho muito tempo — disse Karen.

Havia uma pequena sala de entrevistas perto do saguão, e ela a guiou para lá. Deixou cair as pastas sobre uma cadeira, num canto, então se sentou de frente para Jenny, numa mesinha. Não estava com humor para bajulação.

— Suponho que a senhora tenha vindo responder às perguntas que tentei lhe fazer ontem.

— Não — respondeu Jenny, tão teimosa quanto a própria Karen podia ser. — Vim dizer para interromper tudo.

— Interromper o quê?

— Essa suposta caça a Mick. — Seus olhos se fixaram de forma desafiadora nos de Karen. — Ele não está desaparecido. Eu sei onde ele está.

Aquilo era a última coisa que Karen tinha esperado ouvir.

— O que quer dizer com sabe onde ele está?

Jenny deu de ombros.

— Não sei de que outra maneira posso explicar. Há anos eu sei onde ele está. E que ele não quer mais saber da gente.

— Então, por que manteve em segredo? Por que só agora estou sabendo disso? A senhora não conhece o princípio de desperdício de tempo policial? — Karen sabia que estava quase gritando, mas não se importava.

— Eu não queria magoar Misha. Como você se sentiria se alguém dissesse que seu pai não queria mais nada com você? Eu quis poupá-la.

Karen a encarou com dúvidas. A voz e a expressão de Jenny mostravam convicção. Mas Karen não podia se dar ao luxo de acreditar piamente nela.

— E quanto a Luke? Com certeza a senhora desejaria fazer todo o possível para salvá-lo. Misha não tem o direito de pedir a ajuda do pai?

Jenny olhou para ela com desdém.

— Você acha que eu já não pedi a ajuda dele? Eu implorei. Enviei a ele fotos do pequeno Luke para tentar fazê-lo mudar de ideia. Mas ele apenas disse que o garoto não significava nada para ele. — Ela desviou os olhos. — Acho que ele tem outra família agora. Nós não temos nenhuma importância para ele. Os homens parecem lidar com isso melhor do que as mulheres.

— Vou ter que falar com ele — disse Karen.

Jenny negou com a cabeça.

— De jeito nenhum.

— Olhe, Sra. Prentice — Karen disse em meio à sua crescente irritação —, um homem foi dado como desaparecido. A senhora diz que ele não está desaparecido, mas só tenho a sua palavra. Preciso confirmar o que a senhora está me dizendo. Eu não estaria fazendo meu trabalho direito se não fizesse isso.

— E o que acontece depois? — Jenny agarrou a borda da mesa. — O que você vai dizer quando Misha lhe perguntar como vai a investigação? Você vai mentir para ela? Isso faz parte do seu trabalho? Você mente para ela e espera que ela nunca descubra a verdade através de outros policiais, no futuro? Ou vai dizer a verdade e deixar que Mick destrua o coração dela de novo?

— Não é meu trabalho fazer esses julgamentos. Devo descobrir a verdade e, depois disso, não está mais nas minhas mãos. A senhora precisa me dizer onde Mick está, Sra. Prentice. — Karen sabia que era difícil resistir quando ela usava todo o poder de sua personalidade. Mas aquela mulherzinha desafiadora estava retribuindo na mesma moeda.

— Tudo que vou dizer é que você está desperdiçando seu tempo procurando por uma pessoa que não está desaparecida. Interrompa a

investigação, inspetora, apenas isso.

Alguma coisa em relação a Jenny Prentice não cheirava bem. Karen não conseguia identificar o que era, mas, até que conseguisse, não cederia nem um centímetro. Ela se levantou e afastou-se decidida para apanhar suas pastas.

— Não acredito na senhora. E, de qualquer maneira, já é tarde demais, Jenny — disse, virando-se para encará-la. — Encontramos um corpo.

Ela já havia lido sobre a cor desaparecer do rosto das pessoas, mas nunca antes tinha visto isso acontecer.

— Não pode ser — a voz de Jenny era um sussurro.

— Pode ser sim, Jenny. E o local em que o encontramos... graças a você, sabemos que é um lugar que Mick costumava frequentar. — Karen abriu a porta. — Entraremos em contato.

Ela esperou acintosamente até Jenny recobrar-se e se arrastar até a porta, uma mulher profundamente transformada por aquelas palavras. Pela primeira vez, Karen não se sentiu nem um pouco solidária. Quaisquer que fossem os motivos de Jenny Prentice para aquele pequeno show, Karen tinha certeza de que era exatamente isso que havia sido: um show. Jenny não sabia onde estava Mick Prentice mais do que a própria Karen.

Tudo que precisava fazer agora era entender por que era tão importante para Jenny que a polícia desistisse da investigação. Outro encontro, outro quebra-cabeça. Atualmente, parecia que vinham sempre de mãos dadas. Havia semanas em que era impossível obter uma resposta direta.

— Mas essa notícia é fantástica, inspetora.

Não era sempre que os relatórios de Karen Pirie traziam satisfação a Simon Lees, muito menos alegria. Mas ele não podia esconder o fato de que estava duplamente feliz com o que ela lhe apresentara naquele dia. Não apenas tinham descoberto um corpo que traria algum avanço para um caso que estava parado havia mais de vinte anos, como também o haviam conseguido com um orçamento baixíssimo.

Então, um terrível pensamento lhe ocorreu.

— É o esqueleto de um adulto? — perguntou, a apreensão apertando-lhe o peito.

— Sim, senhor.

Por que ela parecia tão chateada com aquilo? Ela havia atuado de acordo com um pressentimento e tinha obtido um bom resultado. No lugar dela, ele estaria mais feliz que cachorro com dois rabos. Bem, na verdade, era assim mesmo que ele se sentia. Aquela operação era dele, no final das contas; trazia

bons resultados tanto para ele quanto para seus oficiais. Pelo menos uma vez, ela lhe trazia luz, em vez de merda.

— Muito bem — ele disse, bruscamente, empurrando a cadeira para trás. — Acho que devemos ir logo a Rotheswell contar as novidades a Sir Broderick. — Uma série de expressões passou pela cara de bolacha de Karen, terminando no que se parecia muito com apreensão. — Qual é o problema? Você ainda não contou para ele, contou?

— Não, não contei — ela disse lentamente. — Porque não estou realmente convencida de que tenha alguma relação com o desaparecimento de Adam Grant.

Ele entendeu as palavras, mas elas não faziam nenhum sentido. Ela havia organizado aquela operação toda com base no fato de o desmoronamento da caverna ter sido descoberto após o desastre da entrega do resgate. Ela havia sugerido que um dos sequestradores poderia estar embaixo das pedras. Ele jamais teria autorizado a operação, não fosse por isso. Mas agora ela parecia sugerir que o corpo não tinha nada a ver com o caso que estava investigando. Era coisa saída diretamente de *Alice no País do Espelho*.

— Não entendo — ele disse num tom queixoso. — Você me disse que achava que existia um barco. Sugeri que poderia haver um corpo. E encontrou um corpo. Mas, em vez de comemorar o fato de estar certa, você está me dizendo que é o corpo errado.

— Eu não conseguiria explicar melhor — ela disse, atrevendo-se a sorrir.

— Mas por quê? — Ele podia se ouvir quase gritando e pigarreou ruidosamente. — Por quê? — repetiu, uma oitava mais baixo.

Ela se mexeu na cadeira e cruzou as pernas.

— É um pouco difícil de explicar.

— Não me importa. Comece de algum lugar. De preferência, do início.

Lees não podia impedir suas mãos de se retorcerem. Ele gostaria de ainda ter a bolinha antiestresse que os filhos lhe deram no Natal, a bola antiestresse que ele havia jogado fora porque era controlado demais para precisar de uma coisa daquelas.

— Tivemos um caso muito incomum reaberto no outro dia... — ela começou. Parecia hesitante, uma versão dela que ele nunca vira antes. Se aquilo não fosse tão irritante, ele até teria se divertido. — Um homem dado como desaparecido pela filha.

— Isso não é nada incomum — ele retrucou.

— É sim, quando o desaparecimento aconteceu em 1984. No auge da greve dos mineiros — Karen devolveu na mesma medida, sem qualquer hesitação. — Dei uma olhadinha no caso e descobri que havia duas pessoas com boas razões

para querer esse cara fora do caminho. Ambas trabalhavam no setor de mineração. Ambas conheciam o método de explosão de rochas. Nenhuma delas teria tido muita dificuldade para pôr as mãos em cargas explosivas. E, como tentei lhe explicar antes, senhor, todo mundo por aqui conhece as cavernas. — Ela fez uma pausa momentânea e olhou agressivamente para ele. Era um olhar que beirava a insubordinação. — Eu sabia que o senhor jamais aprovaria a escavação do desmoronamento por causa de um mineiro em greve dado como desaparecido.

— Então você mentiu? — Lees atacou. Ele não iria suportar aquela rebelião arrogante nem por mais um minuto.

— Não, não menti — ela respondeu calmamente. — Apenas fui um pouco criativa com a verdade. O desmoronamento na caverna realmente foi descoberto depois que Catriona MacLennan Grant morreu. E o helicóptero não pôde encontrar o barco no qual os sequestradores escaparam. O que lhe dei foi uma hipótese razoável. Mas, no balanço das probabilidades, estou dizendo que é mais provável que o corpo seja de Mick Prentice do que de um sequestrador desconhecido.

Lees podia sentir o sangue latejando em sua cabeça.

— Inacreditável.

— Na verdade, senhor, acho que tem de admitir que obtivemos um bom resultado. Quer dizer, não gastamos todo esse dinheiro à toa. Pelo menos temos um corpo para justificá-lo. O.k., talvez isso nos dê mais perguntas do que respostas. Mas, sabe, sempre dizemos que nosso trabalho é falar pelos mortos, obter justiça para pessoas que não conseguem fazê-lo por si mesmas. Se o senhor olhar por esse ângulo, é uma oportunidade de servirmos.

Lees sentiu algo estalar dentro de sua cabeça.

— Uma oportunidade? Em que planeta você vive? Isso é um maldito pesadelo. Você deveria concentrar todos os seus recursos em descobrir quem matou Catriona Grant e o que aconteceu com o filho dela, e não desperdiçar tempo com um caso de pessoa desaparecida em 1984. O que quer que eu diga a Sir Broderick? “Vamos cuidar da sua família quando a inspetora Pirie tiver tempo sobrando”? Você acha que é a dona da lei — ele explodiu. — Você simplesmente atropela qualquer protocolo. Você segue seus palpites como se estivessem baseados em algo além de intuição feminina. Você... você...

— Cuidado, senhor. Está beirando o sexismo — Karen disse docemente, os olhos arregalados com inocência fingida. — Os homens também têm intuição. Só que a chamam de lógica. Olhe pelo lado positivo: se for Mick Prentice, já reunimos um monte de informações sobre o que estava acontecendo por volta da época em que ele desapareceu. Temos uma vantagem inicial nesse inquérito de

assassinato. E não estaremos ignorando o caso Grant. Estou trabalhando em conjunto com a polícia italiana, mas essas coisas levam tempo. É claro, se eu pudesse ir para a Itália, tudo poderia se acelerar... não é?

— Você não vai a lugar algum. Quando isso tudo terminar, pode ser que você nem sequer... — O telefone tocou no final da sua ameaça. Ele o agarrou. — Achei que tivesse dito para não passar nenhuma chamada, Emma... Sim, eu sei quem é a Dra. Wilde... — Ele suspirou rispidamente. — Está bem. Mande-a entrar. — Recolocou o fone no gancho cuidadosamente e olhou furioso para Karen. — Ainda voltaremos a falar neste assunto. A Dra. Wilde está aqui. Vamos ver o que ela tem a dizer.

A mulher que entrou não era o que ele havia esperado. Para começo de conversa, ela parecia uma adolescente, ainda esperando por sua espichada de crescimento. Tinha pouco mais de um metro e meio e era magra como um galgo. O cabelo escuro preso, deixando à mostra um rosto dominado por enormes olhos cinzentos, e a boca larga acentuavam ainda mais a semelhança. Ela usava botas de construção, jeans e camisa de brim desbotado quase completamente em alguns pontos, sob uma surrada jaqueta impermeável. Lees nunca tinha visto alguém que se parecesse menos com um acadêmico. Ela estendeu uma mão delgada, dizendo:

— Você deve ser Simon Lees. É um prazer conhecê-lo.

Ele olhou para a mão dela, imaginando os lugares em que havia estado e as coisas que havia tocado. Tentando não estremecer, tomou seus dedos frios rapidamente e indicou com um gesto a outra cadeira de visitante.

— Obrigado por sua ajuda — ele disse, tentando conter a raiva, pelo menos por enquanto.

— É um prazer — disse River, num tom realmente sincero. — É uma excelente oportunidade para trabalhar em um caso real com meus alunos. Eles têm uma grande experiência de laboratório, mas não se pode comparar isso com a situação real. E eles vêm fazendo um trabalho incrível.

— É o que parece. Agora, imagino que você está aqui porque tem algo a informar. — Ele sabia que parecia tão rígido quanto um dos cadáveres dela, mas era a única forma de conseguir se manter sob controle. River trocou um olhar rápido e ininteligível com Karen, e ele sentiu o sangue ferver novamente. — Ou precisa de acesso a mais alguma instalação? É isso?

— Não. Temos acesso a tudo que precisamos. Eu só queria atualizar a investigadora Pirie e, quando o sargento Parhatka me disse que ela estava numa reunião com você, achei que seria uma chance de conhecê-lo. Espero não ter interrompido nada.

River inclinou-se para a frente, oferecendo-lhe um sorriso que o fez

lembrar-se do de Julia Roberts. Era difícil manter a raiva diante de um sorriso daqueles.

— Absolutamente — ele disse, sentindo-se acalmar a cada segundo. — É sempre bom identificar o rosto com o nome.

— Mesmo quando se trata de um nome bobo como o meu, que significa “rio”, em inglês — River disse, melancolicamente. — Pais hippies, antes que você pergunte. Bem, você deve estar querendo saber o que eu descobri até agora. — Ela apanhou a agenda eletrônica e pressionou algumas teclas. — Trabalhamos até tarde da noite para limpar o esqueleto e removê-lo da cova rasa. — Ela se virou para Karen. — Entreguei a Phil uma cópia do vídeo. — De volta à agenda eletrônica. — Fiz um exame preliminar hoje cedo e posso lhes dar algumas informações. Nosso esqueleto é um homem. Tem mais de vinte anos e menos de quarenta. Tem um pouco de cabelo, mas é difícil dizer de que cor era originalmente. Foi manchado pela terra. Ele passou por alguns tratamentos dentários, portanto, assim que vocês reduzirem as possibilidades, podemos dar seguimento com base nisso. E poderemos coletar amostras de DNA.

— Quando ele foi enterrado? — Lees perguntou.

River deu de ombros.

— Existem testes mais extensivos, mais caros e mais demorados que podemos fazer. Mas, no momento, é difícil ser precisa quanto ao tempo que ele está sob a terra. No entanto, posso dizer com um alto grau de certeza que ele ainda estava vivo durante a maior parte do ano de 1984.

— Isso é incrível — Lees exclamou. — Vocês da criminalística me espantam.

Karen lançou-lhe um olhar frio.

— Havia moedas soltas no bolso dele, não é?

— Na verdade, não havia bolso nenhum — disse River. — Ele vestia roupas de algodão e lã, então não sobrou quase nada. As moedas estavam caídas dentro de sua cintura pélvica. — Ela sorriu novamente para Lees. — Desculpe, dessa vez não é ciência. Só observação.

Lees pigarreou, sentindo-se tolo.

— Há mais alguma coisa que você possa nos dizer, neste estágio?

— Ah, sim — respondeu River. — Ele não teve, de modo algum, morte natural.

San Gimignano

Enquanto dirigia em volta do estacionamento pela terceira vez à procura de alguma vaga, Bel fez sua memória regressar a como tinha sido San Gimignano

antes de haver se tornado um Patrimônio da Humanidade pela Unesco. Não havia dúvidas de que valia a classificação. Na idade Média, os habitantes usavam a pedra calcária cinza em suas construções que acabaram formando um labirinto apertado de ruas que convergem para a Piazza della Cisterna, a praça central com seu antiquíssimo poço. Quando o crescimento da cidade ameaçou ultrapassar as enormes muralhas, eles optaram por construir para cima, em vez de para os lados. Dúzias de torres se erguiam, na linha do horizonte, conferindo uma aparência recortada e cheia de lacunas, quando vista da planície abaixo. Definitivamente singular. Definitivamente patrimônio da humanidade. E definitivamente arruinada por seu status.

Bel visitara pela primeira vez aquela espetacular cidadezinha toscana no começo dos anos oitenta, quando quase não havia turistas nas ruas. Naquela época, existiam lojas de verdade: padarias, quitandas, açougues, sapatarias. Lojas onde se podia comprar sabão em pó, cuecas ou um pente. Os moradores locais, de fato, tomavam café nos bares e cafeterias. Agora, a cidade estava transformada. A única opção para comprar comida e roupas de verdade era na feira das quintas. Com exceção disso, todo o resto estava voltado para turistas. Enotecas vendendo a preços abusivos vinhos *vernaccia* e chianti que os moradores locais não tomariam nem que lhes pagassem. Lojas de artigos de couro, todas vendendo bolsas e carteiras idênticas, produzidas em fábricas. Lojas de suvenires e sorveterias. E, é claro, galerias de arte para aqueles com mais dinheiro do que bom-senso. Bel esperava que fossem os moradores locais que estivessem ganhando todo aquele dinheiro, porque eram eles que pagavam o preço mais alto.

Pelo menos as ruas não estavam muito lotadas assim tão cedo, antes da chegada dos ônibus de turistas. Bel finalmente se espremeu numa vaga do estacionamento e dirigiu-se para o grande portal de pedra que guardava a entrada principal da cidade. Mal havia percorrido trinta metros quando encontrou a primeira galeria de arte. O dono acabara de levantar as persianas, quando ela chegou. Bel deu uma avaliada nele: provavelmente da sua idade, pele lisa e cabelo escuro, óculos de armação estilosa que faziam seus olhos parecerem pequenos demais, um pouco gorducho para o jeans apertado e a camisa da Ralph Lauren. Um apelo a sua vaidade provavelmente seria a melhor abordagem. Ela esperou pacientemente e, então, seguiu-o para dentro. As paredes estavam cobertas por gravuras e aquarelas repletas de clichês da Toscana: ciprestes, girassóis, casas de campo rústicas, papoulas. Todas eram benfeitas e bonitas, mas não penduraria nenhuma delas em sua casa. Quadros produzidos em série para os viajantes dos ônibus de turismo que tentavam eliminar mais um lugar de sua lista de pontos turísticos. Meu Deus, ela estava ficando esnobe, depois de velha.

O dono se instalara atrás de uma escrivaninha com tampo de couro, obviamente projetada para parecer uma antiguidade. Provavelmente era da mesma idade que o carro dele, Bel pensou. Ela se aproximou, estampando seu sorriso menos predatório no rosto.

— Bom dia — disse. — Que coleção maravilhosa de quadros. Feliz de quem tem um deles em sua casa.

— Nós nos orgulhamos da qualidade das nossas obras de arte — ele disse, sem uma centelha sequer de ironia.

— Incrível. Elas fazem a paisagem tomar vida. Será que você poderia me ajudar?

Ele a mediu de cima a baixo. Ela podia vê-lo colocando preço em tudo, do seu vestido leve da Harvey Nicks à bolsa de palha comprada na feira, antes de decidir quanta energia colocar no próprio sorriso. Ele deve ter gostado do que viu; ela ganhou uma exibição completa de seus dentes cosmeticamente tratados.

— Será um prazer — ele disse. — O que você está procurando? — Ele se levantou, ajeitando a camisa de forma a esconder os quilos extras.

Um sorriso de desculpas.

— Não estou realmente procurando um quadro — ela disse. — Estou procurando por um pintor. Sou jornalista. — Bel tirou seu cartão do bolso do vestido e o entregou a ele, ignorando o olhar frio que substituiu a simpatia anterior. — Estou procurando por um pintor britânico de paisagens que vive por aqui, ganhando a vida, durante os últimos vinte anos, mais ou menos. A dificuldade é que eu não sei o nome dele. Começa com D... David, Darren, Daniel. Algo assim. Ele tem um filho de uns vinte e poucos anos, chamado Gabriel. — Ela fizera cópias das fotos de Renata e as tirou da bolsa. — Este é o filho, e este é o pintor que quero encontrar. Meu editor acha que existe algo interessante aí. — Ela deu de ombros. — Sei lá. Preciso conversar com ele, descobrir qual é sua história.

Ele olhou as fotos de relance.

— Não o conheço — disse. — Todos os meus artistas são italianos. Você tem certeza de que ele é profissional? Existem muitos amadores que vendem coisas na calçada. Um monte deles é estrangeiro.

— Ah, não, ele é profissional, sim. Tem representantes aqui e em Siena. — Ela indicou os quadros nas paredes com as mãos abertas. — É claro que não é bom o bastante para você. — Ela pegou as fotos de volta. — Obrigada pelo seu tempo. — Ele já havia se virado, encaminhando-se para a confortável cadeira rodeada pelos quadros sem alma. Sem venda, não havia conversa.

Não faltavam galerias de arte, isso ela sabia. Mais duas e, depois, faria uma pausa para um café e um cigarro. Outras três, daí um sorvete. Pequenos prazeres

para impeli-la durante o trabalho.

Não chegou ao sorvete. Na quinta galeria que tentou, encontrou ouro. Era um espaço claro e arejado, os quadros e esculturas espalhados de forma a serem apreciados. Bel de fato achou agradável caminhar até a escrivaninha nos fundos. Dessa vez, era uma mulher de meia-idade atrás de uma mesa moderna e funcional coberta de brochuras e catálogos. Ela usava o uniforme de linho amarrotado da camada mais descontraída das mulheres italianas de classe média. Ergueu os olhos do computador e dirigiu a Bel um olhar vago, levemente assustado.

— Posso ajudar? — perguntou, as palavras se atropelando.

Bel proferiu seu discurso ensaiado. Depois de algumas frases, a mão da mulher voou para cobrir sua boca, os olhos se arregalando em choque.

— Oh, meu Deus — ela disse. — Daniel. Você quer dizer o Daniel?

Bel tirou as fotos da bolsa e as mostrou para a mulher. Ela pareceu prestes a explodir em lágrimas.

— Este é o Daniel — ela disse. Ela estendeu a mão e tocou a cabeça de Gabriel com a ponta dos dedos. — E o Gabe. Pobrezinho do Gabe.

— Não entendo — disse Bel. — Há algum problema?

A mulher respirou profundamente e estremeceu.

— Daniel está morto. — Ela abriu as mãos num gesto de tristeza. — Ele morreu em abril passado.

Agora foi a vez de Bel sentir um golpe.

— O que aconteceu?

A mulher voltou a se reclinar em sua cadeira e correu os dedos pelo cabelo crespo e escuro.

— Câncer de pâncreas. Ele foi diagnosticado pouco antes do Natal. Foi horrível. — Lágrimas cintilaram em seus olhos. — Não deveria ter acontecido com ele. Ele era... era um homem tão bom. Muito gentil. Muito reservado. E amava tanto o seu menino. A mãe de Gabe morreu no parto. Daniel o criou sozinho e fez um excelente trabalho.

— Sinto muitíssimo — disse Bel. Pelo menos o sangue no chão da *villa* Totti não era de Daniel. — Eu não fazia ideia. Só ouvi falar desse maravilhoso artista britânico que tinha se estabelecido por aqui há alguns anos. Eu queria escrever uma matéria sobre ele.

— Você conhece o trabalho dele? — A mulher se levantou e acenou para que Bel a seguisse. Elas terminaram numa pequena sala nos fundos da galeria. Na parede havia uma série de trípticos, representações abstratas de paisagens terrestres e marítimas. — Ele também pintava aquarelas — disse a mulher. — As aquarelas eram mais figurativas. Ele conseguia vender mais delas. Mas eram

estas que ele amava.

— São esplêndidas — disse Bel com sinceridade. Realmente gostaria de ter conhecido o homem que tinha visto o mundo daquela maneira.

— Sim. São mesmo. Detesto o fato de que não haverá mais delas. — Estendeu a mão e roçou a pintura acrílica texturizada com a ponta dos dedos. — Tenho saudade dele. Era tanto um amigo quanto um cliente.

— Será que você poderia me colocar em contato com o filho dele? — perguntou Bel, sem perder de vista o motivo pelo qual estava ali. — Talvez eu ainda pudesse escrever a matéria. Uma espécie de tributo.

A mulher sorriu tristemente.

— Daniel sempre desprezou publicidade quando estava vivo. Ele não tinha nenhum interesse no culto da personalidade. Queria que suas pinturas falassem por ele. Mas agora... seria bom ver seu trabalho reconhecido. Talvez Gabe goste disso. — Ela balançou a cabeça lentamente.

— Você poderia me dar o telefone dele? Ou o endereço? — perguntou Bel.

A mulher pareceu ligeiramente chocada.

— Ah, não, eu não poderia fazer isso. Daniel sempre insistiu em manter sua privacidade. Por favor, me dê seu cartão e entrarei em contato com Gabe. Perguntarei a ele se está disposto a conversar com você sobre o pai.

— Então, ele ainda está por aqui?

— E onde mais ele estaria? A Toscana é o único lar que ele conhece. Todos os seus amigos estão aqui. Nós estamos nos revezando para garantir que ele tenha pelo menos uma refeição decente por semana.

Ao voltarem até a escrivania, Bel se deu conta de que não havia descoberto o sobrenome de Daniel.

— Você tem algum folheto ou catálogo do trabalho dele? — ela perguntou.

A mulher assentiu.

— Vou imprimir para você.

Dez minutos depois, Bel estava de volta à rua. Pelo menos tinha algo de concreto em que se agarrar. A caçada havia começado.

Coaltown of Wemyss

As casinhas caiadas que margeavam a rua principal eram impecáveis, com suas varandas sustentadas por troncos rústicos de árvore. Elas sempre foram bem cuidadas porque eram o que as pessoas viam, ao passar de carro pela vila. Atualmente, as ruas de trás estavam igualmente bonitas. Mas Karen sabia que nem sempre fora assim. As cabanas na Plantation Row haviam sido uma verdadeira favela, ignoradas por seu proprietário porque aquilo que os olhos

educados da sociedade não viam não merecia seu tempo. Mas mesmo dos degraus da entrada daquela casinha em particular, Karen desconfiava que, se Effie Reekie se visse num buraco horroroso, teria conseguido transformá-lo num pequeno paraíso. A porta da frente parecia ter sido lavada naquela manhã, não havia uma só flor murcha na jardineira da janela, e as cortinas de renda caíam em pregas perfeitas. Ela se perguntou se Effie e sua mãe poderiam ter sido gêmeas separadas ao nascer.

— Você vai bater ou não? — perguntou Phil.

— Desculpe. Só estava tendo um momento de *déjà vu*. Ou algo parecido.

— Karen apertou a campainha, sentindo-se culpada por deixar sua impressão digital nela.

A porta se abriu quase imediatamente. A sensação de estar numa distorção temporal continuou. Karen nunca mais tinha visto uma mulher com um turbante de lenço na cabeça desde que a avó morrera. Com seu guarda-pó e as mangas enroladas, Effie Reekie parecia uma versão aposentada de Rosie, a Rebitadeira.^[6] Ela olhou Karen de cima a baixo, como se avaliasse se ela estava limpa o bastante para ter permissão de cruzar a soleira.

— Sim? — ela disse. Não eram boas-vindas.

Karen apresentou a si mesma e a Phil. Effie franziu a testa, aparentemente ofendida em ter oficiais da polícia à sua porta.

— Nunca vi nada nem ouvi nada — ela disse abruptamente. — Essa sempre foi minha política.

— Precisamos conversar com a senhora — Karen disse gentilmente, sentindo a fragilidade que a mulher idosa tentava desesperadamente esconder.

— Não precisam, não — respondeu Effie.

Phil deu um passo à frente.

— Sra. Reekie — ele disse —, mesmo que a senhora não tenha nada para nos dizer, eu ficaria agradecido até o fim da vida se a senhora tivesse a bondade de nos oferecer uma xícara de chá. Minha garganta está mais seca que o Saara.

Ela hesitou, olhando de um para o outro com olhos ansiosos. Seu rosto se contorcia na luta entre a hospitalidade e a vulnerabilidade.

— Então, é melhor vocês entrarem — ela disse, finalmente. — Mas não tenho nada para contar a vocês.

A cozinha estava imaculada. River poderia ter realizado uma autópsia sobre a mesa sem correr qualquer risco de contaminação. Karen ficou satisfeita por ter adivinhado corretamente. Assim como sua mãe, Effie Reekie via cada superfície disponível como mostruário para ornamentos e enfeitiños. Aquilo era, pensou Karen, um desperdício absurdo dos recursos do planeta. Tentou não pensar em todas as tralhas que havia trazido parajcasa depois de passeios escolares.

— A senhora tem uma linda casa — ela disse.

— Sempre tentei mantê-la em ordem — Effie falou enquanto se ocupava com a chaleira. — Eu nunca deixava Ben fumar dentro de casa. Ele era o meu marido, o Ben. Morreu já faz cinco anos, mas era bem importante por aqui. Todo mundo conhecia Ben Reekie. Não haveria a confusão que existe nesta rua atualmente se o meu Ben ainda estivesse vivo. Não, senhor. Não haveria, não.

— É sobre Ben que precisamos falar com a senhora, Sra. Reekie — disse Karen.

Ela se virou para eles, olhos arregalados como os de um coelho diante dos faróis de um carro.

— Não há nada para falar. Ele já morreu há cinco anos. Câncer. Câncer de pulmão. Anos fumando. Anos de reuniões na subseção, e todos fumando feito chaminés.

— Ele era secretário da subseção, não era? — perguntou Phil. Ele estava observando um conjunto de pratos decorativos dispostos na parede. Representavam várias comemorações na história do movimento sindical. — Um trabalho importante, principalmente durante a greve.

— Ele amava seus homens — Effie disse com veemência. — Teria feito qualquer coisa por eles. Ficou devastado em ver ao que aquela desgraçada da Margaret Thatcher os reduziu. E o Scargill. — Ela trouxe o chá para a mesa em meio ao tilintar da porcelana. — Nunca dei muita confiança para o Rei Arthur. Para o vale da morte, foi para lá que ele os guiou. Teria sido outra história se o líder do movimento fosse Mick McGahey. Outra história. Ele respeitava os homens. Assim como o meu Ben. Ele respeitava seus homens. — Ela dirigiu a Karen um olhar que beirava o desespero.

— Entendo isso, Sra. Reekie. Mas agora está na hora de corrigir os arquivos.

Karen sabia que estava se arriscando. Mick Prentice podia ter se equivocado. Ben Reekie podia ter mantido seus planos em segredo. E Effie Reekie poderia estar decidida a não pensar sobre a maneira pela qual o marido havia traído a confiança dos homens que dizia amar.

O corpo inteiro de Effie pareceu se crispar.

— Não sei do que você está falando. — Foi uma negativa estridente, obviamente hipócrita.

— Acho que sabe, Effie — disse Phil, juntando-se às duas mulheres na mesa. — Acho que isso vem corroendo você por dentro há muito tempo.

Effie cobriu o rosto com as mãos.

— Vão embora — ela disse, com palavras abafadas. Ela estava tremendo, como uma ovelha que acabou de ser tosada.

Karen suspirou.

— Não deve ter sido fácil pra você. Ver como estava sendo duro para todo mundo, enquanto vocês se davam bem.

Effie ficou imóvel e tirou as mãos do rosto.

— Do que você está falando? — ela disse. — É claro que você não acha que ele pegou o dinheiro para si mesmo, não é? — A afronta lhe dera forças. Ou isso, ou a deixara imprudente.

Merda, merda, merda. Karen percebeu que havia julgado a situação de forma completamente errada. Mas, se o havia feito, outros também poderiam. Outros como Mick Prentice. Mick Prentice, cujo melhor amigo tinha sido funcionário do sindicato. Que podia até mesmo ter sido cúmplice no que Ben Reekie estava fazendo. Pensamentos voando, ela se obrigou a voltar para a conversa.

— É lógico que não achamos isso — disse Phil. — Karen apenas quis dizer que vocês ainda recebiam um salário.

Effie olhou, incerta, para os dois.

— Ele só fez aquilo depois que começaram a confiscar os fundos do sindicato — ela disse. As palavras jorraram como se ela estivesse aliviada em libertá-las. — Ele perguntava qual era o sentido de encaminhar o dinheiro para a subseção se eles iriam simplesmente entregá-lo para o Escritório Central. Ele dizia que o dinheiro arrecadado localmente deveria ser usado para ajudar os mineiros locais, não ser despachado para Buffalo. — Ela conseguiu dar um sorriso de lástima. — Era isso que ele sempre dizia: “Não ser despachado para Buffalo.” Ele apenas pegava um pouco, aqui e ali, não o suficiente para que os mandachuvas percebessem. E era muito discreto na hora de passar adiante. Ele fazia Andy Kerr examinar as cartas de pedidos para o Serviço Social e entregava o dinheiro onde fosse mais necessário.

— Alguém descobriu? — Phil perguntou. — Alguém o pegou fazendo isso?

— O que você acha? Eles o teriam enforcado primeiro e perguntado depois. O sindicato era sagrado por aqui. Ele jamais teria escapado ileso se alguém houvesse sequer desconfiado.

— Mas Andy sabia. — Karen ainda não estava pronta para desistir.

— Não, não, ele nunca soube. Ben nunca disse que estava dando o dinheiro para eles. Ele só pedia para Andy lhes dar prioridade, supostamente para ajudar à subseção. Só que não havia nenhuma ajuda à subseção naquele período porque todos os fundos estavam indo para o nível nacional. — Effie esfregou as mãos como se elas estivessem doendo. — Ele sabia que não poderia confiar em ninguém para contar isso. Veja bem, mesmo que eles houvessem acreditado que

ele estava fazendo tudo pelo bem de seus homens e suas famílias, ainda teriam considerado traição. Todos deveriam colocar o sindicato em primeiro lugar, principalmente os funcionários. O que ele fez teria sido imperdoável. E ele sabia disso.

San Gimignano

Bel finalmente encontrou um bar que não estava abarrotado de turistas. Escondido em uma rua afastada, os únicos clientes eram meia dúzia de velhos jogando cartas e bebericando copinhos de vinho tinto. Ela pediu um expresso e uma água e se sentou perto da porta dos fundos, que se abria para um minúsculo pátio pavimentado por pedras.

Passou alguns minutos olhando o catálogo que apanhara na galeria. Adoraria conviver com um trabalho de Daniel Porteous. Mas quem diabos fora ele? Qual era sua história? Teria seu caminho realmente cruzado com o de Cat, ou Bel estava construindo castelos no ar? Só porque Daniel Porteous era artista e tinha uma vaga ligação com o lugar em que os pôsteres haviam sido encontrados não significava que estivesse envolvido no sequestro. Talvez ela estivesse olhando para o homem errado. Talvez o elo fosse Matthias, o homem que criava as marionetes e seus cenários. O homem que podia ser um assassino ou uma vítima.

Ainda olhando as reproduções do trabalho de Porteous, ela telefonou do celular para seu estagiário, Jonathan.

— Tentei entrar em contato com você ontem à noite — ele disse. — Mas seu celular estava desligado. Então liguei para a donzela de gelo lá de Rotheswell e ela disse que você não estava disponível.

Bel riu.

— Ela gosta de se fazer de importante, não é mesmo? Desculpe por ter perdido seu telefonema ontem à noite. Eu estava numa festa.

— Uma festa? Você não deveria estar bancando a Nancy Drew?

Uma parte dela achava que a atitude atrevidamente galanteadora de Jonathan beirava o inapropriado. No entanto, era tão absurda que a divertia; então, ela o deixava brincar.

— E estou. A festa foi na Itália.

— Na *Itália*? Você está na *Itália*?

Bel rapidamente colocou Jonathan a par dos acontecimentos.

— Portanto, agora você está por dentro de tudo — ela completou.

— Uau — disse Jonathan. — Quem diria que isso iria ser tão excitante? Nenhum dos meus amigos está fazendo um estágio como este. É como

Woodward e Bernstein, na pista de Watergate.

— Não é nada disso — protestou Bel.

— Claro que é. Você me disse que havia sangue no chão da *villa*. As pessoas geralmente não fogem de acidentes domésticos nem de suicídios, então isso sugere que alguém foi assassinado. E numa situação relacionada a um assassinato e um sequestro de 22 anos atrás. Bel, existe pelo menos uma pessoa bem desagradável aí fora e você está definitivamente na trilha dela.

— No momento, Jonathan, estou é na trilha de um jovem que acabou de perder o pai. Nossa, como isso é assustador, não? — Bel deixou escapar.

— Bel, nem todos os jovens são tão encantadores e inofensivos como eu. — Jonathan respondeu, subitamente sério. — Podemos ser bem selvagens. Você já fez matérias suficientes sobre estupro e assassinato para não ter ilusões sobre isso. Pare de me tratar como criança. Isso não é uma brincadeira. Prometa que você vai levar a sério.

Bel suspirou.

— Quando encontrar algo que pareça sério, vou levar a sério, Jonathan. Prometo. Agora, enquanto isso, preciso que você faça uma coisa para mim.

— Claro, qualquer coisa que você precisar. Creio que não tem nada a ver com uma visita à Toscana, né?

— Tem a ver com uma visita ao Centro de Registros de Família em Islington para descobrir o que você puder a respeito de um homem chamado Daniel Porteous. Ele teria algo entre quarenta e cinquenta anos. Morreu em abril passado, na Itália, mas não sei exatamente onde. Mas os atestados de óbito italianos não contêm mesmo muita informação. Então, estou procurando por sua certidão de nascimento, talvez uma certidão de casamento. Você pode fazer isso por mim?

— Pode deixar. Volto a ligar assim que tiver alguma coisa. Obrigado, Bel. É maravilhoso estar envolvido em algo assim tão complexo.

— Obrigada — Bel disse para o vazio.

Sorveu o expresso pensativa. Não estava convencida de que a dona da galeria tiraria algum coelho da cartola, no que se referia a Gabriel Porteous. Ela teria de fazer pessoalmente algumas investigações bastante profundas. Os registros deviam estar em Siena, capital da província. Não havia sentido em dirigir-se para lá agora. Quando conseguisse chegar, todo mundo já teria ido embora do serviço. As tardes e a burocracia italiana não se entendiam muito bem.

Não havia nada mais a fazer. Teria de voltar a Campora e se esticar numa cadeira, à beira da piscina de Grazia. Talvez telefonasse para Vivianne para ficar em dia com a vida familiar. Às vezes, a vida era muito, mas muito dura mesmo.

Edimburgo

Karen reclinou o banco do carro, que estava totalmente na vertical, e se acomodou para a viagem até Edimburgo.

— Sabe de uma coisa — ela disse —, minha cabeça está se remoendo com este caso. Toda vez que acho que estou entendendo aparece algo para me confundir.

— A que caso você se refere? Aquele que o Biscoito pensa que você está priorizando ou àquele que você realmente está trabalhando? — perguntou Phil, entrando na estrada vicinal que os levaria a um salão de chá campestre ao lado da rodovia. Uma coisa boa nos casos arquivados é que geralmente se conseguia comer em horários regulares. Não havia a pressão do relógio correndo antes que outro crime fosse cometido. Era um esquema que se adequava perfeitamente bem a ambos.

— Não posso fazer nada com relação a Cat Grant até receber um relatório decente da polícia italiana. E eles não estão exatamente com pressa. Não, estou falando de Mick Prentice. Primeiro, todos pensam que ele foi para Nottingham. Mas, agora, parece que ele nunca saiu vivo de Wemyss. Ele nunca fugiu com os fura-greves, muito embora um deles tenha confundido as coisas enviando dinheiro para Jenny. Mas uma coisa que soubemos por intermédio dos fura-greves é que Mick estava vivo e ileso, andando por Newton, umas doze horas depois de quando Jenny alega que ele saiu de casa.

— O que é estranho — disse Phil. — Se ele a estava abandonando, era de esperar que já estivesse bem longe, então. A não ser que estivesse apenas tentando lhe dar uma lição. Talvez ele ficasse fora de casa por várias horas para provocá-la. Talvez ele estivesse voltando para casa e alguma coisa aconteceu que o desviou do caminho.

— Certamente parece que alguém o tirou do sério. Os caras que estavam fugindo obviamente esperavam que ele se enfurecesse com eles. Quando o viram, acharam que iam receber um sermão ou que haveria uma briga. Mas tudo que obtiveram, por parte dele, foram suas súplicas e uma cara de quem estava prestes a explodir em lágrimas.

— Talvez aquela tenha sido a noite em que ele descobriu que havia alguma coisa entre Jenny e Tom Campbell. — Phil sugeriu. — Isso teria sido suficiente para acabar com sua autoconfiança.

— Pode ser — ela não parecia convencida. — Se você estiver certo, ele devia estar descontrolado. Não ia querer voltar para casa. Então, talvez, tenha ido dormir na casa do bosque, do seu amigo Andy.

— Se ele fez isso, por que ninguém o viu novamente depois daquela noite?

Você sabe como eram as coisas por aqui. Quando as pessoas se separavam, não iam embora da cidade. Apenas se mudavam três casas mais para baixo na rua.

Karen suspirou.

— É verdade. Mas ele ainda assim poderia ter ido para a casa de Andy. As coisas podem ter acontecido de maneira diferente. Sabemos que Andy estava de licença médica por depressão. E sabemos, pela irmã dele, que ele gostava de fazer caminhadas até as Highlands. E se Mick decidiu ir com ele? E se os dois sofreram um acidente e os corpos estão atirados em alguma ravina? Você sabe como é lá em cima. Alpinistas desaparecem e nunca mais são encontrados. E isso são só aqueles que a gente fica sabendo.

— É possível. — Phil deu seta e entrou no estacionamento. — Mas se foi isso que aconteceu, de quem é o corpo na caverna? Acho que é mais simples do que você está cogitando, Karen.

Eles entraram no café em silêncio. Pediram empadão de carne, ervilhas e batatas sem nem olhar o cardápio e, então, Karen disse:

— Mais simples como?

— Acho que você está certa, que ele foi à casa de Andy. Não sei se ele estava planejando sair de casa de vez ou apenas colocando um pouco de espaço entre ele e Jenny. Mas acho que ele contou a Andy sobre Ben Reekie. E acho que houve algum tipo de confronto. Não sei se Andy perdeu a paciência com Mick, ou se Ben apareceu por lá e tudo fugiu do controle. Mas acho que Mick morreu naquela casa, naquela noite.

— O quê? E daí eles o levaram até a caverna para se livrar do corpo? Isso parece um pouco complicado demais. Por que simplesmente não enterrá-lo no bosque?

— Andy era um homem do campo. Ele sabia que cadáveres não permanecem enterrados em covas rasas no bosque. Colocá-lo na caverna e, então, provocar um desmoronamento, era uma opção muito melhor. E muito mais reservada do que tentar cavar uma cova no meio do bosque de Wemyss. Lembre-se de como eram as coisas, naquele tempo. Cada centímetro de floresta continha caçadores furtivos tentando pegar um coelho ou até mesmo um veado para pôr na mesa do jantar.

— Você tem razão. — Karen sorriu em agradecimento à garçonete que trouxe o café. Acrescentou uma colherada cheia de açúcar ao dela e mexeu lentamente. — Então, o que aconteceu com Andy? Você acha que ele saiu de casa e acabou com a própria vida?

— Provavelmente. Pelo que você me contou, ele parece ser do tipo sensível.

Tinha de admitir que fazia sentido. O distanciamento de Phil permitia que

ele visse o caso mais claramente. Por mais inteligente que ela fosse, sabia quando se afastar e deixar que outra pessoa avaliasse os fatos.

— Se você estiver certo, imagino que jamais saberemos como tudo aconteceu. Se foi algo só entre Andy e Mick, ou se Ben também estava na história.

Phil sorriu, balançando a cabeça.

— Essa é uma teoria que não podemos confirmar com Effie Reekie. A não ser que queiramos mais um corpo nas nossas mãos.

— Ela teria um ataque na mesma hora — Karen concordou.

Ele riu.

— Claro que isso tudo pode ser uma procura inútil se Jenny estava dizendo a verdade quando lhe pediu para abandonar o caso.

Karen fungou.

— Aquilo foi digno da ilha da fantasia. Acho que ela não quer é se aborrecer. Quer que a gente a deixe em paz, e assim ela poderá voltar à sua vida de mártir.

Phil pareceu surpreso.

— Você acha que ela dá mais valor à própria tranquilidade do que à vida do neto?

— Não. Ela é incrivelmente narcisista, mas não acho que veja a situação nesses termos. Acho que, no fundo, ela se sente meio responsável por Mick ter desaparecido. E isso significa que ela tem que arcar com parte da culpa pela indisponibilidade dele em ser doador para Luke. Então, ela está tentando descarregar sua culpa fazendo com que a gente pare de procurar por ele, pois, assim, ela pode voltar a enterrar a cabeça na areia, como antes.

Phil coçou o queixo.

— As pessoas são tão malucas — ele suspirou.

— Isso é verdade. Pelo menos essa nossa viagensinha nos trará algumas respostas.

— Talvez. Mas faz a gente pensar — disse Phil.

— Pensar em quê, exatamente?

Ele fez uma careta.

— Estamos indo até Edimburgo para colher uma amostra de DNA para que River possa comparar com o cadáver. Mas e se Misha não for filha de Mick? E se ela for filha de Tom Campbell?

Karen dirigiu a ele um olhar admirado.

— Você tem uma mente realmente maligna, Phil. Acho que você está errado, mas é uma teoria linda, mesmo assim.

— Você apostaria que o teste de DNA revele ser Mick Prentice?

Ambos se afastaram um pouco para deixar que a garçonete colocasse os pratos de comida à sua frente. O cheiro estava incrível. Karen queria pegar o prato e aspirá-lo. Mas, primeiro, tinha de responder a Phil.

— Não — ela disse. — E não porque eu ache que Misha seja filha de Tom Campbell. Existem outras possibilidades. River disse que a parte posterior do crânio está esmagada, Phil. Se Andy Kerr matou Mick Prentice, foi no calor do momento. Ele jamais teria chegado sorrateiramente por trás dele e golpeado sua cabeça. Sua teoria é bem bonita, mas não estou convencida. — Ela sorriu. — Mas, também, é por isso que você me ama.

Ele olhou-a de modo estranho.

— Você é sempre cheia de surpresas.

Karen engoliu um bocado divino de massa e carne.

— Quero algumas respostas, Phil. Respostas reais, não apenas as ideias bobas que eu e você inventamos para se encaixar com aquilo que sabemos. Quero a verdade.

Phil inclinou a cabeça, avaliando-a.

— De fato — ele disse —, é *por isso* que eu amo você, dona.

Uma hora depois, eles estavam parados em frente ao edifício residencial de Marchmont, onde Misha Gibson morava. Karen ainda se perguntara se houvera algo mais que mera provocação nas palavras de Phil. Durante muito tempo, achara que nada era proibido, entre eles. Aparentemente, estivera errada. Com certeza não iria perguntar a ele o que quisera dizer. Apertou novamente o interfone, mas não houve resposta.

Uma voz atrás deles disse:

— Vocês estão procurando a Misha?

— Isso mesmo — respondeu Phil.

Um homem idoso os circulou, obrigando Karen a se afastar da porta para não levar uma pisada.

— Não irão encontrá-la em casa a esta hora do dia. Ela deve estar no hospital com o menino. — Ele olhou firmemente para eles. — Não vou deixar vocês entrarem e não vou digitar meu código enquanto vocês estiverem aí, olhando.

Karen riu.

— Muito admirável da sua parte, senhor. Mas, sob o risco de parecer um clichê, nós somos da polícia.

— Isso não é garantia de honestidade, hoje em dia — disse o velho.

Pega de surpresa, Karen se afastou. Onde o mundo iria parar, se as pessoas

achavam que a polícia os assaltaria? Ou coisa pior? Ela estava a ponto de protestar quando Phil pôs a mão em seu braço.

— Deixe pra lá — ele disse baixinho. — Já temos o que precisamos.

— Vou lhe dizer uma coisa... — disse Karen quando não podiam ser ouvidos. — Eles ficam assistindo a esses programas americanos de policiais, onde um em cada dois tira é desonesto e acham que nós também somos assim. Fico louca da vida.

— Isso é ótimo, vindo da mulher que colocou o subchefe de polícia atrás das grades. Não são só os americanos — disse Phil. — Há gente trapaceira em toda parte. É daí que os roteiristas tiram suas ideias.

— Ah, eu sei. É que fico ofendida. Em todos esses anos de trabalho, Lawson é a única maçã podre de verdade com que me deparei. Mas já é o suficiente para que as pessoas percam todo o respeito.

— Você sabe o que dizem por aí: a confiança é como a virgindade. Só se pode perder uma vez. E então, pronta para o jogo de policial bonzinho e policial malvado? — Eles pararam no meio-fio para esperar uma pausa no trânsito e desceram a rua até o hospital.

— Pode contar comigo — disse Karen.

Encontrar a ala de Luke Gibson foi fácil, mas bem angustiante. Era impossível evitar a presença das crianças doentes, e a imagem de sua enfermidade se gravava a fogo na memória. Essa era, pensou Karen, uma das poucas vantagens de não ter filhos. Você não tinha de ficar ali parado, impotente, enquanto seu filho sofria.

A porta do quarto de Luke estava aberta, e Karen não pôde resistir a ficar observando mãe e filho juntos por alguns minutos. Luke parecia bem pequenino, o rosto era pálido e contorcido, mas ainda conservava a beleza dos garotinhos. Misha estava sentada na cama ao lado dele, lendo um livro do Capitão Cueca. Ela imitava todas as vozes, fazendo a história criar vida para seu menino, que gargalhava dos trocadilhos ruins e do enredo tolo.

Finalmente, Karen pigarreou e entrou no quarto.

— Oi, Misha. — Ela sorriu para o garoto. — Você deve ser Luke. Meu nome é Karen. Preciso ter uma conversinha com a sua mãe. Tudo bem?

Luke assentiu.

— Claro. Mãe, posso assistir a meu DVD do *Dr. Who*, já que você vai embora?

— Eu já vou voltar — Misha disse, levantando-se de um pulo. — Mas, sim, pode ligar o DVD. — Ela pegou o controle remoto e o ligou para ele.

Karen esperou pacientemente e, então, levou-a para o corredor onde Phil estava esperando.

— Precisamos conversar com você — disse Karen.

— Tudo bem — disse Misha. — Tem uma sala de pais no fim do corredor. — Ela foi caminhando sem esperar por uma resposta, e eles a seguiram até um cômodo pequeno, decorado com cores vivas, com uma máquina de vender café e um trio de sofás afundados. — É para onde escapamos quando tudo fica pesado demais. — Ela indicou os sofás. — É incrível onde a gente consegue cochilar depois de doze horas sentada ao lado da cama de uma criança doente.

— Desculpe-nos pela intromissão...

— Vocês não estão se intrometendo — Misha interrompeu. — É bom que tenham conhecido Luke. Ele é uma gracinha, não? Agora vocês entendem por que estou disposta a continuar com a investigação, mesmo que minha mãe não goste que vocês fiquem bisbilhotando o passado. Eu disse a ela que passou dos limites, no domingo. Vocês precisam fazer aquelas perguntas, se desejam encontrar meu pai.

Karen lançou um olhar rápido para Phil, que parecia tão surpreso quanto ela se sentia.

— Você sabia que sua mãe veio me ver hoje de manhã? — ela perguntou.

Misha franziu a testa.

— Não fazia ideia. Ela lhe contou o que você queria saber?

— Ela queria que desistíssemos de procurar seu pai. Ela disse que achava que ele não estava desaparecido. Que ele havia abandonado vocês duas por opção e que não queria voltar.

— Isso não faz sentido — disse Misha. — Mesmo que ele tivesse nos abandonado, não iria dar as costas para o próprio neto que estivesse precisando de sua ajuda. Tudo o que ouvi a respeito do meu pai era que ele era um homem do bem.

— Ela diz que está tentando proteger você — disse Karen. — Ela tem medo de que, se o encontrarmos, ele a rejeite pela segunda vez.

— Ou isso, ou ela sabe mais sobre o desaparecimento dele do que está nos contando — disse Phil, com raiva. — O que você provavelmente não sabe é que nós encontramos um corpo.

Campora

Bel estava sentada na minúscula sacada, observando o céu e a cadeia de montanhas, a distância, enquanto o sol se punha lenta e gloriosamente. Ela beliscava os restos frios de carne de porco e batata que Grazia havia deixado em sua geladeira enquanto pensava em seu próximo passo. Não estava gostando nem um pouco da perspectiva de brigar com a burocracia italiana, mas, se

quisesse encontrar Gabriel Porteous, teria de enfrentá-la. Ela pegou novamente as cópias das fotos de Renata, perguntando-se se estaria imaginando a semelhança.

Mas, de novo, era algo que saltava da imagem. Os olhos fundos, o nariz curvado como um bico, a boca larga. Tudo imitava os traços característicos de Brodie Grant. A boca era diferente, verdade. Os lábios eram mais cheios, mais delineados. Definitivamente mais beijáveis, Bel pensou, censurando-se instantaneamente pelo pensamento. O cabelo também era de cor diferente. Tanto Brodie Grant quanto sua filha tinham o cabelo quase preto. O cabelo do garoto era muito mais claro, mesmo considerando a descoloração provocada pelo sol italiano. Seu rosto também era mais largo. Havia alguns pontos de diferença. Gabriel Porteous não seria confundido com o jovem Brodie Grant, não a julgar pelas fotos que Bel tinha visto espalhadas em Rotheswell. Mas daria para pensar que fossem irmãos.

Seus pensamentos foram interrompidos pelo telefone. Com um suspiro, ela atendeu. Era uma chatice o identificador de chamadas nem sempre funcionar no exterior. Nunca havia como saber se a pessoa no outro lado era alguém que você estava tentando evitar. E deixar que os telefonemas caíssem direto no correio de voz para que você pudesse selecionar depois ficava absurdamente caro. Além disso, o fato de ser parcialmente responsável por seu sobrinho significava que ela nunca podia ignorar telefonemas misteriosos.

— Alô? — disse cautelosamente.

— Bel? É Susan Charleson. Você pode falar agora?

— Sim, claro.

— Recebi seu e-mail. Sir Broderick me pediu para dizer que está muito contente com seu progresso até agora. Ele queria saber se você precisa de alguma coisa daqui. Podemos realizar buscas de arquivos, esse tipo de coisa.

Bel conteve uma risada pesarosa. Passara toda a sua vida profissional fazendo o próprio trabalho sujo ou convencendo os outros a fazê-lo por ela. Não imaginara que trabalhar para Brodie Grant significava que ela podia se livrar de todas as partes chatas.

— Está tudo em ordem — ela disse. — Você poderia me dar uma ajuda em algumas coisas pessoais. Não consigo deixar de pensar que deve haver um ponto, no passado, em que a vida de Catriona tenha cruzado com a de Daniel Porteous ou desse Matthias que talvez seja alemão ou inglês. Ele pode até mesmo ser sueco, já que foi lá que Catriona estudou. Preciso descobrir quando e onde isso aconteceu. Não sei se ela mantinha diários ou uma agenda de endereços. Além disso, quando eu voltar, gostaria muito de rastrear suas amigas. Do tipo em quem ela confiaria.

Susan Charleson deu uma risadinha educada.

— Você vai se decepcionar, então. Se acha que o pai dela é fechado com relação a seus sentimentos, Catriona o fazia parecer um verdadeiro livro aberto. Ela era a perfeita loba solitária. A mãe era sua melhor amiga, de verdade. Elas eram muito próximas. Além de Mary, a única outra pessoa que realmente conseguiu penetrar na mente de Catriona foi Fergus. — Ela deixou o nome pairando no ar entre elas.

— Creio que você não saiba onde eu poderia encontrar Fergus, não é?

— Você poderia falar com o pai dele, quando voltar. Ele visita frequentemente a família, nesta época do ano — disse Susan. — Não é algo que Willie sinta necessidade de comunicar a Sir Broderick. Mas estou ciente do fato.

— Obrigada.

— E vou ver o que consigo fazer a respeito dos diários e agendas. Não espere muita coisa, no entanto. O problema dos artistas é que eles deixam que seu trabalho fale por eles. Quando você vai voltar?

— Não tenho certeza. Depende de como tudo corra amanhã. Eu avisarei.

Não havia mais nada a dizer, nenhuma conversa fiada. Bel não se lembrava de quando fora a última vez que falhara tão completamente em estabelecer uma conexão com outra mulher. Passara toda a sua vida adulta aprendendo como fazer com que as pessoas gostassem dela o bastante para lhe confiarem coisas que realmente não queriam contar a ninguém. Com Susan Charleson, ela falhara. Esse trabalho, que tinha começado como pouco mais do que uma possibilidade remota de convencer um homem notoriamente recluso a falar, a havia exposto a si mesma das formas mais inesperadas.

O que virá a seguir, ela se perguntou, tomando um longo gole de vinho. O que virá a seguir?

Quarta-feira, 4 de julho de 2007; East Wemyss

Uma americana qualquer berrava no rádio uma canção desafinada de country alternativo sobre o Dia da Independência. Só que a canção não era sobre a bandeira americana de estrelas e listras, mas uma abordagem radical da violência doméstica. Como policial, Karen não podia aprovar; mas, como mulher, tinha de admitir que a solução dada pela música tinha seu apelo. Se Phil estivesse ali, ela teria apostado qualquer coisa com ele que o homem que estava a ponto de conhecer não teria a canção “Dia da Independência” tocando no rádio do seu carro.

Ela dirigiu lentamente pela rua estreita que levava ao que haviam sido o poço e os escritórios da mina de carvão Michael. Não havia nada lá além de uma área escarpada onde a cantina e o escritório de pagamentos ficavam. Todo o resto fora coberto por jardins e reformado. Sem a torre vermelho-ferrugem do elevador da mina era difícil se orientar. Mas na extremidade mais distante do asfalto, um único carro estava estacionado de frente para o mar. Era seu ponto de encontro.

O carro ao lado do qual ela parou era um velho Rover, polido até os limites do possível. Ela se sentiu levemente envergonhada pela coleção de insetos mortos que decorava a placa do seu. A porta do Rover se abriu em sincronia com a do carro dela, e os dois motoristas saíram ao mesmo tempo, como em uma cena coreografada de um filme. Karen caminhou até a frente de seu carro e esperou que ele se aproximasse dela.

Era mais baixo do que ela esperava. Devia ter se esforçado para alcançar o mínimo de 1,73m, necessário para ser um policial. Talvez o cabelo tivesse ajudado um pouco. Agora era cinza chumbo, mas o topete teria deixado Elvis com inveja. Não lhe permitiriam usar o rabo de pato e as costeletas quando era oficial da ativa, mas, no que se referia a estilo de cabelo, Brian Beveridge tinha se aproveitado bem da aposentadoria.

Assim como Elvis, ele acumulara gordura desde os dias em que se pavoneava pelas ruas dos vilarejos de Wemyss. Os botões da imaculada camisa branca se estiravam sobre uma barriga substancial, mas as pernas eram desarmoniosamente finas, e os pés, surpreendentemente delicados. Seu rosto apresentava os tons avermelhados e o excesso de gordura de um homem fadado a um acidente cardiovascular. Quando ele sorria, as bochechas se transformavam em bolas rosadas, como se alguém as houvesse enchido com algodão.

— Investigadora Pirie? — ele perguntou, animado.

— Karen — ela disse. — E você deve ser Brian. Obrigada por vir me encontrar. — Era como cumprimentar um boneco de marshmallow, todo macio e aconchegante.

— É melhor do que ficar caducando no jardim — ele disse com um forte sotaque de Fife. — Sempre fico contente em ajudar. Fiz a ronda nestes vilarejos durante trinta anos e, para ser sincero, sinto saudade da sensação de conhecer cada calçada e cada casa. Naquela época, você podia seguir carreira sendo policial de rondas. Não havia pressão para conseguir promoções ou para trabalhar no DIC. — Ele revirou os olhos. — Lá vou eu. Prometi à minha esposa que não iria dar uma de Dixon of Dock Green,^[2] mas não consigo evitar.

Karen riu. Ela já gostava daquele homenzinho animado, mesmo estando completamente ciente de que, se trabalhasse ao lado dele, no passado, teria provavelmente tido outra opinião.

— Aposto que você se lembra do caso Catriona MacIennan Grant — ela disse.

Subitamente melancólico, ele assentiu.

— Jamais me esquecerei. Eu estava lá naquela noite... é claro que você sabe disso, é por isso que estou aqui. Às vezes, ainda sonho com aquela noite. Os tiros, o cheiro da cordite no ar marinho, os gritos e o choro. Todos esses anos se passaram e quais são os resultados que temos para mostrar? Lady Grant está no túmulo, ao lado da filha. Jimmy Lawson, na prisão pelo resto da vida. E Brodie Grant, feito o senhor do maldito universo. Nova esposa, novo filho. Engraçado como são as coisas, não?

— Nunca se sabe — Karen disse, feliz em usar um clichê, no momento. — Então, você pode me contar tudo que aconteceu enquanto caminhamos até a Lady's Rock?

Eles passaram por uma fileira de casas parecidas com as da rua de Jenny Prentice em Newton of Wemyss, abandonadas, agora que a razão de sua existência não estava mais ali. Em seguida, adentraram o bosque, e a trilha começou a descer, uma muralha de pedra na altura da cintura, de um lado, com densos arbustos nas margens. A distância, ela podia ver o cintilar do mar, o sol brilhando pela primeira vez, enquanto desciam até o nível da praia.

— Tínhamos equipes posicionadas aqui no alto e também em West Wemyss — disse Beveridge. — Naquela época, não era possível caminhar pela orla até East Wemyss por causa dos dejetos da mina. Quando fizeram a estrada costeira, receberam dinheiro da União Europeia e removeram todos os vestígios de hematita do litoral. Olhando agora você jamais saberia.

Ele tinha razão. Ao chegarem ao nível da orla, Karen pôde ver até Buckhaven, mais além de East Wemyss, no alto do promontório. Em 1985, a

vista não teria existido. Ela se virou na direção de West Wemyss, surpresa por não conseguir ver a Lady's Rock de onde estava.

Karen seguiu Beveridge pelo caminho, tentando imaginar como devia ter sido aquela noite. O arquivo dizia que tinha sido noite de lua nova. Imaginou o astro em forma de foice no céu e as estrelas salpicadas na noite extremamente fria. A Ursa Maior como uma grande panela. O cinto e a adaga de Órion, e todas as outras constelações cujos nomes ela não sabia. Os policiais escondidos na mata, respirando com a boca aberta para que seu hálito esfriasse antes de sair em forma de vapor. Ela observou os sicômoros altos, perguntando-se se estariam muito menores naquela época. Havia cordas penduradas nos galhos grossos, onde as crianças se balançariam como quando ela era pequena. Para Karen, em seu fértil estado de imaginação, as cordas lembravam forcas, imóveis no ar suave da manhã, esperando por seus ocupantes. Ela estremeceu levemente e se apressou para alcançar Beveridge.

Ele apontou para os penhascos altos, onde terminava o topo das árvores.

— Lá em cima fica Newton. Você pode ver como os penhascos são íngremes. Ninguém poderia ter vindo de lá sem que a gente percebesse. Os caras que estavam no comando deduziram que os sequestradores teriam de vir pela trilha da costa, de um lado ou de outro, então colocaram a maior parte de seus homens aqui, em meio às árvores. — Ele se virou e apontou para o que parecia um enorme rochedo, ao lado da trilha. — E um cara com um rifle lá em cima da Lady's Rock. — Ele deu uma risada irônica. — Olhando para o lado errado, claro.

— É muito menor do que me lembrava, de quando era criança.

Olhando agora, Karen achava difícil acreditar que alguém pudesse ter se importado em dar nome a um pedaço tão insignificante de arenito. A lateral da pedra, do lado da trilha, era um paredão reto de aproximadamente oito metros de altura, cheio de buracos e estriado por rachaduras. O paraíso, para um moleque. No outro lado, transformava-se numa rampa de quarenta e cinco graus de inclinação, salpicada de tufo de grama rasteira e pequenos arbustos. Havia parecido muito maior na imaginação dela.

— Não é só sua mente tentando pregar uma peça. Sei que agora não parece grande coisa, mas há vinte anos o nível do mar era muito mais baixo, e a rocha era muito maior. Vamos, vou lhe mostrar o que quero dizer com isso.

Beveridge foi na frente até a lateral da rocha. A trilha era pouco mais do que grama amassada pela passagem de pés; bem inferior à trilha bem-feita pela União Europeia. Eles caminharam por alguns metros além do rochedo até chegar ao que parecia uma estrada estreita feita de concreto rústico. Mais alguns passos à frente, havia uma argola de metal chumbada no concreto. Karen franziu a testa,

tentando entender aquilo. Deixou que seu olhar seguisse pela estrada, que fazia uma curva em ângulo fechado antes mesmo de se encontrar com o mar.

— Não entendo — ela disse.

— Era um cais — disse Beveridge. — Aquele aro é um arganêu. Vinte anos atrás, você poderia trazer um barco de um bom tamanho até aqui. A costa estava entre 2,5m e 4,5m mais abaixo do que agora, dependendo de onde você estivesse. Foi assim que eles fizeram.

— Jesus — disse Karen, absorvendo tudo aquilo; o mar, o rochedo, o cais, a extensão de bosque atrás deles. — Com certeza devem ter ouvido quando eles se aproximaram, não?

Beveridge sorriu para ela, como um professor com a aluna favorita.

— Isso é o que se pensaria, não? Mas, se eles estavam usando um barco aberto pequeno, poderiam trazê-lo até a margem, durante a maré alta, apenas com os remos. Com um bom barqueiro, ninguém escutaria nada. Além disso, quando você está lá em cima, na trilha, o próprio rochedo atua como abafador de ruídos. Mal se pode ouvir o mar. Na hora de fugir, se poderia acelerar a toda potência, é claro. Daria para chegar a Dysart ou Buckhaven no tempo que a polícia levaria para sair com o helicóptero.

Karen analisou a disposição do terreno novamente.

— Difícil acreditar que ninguém tenha pensado no mar.

— Pensaram — Beveridge falou abruptamente.

— Quer dizer, você pensou?

— Eu pensei. Meu sargento também. — Ele se virou e olhou para o mar.

— Por que ninguém ouviu vocês?

Ele deu de ombros.

— Até ouvirem, isso não posso negar. Tivemos uma reunião com o investigador Lawson e Brodie Grant. Eles dois simplesmente não acreditaram que fosse possível. Um barco grande seria óbvio demais, fácil demais de identificar e perseguir. Um barquinho seria impossível, porque não se conseguiria controlar um refém adulto num barco aberto. Eles disseram que os sequestradores haviam demonstrado planejamento e inteligência e que não iriam correr riscos estúpidos como esse. — Ele voltou a encará-la e suspirou. — Talvez devêssemos ter insistido mais. Talvez, se fizéssemos isso, o resultado tivesse sido diferente.

— Pode ser — Karen disse, pensativa. Até agora, todos haviam analisado aquela operação fracassada de resgate do ponto de vista da polícia e de Brodie Grant. Mas havia outro ângulo que merecia consideração. — Mas eles não deixavam de ter razão, não é mesmo? Como foi que os sequestradores conseguiram fazer tudo aquilo com um barco pequeno? Eles tinham um refém

adulto. Tinham um refém bebê. Tinham de manejar o barco e manter os reféns sob controle e não pode ter havido muitos deles, num barco suficientemente pequeno para evitar ser percebido ao chegar. Eu não gostaria de ter dirigido essa operação.

— Nem eu — disse Beveridge. — Já teria sido suficientemente difícil chegar à margem se todos estivessem do mesmo lado; imagine estando uns contra os outros.

— A não ser que eles estivessem ali bem antes do momento da entrega do resgate. Devia estar escuro por volta das quatro da tarde, e o próprio cais ocultaria um barquinho da visão da maioria dos pontos... — Ela ponderou. — A que horas os seus homens se posicionaram?

— Supostamente, tínhamos a área toda sob vigilância a partir das duas. As equipes avançadas estavam em posição às seis.

— Então, teoricamente, eles poderiam ter chegado sorrateiramente depois que escureceu e antes que seus rapazes estivessem a postos — ela disse, reflexivamente.

— É possível — disse Beveridge, parecendo pouco convencido. — Mas como eles poderiam ter certeza de que nós não tínhamos o cais sob guarda? E como conseguiriam manter um bebê de seis meses quieto, no frio congelante, durante três ou quatro horas?

Karen caminhou ao longo do velho cais, maravilhando-se com o movimento da margem. Quanto mais ela descobria sobre a mecânica daquele caso, menos sentido fazia. Ela não se achava estúpida. Mas não estava conseguindo juntar os dados. Nunca houve sequer um testemunho ocular idôneo de Cat ou Adam depois de sua captura. Ninguém vira uma pessoa de tocaia na casa de Cat, nem a sua captura. Ninguém os vira chegar ao local da entrega do resgate. Ninguém os vira escapar. Se não fosse pelo cadáver muito real de Cat Grant, ela quase poderia acreditar que aquilo nunca havia acontecido.

Mas acontecera.

Castelo de Rotheswell

Brodie Grant entregou o relatório de Bel para a esposa e começou a remexer na máquina de café expresso em seu escritório.

— Ela está indo surpreendentemente bem — ele disse. — Eu não estava muito seguro sobre esse plano da Susan, mas está valendo cada centavo. Achei que deveríamos usar um investigador particular, mas os jornalistas parecem ser igualmente bons.

— Ela tem mais coisas em jogo do que um detetive particular teria, Brodie.

Acho que ela está quase tão desesperada por um resultado quanto nós — disse Susan Charleson, servindo-se um copo de água e sentando-se no banco da janela. — Com o acesso sem precedentes a você, desconfio que ela esteja vendo um best-seller no futuro.

— Se ela nos ajudar a conseguir algumas respostas, depois de todo esse tempo, ela bem que merece — disse Judith. — Você tem razão, é um começo impressionante. O que a investigadora Pirie acha?

Grant e Susan trocaram um rápido olhar de cumplicidade.

— Nós ainda não passamos essa informação para ela — disse Grant.

— E por que não? Imagino que ela acharia útil saber. — Judith olhou de um para o outro, perplexa.

— Acho que vamos manter isso entre nós por enquanto — disse Grant, apertando o botão que lançava água quente pressurizada através do café para produzir um expresso tão perfeito quanto o de qualquer barista italiano. — Minha experiência com a polícia, na última vez, não foi exatamente feliz. Eles estragaram tudo, e minha filha acabou morta. Desta vez, prefiro deixar o mínimo possível a cargo deles.

— Mas esse caso é policial — protestou Judith. — Foi você que os incluiu. Agora não pode ignorá-los.

— Não posso? — Sua cabeça se ergueu. — Talvez se eu os tivesse ignorado na última vez e feito as coisas do meu jeito, Cat ainda estivesse viva. E seria Adam... — Ele parou, de repente, percebendo que nada do que dissesse poderia tirá-lo do buraco que acabara de cavar.

— Realmente — disse Judith, com a voz tão afiada quanto uma farpa. Ela jogou os papéis em cima da mesa dele e saiu.

Grant fez uma careta.

— “Gelo oco” — ele disse, quando a porta se fechou atrás da esposa. — Não tratei o assunto tão bem quanto poderia ter feito. Coisas traiçoeiras, as palavras.

— Isso passa — Susan disse, com indiferença. — Concordo com sua opinião. Nós devemos manter segredo, por enquanto. A polícia é notoriamente incapaz de manter informações em sigilo.

— Não é isso que me incomoda. O que me preocupa mais é que eles estraguem tudo novamente. Esta pode ser a última chance que temos de descobrir o que aconteceu com a minha filha e meu neto, e não quero arriscar que tudo desande. É importante demais. Eu deveria ter assumido mais o controle na última vez. Não cometerei esse erro novamente.

— Nós vamos ter de contar à polícia, em algum momento, se Bel Richmond aparecer com um suspeito de verdade — ela ressaltou.

Grant ergueu as sobrancelhas.

— Não necessariamente. Não se ele estiver morto.

— Eles vão querer esclarecer o caso.

— Isso não é problema meu. Quem quer que tenha destruído minha família merece morrer. Trazer a polícia para dentro do caso não fará com que isso aconteça. Se eles já estiverem mortos, tudo bem. Se não estiverem... bem, vamos atravessar essa ponte quando chegarmos a ela.

Pouca coisa chocava Susan Charleson depois de três décadas trabalhando para Brodie Grant. Mas, pela primeira vez, ela sentiu um tremor abalar suas certezas pacíficas.

— Vou fingir que nunca ouvi isso — ela disse.

— Talvez seja uma boa ideia — ele disse, terminando seu expresso. — Uma ótima ideia.

Glenrothes

Phil falava ao telefone quando Karen voltou para o escritório; ele tinha o fone acomodado no pescoço e rabiscava em seu caderno.

— E você tem certeza disso? — ela o ouviu dizer enquanto jogava a bolsa sobre a mesa e dirigia-se à geladeira. Quando voltou com uma Coca-Cola Diet, ele estava olhando com tristeza para suas anotações. — Era a Dra. Wilde — ele disse. — Ela conseguiu que alguém desse um jeitinho, com o DNA. Não há conexão entre Misha Gibson e o corpo na caverna.

— Merda — disse Karen. — Então significa que o corpo não é de Mick Prentice.

— Ou que Mick Prentice não era o pai de Misha.

Karen se reclinou em sua cadeira.

— É uma boa hipótese, mas, se é para ser sincera, não acho que Jenny Prentice estivesse saracoteando por aí enquanto Mick ainda estava em cena. Nós já teríamos ouvido alguma coisa a respeito. Um lugar como Newton é uma verdadeira fábrica de fofoca. Sempre tem alguém pronto para dedurar o vizinho. Acho mais provável que o corpo não seja de Mick.

— Além disso, você disse que a vizinha foi categórica sobre Jenny ser apaixonada por Mick. Que Tom Campbell não passou de um pobre tapa-buraco.

— Então, se estivermos certos sobre ele ser o pai de Misha, talvez tenha sido Mick quem colocou o corpo lá. Ele conhecia as cavernas, provavelmente poderia ter arrumado uns explosivos. Precisamos descobrir se ele teve alguma experiência com detonações. Mas enterrar um corpo na caverna Thane's teria sido uma razão suficientemente boa para desaparecer. E sabemos que mais

alguém entrou na lista dos desaparecidos na mesma época... — Karen estendeu a mão para pegar seu caderno e folheou as páginas até encontrar o que estava procurando. Olhou de relance para o relógio de pulso. — Você acha que onze e meia é tarde demais para telefonar para alguém?

Phil pareceu confuso.

— Como assim, tarde demais? Não é nem hora do almoço ainda.

— Quero dizer da noite. Na Nova Zelândia. — Ela apanhou o telefone e digitou o número de Angie Mackenzie. — Veja bem, isso agora é uma investigação de assassinato. Isso sempre tem prioridade sobre o sono de alguém.

Uma voz masculina irritada atendeu.

— Quem é?

— Desculpe-me por importuná-lo, aqui é da Polícia de Fife. Preciso falar com Angie — disse Karen, tentando parecer agradável.

— Deus do céu. Você sabe que horas são?

— Sim, me desculpe. Mas preciso muito falar com ela.

— Espere aí, vou chamá-la. — Longe do telefone, ela pôde ouvi-lo chamar o nome da esposa.

Um minuto inteiro se passou, então Angie entrou na linha.

— Eu estava no banho — ela disse. — É a investigadora Pirie?

— Isso mesmo. — Karen suavizou a voz. — Realmente sinto muito por incomodá-la, mas queria informar que encontramos restos humanos por trás de um desmoronamento dentro de uma das cavernas de Wemyss.

— E você acha que pode ser Andy?

— É possível. A escala cronológica parece encaixar.

— Mas o que ele estaria fazendo nas cavernas? Ele era um cara que gostava de atividades ao ar livre. Uma das coisas que ele apreciava em ser funcionário do sindicato era não precisar nunca mais ir ao subterrâneo.

— Não sabemos ainda se é ele — disse Karen. — Essas são perguntas para mais tarde, Angie. Ainda temos que identificar os restos. Você por acaso sabe quem era o dentista do seu irmão?

— Como foi que ele morreu?

— Ainda não sabemos ao certo — disse Karen. — Como você pode imaginar, já faz muito tempo. É um desafio para as análises criminalísticas. Vou manter você informada, é claro. Mas, nesse meio-tempo, temos que tratar o caso como uma morte inexplicável. Então, e o dentista de Andy?

— Ele ia ao Dr. Torrance, em Buckhaven. Mas ele morreu alguns anos antes de eu me mudar da Escócia. Nem sei se ainda existe o consultório. — Ela parecia um pouco assustada. Era o choque fazendo efeito, pensou Karen.

— Não se preocupe, nós verificaremos — ela disse.

— DNA — explodiu Angie. — Vocês podem colher DNA do... do que vocês encontraram?

— Sim, podemos. Podemos pedir que a polícia local daí colha uma amostra sua?

— Não é necessário. Antes de partir para a Nova Zelândia, fiz com que meu advogado guardasse uma cópia autenticada da minha análise de DNA. — Ela continuou num tom mais baixo. — Achei que Andy tivesse se atirado de alguma montanha. Ou, talvez, entrado num lago com os bolsos cheios de pedras. Não queria que ele fosse enterrado como indigente. Meu advogado tem ordens de entregar uma análise do meu DNA à polícia sempre que surgir um corpo não identificado de idade compatível. — Karen escutou um soluço do outro lado do mundo. — Sempre tive esperanças de que...

— Sinto muito — disse Karen. — Entrarei em contato com seu advogado.

— Alexander Gibb — disse Angie. — Em Kirkcaldy. Me desculpe, preciso desligar agora. — A linha ficou muda de repente.

— Não é tarde demais, então — disse Phil.

Karen suspirou. Balançou a cabeça.

— Depende do que você quer dizer com “tarde demais”.

Hoxton, Londres

Jonathan acionou a memória do telefone que correspondia ao número do celular de Bel. Quando ela atendeu, ele disse rapidamente:

— Não posso falar agora, tenho uma reunião com meu orientador. Vou mandar algumas coisas para você por e-mail, daqui a aproximadamente uma hora. Mas aí vai a novidade: Daniel Porteous está morto.

— Isso eu sei — Bel disse com impaciência.

— O que você não sabe é que ele morreu em 1959, aos quatro anos de idade.

— Oh, merda — disse Bel.

— Eu mesmo não teria expressado melhor. Mas há um porém: em novembro de 1984, Daniel Porteous registrou o nascimento de seu filho.

Bel se sentiu zozza, percebeu que prendera a respiração e a soltou, num suspiro.

— Fala sério.

— Juro, é isso mesmo. Nosso Daniel Porteous de alguma forma conseguiu ter um filho vinte e cinco anos depois de morrer.

— Surreal. E quem era a mãe?

Jonathan riu.

— É aí que fica ainda melhor. Eu vou soletrar o nome para você. F-R-E-D-A C-A-L-L-O-W é o nome que consta na certidão de nascimento. Fale o nome em voz alta, Bel.

— Freda Callow. — Pronunciava-se como Frida Kahlo. O filho da puta era atrevido.

— Ele tem senso de humor, nosso Daniel Porteous.

Dundee

Karen encontrou River na universidade, sentada com seu laptop em uma salinha forrada por prateleiras com caixas plásticas repletas de ossinhos minúsculos.

— Pelo amor de Deus, que raio de lugar é este? — ela perguntou, afundando na única outra cadeira que havia.

— A professora aqui é a maior especialista do mundo em ossos de bebês e crianças pequenas. Você já viu o crânio de um feto?

Karen negou com a cabeça.

— E nem quero, obrigada.

River sorriu.

— O.k., não vou forçá-la a isso. Digamos apenas que, depois de ver um, você entenderá de onde veio o ET. Bem, imagino que esta não seja uma visita social.

Karen fungou.

— Ah, claro. O departamento de anatomia da Universidade de Dundee é minha primeira opção de passeio para um dia de folga. Não, River, não é uma visita social. Estou aqui porque preciso da cadeia de custódia de uma evidência, referente a um inquérito de homicídio. — Ela colocou uma folha de papel sobre a mesa. O advogado de Angela Kerr tinha sido rápido no gatilho. — Este é o DNA da irmã de Andy Kerr, Angie. Estou requerendo formalmente que você o compare com o DNA extraído dos restos humanos que foram encontrados na área conhecida como caverna Thane's, entre East Wemyss e Buckhaven. Você receberá tudo por escrito assim que eu voltar para a minha mesa.

River olhou com curiosidade.

— Trabalho rápido, Karen. De onde veio isto? — perguntou.

— Angie Mackenzie é uma mulher de visão — disse Karen. — Ela deixou sob a guarda de seu advogado. Para o caso de aparecer um corpo. — Enquanto ela falava, River digitava alguma coisa em seu computador.

— Farei um relatório detalhado por escrito para você — ela disse vagarosamente, distraída pelo que estava vendo. — E precisarei escanear isto aqui para ter certeza... Mas uma checada rápida me diz que essas duas pessoas

estão intimamente relacionadas. — Ela ergueu os olhos. — Parece que você encontrou uma identidade para seu homem misterioso.

Siena

Bel se perguntava como os jornalistas investigativos italianos conseguiam lidar com aquilo. Ela achava que a burocracia britânica era exaustiva e cheia de empecilhos, mas, comparada à italiana, era como ter acesso direto a todas as áreas. Primeiro, teve de se deslocar de um escritório a outro. Depois, a infinidade de formulários a preencher. Então, os olhares impassíveis de indiferença dos funcionários que, obviamente, se ressentiam da interrupção de seu descanso por alguém que queria que fizessem seu trabalho. Era um milagre que qualquer coisa pudesse ser descoberta naquele país.

Já pelo final da manhã, ela começou a temer que o tempo se acabasse antes que conseguisse descobrir o que precisava saber. Então, minutos antes de o cartório de registros fechar para o almoço, uma loura oxigenada de olhar entediado chamou seu nome. Bel correu até o balcão, esperando ser enrolada até o dia seguinte. Em vez disso, em troca de um maço de euros sem recibo, ela recebeu duas folhas de papel que pareciam ter sido fotocopiadas numa máquina quase sem toner. Uma estava intitulada *Certificato di Morte*, a outra, *Certificato di Residenza*. No final, ela havia conseguido mais do que esperava.

O atestado de óbito de Daniel Simeon Porteous afirmava simplesmente que ele havia morrido em 7 de abril de 2007, aos 52 anos, no hospital Policlínico Le Scotte, em Siena. Seus pais eram Nigel e Rosemary Porteous. E isso era tudo. Sem causa da morte, sem endereço. Tão útil quanto uma geladeira para um esquimó, pensou Bel com amargura. Ela cogitou ir ao hospital para ver se conseguia descobrir alguma coisa, mas logo descartou a ideia. Romper as barreiras da oficialidade seria impossível para alguém que não conhecesse o sistema. E a chance de encontrar alguém subornável que se lembrasse de Daniel Porteous depois de tanto tempo era remota e, provavelmente, estaria além de seu domínio do idioma.

Com um suspiro, ela se voltou para a outra certidão. Parecia ser uma lista curta de endereços e datas. Não demorou muito para que ela percebesse que se tratava de um registro de onde Daniel havia morado desde que viera para a Commune di Siena, em 1986. E que o último endereço da lista era onde ele estivera morando ao falecer. Ainda mais surpreendente era que ela sabia mais ou menos onde ficava. Costalpino era a última vila pela qual havia passado de carro, vindo de Campora. A estrada serpenteava pelas ruas principais da vila em uma série de curvas, margeada por casas, e um ou outro bar ou loja.

Bel voltou correndo para o carro, apesar do calor úmido do meio do dia. Ofegou com gratidão ao ligar o ar-condicionado e não perdeu tempo em sair do estacionamento e tomar a estrada rumo a Costalpino. O homem atrás do balcão do primeiro bar onde entrou lhe deu excelentes instruções e, apenas quinze minutos após sair de Siena, ela estacionava o carro a algumas casas daquela em que esperava encontrar Gabriel Porteous. Era uma rua agradável, mais larga do que na maior parte da Toscana. Árvores altas davam sombra às calçadas estreitas, e os muros na altura da cintura, com grades de ferro em cima, separavam *villas* pequenas, mas bem cuidadas. Bel sentiu o pulsar da excitação em sua garganta. Se estivesse certa, poderia estar prestes a ficar cara a cara com o filho perdido de Catriona MacIannan Grant. A polícia falhara duas vezes, mas Bel Richmond estava a ponto de mostrar a eles como se fazia.

Estava tão confiante que mal pôde acreditar na placa à frente da *villa* de estuque amarelo. Verificou novamente os números para ter certeza de que estava diante da casa certa, mas não havia nenhum erro. As venezianas verde-escuras estavam bem fechadas. As plantas nos vasos altos de terracota que margeavam a rampa de acesso pareciam mirradas e empoeiradas. Algumas ervas daninhas apontavam no meio do cascalho e havia correspondências de mala-direta enchendo a caixa de correio. Tudo reforçava o aviso de *Vende-se*, com o nome e o número de uma imobiliária em Sovicille, perto dali. Onde quer que estivesse Gabriel Porteous, parecia não ser ali.

Era um retrocesso. Mas não era o fim do mundo. Ela havia superado obstáculos maiores do que esse, a caminho de histórias que tinham construído sua reputação como alguém capaz de cumprir com o prometido. Tudo o que tinha de fazer era formular uma estratégia e segui-la. E, dessa vez, se esbarrasse em algo que não pudesse fazer, poderia apelar para os recursos de Brodie Grant para que tudo se realizasse. Não era exatamente uma sensação reconfortante, mas era melhor do que nada.

Antes de se dirigir a Sovicille, decidiu investigar os vizinhos. Não seria a primeira vez que alguém que sabia estar sendo procurado fizesse todo o possível para que sua casa parecesse estar desabitada. Bel já havia notado um homem na varanda de uma *villa* diagonalmente em frente à casa Porteous. Não houvera nada de dissimulado na forma com que ele a observara subir a rua e ler a placa. Hora de enfeitar a verdade um pouquinho.

Atravessou a estrada e o cumprimentou com um aceno.

— Olá — disse.

O homem, que poderia estar em qualquer ponto entre cinquenta e setenta anos, lançou-lhe um olhar avaliador, fazendo-a desejar ter vestido uma camiseta larga, em vez do top justo de alcinhas que escolhera naquela manhã. Ela adorava

a Itália, mas, Deus do céu, odiava a forma como tantos homens olhavam para as mulheres, como se fossem pedaços de carne. Esse não era nem sequer bonito: um olho maior do que o outro, nariz de batata e pelos saltando pela gola da camiseta. Ele alisou uma sobrancelha com o dedo mindinho e deu um sorriso falso.

— Olá — respondeu, conseguindo carregar a palavra de significado.

— Estou procurando o Gabriel — ela disse. Acenou por sobre o ombro indicando a casa. — Gabriel Porteous. Sou amiga da família, da Inglaterra. Não vi mais o Gabriel desde que Daniel faleceu, e este é o único endereço que tenho. Mas a casa está à venda, e não parece que Gabe ainda esteja morando ali.

O homem enfiou as mãos nos bolsos e deu de ombros.

— O Gabriel não mora aí há mais de um ano. Parece que está estudando em algum lugar, não sei onde. Ele voltou por um tempo antes de o pai morrer, mas não o vejo há alguns meses. — Seu sorriso ressurgiu, um pouco mais largo do que antes. — Se você quiser me dar seu telefone, eu posso ligar, caso ele apareça.

Bel sorriu.

— É muito gentil da sua parte, mas só vou ficar aqui alguns dias. Você disse que “parece que” Gabe está estudando. — Ela lhe dirigiu um olhar de cumplicidade. — Como se no fundo achasse que ele anda aprontando alguma.

O truque deu certo.

— O Daniel, ele sim, dava duro. Não brincava em serviço. Mas Gabe? Esse vivia embromando, papeando com os amigos. Nunca o vi com um livro nas mãos. Que tipo de estudos ele estaria fazendo? Se fosse a sério, ele teria se matriculado na universidade em Siena, e então poderia morar em casa e só pensar nos estudos. Mas não, ele se muda para algum lugar longe, onde possa se divertir. — Ele desaprovou. — Daniel já estava doente havia semanas quando Gabriel apareceu.

— Talvez Daniel não tenha contado a ele que estava doente. Ele sempre foi uma pessoa bastante reservada — Bel disse, inventando conforme falava.

— Um bom filho teria visitado o pai regularmente e saberia — o homem insistiu.

— E você não faz ideia de onde ele esteja estudando?

O homem balançou a cabeça.

— Não. Eu o vi no trem, uma vez. Eu estava voltando de Florença. Portanto, deve ser em algum lugar no norte. Florença, Bolonha, Pádua, Perúgia. Poderia ser qualquer lugar.

— Ah, tudo bem... Acho que vou ter que tentar a imobiliária. Queria muito vê-lo. Me sinto mal por ter perdido o enterro. Havia muitas pessoas da velha

turma presentes?

Ele pareceu surpreso.

— Foi um funeral reservado. Nós, os vizinhos, só ficamos sabendo depois de tudo terminado. Eu falei com Gabriel, posteriormente. Queria dar minhas condolências, sabe? Ele disse que o pai tinha desejado que fosse feito daquela forma. Mas agora você está falando como se tivesse acontecido alguma coisa. — Ele pegou um maço de cigarros e acendeu um. — Não se pode mais confiar nos jovens.

Não havia motivos reais para ela despistar alguém que nunca mais iria ver, mas sempre achava melhor manter a prática.

— Eu estava falando de uma reunião dos velhos amigos de Daniel. Não do funeral.

Ele assentiu.

— O pessoal das artes. Ele os mantinha à parte de seus amigos locais. Eu conheci um casal uma vez. Eles apareceram na *villa* quando estávamos lá, jogando cartas. Era outro cara inglês e uma mulher alemã. — Ele pigarreou e cuspiu por cima da balaustrada de pedra. — Não perco meu tempo com alemães. Agora, aquele inglês... dava para pensar que ele era alemão também, pelo jeito como agia.

— Matthias? — arriscou Bel.

— Esse mesmo. Um arrogante. Tratava Daniel feito lixo. Como se só ele tivesse inteligência e talento. E veio cheio de piadas ao encontrar Daniel jogando cartas com os moradores locais. O engraçado era que Daniel o deixava fazer isso. Nós não ficamos por perto, apenas terminamos a jogada e os deixamos lá. Se são esses seus amigos artistas, pode ficar com eles.

— Eu também nunca tive muita paciência com Matthias — disse Bel. — De qualquer jeito, obrigada por sua ajuda. Vou dar um pulo até Sovicille e ver se os corretores de imóveis podem me colocar em contato com Gabe.

Era incrível como até mesmo o encontro menos promissor podia trazer novas informações, pensou Bel ao partir. Agora tinha uma segunda fonte que achava que Matthias era inglês, apesar do nome teutônico e da parceira germânica. Um britânico que não reconhecia suas raízes, que tinha inclinações artísticas, uma conexão com bilhetes de resgate e uma amizade com o homem cujo filho se parecia assustadoramente com Cat Grant e seu pai. Aquilo estava começando a tomar uma forma tentadora em sua mente.

Dois jovens, artistas iniciantes, que sabem a respeito de Cat Grant porque ela frequenta os mesmos círculos. Também sabem sobre a fortuna de seu pai. Concebem um plano para fazer seu pé-de-meia. Sequestrar Cat e o filho, fazendo com que pareça uma ação política. Fogem com o resgate e nunca mais terão de

pintar para outra pessoa além de si mesmos. Em linhas gerais, parece uma excelente ideia. Só que tudo dá terrivelmente errado e Cat morre. Eles ficam com a criança e o dinheiro do resgate, mas agora são objeto de uma perseguição criminal.

Criminosos profissionais saberiam o que fazer e seriam frios o suficiente para fazê-lo. Mas esses indivíduos são garotos gentis, civilizados, que pensam estar envolvidos em algo não muito mais sério que um trote universitário. Eles têm um barco, então simplesmente continuam atravessando o Mar do Norte em direção à Europa. Daniel termina na Itália, e Matthias, na Alemanha. E, em algum momento, eles decidem não matar nem abandonar o bebê. Por qualquer razão que seja, decidem ficar com ele. Daniel o cria como se fosse seu filho. Garantidos pelo dinheiro do resgate, ele se estabelece confortavelmente com o menino e, então, ironicamente, se torna um artista razoavelmente bem-sucedido. Mas não pode lucrar com seu sucesso utilizando-se de entrevistas na mídia ou da exploração de marketing pessoal porque sabe que é um criminoso foragido. E sabe que seu filho não é Gabriel Porteous. Ele é Adam MacLennan Grant, um jovem amaldiçoado com um rosto peculiar.

Era um roteiro bem atraente, quanto a isso não havia dúvidas. Mas ainda restavam perguntas que exigiam respostas, é claro. Como eles conseguiram colocar as mãos no resgate, tendo em vista que estavam tropeçando no escuro tentando encontrar a mulher morta que o apanhara? Como puderam desativar os rastreadores que os policiais colocaram no dinheiro? Como conseguiram fugir de barco sem serem vistos pelo helicóptero? Como dois estudantes de arte teriam conseguido uma arma, naquela época? Eram ótimas perguntas, mas ela tinha certeza de que conseguiria lidar com elas, de uma forma ou outra. Teria de fazê-lo; aquela história era boa demais para ser dispensada só por causa de alguns detalhes estranhos.

Sabia que conseguiria algo realmente bom quando obteve acesso exclusivo e sem precedente a Brodie Grant, mas aquilo era infinitamente melhor do que poderia ter esperado. Era o tipo de história que tornaria seu nome famoso. Colocaria Bel entre os poucos jornalistas cujo nome era sinônimo de uma boa história. Como Stanley, com a descoberta do Dr. Livingstone. Woodward e Bernstein, com o caso Watergate. Max Hastings, com a libertação de Port Stanley. Agora eles poderiam incluir Annabel Richmond, com a revelação de Adam MacLennan Grant.

Havia uma porção de lacunas na história, até aquele ponto, mas elas poderiam ser preenchidas mais tarde. No momento, Bel precisava do jovem conhecido como Gabriel Porteous. Com ou sem sua cooperação, ela precisava de uma amostra de seu DNA para que Brodie Grant pudesse confirmar se aquele

era, realmente, seu neto desaparecido. E, então, sua fama estaria garantida. Reportagens em jornais, um livro, talvez até mesmo um filme. Era realmente o máximo.

O escritório da imobiliária ficava numa rua secundária próxima à Via Nuova. A vitrine estava repleta de folhas de papel tamanho A4 mostrando fotografias e alguns detalhes de cada propriedade. A *villa* Porteous estava lá, seus cômodos e instalações enumerados sem maiores comentários. Bel abriu a porta e encontrou-se num escritório pequeno e cinzento. Arquivos cinza, carpete cinza, paredes claras, mesas cinza. O único habitante, uma mulher de seus trinta anos, parecia uma ave-do-paraíso em comparação com o ambiente. A blusa escarlate e o colar turquesa resplandeciam, atraindo o olhar para a cabeleira negra e o rosto perfeitamente maquiado. Ela estava definitivamente tirando o máximo do que tinha, pensou Bel, enquanto cumpriam as formalidades.

— Infelizmente, não estou aqui atrás de uma propriedade — desculpou-se Bel, com um gesto. — Estou tentando contatar o dono da *villa* que você tem à venda em Costalpino. Sou uma velha amiga do pai de Gabriel Porteous, Daniel. Por desgrça, eu estava na Austrália quando Daniel faleceu. Voltei à Itália por algum tempo e queria ver Gabriel, apresentar minhas condolências. Você poderia me colocar em contato com ele?

A mulher revirou os olhos.

— Realmente, sinto muito. Não posso fazer isso.

Bel pegou sua carteira.

— Eu poderia pagar pelo seu tempo — ela disse, usando uma das fórmulas tradicionais da corrupção.

— Não, não, não é isso — a mulher disse, nem um pouco ofendida. — Quando digo que não posso, é isso mesmo que quero dizer. Não que eu não queira. Não posso. — Ela parecia aturdida. — É muito estranho. Não tenho um endereço nem um número de telefone ou mesmo um e-mail do *Signor* Porteous. Nem mesmo um número de celular. Tentei explicar que isso era muito pouco convencional, e ele disse que ele também era. Ele disse que, agora que o pai havia morrido, pretendia viajar e que não queria ficar preso ao passado. — Ela deu um sorrisinho. — O tipo de coisa que os jovens acham muito romântico.

— E que o resto de nós acha terrivelmente egocêntrico — Bel disse. — Gabriel sempre foi muito decidido. Mas como você vai vender a casa se não pode entrar em contato com ele? Como ele aprovará a venda?

A mulher abriu as mãos.

— Ele nos telefona toda segunda-feira. Eu disse a ele: “E se aparece alguém numa terça de manhã com uma oferta?” Ele disse: “Antigamente, as pessoas tinham de esperar pela correspondência. Ninguém vai morrer se tiver de esperar

até a segunda-feira seguinte, se estiver seriamente interessado em comprar a casa.”

— E houve muitas ofertas?

A mulher pareceu aborrecida.

— Não a esse preço. Acho que ele precisa abaixar pelo menos uns cinco mil, antes que alguém leve a sério. Mas vamos ver. É uma casa bonita, deve aparecer um comprador. Ele também a deixou vazia, o que faz com que os cômodos pareçam muito maiores.

Como a sugestão seguinte de Bel seria a de dar uma olhada na casa para ver se encontrava alguma pista de onde Gabriel poderia estar, a última revelação foi bem decepcionante. Então, ela tirou um cartão da agenda. Um daqueles que tinha seu nome, celular e e-mail.

— Não tem problema — ela disse. — Quando ele telefonar, na segunda, talvez você pudesse lhe pedir para entrar em contato comigo. Conheci o pai dele há uns vinte anos, e gostaria muito de vê-lo. — Ela estendeu-lhe o cartão.

Unhas escarlates o retiraram de sua mão.

— Claro, darei o recado a ele. E se você algum dia quiser uma propriedade por aqui... — Ela indicou a variedade de dados na vitrine. — Temos uma excelente seleção. Sempre digo que estamos no lado da estrada que não está na moda e, portanto, os preços são mais baixos; mas as propriedades são igualmente bonitas.

Bel voltou para o carro, sabendo que não havia mais nada que pudesse fazer ali. Cinco dias até que Gabriel Porteous recebesse seu recado e, então, quem sabe ele iria entrar em contato? Se não o fizesse, rastreá-lo seria uma tarefa para um detetive particular na Itália, alguém que conhecesse os macetes e as mãos certas em que colocar envelopes de dinheiro. Ainda seria sua história, mas outra pessoa poderia fazer a parte chata. Enquanto isso, ela precisava voltar a Rotheswell para ver se conseguia de uma vez por todas ter uma conversa com Fergus Sinclair.

Hora de explorar os recursos que Brodie Grant colocara à sua disposição. Ela telefonou para Susan Charleson.

— Olá, Susan — disse. — Preciso de um voo de volta ao Reino Unido o mais rápido possível.

Glenrothes

O problema dos casos arquivados, pensou Karen, era haver tantos becos sem saída. Situações em que, realmente, não havia nada que se pudesse fazer. Nenhuma testemunha óbvia a interrogar. Nenhuma amostra criminalística a

organizar. Em momentos como esse, ela ficava à mercê de sua inteligência, virando e revirando o cubo mágico do que sabia, na esperança de que surgisse um novo padrão.

Já havia interrogado todo mundo que pudesse lhe dar uma indicação do que teria acontecido com Mick Prentice. De certa forma, isso devia ter funcionado a seu favor, na investigação da morte de Andy Kerr, já que vinha conversando com as pessoas no contexto de uma investigação de alguém desaparecido. A não ser que tivessem algo a esconder, as pessoas eram geralmente bastante abertas com a polícia quando se tratava de ajudar a rastrear desaparecidos. Quando o caso era de assassinato, todos relutavam mais em falar. E o que porventura falavam sempre estava limitado por qualificações e ansiedade. Teoricamente, ela sabia que deveria voltar a suas testemunhas e colher novos depoimentos, que poderiam conduzir a outras testemunhas que se lembrassem do que Andy Kerr estava dizendo e fazendo antes de morrer. Mas a experiência lhe dizia que seria perda de tempo, agora que havia uma morte suspeita na jogada. Mesmo assim, ela enviara o Novo em Folha e um novo assistente do DIC para fazer outra rodada de entrevistas. Talvez eles tivessem sorte e descobrissem algo que ela não houvesse percebido. A esperança é a última que morre.

Ela se voltou para o arquivo de Cat Grant. Estava empacada ali também. Até que recebesse um relatório adequado da polícia italiana, era difícil ver como poderia progredir. No entanto, tinha havido um lance de sorte naquele caso. Havia contatado os pais de Fergus Sinclair na esperança de descobrir onde ele estava trabalhando para que pudesse marcar uma entrevista com ele. Para sua surpresa, Willie Sinclair lhe dissera que o filho iria chegar com a esposa e os filhos naquela noite, para suas férias anuais na Escócia. Na manhã seguinte, ela teria a chance de conversar com Fergus Sinclair. Parecia que ele era a única pessoa que restava capaz de revelar algo sobre a personalidade de Cat Grant. A mãe dela estava morta, o pai não queria falar, e os arquivos não ofereciam indicações de amigos próximos.

Karen se perguntou se a falta de amigos era uma questão de escolha ou de personalidade. Ela conhecia pessoas que eram tão centradas no trabalho que mal notavam a falta de relacionamentos próximos. Também conhecia outras que eram desesperadas por intimidade, mas cujo único talento era o de afastar os demais. Ela se alegrou por sua sorte; tinha amigos cujo apoio e riso preenchiam uma parte importante de seus dias. Podia ser que lhe faltasse um relacionamento central, mas achava sua vida sólida e confortável.

Como teria sido a vida de Cat Grant? Karen conhecera mulheres consumidas pelos filhos. Testemunhando seu olhar de adoração, sempre se sentira pouco à vontade. Filhos eram seres humanos, não deuses a quem

idolatrar. Teria o filho de Cat sido o centro de seu universo? Adam teria ocupado totalmente seu coração? De fora, parecia que sim. Todo mundo supunha que Fergus era o pai do bebê, mas, mesmo que não fosse, uma coisa parecia clara: o pai de Adam fora banido de sua vida; parecia que a mãe o havia desejado somente para si.

Ou talvez não. Karen se perguntou se estaria olhando pelo lado errado do telescópio. E se não havia sido Cat quem descartara o pai de Adam? E se ele tivesse tido suas próprias razões para se recusar a aceitar um papel na vida do filho? Talvez ele não quisesse a responsabilidade. Talvez tivesse outras responsabilidades, outra família cujo apelo foi ressaltado pela perspectiva de outro filho. Talvez ele estivesse apenas de passagem e tivesse partido antes mesmo que ela soubesse que estava grávida. Não havia como negar que existiam outras possibilidades que valia a pena considerar.

Karen suspirou. Ela saberia mais depois de falar com Fergus. Com sorte, ele a ajudaria a descartar algumas de suas ideias mais loucas. “Casos arquivados”, ela disse, em voz alta. Podiam acabar com você. Assim como um amante, eles tentavam com promessas de que, desta vez, seria diferente. Tudo começaria cheio de frescor e excitação, você tentaria ignorar aquelas ninharias que certamente iriam desaparecer, à medida que você conseguisse compreender melhor as coisas. Então, de repente, não progredia mais. Rodas girando em falso na areia. E, antes que você se desse conta, tudo estava terminado. De volta à estaca zero.

Ela olhou de relance para Phil, que analisava bases de dados no computador, tentando rastrear uma testemunha de outro caso. Provavelmente era melhor assim, que nunca houvesse existido nada entre eles. Melhor tê-lo como amigo do que acabar tendo a distância entre eles medida em amargura e frustração.

E, então, o telefone tocou.

— Revisão de Casos Arquivados, inspetora Pirie falando — ela disse, tentando não parecer tão irritada quanto se sentia.

— Aqui fala o *capitano* di Stefano, dos *carabinieri* de Siena — disse uma voz com sotaque pesado. — Você é a oficial com quem falei sobre a Villa Totti, perto da Boscolata?

— Isso mesmo.

Karen se endireitou na cadeira, pegando uma caneta e papel. Ela se lembrava do estilo de di Stefano, de sua conversa anterior. Seu inglês era surpreendentemente bom com relação a vocabulário e gramática, mas o sotaque era atroz. Ele pronunciava as palavras como se as estivesse lendo de um libreto de ópera, colocando ênfase nas partes mais peculiares e com uma pronúncia que

beirava o bizarro. Nada daquilo importava. O que importava era o conteúdo, e Karen estava preparada para fazer o que fosse necessário para obtê-lo com toda precisão.

— Obrigada por telefonar.

— O prazer é meu — ele disse, pronunciando cada vogal. — Então, nós visitamos a *villa* e conversamos com os “vitchinhos”.

Karen precisou de alguns segundos para entender que ele tinha dito “vizinhos”.

— Obrigada. E o que vocês descobriram?

— Encontramos mais cópias do pôster que você nos enviou por e-mail. Também encontramos a tela de serigrafia na qual foram feitos. Agora estamos processando as impressões digitais da moldura e de outras áreas dentro da *villa*. Você entende, muitas pessoas passaram por ali, e existem muitos vestígios por toda parte. Logo que terminarmos de processar as impressões e os outros materiais, enviaremos nossos resultados, assim como as cópias das impressões e das sequências de DNA. Sinto muito, mas esse aspecto não é prioridade para nós, entende?

— Claro, eu entendo. Há alguma possibilidade de você nos enviar algumas amostras para que possamos fazer nossos próprios testes? Apenas por uma questão de tempo, não por qualquer outra razão. — *Tipo todo mundo no meu departamento acha que vocês são uns inúteis.*

— *Si.* Já fizemos isso. Enviei amostras do sangue no chão e de outras manchas de sangue encontradas na cozinha e na área social. Também outras evidências das quais tínhamos amostras múltiplas. Então, espero que cheguem aí para você amanhã.

— O que os vizinhos disseram?

Di Stefano resmungou com desagrado.

— Acho que vocês chamam essas pessoas de esquerdistas. Elas não gostam dos *carabinieri*. São do tipo de gente que vai a Gênova para o G8. Ficam do lado das pessoas que moram ilegalmente na Villa Totti. Portanto, meus homens não descobriram muita coisa. O que sabemos é que as pessoas que moravam lá tinham um show de marionetes itinerante chamado BurEst. Temos algumas fotografias de um jornal local, e meu colega as está enviando para você por e-mail. Sabemos alguns nomes, mas essa gente é do tipo que pode desaparecer com muita facilidade. Vivem no mundo da economia informal. Não pagam impostos. Alguns, provavelmente, são imigrantes ilegais.

Karen quase podia vê-lo erguendo as mãos num gesto frustrado.

— Eu entendo como isso é difícil. Você pode me enviar uma lista dos nomes que vocês têm?

— Posso lhe dizer agora mesmo. Só temos o primeiro nome dessas pessoas. Por enquanto, nenhum sobrenome. Dieter, Luka, Maria, Max, Peter, Rado, Sylvia, Matthias, Ursula. Matthias era o chefe. Estou lhe enviando essa lista. Acreditamos conhecer a nacionalidade de alguns deles, mas é pura suposição.

— Algum britânico?

— Parece que não, embora um dos vizinhos ache que esse Matthias pudesse ser inglês por causa do sotaque.

— Esse nome não é muito inglês.

— Talvez não tenha sido sempre o nome dele — ressaltou di Stefano. — A outra característica dessas pessoas é que estão sempre tentando nascer de novo. Novo nome, nova história. Então, sinto muito. Parece que não há muitas informações úteis para você aqui.

— Agradeço muito por tudo que vocês puderam fazer. Sei que é duro justificar a força de trabalho empenhada numa tarefa como essa.

— Inspetora, para mim, parece que houve um assassinato nessa *villa*. Estamos tratando o caso como uma possível investigação de homicídio. Tentamos ajudá-la no curso dessa investigação, mas estamos mais interessados no que achamos que aconteceu há três meses do que no que aconteceu vinte e dois anos atrás, no seu país. Estamos procurando intensamente por essas pessoas. E, amanhã, traremos os cães farejadores de cadáveres e o radar de penetração no solo, para ver se conseguimos encontrar alguma cova. Será difícil, porque o local está cercado de bosques. Mas precisamos tentar. Então, como você vê, a questão aqui não é a força de trabalho.

— É claro. Não tive a intenção de sugerir que vocês não estivessem levando o assunto a sério. Sei como são essas coisas, acredite.

— Tem mais uma coisa que nós descobrimos. Não sei se isto é relevante para você, mas há uma jornalista inglesa por aqui, fazendo perguntas.

Karen ficou momentaneamente confusa. Nada havia sido liberado para a mídia. O que estaria uma repórter fazendo ali, bisbilhotando seu caso? Então, de repente, caiu a ficha.

— Bel Richmond — ela disse.

— Annabel — disse di Stefano. — Ela estava hospedada numa fazenda na colina. Partiu esta tarde. Está voltando para a Inglaterra hoje à noite. Os vitchinhos disseram que ela queria saber sobre o pessoal do BurEst. Um adolescente disse para um dos meus homens que ela também estava interessada em uns amigos de Matthias. Um pintor inglês e seu filho. Mas não tenho nenhum nome, nem fotos, nem nada. Talvez você possa falar com ela. Talvez os vitchinhos da Boscolata prefiram conversar com uma jornalista do que com um policial, o que você acha?

— Infelizmente, acho que você deve estar certo — Karen disse com amargura. Eles trocaram amabilidades e promessas vazias de se visitarem, e então o telefonema terminou. Karen amassou um pedaço de papel e o atirou em Phil. — Dá pra acreditar?

— O quê? — Ele ergueu os olhos, espantado. — Acreditar no quê?

— Na porra da Bel Richmond — ela disse. — Quem ela pensa que é? A força policial particular de Brodie Grant?

— O que foi que ela fez?

Ele se espreguiçou, erguendo os braços acima da cabeça e grunhindo ao esticar a coluna.

— Ela acaba de ir para a Itália — Karen chutou a lata do lixo. — Filha da puta atrevida! Foi até lá e passou a lábia nos moradores. Moradores que, aliás, não contam muita coisa para a polícia porque são um bando de esquerdistas ultrapassados. Jesus Cristo!

— Espere um minuto — disse Phil. — Não deveríamos ficar felizes com isso? Quer dizer, por termos alguém remexendo a sujeira, ainda que não sejam nossos colegas italianos?

— Você poderia vir até aqui, olhar na minha caixa de entrada de e-mail e me mostrar a mensagem de Bel Richmond nos contando o que ela descobriu na porra da Toscana? Será que você poderia ir com seus dedinhos até a bandeja de entrada do fax e me mostrar o relatório que ela enviou com todas as informações que colheu lá? Ou será que eu é que não sei mais acessar minha caixa de mensagens do celular? Phil, ela pode ter descoberto todo tipo de coisa. Mas não é para a gente que ela está contando.

Do Aeroporto de Edimburgo ao Castelo de Rotheswell

Bel observou a esteira de bagagens rodando vazia, a exaustão tornando-a incapaz de raciocinar. Um trajeto de carro até o aeroporto de Florença, escondido misteriosamente em algum lugar do subúrbio, seguido por uma viagem funesta via Charles de Gaulle — um aeroporto certamente projetado por um Marquês de Sade moderno — e ela ainda tinha quilômetros a percorrer, antes de poder dormir. E nem mesmo seria em sua própria cama. Afinal, as malas e bolsas começaram a aparecer. De forma preocupante, a sua não veio na primeira rodada. Ela estava a ponto de ter um ataque de raiva no balcão de serviços de solo quando sua mala finalmente surgiu, sacolejando, com um fecho pendendo solto das tiras. No fundo do coração, ela sabia que Susan Charleson não tinha nada a ver com seus sofrimentos, mas era bom ter alguém a quem culpar irracionalmente. Pediu a Deus que ela tivesse mandado alguém para buscá-la.

Seu ânimo deveria ter melhorado quando saiu na área de desembarque e viu que havia mesmo um chofer esperando por ela. Mas o fato de o chofer ser o próprio Brodie Grant apenas aumentou seu cansaço. Ela queria se encolher e dormir ou se encolher e beber. Não queria passar os próximos quarenta minutos sob interrogatório. Pensando bem, ele nem sequer a estava pagando por isso, apenas arcava com suas despesas extras e abria portas para ela. O que não era exatamente ruim. Porém, a seu ver, não lhe dava direito a serviço vinte e quatro horas. *Até parece que você vai dizer isso a ele.*

Grant a cumprimentou com um aceno de cabeça, e eles disputaram momentaneamente a mala antes que Bel, constrangida, o deixasse carregá-la. Enquanto se deslocavam atabalhoadamente pelo terminal, Bel se dava conta dos olhares sobre eles. Brodie Grant claramente contava com o reconhecimento do público. Não havia muitos empresários que conseguiam isso. Talvez Richard Branson, Alan Sugar. Mas eles eram rostos conhecidos da televisão, exibidos na telinha por motivos que nada tinham a ver com os negócios. Ela não achava que Grant seria reconhecido em Londres, mas ali na Escócia, as pessoas conheciam seu rosto a despeito de sua timidez midiática. Seria carisma, ou apenas um peixe grande num lago pequeno? Bel não gostaria de ter de arriscar uma resposta.

E não eram apenas as pessoas comuns. Fora do terminal, onde placas e avisos no alto-falante proibiam estritamente que se estacionassem carros, um policial armado estava parado ao lado do Land Rover de Grant. Não estava ali para advertir Grant ou lhe dar uma multa; estava ali para assegurar que ninguém chegasse perto do Defender. Grant dirigiu a ele um gesto de cabeça patriarcal enquanto guardava a mala no carro e, então, acenou-lhe graciosamente com a mão ao partir.

— Estou impressionada — disse Bel. — Achei que apenas a realeza recebesse esse tipo de tratamento.

O rosto dele se contorceu como se não soubesse ao certo se aquilo era uma crítica.

— No meu país, respeitamos o sucesso.

— O quê? Trezentos anos de opressão inglesa não curaram isso de vocês?

Grant se empertigou, então percebeu que ela o estava provocando. Para o alívio de Bel, ele riu.

— Não. Vocês são muito mais ávidos por criticar o sucesso do que nós. Acho que você também aprecia o sucesso, Annabel. Não é por isso que está aqui trabalhando comigo, em vez de estar em busca de alguma história terrível de estupro e tráfico sexual em Londres?

— Em parte. E em parte é porque estou interessada em descobrir o que aconteceu. — Assim que as palavras saíram de sua boca, ela teve vontade de se

dar um chute por ter lhe dado a deixa perfeita.

— E o que você descobriu na Toscana? — ele perguntou.

Enquanto atravessavam a noite, por estradas vazias, ela contou-lhe o que havia descoberto e o que deduzira.

— Voltei para cá porque não tenho os recursos necessários para rastrear Gabriel Porteous — ela concluiu. — A investigadora Pirie pode conseguir colocar os policiais italianos em ação...

— Nós não vamos falar com a investigadora Pirie sobre isso — Grant disse com firmeza. — Vamos contratar um investigador particular. Ele poderá comprar as informações que precisamos.

— O senhor não vai contar à polícia o que descobriu? Não vai compartilhar as informações com eles? Nem as fotos? — Ela sabia que não deveria ficar chocada com as peculiaridades dos muito ricos, mas foi pega de surpresa por sua resposta tão inflexível.

— A polícia é inútil. Nós mesmos podemos encerrar o caso. Se esse garoto for Adam, passa a ser um assunto de família. Não é responsabilidade da polícia encontrá-lo.

— Não entendo — disse Bel. — Quando começamos isto, o senhor procurou a polícia. Agora quer deixá-los de fora?

Houve um longo silêncio. O painel iluminava o perfil dele em contraste com a noite, e os músculos de sua mandíbula estavam tensos. Por fim, ele disse:

— Perdoe-me, mas acho que você não pensou bem a respeito disso, Bel.

— O que foi que eu perdi? — Ela sentiu o velho aperto do medo que os editores de notícias sempre lhe haviam provocado quando questionavam seus textos.

— Você falou sobre uma quantidade significativa de sangue no chão da cozinha. Você achou que alguém que houvesse perdido tanto sangue assim provavelmente estaria morto. Isso significa que há um corpo em algum lugar e, agora que a polícia está procurando, provavelmente irá encontrá-lo. E quando o encontrarem, irão começar a procurar por um assassino...

— E Gabriel estava lá naquela noite, antes de todos desaparecerem. Você acha que ele ficará sob suspeita — disse Bel, subitamente compreendendo. — E se ele for seu neto, você quer que ele fique fora de cena.

— Você captou a mensagem, Bel — ele disse. — Mais do que isso, não quero a polícia italiana enquadrando-o só porque eles não são capazes de encontrar o verdadeiro assassino. Se ele não estiver por perto, a tentação será menor, principalmente porque haverá outros suspeitos mais atraentes no local. Os investigadores particulares italianos não estarão apenas procurando por Gabriel Porteous.

Ai, meu Deus, ele vai fazer com que culpem outra pessoa. Só para servir como uma apólice de seguro. Bel sentiu náuseas.

— Você quer dizer que vai encontrar um bode expiatório?

Grant lhe dirigiu um olhar estranho.

— Que sugestão insólita. Eu vou apenas garantir que a polícia italiana receba toda a ajuda que merece. — Seu sorriso foi amargo. — Somos todos cidadãos europeus agora, Bel.

Quinta-feira, 5 de julho de 2007; Kirkcaldy

Karen já havia realizado entrevistas em lugares estranhos antes, mas o Castelo de Ravenscraig provavelmente ficaria entre os cinco primeiros colocados. Quando pedira a Fergus Sinclair para encontrar-se com ela, ele havia sugerido aquele local.

— Assim, minha esposa pode levar as crianças para passear pelo castelo e descer até o litoral — ele disse. — Estas são nossas férias de verão. Não vejo por que temos que ficar presos só porque você quer conversar comigo.

“Por causa do clima” teria sido uma excelente resposta. Karen estava sentada nas ruínas de uma muralha com a gola do anoraque levantada para protegê-la da brisa penetrante que vinha do mar. Phil estava sentado a seu lado, encolhido dentro da jaqueta de couro.

— É melhor que isso valha a pena — ele disse. — Não sei bem se é reumatismo ou hemorroidas o que estou pegando aqui, mas sei que não me fará nenhum bem.

— Ele provavelmente está acostumado. Trabalhando numa propriedade rural como trabalha. — Karen apertou os olhos e olhou para o céu. As nuvens estavam altas e espalhadas, mas ela ainda seria capaz de apostar em chuva até a hora do almoço. — Você sabia que, na Idade Média, aqui era moradia da família St. Clair?

— É por isso que esta parte de Kirkcaldy se chama Sinclairtown, Karen. — Phil revirou os olhos. — Você acha que ele está tentando nos intimidar?

Ela riu.

— Se eu posso sobreviver a Brodie Grant, posso sobreviver a um descendente dos St. Clair de Ravenscraig. Você acha que aquele cara ali é ele?

Um homem alto e magro atravessou o portão do castelo seguido por uma mulher quase tão alta quanto ele e um par de garotos robustos, cada um com uma cabeleira louro-clara como a da mãe. Os meninos olharam ao redor e partiram, correndo e pulando, explorando o lugar. A mulher virou o rosto para cima e o homem plantou um beijo em sua testa, então lhe deu uns tapinhas nas costas quando ela se virou para perseguir os garotos. Ele olhou em volta e viu os dois policiais. Ergueu a mão num cumprimento e veio na direção deles com passos largos e rápidos.

Ao se aproximar, Karen estudou o rosto que só tinha visto em fotografias de vinte e dois anos atrás. Ele havia envelhecido bastante, embora o rosto estivesse curtido e a teia de linhas finas ao redor dos olhos azuis fosse um testemunho do

tempo passado sob o sol e o vento. O rosto era delgado, as bochechas eram fundas, e o contorno dos ossos, claro por baixo da pele. O cabelo louro-claro caía numa franja fina, fazendo-o parecer quase medieval. Vestia uma camisa xadrez, enfiada por dentro da calça de moleskin e botas leves de caminhada. Ela se levantou e o cumprimentou com um aceno de cabeça.

— Você deve ser Fergus Sinclair — ela disse, estendendo a mão. — Sou a investigadora Karen Pirie e este é o sargento Phil Parhatka.

Ele tomou sua mão num daqueles apertos fortes que sempre a faziam querer estapear o interlocutor com a mão que estava livre.

— Agradeço por terem vindo se encontrar comigo aqui — ele disse. — Eu não queria que meus pais fossem submetidos novamente às lembranças ruins.

Seu sotaque de Fife havia desaparecido quase completamente. Sob pressão, Karen poderia tê-lo descrito como um alemão com inglês excepcionalmente bom.

— Sem problema — ela mentiu. — Você sabe por que reabrimos o caso?

Ele se sentou num fragmento de construção, virado para Karen e Phil.

— Meu pai disse que tem alguma coisa a ver com o pôster de resgate. Apareceu outra cópia?

— Isso mesmo. Em uma *villa* em ruínas na Toscana. — Karen esperou. Ele não disse nada.

— Não muito longe de onde você vive — disse Phil.

Sinclair ergueu as sobrancelhas.

— Também não é exatamente perto.

— Cerca de sete horas de carro, segundo a Internet.

— É o que você diz. Para mim está mais para oito ou nove. Mas, seja como for, não sei ao certo o que você está sugerindo.

— Não estou sugerindo nada, senhor. Apenas contextualizando a localização — disse Phil. — As pessoas que estavam morando ilegalmente na *villa* faziam parte de um grupo de titereiros. Eles se chamavam BurEst. Os líderes eram um casal de alemães chamados Matthias e Ursula. Você alguma vez cruzou com eles?

— Cristo — Sinclair disse, exasperado. — É como perguntar a um escocês se ele alguma vez cruzou com a sua tia de Londres. Acho que nunca estive num show de marionetes. Nem mesmo com as crianças. E não conheço ninguém chamado Matthias. A única Ursula que conheço trabalha no meu banco, e duvido muito que ela curta marionetes em seu tempo livre. — Ele se voltou para Karen. — Achei que você queria conversar sobre Cat.

— Queremos. Me desculpe, pensei que você gostaria de saber por que estamos reabrindo o caso — ela disse sinceramente, assumindo com facilidade o

papel de policial bonzinho. — Imagino que você já tenha deixado tudo isso para trás. Agora que tem mulher e filhos.

Ele deixou as mãos caírem entre os joelhos, entrelaçando os dedos.

— Nunca deixarei isso para trás. Ainda a amava quando ela morreu. Apesar de ela ter me mandado embora, não havia um dia em que eu não pensasse nela. Escrevi tantas cartas. Nunca enviei nenhuma. — Ele fechou os olhos. — Mas ainda que eu pudesse deixar Cat para trás, nunca conseguiria fazer a mesma coisa com relação a Adam. — Ele piscou duramente e captou o olhar de Karen. — Ele é meu filho. Cat me manteve afastado dele quando era bebê, mas os sequestradores o mantêm longe de mim há vinte e dois anos e meio.

— Você acha que ele ainda está vivo? — Karen perguntou delicadamente.

— Sei que há grandes chances de que ele tenha sido morto horas depois da mãe. Mas sou pai. Não posso evitar ter a esperança de que, em algum lugar, ele esteja andando por aí. Levando uma vida decente. É como gosto de pensar nele.

— Você sempre teve certeza de que ele era seu filho — disse Karen. — Mesmo que Cat não o reconhecesse como pai, você nunca duvidou.

Ele retorceu as mãos.

— Por que duvidaria? Olha, sei que meu relacionamento com Cat já estava desmoronando, quando ela ficou grávida. Havíamos terminado e reatado meia dúzia de vezes. Mal nos víamos. Mas passamos a noite juntos quase que exatamente nove meses antes de Adam nascer. Quando estávamos enfrentando nossas... dificuldades, perguntei a ela se havia outra pessoa, mas ela jurou que não. E Deus sabe que ela não tinha nenhum motivo para mentir. A bem da verdade, teria sido melhor para ela dizer que estava se encontrando com outra pessoa. Eu teria sido obrigado a aceitar que tudo terminara. Portanto, é provável que não houvesse mais ninguém mesmo. — Ele afrouxou as mãos e estendeu os dedos. — Ele era parecido comigo. Eu soube que ele era meu logo na primeira vez que pus os olhos nele.

— Você deve ter ficado irritado quando Cat se recusou a admitir que Adam era seu — disse Karen.

— Fiquei furioso — ele disse. — Queria apelar para a Justiça, fazer todos os exames.

— E por que não fez? — perguntou Phil.

Sinclair olhou fixamente para o chão.

— Minha mãe me convenceu a não fazer isso. Brodie Grant detestava a ideia de que Cat e eu ficássemos juntos. Considerando que veio da pobreza e da sujeira de Kelty, ele tinha algumas ideias bastante arrogantes sobre quem seria um parceiro adequado para sua filha. E certamente não era o filho de um servçal. Ele não se aguentou de felicidade quando nos separamos. — Ele

suspirou. — Minha mãe disse que, se eu lutasse com Cat por Adam, Grant descontaria nela e no meu pai. Eles moram numa casa da propriedade e não conseguiram guardar nada para a velhice porque sempre receberam salários muito baixos. Mas Grant havia prometido ao meu pai que eles poderiam ficar morando lá, mesmo depois de aposentados. Então eu aguentei o tranco por eles. E fui embora, para um lugar onde não teria de encarar Cat ou seu pai todos os dias.

— Eu sei que lhe fizeram esta pergunta na época, mas você nunca pensou em se vingar dessas pessoas que destruíram sua vida? — Karen perguntou.

O rosto de Sinclair se contorceu como se ele estivesse com dor.

— Se eu tivesse a mais ínfima noção de como me vingar, certamente o teria feito. Mas eu não sabia de nada e não tinha recursos. Tinha vinte e cinco anos, trabalhava como caseiro em uma propriedade de caça na Áustria. Trabalhava muitas horas por dia, passava meu tempo livre aprendendo o idioma e bebendo. Tentando esquecer o que havia deixado para trás. Acredite, inspetora, a ideia de sequestrar Cat e Adam nunca passou pela minha cabeça. Eu simplesmente não tenho esse tipo de mente. Teria passado pela sua?

Karen deu de ombros.

— Não sei. Felizmente, nunca me vi nessa posição. O que sei é que, se tivesse sido tratada como você foi, teria vontade de me vingar.

Sinclair balançou a cabeça, concordando com ela.

— É isso aí. Minha mãe sempre diz que viver bem é a melhor vingança. E foi isso que tentei fazer. Tenho sorte de ter um emprego que adoro numa parte maravilhosa do mundo. Posso caçar, pescar, escalar e esquiar. Tenho um bom casamento e dois garotos saudáveis e inteligentes. Não tenho inveja de ninguém, muito menos de Brodie Grant. Aquele homem me tirou tudo que eu valorizava. Ele e a filha, eles me magoaram muito. Disso não tenho como escapar. Mas reconstruí minha vida e é uma vida boa. Tenho uma história que me deixou com cicatrizes, mas aqueles três... — Ele apontou para a esposa e os filhos que subiam por um morro gramado. — Aqueles três compensam um monte de coisas.

Era um discurso bonito, mas Karen não estava inteiramente convencida.

— Acho que eu ficaria mais ressentida com ele, se estivesse no seu lugar.

— Então é muito bom que você não esteja. Ressentimento não é uma emoção saudável, inspetora. É algo que devora a pessoa, como um câncer. — Ele olhou diretamente nos olhos dela. — Há quem acredite que há uma ligação direta entre as duas coisas. Eu é que não quero morrer de câncer.

— Meus colegas interrogaram você depois que Cat morreu. Imagino que você se lembre bem disso.

O rosto dele se retorceu e, de repente, Karen viu um lampejo dos fogos que Fergus Sinclair mantinha bem guardados.

— Ser tratado como suspeito da morte da mulher que você ama? Isso não é algo que se esqueça facilmente — ele disse, a voz rígida com a ira contida.

— Pedir que alguém dê um álibi não é necessariamente tratá-lo como suspeito — disse Phil. Karen percebia que ele não tinha gostado de Sinclair e esperava que isso não prejudicasse a entrevista. — Temos que excluir pessoas de nossos inquéritos para não perdermos tempo investigando os inocentes. Às vezes, uma prova de álibi é a maneira mais rápida de tirar alguém da lista.

— Talvez seja — disse Sinclair, seu queixo se projetava para a frente de forma defensiva. — Não pareceu assim, na época. Parecia que vocês estavam fazendo um esforço dos diabos para provar que eu não estava onde disse que estava.

Hora de acalmar os ânimos, pensou Karen.

— Há alguma coisa que tenha lhe ocorrido, desde então, que possa ser útil? Ele balançou a cabeça.

— O que eu poderia saber que seria útil? Nunca estive sequer remotamente interessado em política, muito menos em grupos de facções anarquistas. As pessoas com quem convivo não querem uma revolução. — Ele sorriu para si mesmo. — A não ser que seja uma revolução no design dos esquis.

— Para dizer a verdade, não achamos que tenha sido um grupo anarquista — disse Karen. — Temos boas informações sobre o tipo de gente que acredita em ação direta para a promoção de suas ambições políticas. E nunca se ouviu falar do Pacto Anarquista da Escócia, nem antes nem depois do ocorrido.

— Bem, eles não iriam atrair atenção sobre si mesmos depois, não é? Não com acusações de assassinato e sequestro nas costas.

— Não com esse nome. Mas eles se safaram com um milhão de libras em dinheiro e diamantes. Seriam três milhões, em valores atuais. Se eles fossem animais políticos dedicados, seria de esperar ver partes desse dinheiro aparecendo nos cofres de grupos radicais com objetivos semelhantes. Meus antecessores neste caso pediram ao MI5 que ficasse atento a isso. Durante os cinco anos seguintes ao assassinato de Cat, nunca aconteceu nada. Nenhum dos grupos de malucos radicais apareceu, repentinamente, cheio de dinheiro. Portanto, não achamos que os sequestradores fossem realmente ativistas políticos. Acreditamos ser mais provável que fossem pessoas próximas.

A expressão de Sinclair dizia tudo.

— E é por isso que eu estou aqui. — Ele não pôde evitar o olhar de desprezo.

— Não pela razão que você pensa — disse Karen. — Você não está aqui

porque eu suspeite de você. — Ela ergueu as mãos num gesto de rendição. — Nunca conseguimos colocar você nem perto do sequestro nem da entrega do resgate. Suas contas bancárias nunca mostraram quaisquer fundos inexplicáveis. Sim, eu sei, você está puto da vida por saber que checamos suas contas bancárias. Não fique assim. Não se você realmente se importa com Cat ou Adam. Você deveria ficar satisfeito por termos feito nosso trabalho da melhor forma possível todos esses anos. E isso, basicamente, livra a sua cara.

— Apesar de todo o veneno que Brodie Grant tentou espalhar sobre mim.

Karen balançou a cabeça.

— Você ficaria positivamente surpreso quanto a isso. Mas, de qualquer maneira, a questão é a seguinte: você está aqui porque é a única pessoa que realmente conhecia Cat. Ela era parecida demais com o pai; desconfio que eles poderiam ter acabado como grandes amigos, mas ainda estavam na fase das brigas. A mãe dela está morta. Ela não parecia ter amigas próximas. Então isso deixa você como minha única via de acesso à vida de Cat. E eu acho que é aí que está o segredo da morte dela. — Ela imobilizou Sinclair com a sinceridade de seu olhar. — Portanto, o que você me diz, Fergus? Você vai me ajudar?

Domingo, 14 de agosto de 1983; Newton of Wemyss

Catriona MacLennan Grant girou na ponta de um pé, com os braços para cima.

— Meu, tudo meu — ela disse num tom brincalhão de bruxa má. De repente, ela parou, cambaleando levemente de tontura. — O que você acha, Fergus? Não é simplesmente perfeito?

Fergus Sinclair analisou o cômodo sujo. A casa na entrada da propriedade Wemyss não se parecia em nada ao sítio simples, porém impecável, em que ele havia crescido. E estava ainda mais distante do Castelo de Rotheswell. Não era nem mesmo tão atraente quanto as moradias estudantis em que ele havia vivido. Depois de ter ficado fechada por alguns anos, não havia qualquer indício de seus ocupantes anteriores. Mas, ainda assim, ele achava difícil sentir-se entusiasmado com a casa. Não era como havia imaginado que eles dois fossem estabelecer um lar, juntos.

— Ficaré legal, depois que dermos uma mão de tinta — ele disse.

— É claro que ficará — disse Cat. — Quero que seja simples. Clara, mas simples. Damasco aqui, eu acho. — Ela se dirigiu para a porta. — Limão para o hall, para as escadas e para a plataforma entre os lances. Amarelo-sol na cozinha. Vou usar a outra sala do andar de baixo como escritório, então é melhor uma cor neutra. — Ela subiu correndo as escadas e se inclinou sobre o corrimão, sorrindo para ele lá embaixo. — Azul para o meu quarto. Um belo tom de azul sueco.

Sinclair riu do entusiasmo dela.

— E eu, posso decidir alguma coisa?

O sorriso de Cat desapareceu.

— Por que você decidiria alguma coisa, Fergus? Não é a sua casa.

As palavras o atingiram como um golpe.

— O que você quer dizer? Pensei que iríamos viver juntos.

Cat foi até o último degrau no alto da escada e sentou-se nele, os joelhos bem unidos, os braços apertados ao redor do próprio corpo.

— Por que você pensou isso? Eu nunca disse nada a esse respeito.

O chão sob seus pés pareceu desaparecer. Sinclair se agarrou ao pilar da escada em busca de apoio.

— É o que sempre dissemos. Que terminaríamos nosso estágio profissional e moraríamos juntos. Eu, trabalhando como caseiro, e você fazendo o trabalho com vidro. Foi o que planejamos, Cat.

Ele olhou fixamente para ela, lá em cima, querendo que admitisse que ele tinha razão. E ela o fez, mas não de uma forma que o fizesse se sentir melhor.

— Fergus, nós éramos pouco mais do que crianças, na época. É como quando a gente é pequena e seu primo mais velho diz que vai se casar com você, quando você crescer. Vocês falam a sério, na hora, mas depois crescem e se esquecem da promessa.

— Não — ele protestou, subindo as escadas. — Não, nós não éramos crianças. Sabíamos o que estávamos dizendo. Eu ainda te amo tanto quanto sempre amei. Cada uma das promessas que te fiz... ainda quero mantê-las. — Ele se abaixou ao lado dela, forçando-a a se deslocar para junto da parede. Ele colocou o braço em volta de seus ombros. Mas ela continuava abraçada a si mesma.

— Fergus, quero viver sozinha — disse Cat, olhando para baixo, para onde ele havia estado um momento antes, como se ainda estivesse falando diretamente com ele. — Esta é a primeira vez que tenho meu espaço de trabalho e meu próprio lugar para morar. Minha cabeça está explodindo de ideias de coisas que quero fazer. E de como quero viver.

— Não vou interferir nas suas ideias — Sinclair insistiu. — Você pode fazer tudo exatamente como quiser.

— Mas você estará *aqui*, Fergus. Quando eu for para a cama, à noite, quando acordar de manhã. Terei de pensar em coisas do tipo o que vamos comer e quando vamos comer.

— Eu farei a comida — ele disse. Ele preparava sua comida, qual a dificuldade em preparar agora para os dois? — Podemos fazer isso do seu jeito.

— Ainda assim terei de pensar em horários de refeições e coisas acontecendo em horários determinados, não quando parecer natural, ou certo, de acordo aos meus ritmos criativos. Terei de pensar nas suas roupas em quando você precisa usar o banheiro. No que você vai assistir na TV. — O corpo de Cat oscilava para a frente e para trás agora, a ansiedade natural que sempre havia se esforçado em esconder vindo à tona. — Não quero ter de lidar com tudo isso.

— Mas, Cat...

— Sou uma artista, Fergus. Não digo isso como se fosse algo precioso que me coloque acima do resto do mundo. O que quero dizer é que sou complicada. Não sou boa em ficar muito tempo com gente.

— Parecemos nos dar bem juntos. — Ele podia perceber o apelo em sua voz e não sentia nenhuma vergonha. Passar vergonha por ela valia a pena.

— Mas não passamos realmente longos períodos de tempo juntos, Fergus. Olhe os últimos anos. Eu fui para a Suécia, você para Londres. Passamos um ou outro fim de semana juntos, mas, na maioria das vezes, nos vimos em Rotheswell. Mal passamos mais do que algumas noites juntos. E isso para mim está ótimo.

— Para mim, não — ele disse asperamente. — Quero estar com você o tempo todo. Como eu disse, podemos fazer tudo do seu jeito.

Ela deslizou de sob seu braço e desceu alguns degraus, virando-se para olhá-lo.

— Você não percebe como isso é assustador para mim? Só de ouvi-lo, já me sinto claustrofóbica. Você fala de fazer as coisas do meu jeito, mas isso não inclui ter alguém sob o mesmo teto que eu. Fergus, você significa muito para mim. Não existe ninguém que faça eu me sentir como me sinto quando estou com você. Por favor, por favor, não estrague isso me forçando a fazer, por culpa, algo que mal suporto cogitar.

Ele sentia o rosto congelado, como se estivesse no alto da montanha Falkland durante uma tempestade, a pele sendo fustigada contra os ossos, os olhos flagelados até as lágrimas.

— É o que as pessoas fazem quando se amam — ele disse.

Então ela estendeu a mão e a colocou no joelho dele.

— Esse é um modelo de amor — ela disse. — É o mais comum. Mas parte da motivação é econômica, Fergus. As pessoas vivem juntas porque é mais barato do que viver separadamente. Dois podem viver pelo mesmo preço que um. Não significa que seja a melhor maneira para todo mundo. Um monte de gente tem relacionamentos que não se adaptam a esse padrão. E há outras formas que funcionam igualmente bem. Você acha que o fato de eu não querer morar com você significa que não o ame. Mas, Fergus, é exatamente o contrário. Morar com você destruiria nosso relacionamento. Eu ficaria maluca. Iria querer matá-lo. É porque eu amo que não quero morar com você.

Ele afastou a mão dela e se levantou.

— Você passou tempo demais naquela porra da Suécia — ele gritou, sentindo a garganta se fechar. — Escute o que está dizendo. Modelos para o amor. Adaptar-se aos padrões. Isso não é amor. O amor é... O amor é... Cat, onde é que a afeição, a ternura e o apoio um ao outro se encaixam no seu mundo?

Ela se levantou e encostou-se na parede.

— No mesmo lugar de sempre. Fergus, nós sempre fomos gentis um com o outro. Sempre nos importamos um com o outro. Por que precisamos mudar a forma do nosso relacionamento? Por que arriscar todas essas coisas belas que funcionam tão bem entre nós? Inclusive sexo. Todo mundo que eu conheço, depois que começa a viver junto com alguém, acha que o sexo deixa de ser excitante. Dois, três anos depois, e eles mal transam. Mas olhe só para nós dois. — Ela subiu um degrau para ficar ao mesmo nível dele. — Nós não temos a garantia do outro. Portanto, quando nos vemos, ainda há eletricidade. — Ela deu um passo à frente, espalmando uma das mãos sobre o peito dele, enquanto a

outra acariciava seus testículos. A despeito de sua vontade, ele sentiu o afluxo de sangue endurecendo-o. — Vamos, Fergus... me fode — ela sussurrou. — Aqui. Agora.

E, assim, ela conseguiu o que queria. Como sempre.

Quinta-feira, 5 de julho de 2007

— Assim como o pai, ela era muito boa em conseguir o que queria. Ela era mais sutil que ele, mas o resultado era o mesmo — concluiu Sinclair.

Pela primeira vez desde que Biscoito lhe havia informado sobre o caso, Karen sentiu que tinha uma noção de quem havia sido Catriona MacLennan Grant. Uma mulher que conhecia a si mesma. Uma artista com uma fantasia que estava decidida a realizar. Uma pessoa solitária que gostava de companhia apenas quando estava com humor para tanto. Uma amante que só aprendeu a deixar-se prender depois que se tornou mãe. Uma mulher difícil, mas corajosa, Karen desconfiava.

— Você consegue pensar em alguém cuja vida tenha cruzado com a dela e que possa ter desejado castigá-la? — ela perguntou.

— Castigá-la por quê?

— Várias coisas. Seu talento. Seus privilégios. Seu pai.

Ele pensou no assunto.

— É difícil imaginar. O negócio é que ela acabara de passar quatro anos na Suécia. Ela só usava o nome de Cat Grant. Não acho que ninguém lá tivesse a menor ideia de quem era Brodie MacLennan Grant. — Ele estendeu as pernas e as cruzou na altura dos tornozelos. — Ela frequentou o curso de verão aqui nos primeiros anos que estava na Suécia. Ela se encontrava com algumas pessoas que conhecera quando estava na Faculdade de Arte de Edimburgo.

Karen sentou-se muito ereta.

— Eu não sabia que ela esteve na Faculdade de Arte de Edimburgo — ela disse. — Não havia nada no arquivo sobre isso. Só dizia que ela estudou na Suécia.

Sinclair assentiu.

— Tecnicamente, isso está correto. Mas, em vez de cursar o sexto ano em sua chique escola particular em Edimburgo, ela fez um curso básico na Faculdade de Arte. Provavelmente não está no arquivo porque seu pai não sabia. Ele não queria de jeito nenhum que ela fosse artista. Então, era um segredo sério entre Cat e sua mãe. Ela partia todas as manhãs de trem e voltava para casa mais ou menos no horário normal. Mas, em vez de ir à escola, ela ia à faculdade. Vocês não sabiam disso?

— Não sabíamos mesmo. — Karen olhou para Phil. — Precisamos começar a investigar as pessoas que estavam nesse curso básico.

— A boa notícia é que não havia muitas — disse Sinclair. — Só umas dez

ou doze. É claro, ela conhecia outros estudantes, mas era com os de seu próprio curso que ela saía mais.

— Você lembra quem eram os amigos dela?

Sinclair fez que sim com a cabeça.

— Havia cinco. Eles gostavam das mesmas bandas, dos mesmos artistas. Estavam sempre falando sobre o Modernismo e seu legado. — Ele girou os olhos. — Eu costumava me sentir um completo roceiro.

— Nomes? Detalhes? — Era Phil, colocando pressão novamente. Ele pegou seu caderno e o abriu.

— Havia uma garota de Montrose: Diana Macrae. Outra de Peebles, como era o nome dela...? Algum nome italiano... Demelza Gardner.

— Demelza não é italiano, é da Cornualha — disse Phil. Karen o silenciou com um olhar.

— Que seja. Para mim, parecia italiano — disse Sinclair. — Havia também dois rapazes. Um cara de Crieff, ou outro lugar chulé qualquer de Perthshire: Toby Inglis. E, finalmente, Jack Docherty. Ele era um vagabundo de classe baixa de Glasgow. Todos eles eram garotos de classe média e Jack era seu mico de circo. Ele não parecia se importar. Era uma dessas pessoas que não ligam para o tipo de atenção que recebe, desde que receba alguma.

— Ela manteve contato com algum deles quando foi para a Suécia?

Sinclair se levantou, ignorando-a, quando os meninos correram pelo gramado na sua direção. Eles se atiraram sobre ele numa torrente animada de uma língua que Karen deduziu ser alemão. Sinclair os agarrou, caminhando com esforço por alguns passos com os dois pendurados como se fossem bebês chimpanzés. Então os soltou, disse alguma coisa para eles, despenteou-lhes os cabelos e os mandou atrás da mãe, que havia desaparecido na direção dos degraus que levavam à praia.

— Desculpem — ele disse, voltando e se sentando novamente. — Eles sempre querem garantir que você saiba o que está perdendo. Para responder a sua pergunta: realmente não sei. Me lembro vagamente de Cat ter mencionado um ou outro, algumas vezes, mas não prestei muita atenção. Eu não tinha nada em comum com eles. Nunca vi nenhum deles novamente, depois que Cat saiu da faculdade. — Ele passou a mão pelo queixo. — Pensando nisso agora, acho que, quanto mais velhos ficávamos, menos tínhamos em comum, Cat e eu. Se ela tivesse vivido, nunca teríamos voltado a ficar juntos.

— Vocês poderiam encontrar um ponto comum em Adam, no final — disse Karen.

— Gosto de pensar que sim. — Ele olhou nostalgicamente para o portão pelo qual os filhos haviam desaparecido. — Há mais alguma coisa? É só que eu

gostaria de voltar à minha vida.

— Você acha que havia alguém, dos tempos de faculdade, que pudesse ter alimentado sentimentos negativos em relação a ela? — perguntou Karen.

Sinclair balançou a cabeça.

— Nada que ela tenha me dito me faria pensar isso — ele disse. — Cat tinha uma personalidade forte, mas era uma pessoa difícil de odiar. Não me lembro de tê-la visto alguma vez reclamar de ter sido maltratada por alguém. — Ele se levantou novamente, alisando a calça. — Para falar a verdade, não consigo acreditar que alguém que a conhecesse pensaria que poderia se dar bem sequestrando-a. Ela era boa demais em conseguir tudo do seu jeito.

Glenrothes

O Novo em Folha martelava o teclado com os dedos indicadores. Ele não sabia por que chamavam “*touch typing*” quando uma pessoa digitava bem rápido que, em inglês, significava, literalmente, digitação pelo toque. Porque não dava para digitar sem tocar o teclado. Ou seja, no fim das contas, tudo era digitação pelo toque. Ele também não sabia por que a chefe vivia atolando-o com pesquisas pelo computador, só poderia ser por puro sadismo. Todo mundo pensava que os caras jovens como ele ficassem completamente à vontade na frente de um computador, mas, para Novo em Folha, era como estar num país estrangeiro no qual ele nem sequer soubesse a palavra para “cerveja”.

Ele teria ficado muito mais feliz se ela o tivesse mandado com Phil, a quem carinhosamente chamava de “the Hat”, à Faculdade de Arte para falar com pessoas de verdade e examinar anuários de alunos e arquivos em papel. Ele era melhor fazendo aquilo. E, além disso, o sargento Parhatka era um cara engraçado. Não havia nada de divertido em ficar varrendo os fóruns de mensagens e listas de membros do www.omehordiadesua vida.com à procura dos nomes que a chefe havia atirado sobre sua mesa numa página amarfanhada, arrancada de um caderno.

Não era para isso, definitivamente, que ele tinha entrado para a polícia. Onde estava a ação? Onde estavam as perseguições de carro e as capturas dramáticas? Em vez de excitação, ele tinha a chefe e o Hat agindo como se fossem uma antiquíssima dupla de comediantes, como French e Saunders. Ou seria Flanders e Swann? Ele nunca conseguia se lembrar direito.

Ele não havia precisado sequer assustar ninguém para conseguir acesso irrestrito ao website. A mulher com quem conversara tinha se desdobrado para ajudá-lo.

— Nunca colaboramos com a polícia antes, ficamos sempre muito felizes

em fazer todo o possível — ela tagarelara, assim que ele fizera o pedido. Quem quer que tivesse lidado antes com ela havia, claramente, a deixado num estado de submissão trêmula. Ele gostava disso numa fonte.

Verificou novamente a lista de nomes. Diana Macrae. Demelza Gardner. Toby Inglis. Jack Docherty. Ele estava procurando pelo período de 1977 a 1978. Depois de alguns cliques falsos, ele finalmente chegou à lista de membros. Apenas um deles estava lá. Diana Macrae era agora Diana Waddell, mas não era difícil deduzir isso. Ele clicou no perfil de Diana.

Depois do meu curso básico na Faculdade de Artes, obtive um diploma da Escola de Arte de Glasgow, especializando-me em escultura. Depois de formada, comecei a trabalhar no campo da arteterapia com pessoas com doenças mentais. Conheci Desmond, meu marido, quando estávamos trabalhando em Dundee. Nós nos casamos em 1990 e temos dois filhos. Moramos em Glenisla, que todos adoramos. Comecei a esculpir em madeira novamente e tenho um contrato com uma loja de jardinagem local, assim como com uma galeria de arte, em Dundee.

Uma galeria em Dundee, pensou o Novo em Folha com desdém. Arte? Em Dundee? Tão provável quanto a paz no Oriente Médio. Ele passou por cima de mais algumas bobagens sobre marido e filhos e, então, clicou para ver suas mensagens e e-mails de ex-colegas de escola. Por que essa gente se dava a esse trabalho? A vida deles era tão chata quanto um jogo do time do East Fife em casa. Depois de passar rapidamente por uma dúzia de trocas de mensagens inócuas, encontrou uma de alguém chamada Shannon. *Você tem notícias do Jack Docherty?*, ela perguntava.

O Jack querido! Nós trocamos cartões de Natal. Sua presunção penetrava o e-mail, notoriamente isento de nuances. Ele agora está no oeste da Austrália. Tem sua própria galeria de arte em Perth. Ele faz uma porção de trabalhos com artistas aborígenes. Nós temos algumas peças dele, são incríveis. Ele está muito feliz. Tem um namorado aborígene. Alguns anos mais jovem do que ele e bastante bonito, mas que parece ser um amor. Quando nossos filhos forem para a universidade, estamos planejando fazer uma viagem até lá para visitá-lo.

Dois coelhos com uma cajadada só, pensou Novo em Folha, anotando os detalhes. Ele prosseguiu até o fim da correspondência cheia de conversa fiada de Diana e, então, decidiu que precisava de uma pausa enquanto planejava seu próximo passo.

Depois de uma xícara de café, ele voltou à pesquisa. Nem Toby Inglis nem

Demelza Gardner apareciam em qualquer lugar da área do site referente à Faculdade de Arte. Mas graças à subserviência demonstrada por seu contato, ele pôde ter acesso ao site inteiro. Digitou o nome da mulher e, para seu completo espanto, conseguiu uma ocorrência. Clicou no resultado e descobriu Gardner descrita como “totalmente minha professora favorita”. A mensagem estava no site de uma escola secundária em Norwich.

Pelo menos ele teve o bom-senso de procurar a escola pelo Google. E lá estava Demelza Gardner. Chefe do Departamento de Arte. Deus, essa coisa do computador era uma maravilha, depois que se pegava o jeito. Ele tentou o nome de Toby Inglis no sistema de busca e novamente encontrou uma ocorrência. O Novo em Folha seguiu o link para um fórum onde ex-alunos de uma escola particular de Crieff podiam matraquear à vontade sobre suas malditas vidas fabulosas. Levou algum tempo para desatar as meadas das correspondências, mas, no fim, encontrou o que vinha procurando.

Sentindo-se bastante satisfeito consigo mesmo, Novo em Folha arrancou a primeira página de seu bloco de notas e saiu à procura da investigadora Pirie.

Tudo acontecera mais ou menos assim, pensou Karen. Ela telefonara para Bel Richmond e a convidara para vir até a Revisão de Casos Arquivados para uma entrevista, o mais rápido possível. De preferência nas próximas horas. Bel se recusara. Karen mencionara o pequeno detalhe da obstrução da Justiça.

Bel foi então até Brodie Grant e reclamou que não queria sair correndo até Glenrothes toda vez que Karen bem entendesse. Daí, Grant telefonou para o Biscoito e explicou que Bel não queria ser interrogada e que era melhor que a investigadora Pirie parasse de ameaçá-la. Então, o Biscoito a chamou em seu escritório e lhe deu uma bronca por ter irritado Brodie Grant, e disse a ela para deixar Bel em paz.

Daí, Karen havia telefonado novamente para Bel Richmond. Em seu tom de voz mais doce, dissera a Bel para se apresentar na Revisão de Casos Arquivados às duas horas.

— Se você não estiver aqui — ela disse —, haverá uma viatura em Rotheswell dez minutos depois para prendê-la por obstrução da Justiça. — Então, desligara o telefone.

Agora faltava um minuto para as duas e Dave Cruickshank acabara de chamá-la para avisar que Bel Richmond havia chegado.

— Peça a um oficial que a leve até a Sala de Entrevistas Um e espere lá com ela até eu chegar. — Karen pegou uma Coca Diet da geladeira e sentou à sua mesa durante cinco minutos. Tomou o último gole da lata e, então, dirigiu-se

pelo corredor até a sala de entrevistas.

Bel estava sentada à mesa na sala cinza e sem janelas, parecendo furiosa. Havia um maço de Marlboro vermelho à sua frente, com um único cigarro à mostra, ao lado. Ela havia se esquecido de que os escoceses tinham proibido fumar em lugares fechados antes mesmo dos ingleses, até que o oficial uniformizado a lembrara.

Karen puxou uma cadeira e deixou-se cair sobre ela. O assento de espuma havia chegado ao formato atual por outras bundas que não a dela, e ela se remexeu para ficar confortável. Com os cotovelos sobre a mesa, inclinou-se para a frente.

— Nunca mais tente se meter comigo — ela disse, num tom informal, os olhos como granito reluzente.

— Ah, por favor — disse Bel. — Não vamos transformar isso num concurso de provocação. Estou aqui agora, então deixe pra lá.

Karen não tirou os olhos de Bel.

— Precisamos conversar sobre a Itália.

— Por que não? Lindo país. Comida maravilhosa, o vinho melhorando a cada dia. E também tem a arte...

— Pare com isso. Estou falando sério. Vou acusar você de obstrução da Justiça e deixá-la numa cela até que possa apresentá-la diante de um delegado. Não vou ser feita de idiota por Sir Broderick MacLennan Grant nem por seus ajudantes.

— Não sou uma ajudante de Brodie Grant — disse Bel. — Sou uma jornalista investigativa independente.

— Independente? Você está vivendo sob o teto dele. Comendo a comida dele, bebendo o vinho dele. Que, a propósito, aposto que não é italiano. E quem pagou pelo passeiozinho na Itália? Você não é independente, você foi comprada e paga.

— Você está enganada.

— Não estou, não. No momento, tenho mais liberdade de ação do que você, Bel. Eu posso mandar meu chefe se danar. Pensando bem, acabei de fazer isso. Você pode dizer o mesmo? Se não fosse pela polícia italiana, eu nem sequer saberia que você havia conversado com as pessoas na Toscana a respeito da Villa Totti. O simples fato de que você vem passando relatórios para Grant em vez de falar conosco me diz que ele é seu dono.

— Isso é bobagem. Repórteres não falam com policiais sobre suas investigações até o trabalho estar terminado. É isso que está acontecendo aqui.

Karen balançou a cabeça lentamente.

— Acho que não. E, para dizer a verdade, estou surpresa. Não achei que

você fosse esse tipo de mulher.

— Você não sabe nada a meu respeito, inspetora. — Bel se acomodou mais confortavelmente na cadeira, como se estivesse se preparando para algo prazeroso.

— Eu sei que você não conquistou sua reputação recitando esse tipo de clichê. — Karen puxou sua cadeira para mais perto da mesa, diminuindo a distância entre elas para menos de um metro. — E sei que você tem sido uma jornalista militante ao longo de sua carreira. Sabe o que as pessoas dizem sobre você, Bel? Dizem que você é uma lutadora. Dizem que é alguém que faz a coisa certa mesmo que não seja a mais fácil. Como a forma com que acolheu sua irmã e o filho dela sob o seu teto, quando eles precisaram de cuidados. Dizem que você não liga para a popularidade de sua posição, que arrasta a verdade pelos cabelos e obriga as pessoas a confrontá-la. Dizem que é uma inconformista. Alguém que vive segundo suas próprias regras. Alguém que não recebe ordens do sistema. — Ela esperou, encarando Bel sem dar-lhe trégua. A jornalista piscou primeiro, mas não desviou o olhar. — Você acha que a reconheceriam agora? Recebendo ordens de um homem como Sir Broderick MacLennan Grant? Um homem que sintetiza o sistema capitalista? Um homem que resistiu a todas as escolhas de sua filha a ponto de ela acabar se colocando em risco? Foi a isso que você chegou?

Bel pegou seu cigarro e o tamborilou de uma ponta a outra, em cima da mesa.

— Às vezes é preciso encontrar um lugar dentro do acampamento do inimigo para poder realmente descobrir como ele é. Você, mais do que ninguém, deveria entender isso. A polícia usa oficiais infiltrados o tempo todo, quando não há outra forma de descobrir a história. Você tem ideia de quantas entrevistas Brodie Grant concedeu à imprensa nos últimos vinte anos?

— Dando um chute, eu diria que... nenhuma?

— Exatamente. Quando encontrei uma evidência que pudesse reabrir esse caso arquivado, deduzi que haveria um grande interesse por Grant. Interesse do tipo editorial. Mas só se alguém pudesse se aproximar dele e ver como ele era de verdade. — Ela ergueu um canto da boca num meio-sorriso cínico. — Achei que bem poderia ser eu.

— É bastante justo. Não vou ficar aqui sentada apontando furos na sua autojustificação. Mas como é que sua missão de dar ao mundo o livro definitivo sobre aquela família miserável lhe dá o direito de se colocar acima da lei?

— Não é assim que eu vejo a coisa.

— Claro que não. Você precisa ver a si mesma como a pessoa que está agindo em nome de Cat Grant. A pessoa que irá trazer o filho dela para casa,

morto ou vivo. A heroína. Não pode se dar ao luxo de ver a si mesma sob a luz da verdade. Porque essa luz da verdade a mostra como a pessoa que está impedindo todas essas coisas de acontecerem. Bem, este é o xis da questão, Bel. Você não tem os recursos para levar esse caso a uma conclusão. Não sei o que Brodie Grant lhe prometeu, mas não será algo limpo. Em nenhum sentido.

Karen podia sentir sua raiva acumulando energia como uma mola, pronta para disparar. Afastou a cadeira, colocando um pouco de espaço entre elas.

— A polícia italiana não se importa com o que aconteceu com Cat Grant — disse Bel.

— Você tem razão. E por que deveriam se importar? — Karen sentiu seu rosto ruborizar. — Mas eles se importam com a pessoa cujo sangue está espalhado no chão da cozinha da Villa Totti. Tanto sangue que é quase certo que essa pessoa esteja morta. Eles se importam com isso e estão fazendo todo o possível para descobrir o que aconteceu lá. E, enquanto fazem isso, surgirão informações que irão nos ajudar. É assim que fazemos as coisas. Não contratamos detetives particulares que adaptam seus relatórios àquilo que o cliente quer ouvir. Não construímos nosso próprio sistema legal particular para servir a nossos próprios interesses. Deixe-me fazer uma pergunta, Bel. Só entre nós duas. — Karen se virou para o policial que ainda estava parado junto à porta. — Você poderia nos dar um minuto?

Ela esperou até que ele tivesse fechado a porta atrás de si.

— De acordo com a lei escocesa, não posso usar contra você nada do que você me disser agora. Não há corroboração, entende? Portanto, eis a minha pergunta. E quero que você pense nela com muito cuidado. Você não precisa me responder. Só quero ter certeza de que você pensou no assunto com honestidade e sinceridade. Se você encontrasse os sequestradores, o que você acha que Brodie Grant faria com a informação?

Os músculos ao redor da boca de Bel se enrijeceram.

— Acho que essa é uma insinuação ofensiva.

— Não insinuei nada. Você é que deduziu. — Karen se levantou. — Não sou uma idiota, Bel. Não me trate como se fosse. — Ela abriu a porta. — Você pode entrar agora.

O policial retomou seu posto à porta, e Karen voltou para sua cadeira.

— Você deveria sentir vergonha — ela disse. — Quem vocês pensam que são, com suas leis particulares? É para isso que você passou toda a sua carreira trabalhando? Uma lei para os ricos e poderosos, que pode mandar o resto do mundo se danar? — *Essa foi direto na ferida. E já não era sem tempo.*

Bel sacudiu a cabeça.

— Você está me julgando mal.

— Prove. Me diga o que descobriu na Toscana.

— E por que eu deveria? Se vocês fossem bons no seu trabalho, teriam descoberto sozinhos.

— Você acha que preciso defender minha competência? A única coisa que tenho de defender é que nossas investigações são arduamente conduzidas sob o peso das leis, dos regulamentos e dos recursos. Isso às vezes significa que eu e minha equipe levamos algum tempo para cobrir todo o terreno. Mas você pode ter certeza de que, quando o fazemos, não há uma folha de grama que não seja examinada. Se você dá algum valor à justiça, deveria me dizer. — Ela dirigiu a Bel um sorriso frio. — Caso contrário, pode se ver no outro lado da reportagem.

— Isso é uma ameaça?

Aos ouvidos de Karen, aquilo soou como uma bravata. Bel estava bem perto de abrir o bico, ela podia sentir.

— Não preciso ameaçar — ela disse. — Até mesmo Brodie Grant sabe como a polícia é indiscreta. Parece que as coisas simplesmente vazam para o domínio público. E você sabe como a mídia adora quando alguém que se aboleia no pináculo da moral e dos bons costumes é pego numa avalanche de lama. — Ah, sim, ela estava certa. Bel estava, definitivamente, ficando cada vez mais constrangida.

— Olhe, Karen... posso chamá-la de Karen? — A voz de Bel se reduziu à calidez do chocolate quente.

— Pode me chamar do que quiser, para mim não faz diferença. Não sou sua amiga, Bel. Tenho seis horas para interrogá-la sem a presença de um advogado e pretendo aproveitar cada minuto. Conte-me o que você descobriu na Itália.

— Não vou lhe contar nada — disse Bel. — Quero sair para fumar um cigarro. Vou deixar minha bolsa aqui em cima da mesa. Cuidado para não derrubá-la, pois as coisas podem se espalhar. — Ela se levantou. — Está bem para você, inspetora?

Karen lutou para não sorrir.

— O policial terá que acompanhá-la. Mas pode ficar à vontade para fumar seu cigarrinho. Fume dois. Tenho trabalho de sobra com que me ocupar.

Observando enquanto Bel saía da sala, ela não pôde evitar um lampejo de admiração pelo estilo da outra. Conceder sem ceder. *Muito bem, Bel.*

Seu braço raspou na sacola de palha, que tombou de lado, espalhando um leque de papéis sobre a mesa. Sem ler, Karen apanhou tudo e percorreu afobadamente o corredor até sua sala. Na fotocopidora, tudo foi duplicado em dez minutos, um maço de cópias foi trancado em sua gaveta, e os originais ficaram em sua mão. De volta à sala de entrevistas, ela se acomodou para ler.

Enquanto digeriria o relatório de Bel para Brodie Grant, sua mente

organizava os pontos de interesse. Um grupo misto de titereiros morando ilegalmente na Villa Totti. Daniel Porteous, pintor britânico, não tanto um amigo da casa quanto amigo de Matthias, o chefe, e de sua namorada. Matthias, o cenógrafo e produtor dos pôsteres. Gabriel Porteous, filho de Daniel. Visto com Matthias no dia antes de o BurEst espalhar-se aos quatro ventos. Sangue no chão da cozinha, fresco naquela manhã. Daniel Porteous é falso. Já era falso em novembro de 1984, quando registrou o falso nascimento de seu filho.

Titubeou por um momento no nome da mãe, sabendo que já o havia visto, mas esforçando-se para contextualizá-lo. Então ela o disse em voz alta e a ficha caiu. Frida Kahlo. Aquela artista mexicana sobre a qual Michael Marra escrevera uma canção. “Frida Kahlo’s Visit to the Taybridge Bar”. Ela teve alguns problemas com seu homem. Portanto, nada de novo ali. Mas alguém estava bancando o espertinho com o cartório, rindo baixinho de algum funcionário público subalterno que não iria distinguir Frida Kahlo de Michelangelo. Alguém estava se mostrando, se achando muito esperto, mas não percebendo que estava revelando algo sobre si mesmo no processo. Ele devia ter sido um falsificador habilidoso, esse Daniel Porteous, para comparecer com toda a documentação necessária para convencer o funcionário do cartório. E corajoso, para ir até o fim.

Era tudo muito interessante, mas o que havia convencido Bel de que Gabriel Porteous era Adam MacLennan Grant? E, por extensão lógica, que Daniel Porteous era seu pai biológico? E, estendendo a lógica ainda mais, que Daniel Porteous e Matthias eram os sequestradores? Ainda em contato após todos esses anos, ainda de posse da tela de *silk-screen* original. Baseando-se no pôster, era possível delinear toda a trama, mas era apenas circunstancial.

Ciente de que Bel voltaria a qualquer momento, Karen folheou as páginas, procurando algum sentido, buscando alguma coisa que pudesse ancorar a teoria a fatos sólidos. As últimas páginas eram fotografias — originais tiradas em alguma festa, e trechos ampliados com legendas.

Seu estômago deu voltas e sua mente, a princípio, recusou-se a aceitar o que estava vendo. Sim, era verdade que o garoto Gabriel tinha uma semelhança impressionante tanto com Brodie quanto com Cat Grant. Mas não era isso que havia provocado a agitação dentro dela. Karen olhou fixamente para a imagem de Daniel Porteous, a náusea revirando suas entranhas. Deus do céu, o que ela deveria concluir daquilo? E, então, com a rapidez de uma luz que se acende, ela percebeu algo que virou tudo de cabeça para baixo.

Daniel Porteous tinha registrado o nascimento de seu filho três meses antes do sequestro. Ele havia assumido uma identidade falsa com pelo menos três meses de antecedência da época em que a usaria para fugir. Muito justo.

Demonstrava previsão. Mas ele também tinha estabelecido o direito de levar seu filho consigo.

— Você não faz isso se estiver planejando pedir resgate por ele — ela disse num sussurro.

Karen enfiou os papéis de Bel de volta na sacola de palha e se dirigiu para a porta. Aquilo era loucura. Ela precisava falar com alguém que pudesse ajudá-la a ver sentido naquilo tudo. Onde diabos estava Phil quando precisava dele?

Ao sair feito um tufão da sala de entrevistas, praticamente colidiu com Novo em Folha. Ele se desviou, parecendo assustado.

— Eu estava te procurando — ele disse.

Definitivamente, a recíproca não é verdadeira.

— Não posso parar agora — ela disse, passando por ele.

— Tenho isto aqui para você — ele disse num tom queixoso.

Karen girou nos calcanhares, agarrou a folha de papel e saiu correndo. Ela sentia como se um exército de mensageiros corresse dentro de sua cabeça, cada um carregando um pedaço do quebra-cabeça. Neste momento, nenhuma das peças estava se encaixando. Mas tinha uma suspeita maliciosa de que, quando se encaixassem, a imagem deixaria a todos de queixo caído.

Castelo de Rotheswell

Tinha havido uma mudança de turno da equipe de segurança desde que Bel saía para sua entrevista com Karen Pirie, então o guarda de serviço no portão de entrada teve de autorizar sua volta de táxi, consultando o castelo. Aquilo acabou definitivamente com qualquer possibilidade de um retorno discreto. Enquanto pagava o taxista, a porta da frente se abriu, revelando Grant e seu rosto sombrio. Bel assumiu um ar de prazer e caminhou na direção dele.

No entanto, aquele não era um dia para amenidades.

— O que você disse a ela? — ele inquiriu.

— Nada — disse Bel. — Um bom jornalista protege suas fontes e suas informações. Não lhe contei nada.

Era, tecnicamente, a verdade. Ela não havia contado nada a Karen Pirie. Não precisara. A inspetora saía correndo do prédio, apenas parando para dizer a Bel que ela estava livre para ir embora.

— Algo acaba de acontecer em outro caso no qual estou trabalhando, tenho que ir a Edimburgo. Entrarei em contato com você. Você pode voltar para Rotheswell quando quiser — Karen dissera. Então, tinha dado uma piscadela para Bel. — E pode jurar para Brodie, com a mão no peito, que não me contou nada.

Sentindo-se segura com a ideia de que não estava realmente mentindo, Bel entrou na casa, não deixando a ele mais opções que agarrá-la ou segui-la.

— Você está me dizendo que não contou nada a ela e que ela simplesmente a deixou ir embora? — Ele teve de alargar ao máximo suas passadas para acompanhá-la, enquanto ela seguia apressadamente pelo saguão em direção à escada.

— Deixei claro para a investigadora Pirie que eu não iria dizer nada. Ela reconheceu que não havia motivos para prolongar o impasse. — Bel olhou de relance por cima do ombro. — Não é a primeira vez na minha carreira que precisei ocultar informações da polícia. Eu lhe disse que não havia necessidade de tentar intimidá-la.

Grant cedeu, com um gesto de cabeça.

— Sinto muito por não ter acreditado em você.

— Deveria sentir mesmo — disse Bel. — Eu... — ela se interrompeu para pegar o celular, que estava tocando. — Bel Richmond — disse, levantando um dedo para deter Grant.

Uma torrente de italiano se despejou em seu ouvido. Ela entendeu “Boscolata” e, então, reconheceu a voz do jovem que tinha visto Gabriel com Matthias na noite em que o BurEst havia fugido.

— Devagar, fale com mais calma — ela protestou gentilmente, mudando para a língua dele.

— Eu o vi — disse o garoto. — Ontem. Vi Gabe em Siena de novo. E eu sabia que você queria encontrá-lo, então o segui.

— Você o seguiu?

— Sim, como nos filmes. Ele pegou um ônibus, e consegui subir também sem que ele me visse. Terminamos em Greve. Você conhece Greve, em Chianti?

Ela conhecia Greve. Uma perfeita cidadezinha comercial repleta de lojas da moda para os ingleses ricos, redimida por alguns bares e trattorias onde os moradores locais ainda comiam e bebiam. Um ponto de encontro para os jovens nas sextas e sábados.

— Conheço Greve — ela disse.

— Então, acabamos indo parar na *piazza* principal e ele entrou num bar e se sentou com uma turma de outros caras, mais ou menos da mesma idade. Eu fiquei lá fora, mas podia vê-lo pela janela. Ele tomou algumas cervejas e comeu um prato de massa, depois saiu.

— Você pôde segui-lo?

— Mais ou menos. Achei que poderia, mas ele tinha uma Vespa estacionada a algumas ruas dali. Ele pegou a estrada que vai na direção leste, saindo da cidade.

Perto, mas não o suficiente.

— Você fez bem — ela disse.

— Fiz melhor que isso. Esperei uns vinte minutos e, então, entrei no bar em que ele havia estado. Disse que estava procurando o Gabe, que deveria me encontrar com ele lá. Seus amigos disseram que eu o tinha perdido por pouco. Então me fiz de inocente e perguntei se eles poderiam me explicar como chegar à casa dele, que eu não sabia ir até lá.

— Incrível — disse Bel, genuinamente surpresa pela iniciativa dele. Grant começou a se afastar, mas ela acenou para que ele voltasse.

— Então, eles fizeram um mapa para mim — ele disse. — Legal, né? Aparentemente, a casa dele é tipo assim, quase uma cabana de pastor.

— O que você fez?

— Peguei o último ônibus de volta para minha casa — ele disse, como se fosse absolutamente óbvio. O que ela imaginava que era mesmo, sendo ele um adolescente.

— E você tem esse mapa?

— Eu o trouxe comigo — ele disse. — Achei que poderia valer alguma coisa para você. Pensei que, talvez, cem euros?

— Falaremos sobre isso depois. Escute, voltarei para aí assim que puder. Não fale com ninguém além de Grazia sobre isso, o.k.?

— O.k.

Bel encerrou o telefonema e levantou o polegar para Grant.

— Tenho um resultado — ela disse. — Esqueça o detetive particular. Meu contato descobriu onde Gabriel está morando. E agora preciso voltar à Itália para falar com ele.

O rosto de Grant se iluminou.

— São excelentes notícias. Vou com você. Se esse garoto for meu neto, quero vê-lo cara a cara. Quanto antes, melhor.

— Acho que não. Isso precisa ser feito com muito cuidado — disse Bel.

De trás dela, uma voz interveio:

— Ela tem razão, Brodie. Precisamos saber muito mais a respeito desse garoto antes de você colocar sua cabeça acima do parapeito. — Judith deu um passo à frente e pousou a mão no braço do marido. — Tudo isso poderia ser uma armação elaborada. Se essas pessoas são as mesmas que sequestraram Adam e o roubaram há vinte e dois anos, sabemos que são capazes das atitudes mais cruéis. Não sabemos de nada com certeza. Deixe que Bel lide com isso. — Grant esboçou um protesto, mas ela o silenciou. — Bel, você acha que consegue alguma coisa para que a gente tenha uma amostra de DNA sem que esse jovem perceba?

— Não é tão difícil — disse Bel. — De um jeito ou outro, tenho certeza de que consigo.

— Ainda acho que devo ir — disse Grant.

— É claro que acha, querido. Mas as mulheres estão certas desta vez. E você simplesmente terá de controlar seu espírito com paciência. Agora, onde está o avião?

Grant suspirou.

— No aeroporto de Edimburgo.

— Perfeito. Quando Bel tiver terminado de arrumar a mala, Susan estará com tudo acertado. — Ela olhou rapidamente para o relógio. — Você disse que levaria Alec para pescar depois da escola, então eu posso levar Bel até o aeroporto. — Ela sorriu para Bel. — É melhor nos apressarmos. Vejo você lá embaixo em quinze minutos?

Bel assentiu, espantada demais para discutir. Se ela alguma vez houvesse se perguntado como Judith Grant conseguia sobreviver no casamento, naquele momento tinha acabado de testemunhar uma demonstração espetacular. Grant tinha sido totalmente coagido e, a não ser que tivesse um ataque de fúria, não havia como voltar atrás. Ela se virou e subiu correndo as escadas. *Adicione mais um zero ao adiantamento.* Aquilo estava se transformando na história da sua carreira. Todos aqueles que a haviam desprezado iriam ter de engolir suas palavras. Seria sublime. O.k., havia umas diligências tediosas a serem completadas primeiro, mas sempre havia diligências tediosas. Só que nem sempre havia glória no final delas.

Kirkcaldy

Karen andava de um lado a outro, dez passos inabaláveis através da sala de estar, então meia-volta, e dez passos no sentido contrário. Geralmente, o movimento a ajudava a organizar os pensamentos. Mas, esta noite, não estava funcionando. A desordem em sua cabeça estava incontrolável; era como pastorear gatos ou lutar contra a água. Ela desconfiava que fosse porque, em um nível profundo, ela estava resistindo a aceitar a conclusão inevitável. Ela precisava de Phil para segurar sua mão enquanto pensava o impensável.

Onde diabos ele estava? Deixara uma mensagem em sua caixa postal quase duas horas atrás, mas ele ainda não tinha retornado o telefonema. Não era típico dele, sumir daquele jeito. Enquanto esse pensamento circulava pela centésima vez, a campainha ressoou.

Ela nunca percorreu a distância até a porta com tanta rapidez. Phil estava na soleira, parecendo encabulado.

— Me desculpe — ele disse. — Fui à Biblioteca Nacional em Edimburgo e tive que desligar o celular. Esqueci de ligá-lo novamente até alguns minutos atrás. Achei que seria mais rápido simplesmente vir direto para cá.

Karen conduziu-o para a sala enquanto ele falava. Ele olhou em volta com curiosidade.

— É bonito aqui — disse.

— Não é não. É só um espaço para se morar — ela retrucou.

— Mas é um bom espaço. É relaxante. As cores são harmoniosas. Você tem bom gosto.

Ela não teve coragem de dizer a ele que o bom gosto era de outra pessoa.

— Não o chamei para apreciar a decoração — disse. — Quer uma cerveja? Ou uma taça de vinho?

— Estou dirigindo — ele disse.

— Não importa. Você pode pegar um táxi para casa. Acredite em mim, você vai precisar de uma bebida. — Ela empurrou a cópia das anotações de Bel na direção dele. — Cerveja ou vinho?

— Você tem vinho tinto?

— Leia isto. Volto já.

Karen foi para a cozinha, escolheu o melhor dentre a meia dúzia de tintos que guardava na prateleira, abriu-o e serviu duas taças grandes. O aroma de geleia do sirah australiano pinicou seu nariz quando ela apanhou as bebidas. Era o primeiro fator externo que notava desde que deixara o escritório.

Phil tinha vindo até a sala de jantar e estava sentado à mesa, atento ao relatório. Ela pousou a taça perto da mão dele. Distraidamente, ele tomou um gole. Karen não conseguia ficar quieta. Sentou-se, depois levantou. Foi até a cozinha e voltou com um prato de biscoitos de queijo. Então, se lembrou da folha de papel que Novo em Folha tinha dado a ela. Havia enfiado o papel na bolsa sem nem olhar.

Procurou a bolsa na cozinha. As notas de Novo em Folha não eram exatamente as mais claras ou sucintas que já lera, mas captou a essência do que ele havia descoberto. Três dos amigos de Cat claramente não ofereciam qualquer interesse. Mas a mensagem do fórum que ele havia copiado, a respeito de Toby Inglis, saltou aos olhos dela com a força de uma mola pressionada... *igualzinho no livro da Kate Mosse. Mas você nunca adivinharia com quem nos encontramos num bistrô em Perpignan. Simplesmente o Toby Inglis. Você se lembra de como ele dizia que ia virar o mundo no avesso, ser o próximo Olivier? Bem, obviamente não deu tão certo quanto ele havia planejado. Ele foi bastante evasivo, no que diz respeito aos detalhes, mas disse que é diretor de teatro e designer. Na minha modesta opinião, ele estava sendo um pouco*

econômico com relação à verdade. Brian disse que ele se parecia mais a um hippie aposentado por velhice. O cheiro, pelo menos, era de hippie; ele fedia a patchuli e maconha. Perguntamos onde poderíamos assistir a alguma de suas produções, mas ele disse que estava em férias de verão. Eu estava morrendo de vontade de perguntar mais, mas, daí, chegou uma mulher alemã. Acho que ela pensava que eles iriam comer lá, mas ele a empurrou porta afora o mais rápido que pôde. Acho que não queria que a gente conversasse com ela e descobrisse a verdade. Seja ela quem for. Então, depois de Perpignan...

Karen releu os rabiscos de Novo em Folha. Será que aquele era Matthias? Certamente se parecia ao misterioso Matthias, que não tinha mais sido visto desde que fora identificado em Siena, junto com Gabriel Porteous. Outra peça que parecia fazer parte do quebra-cabeça, mas que não se encaixava.

Karen se obrigou a respirar fundo e, então, juntou-se a Phil na mesa de jantar. Ele tinha espalhado as páginas impressas à sua frente. Tocou uma com o dedo para alinhá-la com as demais.

— É ele, não é? — perguntou.

— Adam?

Ele agitou a mão impacientemente para ela.

— Bem, sim, claro que é Adam. Tem que ser Adam. Não só porque ele se parece exatamente com a mãe e o avô. Mas porque o homem que o criou é Mick Prentice.

Karen experimentou um instante de ausência de gravidade. A agitação se acalmou, e ela pôde pensar direito novamente. Ela não estava perdendo o juízo nem deixando que sua imaginação a dominasse.

— Você tem certeza?

— Na verdade, ele não mudou tanto assim — disse Phil. — E, olhe, aqui está a cicatriz... — Ele a traçou com a ponta do dedo. — A tatuagem de carvão atravessando a sobrancelha direita. A fina linha azulada. É Mick Prentice. Eu apostaria uma grana nisso.

— Mick Prentice era um dos sequestradores? — Mesmo a seus próprios ouvidos, Karen soava um pouco hesitante.

— Acho que nós dois sabemos que ele era mais do que isso — disse Phil.

— O registro — disse Karen.

— Exatamente. Tudo isso foi planejado antes mesmo de Mick abandonar Jenny. Ele havia estabelecido uma identidade falsa para poder começar uma vida nova. Mas só pode haver uma razão para que ele precisasse estabelecer uma nova identidade para Adam.

— Ele não estava em absoluto planejando pedir resgate por ele — disse Karen. — Porque ele era o pai de Adam. Não o Fergus Sinclair. Mick Prentice.

— Ela tomou um gole do vinho. — Foi uma armação, não foi? Não havia anarquistas coisa nenhuma, havia?

— Não. — Phil suspirou. — Parece que havia dois mineiros: Mick e seu amigo Andy.

— Você acha que Andy fazia parte do plano?

— É o que parece. De que outra forma se pode explicar o fato de ele terminar enterrado na caverna, justo na mesma época?

— Mas por quê? Por que matá-lo? Ele era o melhor amigo de Mick — protestou Karen. — Se existia alguém em quem ele podia confiar, era Andy. Do jeito que vocês homens são, ele provavelmente confiaria muito mais em Andy do que em Cat.

— Pode ter sido um acidente. Talvez ele tenha batido a cabeça entrando ou saindo do barco.

— River disse que a parte de trás da cabeça estava afundada. Isso não parece um acidente ao entrar num barco.

Phil jogou as mãos para o alto, num gesto de “que seja!”.

— Ele pode ter tropeçado, batido a cabeça no cais. Estava um caos, naquela noite. Pode ter acontecido qualquer coisa. Aposto que Andy foi um conspirador.

— E Cat? Ela fazia parte do plano ou foi uma vítima? Ela e Mick ainda estavam juntos ou ele estava tentando ficar com o filho e com bastante dinheiro de Brodie Grant para que os dois pudessem viver bem?

Phil coçou a cabeça.

— Acho que ela fazia parte do plano — ele disse. — Se eles houvessem se separado e ele tivesse sequestrado os dois, ela jamais teria deixado que tirassem Adam de seus braços. Ela teria sentido medo demais se ele tirasse a criança dela.

— Não posso acreditar que eles tenham conseguido se safar — ela disse.

Phil arrumou os papéis.

— Lawson estava olhando na direção errada. E com bons motivos.

— Não, não. Não me refiro ao sequestro. Digo o caso amoroso. Todo mundo sabe da vida de todo mundo em um lugar como Newton. Eu diria até que é mais fácil se livrar impunemente de um assassinato do que de um caso extraconjugal.

— Bem, parece que fizemos o que Lawson não conseguiu. Solucionamos o sequestro e encontramos Adam MacIennan Grant.

— Não é bem assim — disse Karen. — Na verdade, não sabemos onde ele está. E tem o pequeno detalhe de um monte de sangue derramado na Toscana. Que poderia ser dele.

— Ou poderia ter sido derramado por ele. Nesse caso, ele não estaria muito ansioso em ser encontrado.

— Tem uma coisa que ainda não analisamos — Karen disse, passando a Phil o resultado da pesquisa de Novo em Folha. — Parece que Matthias, o titereiro, pode ser de fato um amigo de Cat, da faculdade de arte. A descrição de Toby Inglis parece adequar-se a Matthias, o líder da turma estranha. Onde ele se encaixa na história?

Phil olhou para o papel.

— Interessante. Se ele estava envolvido no sequestro, poderia ser mais do que apenas vergonha por sua carreira nada brilhante o que o estava fazendo ser discreto. — Ele terminou sua taça de vinho e a inclinou na direção de Karen. — Tem mais de onde veio este?

Ela apanhou a garrafa e encheu novamente a taça dele.

— Alguma ideia brilhante?

Phil tomou um gole vagaroso.

— Bem, se esse Toby é Matthias, ele era um velho amigo de Cat. Pode ter sido assim que ele conheceu Mick. Não precisava ser nada planejado, ele poderia simplesmente ter aparecido do nada quando Mick estava lá. Você sabe como são os artistas.

— Na verdade, não sei. Acho que nunca conheci alguém que estudasse na faculdade de artes.

— A namorada do meu irmão estudava. Aquela que está redecorando minha casa.

— E ela tende a ser pouco confiável? — perguntou Karen.

— Não — admitiu Phil. — Imprevisível, sim. Nunca sei o que ela vai me impor a seguir. Talvez eu devesse ter pedido a você que fizesse o trabalho. Esta decoração é definitivamente muito mais agradável aos olhos.

— É minha razão de viver — disse Karen. — Agradar aos olhos. — Houve um momento de profundo silêncio entre eles e, então, ela pigarreou rapidamente e disse: — Mas aí é que está, Phil. Se eles se conheceram quando Mick estava com Cat e, depois, se reencontraram por acaso na Itália, como foi que Mick explicou o que aconteceu com Cat e o fato de ele ter ficado com o menino?

— Então, você quer dizer que ele devia estar envolvido no sequestro também?

Ela deu de ombros.

— Não sei. Não sei mesmo. Só sei que precisamos fazer a polícia italiana encontrar a pessoa cujo sangue não está no chão daquela *villa* para que possamos lhe fazer algumas perguntas relevantes.

— Outro desafio para a mulher que colocou Jimmy Lawson atrás das grades. — Ele ergueu a taça para ela.

— Nunca vão se esquecer disso, né?

— E por que você iria querer que se esquecessem?

Karen desviou o olhar.

— Às vezes, é como se fosse um peso nas minhas costas, tal como *O Homem que Matou o Facínora*.

— Não tem nada a ver — disse Phil. — Você pegou o Lawson de forma totalmente justa.

— Depois que outra pessoa fez todo o trabalho. Assim como desta vez, com Bel fazendo todo o serviço braçal.

— Você fez o trabalho que importava, as duas vezes. Ainda estaríamos na estaca zero, se você não tivesse feito com que escavassem a caverna e interrogassem adequadamente os caras de Nottingham. Se você vai começar a citar filmes, lembre-se de como era: “Quando a lenda se transforma em fato, publique a lenda.” Você é uma lenda, Karen. E merece ser.

— Gale a boca, você está me deixando encabulada.

Phil se recostou na cadeira e abriu um sorriso.

— Entregam pizza por aqui?

— Por quê? Você está se oferecendo para pagar?

— Estou. Nós merecemos uma comemoraçãozinha, você não acha? Percorremos um bom caminho para resolver dois casos arquivados. Ainda que tenhamos terminado com o assassinato de Andy Kerr como uma espécie mórbida de bônus. Você pede a pizza, enquanto eu vou dar uma olhada nos seus DVDs.

— Eu deveria falar com os italianos — Karen disse, sem muita vontade.

— Com a diferença de fuso horário, são quase oito horas lá. Você acha mesmo que vai haver alguém de alto escalão por lá? É melhor você esperar até amanhã cedo e conversar com o cara com quem já vem lidando. Relaxe, pelo menos uma vez na vida. Desligue. Vamos terminar o vinho, mandar ver uma pizza e assistir a um filme. O que você me diz?

Sim, sim, sim!

— Parece uma boa ideia — Karen disse. — Vou pegar os cardápios.

Celadoria, perto de Greve, em Chianti

O sol estava se encaminhando para as montanhas, uma esfera escarlate no espelho retrovisor, conforme Bel dirigia para o leste, saindo de Greve. Grazia havia se encontrado com ela num bar na *piazza* principal e lhe entregado o papel com as instruções de como chegar à casinha simples onde Gabriel Porteous estava morando. A pouco mais de três quilômetros da cidade, ela encontrou a curva correta indicada no mapa rabiscado. Dirigiu devagar, atenta para um par de

postes de pedra à esquerda. Imediatamente após passar por eles, deveria haver uma estrada de terra à esquerda.

E lá estava. Um caminho estreito que serpenteava entre fileiras de vinhas e o contorno da colina; seria fácil passar sem uma segunda olhada se você não a estivesse procurando. Mas Bel estava procurando, e não hesitou. O mapa tinha uma cruz no lado esquerdo do caminho, mas, obviamente, o desenho não estava em escala. A ansiedade começou a tomar conta dela conforme a distância da estrada principal aumentava. Então, de repente, matizada de cor-de-rosa ao sol poente, uma construção baixa de pedra surgiu diante de seus olhos. Parecia a um passo da completa destruição. Mas isso não era incomum, mesmo numa área da moda como a região de Chianti.

Bel estacionou o carro na beira da estrada e saiu, esticando as costas depois de ter passado horas sentada. Antes de dar alguns passos, a porta de madeira se abriu com um rangido, e o jovem das fotografias apareceu na soleira, vestido com uma calça jeans cortada e uma camiseta regata cavada que destacava a pele de bronzado uniforme. Sua postura era casual; uma das mãos na porta, outra no batente, um ar de indagação educada no rosto. Ao vivo, a semelhança com Brodie Grant era suficientemente notável para parecer sobrenatural. Só as cores eram diferentes. Enquanto o jovem Brodie tivera cabelo tão negro quanto o de Cat, o de Gabriel era de tom caramelo, iluminado por mechas douradas pelo sol. Com exceção disso, ambos poderiam ter sido irmãos.

— Você deve ser Gabriel — Bel disse em inglês.

Ele inclinou a cabeça, as sobranceiras abaixaram-se e lançaram mais sombra ainda nos olhos fundos.

— Acho que não nos conhecemos — ele disse. Falava inglês com a musicalidade subjacente do italiano.

Ela se aproximou e estendeu a mão.

— Sou Bel Richmond. Andrea, da galeria de arte de San Gimi, não mencionou que eu viria?

— Não — ele disse, cruzando os braços sobre o peito. — Não tenho nenhum trabalho do meu pai para vender. Você perdeu seu tempo vindo até aqui.

Bel riu. Era uma risada leve e charmosa, na qual ela vinha trabalhando havia três anos para momentos como aquele, diante de uma porta.

— Você me entendeu mal. Não estou tentando roubar você ou Andrea. Sou jornalista. Ouvi falar sobre o trabalho do seu pai e queria escrever uma reportagem sobre ele. E, então, descobri que era tarde demais. — O rosto dela se suavizou e ela lhe dirigiu um sorrisinho solidário. — Eu sinto muito. Para ter pintado aqueles quadros, ele deve ter sido um homem notável.

— E foi — disse Gabriel. Ele pareceu ter dito aquelas duas palavras com

extrema relutância. Seu rosto continuou impenetrável.

— Achei que talvez pudesse ainda ser possível escrever algo.

— Não existe razão, não é mesmo? Ele morreu.

Bel lhe dirigiu um olhar astuto. Reputação ou dinheiro: essa era a questão agora. Ela não conhecia aquele rapaz o suficiente para saber o que lhe permitiria cruzar a soleira. E ela queria muito cruzar a soleira da porta antes de jogar a bomba do que realmente sabia a respeito dele e do pai.

— Aumentaria a reputação dele — ela disse. — Garantiria que seu nome se estabelecesse. E isso, obviamente, também valorizaria seu trabalho.

— Não estou interessado em publicidade. — Ele deu um passo para trás, a porta começando a se fechar.

Hora de jogar os dados.

— Posso entender o porquê disso, Adam. — Ela atingiu o alvo, a julgar pelo rápido espasmo de choque que passou por seu semblante. — Veja bem, eu sei muito mais do que contei a Andrea. O suficiente para escrever uma história, com certeza. Você quer conversar sobre isso? Ou devo simplesmente ir embora e escrever o que sei sem ouvir o que você tem a dizer sobre a forma como o mundo vê você e seu pai?

— Não sei do que você está falando — ele disse.

Bel já tinha visto suficiente bravata em sua vida para reconhecê-la.

— Ah, faça-me o favor — ela disse. — Não me faça perder tempo. — Ela se virou e começou a caminhar de volta para o carro.

— Espere — ele gritou atrás dela. — Olhe, acho que você está vendo as coisas pelo lado errado. Mas vamos entrar e tomar uma taça de vinho. — Bel girou nos calcanhares sem um segundo de hesitação e se dirigiu até ele. O rapaz deu de ombros e lhe deu um sorriso de cão sem dono. — É o mínimo que posso fazer, já que você veio até aqui.

Ela o seguiu para dentro de uma clássica sala obscura da Toscana, que servia como sala de estar, sala de jantar e cozinha. Havia até mesmo um nicho para cama além da lareira, mas, em vez de um colchão estreito, continha uma televisão de plasma e um aparelho de som que Bel ficaria feliz em instalar em sua própria casa.

Havia uma mesa de pinho riscada e esfregada ao lado do fogão. Um maço de Marlboro Light e um isqueiro descartável estavam ao lado de um cinzeiro transbordante. Gabriel puxou uma cadeira para Bel na extremidade mais distante e, então, trouxe duas taças e uma garrafa de vinho sem rótulo. Enquanto ele estava de costas para ela, Bel apanhou uma guimba de cigarro do cinzeiro e a deslizou para dentro de seu bolso. Agora, poderia ir embora a qualquer instante e já teria o que precisava para provar se este jovem era realmente Adam

MacLennan Grant. Gabriel se acomodou na ponta da mesa, serviu o vinho e levantou sua taça para ela.

— Saúde!

Bel brindou com ele.

— Que bom finalmente conhecê-lo, Adam — disse.

— Por que você continua me chamando de Adam? — ele perguntou, aparentemente perplexo. Ele era bom, tinha de admitir. Um dissimulador melhor do que Harry, que nunca conseguia impedir suas bochechas de se ruborizarem quando mentia. — Meu nome é Gabriel. — Ele tirou um cigarro do maço e o acendeu.

— É agora — Bel admitiu. — Mas não é seu nome verdadeiro, assim como Daniel Porteous não era o nome verdadeiro do seu pai.

Ele deu uma risadinha, sacudindo a mão no ar num gesto de incompreensão.

— Está vendo só, isso é bizarro demais para mim. Você aparece na minha casa, nunca te vi antes, e começa a falar tudo isso... Não quero parecer grosseiro, mas, falando sério, não existe outro nome para isso além de falar merda. Como se eu não soubesse meu próprio nome.

— Acho que você sabe seu próprio nome. Acho que sabe exatamente do que estou falando. Quem quer que fosse seu pai, o nome dele não era Daniel Porteous. E você não é Gabriel Porteous. Você é Adam MacLennan Grant. — Bel pegou a bolsa e retirou dela uma pasta. — Esta é a sua mãe. — Ela pegou uma foto de Cat Grant no iate do pai, rindo, com a cabeça jogada para trás. — E este é o seu avô. — Ela mostrou um retrato publicitário de Brodie Grant com quarenta e poucos anos. Ergueu os olhos e viu o peito de Gabriel se elevando e abaixando em compasso com sua respiração rápida e superficial. — A semelhança é impressionante, você não acha?

— Então, você encontrou algumas pessoas que se parecem um pouco comigo. O que é que isso prova? — Ele tragou o cigarro com força, os olhos semifechados por causa da fumaça.

— Nada, por si só. Mas você apareceu na Itália com um homem usando a identidade de um menino que morreu muitos anos antes. Vocês dois apareceram não muito depois de Adam MacLennan Grant e sua mãe terem sido sequestrados. A mãe de Adam morreu quando a entrega do resgate se complicou, mas Adam desapareceu sem deixar vestígios.

— Isso é muito pouco — disse Gabriel. Ele já não estava mais olhando nos olhos dela. Esvaziou sua taça e a encheu novamente. — Não vejo nenhuma ligação real comigo e com meu pai.

— O resgate era exigido através de um formato muito específico. Um

pôster de um titereiro. O mesmo pôster apareceu numa *villa* perto de Siena que estava sendo habitada ilegalmente por uma trupe de titereiros, liderada por um cara chamado Matthias.

— Estou totalmente por fora. — Os olhos dele podiam estar focalizados acima do ombro dela, mas seu sorriso era puro charme. Igual ao do avô.

Bel colocou uma foto de Gabriel tirada na festa na Boscolata sobre a mesa.

— Resposta errada, Adam. Este aqui é você numa festa em que você e seu pai eram convidados de Matthias. Liga vocês dois a um pedido de resgate que foi feito, por você e por sua mãe, há vinte e dois anos. O que é mais do que sugestivo, você não acha?

— Não sei do que você está falando — ele disse.

Ela reconhecia a linha de teimosia no queixo, de seus encontros com Brodie Grant. De verdade, ela poderia ir embora naquele momento e contar com o DNA para fazer o que fosse necessário. Mas não conseguia se controlar. O instinto de jornalista, de entrar no jogo e conseguir o furo de reportagem, era forte demais.

— É claro que sabe. É uma ótima história, Adam. E eu vou escrevê-la com ou sem a sua ajuda. Mas tem mais, não tem?

Não havia nada de amistoso no olhar que Gabriel lhe dirigiu.

— Isso tudo é uma grande bobagem. Você pegou algumas coincidências e construiu essa fantasia. O que está esperando conseguir com isso? Dinheiro desse tal de Grant? Uma historiazinha chulé pra revista? Se você tiver uma gota de reputação, vai destruí-la, se escrever isso.

Bel sorriu. Suas ameaças frágeis lhe disseram que ela o pegara. Hora do golpe fatal.

— Como eu disse, tem mais. Você pode achar que está seguro, Adam, mas não está. Há uma testemunha, entende... — Ela deixou a frase pairando no ar.

Ele amassou o cigarro e imediatamente pegou outro.

— Uma testemunha do quê? — Havia um tom cortante em sua voz que fez Bel sentir que estava no caminho certo.

— Você e Matthias foram vistos juntos um dia antes de a trupe do BurEst ter desaparecido da Villa Totti. Você esteve na *villa* com ele, naquela noite. No dia seguinte, todos haviam ido embora. Assim como você.

— E daí? — Agora ele pareceu irritado. — Mesmo que isso seja verdade, e daí? Me encontrei com um amigo do meu pai. Meu pai, que havia acabado de morrer. No dia seguinte, ele vai embora da cidade com sua equipe. E daí, porra?

Bel deixou que as palavras dele pairassem no ar. Ela estendeu a mão para os cigarros dele e pegou um.

— E daí é que há uma mancha de sangue equivalente a alguns litros no chão da cozinha. O.k., você já sabe essa parte. — Ela acionou o isqueiro, o

brilho da chama revelava quanto havia escurecido durante o curto espaço de tempo desde a hora em que ela havia chegado. O cigarro foi aceso, ela tragou a fumaça para dentro da boca e a deixou esvair-se lentamente por um canto. — O que você provavelmente não sabe é que a polícia italiana deu início a uma investigação por assassinato. — Ela bateu com o cigarro, sem razão, na borda do cinzeiro. — Acho que está na hora de você abrir o jogo sobre o que aconteceu em abril passado.

Quinta-feira, 26 de abril de 2007; Villa Totti, Toscana

Até os últimos dias da vida de seu pai, Gabriel Porteous não tinha compreendido sua proximidade com o homem que o havia criado sozinho. A ligação entre pai e filho nunca tinha sido algo em que ele pensasse muito. Se tivesse sido pressionado a tanto, teria caracterizado o relacionamento entre eles mais como cortês do que como intenso, principalmente quando o comparava com a ligação dinâmica que a maioria de seus amigos tinha com o pai. Ele atribuía isso ao fato de Daniel ser britânico. Afinal, os britânicos eram supostamente rígidos e reservados, não eram? Além disso, todos os seus amigos tinham famílias grandes, estendendo-se tanto vertical quanto horizontalmente através do tempo e do espaço. Em um ambiente assim, era preciso reclamar seus direitos ou deixar-se afundar sem vestígios. Mas Gabriel e Daniel só tinham um ao outro. Não precisavam competir por atenção. Portanto, não havia problema em ser pouco efusivo. Ou, ao menos, era isso o que ele dizia a si mesmo. Não havia sentido em admitir a ânsia pelo tipo de família que jamais poderia ter. Avós falecidos, filho único de um filho único, ele nunca seria parte de um clã, como seus amigos. Ele deveria ser estoico, como o pai, aceitando aquilo que não podia ser mudado. Ao longo dos anos, tinha fechado a porta a seu desejo por algo diferente, aprendendo a curvar-se diante do inevitável e lembrando a si mesmo de olhar o lado positivo de seu status solitário.

Portanto, quando Daniel contou a ele sobre seu diagnóstico de câncer, Gabriel entrou num processo de negação. Ele não podia conceber a vida sem Daniel. Aquela informação horrível não fazia sentido em sua visão de mundo, então ele simplesmente levou a vida adiante, como se a notícia jamais lhe houvesse sido dada. Não havia necessidade de ir à sua casa com mais frequência. Não havia necessidade de aproveitar cada oportunidade possível de passar algum tempo com Daniel. Não havia necessidade de conversar sobre um futuro que não incluía seu pai. Porque isso não iria acontecer. Gabriel não seria abandonado pela única família que tinha.

Mas, finalmente, foi impossível ignorar a realidade, que era maior do que sua capacidade de resistência. Quando Daniel lhe telefonou do hospital Policlínico Le Scotte e disse, numa voz mais frágil que um sussurro, que precisava que Gabriel fosse até lá, a verdade o atingiu com a força de um saco de areia golpeado contra a nuca. Aqueles dias finais, ao lado da cama de seu pai, tinham sido torturantes para Gabriel, ainda mais porque ele não havia se permitido preparar-se para eles.

Era tarde demais para a conversa que Gabriel finalmente desejava ter, mas, em um de seus momentos de lucidez, Daniel havia lhe contado que Matthias tinha uma carta guardada para ele. Não poderia dar a Gabriel uma noção do que ela continha, apenas podia dizer que era importante. Aquilo era, pensou Gabriel, típico de seu pai, o artista, comunicar-se por papel em vez de cara a cara. Ele havia transmitido as instruções para seu enterro por e-mail. Um funeral reservado fora pago antecipadamente, em uma igreja renascentista pequena, mas perfeita, em Florença, com apenas Gabriel presente para enterrá-lo em um cemitério comum na periferia, a oeste da cidade. Daniel havia anexado um arquivo de MP3 com a música *Tenebrae Responsories*, de Gesualdo, para que o filho carregasse em seu iPod e escutasse no dia do enterro. A escolha da música surpreendeu Gabriel; seu pai sempre ouvia música enquanto pintava, mas nunca algo daquele estilo. Não havia qualquer explicação para a música. Apenas outro mistério, como a carta deixada com Matthias.

Gabriel tinha planejado visitar Matthias, na *villa* caindo aos pedaços perto de Siena, depois que houvesse passado o primeiro impacto de sua dor. Mas, quando saiu do cemitério, o titereiro estava esperando por ele. Matthias e sua parceira, Ursula, tinham sido o mais próximo de um tio e uma tia que Gabriel conhecera. Sempre haviam sido parte de sua vida, ainda que nunca permanecessem num lugar tempo suficiente para que ele se familiarizasse com eles. Tampouco tinham sido acessíveis emocionalmente; Matthias era centrado demais em si mesmo, e Ursula, centrada demais em Matthias. Mas ele havia passado férias com eles, quando era criança, enquanto o pai viajava sozinho por algumas semanas. Gabriel chegava ao fim das férias com a pele bronzeada de sol, cabelos revoltos e joelhos esfolados; Daniel retornava com uma sacola repleta de novos trabalhos feitos em locais mais distantes: Grécia, Iugoslávia, Espanha, Norte da África. Gabriel sempre ficava feliz ao ver o pai, mas sua alegria era temperada por ter de se despedir do toque de luminosidade dos cuidados de Ursula e Matthias.

Agora Gabriel e Matthias se entregaram a um abraço sem palavras nos portões do cemitério, aferrando-se um ao outro como um náufrago a um pedaço de madeira, sem se importar com a pouca estabilidade. No fim, separaram-se, Matthias afagando-o gentilmente no ombro.

— Venha para casa comigo — ele disse.

— Você tem uma carta para mim — Gabriel falava, caminhando ao lado dele.

— Está na *villa*.

Um ônibus até a estação, um trem até Siena e, então, seguiram na van de Matthias de volta à Villa Totti, tudo quase sem trocarem uma palavra. A tristeza

os cobria, deixando-os de cabeça baixa e ombros curvados. Quando chegaram, a bebida parecia a única solução que ambos podiam enfrentar. Felizmente, o restante da trupe BurEst havia saído cedo para um trabalho em Grossetto, deixando Gabriel e Matthias sozinhos para enterrar os mortos.

Matthias serviu o vinho e colocou um envelope estufado na frente de Gabriel.

— Aqui está a carta — ele disse, sentando-se para apertar um baseado.

Gabriel o apanhou e voltou a deixá-lo sobre a mesa. Tomou quase todo o vinho da taça e, então, correu um dedo pela borda do envelope. Bebeu um pouco mais, compartilhou o baseado e continuou bebendo. Não conseguia imaginar nada que Daniel pudesse lhe contar que precisasse de tanto papel. Indicava uma revelação, e Gabriel não tinha certeza se queria uma revelação naquele momento. Já era doloroso demais apegar-se à memória do que havia perdido.

Em algum momento, Matthias se levantou e colocou um CD num reproduutor portátil. Gabriel foi surpreendido pela mesma música que escutara antes, reconhecendo as estranhas dissonâncias.

— Meu pai me mandou esta música — disse. — Ele me disse para ouvi-la hoje.

Matthias assentiu.

— Gesualdo. Ele assassinou a própria esposa e o amante dela, sabe? Alguns dizem que ele matou seu segundo filho porque não tinha certeza se era realmente o pai. E seu sogro também, supostamente, porque o velho queria se vingar. Gesualdo conseguiu sua retaliação primeiro. Então, ele se arrependeu e passou o resto da vida compondo música sacra. Serve para mostrar algo. Você pode fazer coisas terríveis e ainda encontrar a redenção.

— Não entendo. — Gabriel disse, pouco à vontade. — Por que ele iria querer que eu ouvisse isso? — Eles já estavam na segunda garrafa de vinho e no terceiro baseado. Ele se sentia um pouco zozinho, mas nada muito sério.

— Você realmente deveria ler a carta — disse Matthias.

— Você sabe o que tem nela — disse Gabriel.

— Mais ou menos. — Matthias se levantou e foi em direção à porta. — Vou até a varanda para tomar um pouco de ar. Leia a carta, Gabe.

Era difícil não sentir que havia algo de nefasto numa carta entregue em tais circunstâncias. Difícil evitar o medo de que o mundo mudasse para sempre. Gabriel desejou fugir daquilo; quis deixá-la fechada e que sua vida seguisse adiante, inalterada. Mas não podia ignorar a mensagem final de seu pai. Apressadamente, ele a agarrou e rasgou o envelope. Seus olhos se encheram de lágrimas ao ver a caligrafia familiar, mas ele se obrigou a ler.

Caro Gabriel.

Sempre quis te contar a verdade a seu respeito, mas nunca parecia o momento certo. Agora estou morrendo, e você merece a verdade, mas tenho medo demais de que você se afaste e me deixe enfrentar o fim sozinho. Então, estou escrevendo esta carta que você receberá de Matthias depois que eu tiver partido. Tente não ser muito duro comigo. Fiz algumas coisas estúpidas, mas as fiz por amor.

A primeira coisa que vou dizer é que, embora eu tenha dito a você um monte de mentiras, se existe uma coisa que é verdade, somente a verdade e nada mais que a verdade é que sou seu pai e te amo mais do que qualquer outro ser humano. Apegue-se a essa ideia quando desejar que eu estivesse vivo para que você pudesse me matar.

É difícil saber por onde começar esta história. Mas aí vai. Meu nome não é Daniel Porteous, e não sou de Glasgow. Meu primeiro nome é Michael, mas todos me chamavam de Mick. Mick Prentice era quem eu costumava ser. Eu era um mineiro de carvão, nascido e criado em Newton of Wemyss, em Fife. Eu tinha esposa e uma filha, Misha. Ela tinha quatro anos de idade quando você nasceu. Mas estou me adiantando, porque vocês dois tiveram mães diferentes e eu preciso explicar isso.

A única coisa na qual eu era bom, além de extrair carvão, era a pintura. Eu era bom em artes na escola, mas de jeito nenhum alguém como eu poderia fazer alguma coisa com isso. Fui encaminhado para trabalhar na mina e isso seria tudo. Então, o Serviço Social dos Mineradores ofereceu um curso de pintura e eu tive a chance de aprender alguma coisa com uma artista de verdade. Acabou que eu tinha um dom para aquarelas. As pessoas gostavam do que eu pintava e eu podia vender as pinturas por algumas libras, de vez em quando. Pelo menos antes da greve dos mineiros, em 1984, quando as pessoas ainda tinham dinheiro para luxos.

Uma tarde, em setembro de 1983, eu saí do turno do dia, e a luz estava incrível, então peguei minhas tintas e subi os rochedos no extremo mais distante do vilarejo. Estava pintando a vista do mar através dos troncos de árvore. A água estava luminosa, ainda posso me lembrar de como parecia bonito demais para ser verdade. Enfim, eu estava totalmente concentrado no que fazia, sem prestar atenção em mais nada. E de repente, uma voz disse: “Você é bem mesmo.”

E o que notei logo de cara foi que ela não parecia surpresa. Eu estava acostumado a que as pessoas ficassem estupefatas que um

mineiro pudesse pintar uma bela paisagem. Como se fosse um macaco fazendo aquilo ou coisa parecida. Mas ela não. Não Catriona. Desde aquele primeiro instante, ela falou comigo como se eu estivesse em pé de igualdade com ela.

Eu quase caguei nas calças, veja você. Pensei que estivesse totalmente sozinho e, de repente, alguém bem do meu lado estava falando comigo. Ela viu como eu fiquei apavorado e riu e pediu desculpas por ter me perturbado. Mas então eu percebi como ela era linda. Cabelo negro como a asa de um corvo, estrutura óssea que parecia ter sido esculpida por um cinzel impecável. Olhos tão fundos que era preciso se aproximar muito para ter certeza da cor (azul como o índigo, a propósito) e um sorriso enorme capaz de ofuscar o sol. Você se parece tanto com ela que, às vezes, fico com o coração apertado e sinto vontade de chorar feito um bebê.

Então, lá estava eu, no bosque, cara a cara com essa criatura incrível e não conseguia encontrar uma palavra para dizer. Ela estendeu a mão para mim e disse: “Sou Catriona Grant.” Praticamente engasguei tentando pigarrear para que pudesse lhe dizer meu nome. Ela disse que também era artista plástica, escultora de vidro. Fiquei mais surpreso ainda, então. A única outra artista que eu havia conhecido era a mulher que dava as aulas de pintura, e ela não era grande coisa. Mas eu simplesmente sabia que Catriona estava à altura da profissão. Ela se deslocava com uma aura de autoconfiança, o tipo de cena que você só tem quando é artista de verdade. Mas estou me adiantando novamente.

De qualquer modo, conversamos um pouco sobre o tipo de trabalho que estávamos interessados em fazer e nos entendemos bastante bem. Eu estava simplesmente agradecido por ter alguém com quem conversar sobre arte. Eu não tinha visto muito de arte ao vivo, por assim dizer, só o que tinham na Galeria de Arte de Kirkcaldy. Mas acontece que eles tinham muita coisa boa lá, o que me ajudou um pouco no início.

Catriona me disse que tinha um ateliê e um sítio na entrada principal e me convidou para ir até lá conhecer suas instalações. Então, ela seguiu seu caminho e eu senti como se a luz houvesse sido retirada do dia.

Levei algumas semanas para criar coragem e ir ver seu ateliê. Não era difícil chegar lá — apenas alguns quilômetros atravessando o bosque —, mas eu não tinha certeza se ela realmente queria que eu

fosse ou só estava sendo educada. O que demonstra como eu a conhecia pouco na época! Catriona nunca disse nada que não quisesse dizer. E, da mesma maneira, nunca se reprimiu quando tinha algo a dizer.

Fui até lá para vê-la num dia em que estava chovendo e eu não podia pintar. Seu sítio era uma antiga casa de caseiro na propriedade de Wemyss. Não era maior do que a casa em que eu morava com minha esposa e filha, mas ela a havia pintado com cores vibrantes que faziam os cômodos parecerem amplos e ensolarados, até mesmo no dia mais feio e cinza. Mas o melhor de tudo era o ateliê e a galeria que ela tinha nos fundos. Uma grande fornalha para vidro e muito espaço de trabalho. E, ne outro extremo, prateleiras para que as pessoas pudessem ver e comprar seus produtos. Seu trabalho era lindíssimo. Linhas suaves e arredondadas. Formas muito sensuais. E cores incríveis. Eu nunca tinha visto peças de vidro como aquelas e, mesmo aqui, na Itália, você teria de procurar muito para achar cores tão ricas e intensas. O vidro parecia estar pegando fogo com as diferentes cores. Você sentia vontade de pegá-lo e segurá-lo junto a si. Eu gostaria de ter uma peça dela, mas nunca pensei que precisaria de uma parte dela até que fosse tarde demais. Talvez um dia você possa procurar alguma coisa que ela tenha feito e, então, entenderá o poder do seu trabalho.

Foi uma bela tarde. Ela fez café, café de verdade, como não se encontrava muito na Escócia, naquela época. Tive que colocar açúcar extra, e o sabor foi estranho para mim, a princípio. E nós conversamos. Eu não podia acreditar em como nós conversamos. Sobre tudo que existia sob o sol, ou assim pareceu. Era óbvio, desde a primeira vez em que ela abriu a boca, naquele dia no bosque, que ela pertencia a uma classe diferente da minha, mas naquela tarde isso não pareceu fazer muita diferença.

Combinamos de nos encontrar novamente no ateliê, alguns dias mais tarde. Acho que nenhum de nós tinha qualquer noção de que pudesse haver riscos no que estávamos fazendo. Mas estávamos brincando com fogo. Nenhum dos dois tinha outra pessoa na vida com quem pudesse conversar da forma como fazíamos um com o outro. Éramos jovens — eu tinha vinte e oito e ela, vinte e quatro, mas naquele tempo éramos muito mais inocentes de que você e seus amigos, na mesma idade. E desde o primeiro momento que nos vimos, houve eletricidade entre nós.

Sei que você não quer pensar em sua mãe e seu pai apaixonados e

tudo o que acompanha isso, então não vou te incomodar com os detalhes. Só o que vou dizer é que nos tornamos amantes logo e acho que para nós dois foi como sair para a intensa luz do sol após ter se acostumado às lâmpadas elétricas. Estávamos doidos um pelo outro.

E, é claro, era impossível. Logo fiquei sabendo a verdade sobre sua mãe. Ela não era simplesmente uma garota de classe média. Não era simplesmente Catriona Grant. Era a filha de Sir Broderick MacLennan Grant. É um nome que todo mundo na Escócia conhece, assim como todos na Itália conhecem Silvio Berlusconi. Grant é construtor e desenvolve empreendimentos imobiliários. Em qualquer parte da Escócia que você vá, vê o nome da empresa dele em guias e tapumes. Além disso, ele possui participações em outros negócios, como estações de rádio, um time de futebol, uma destilaria de uísque, uma empresa de transportes e uma rede de centros de lazer. Ele também é um tirano. Tentou impedir Catriona de se tornar escultora. Tudo que ela fazia era a despeito dele. Ele jamais teria permitido que ela tivesse um relacionamento com alguém tão comum quanto um mineiro. Muito menos um mineiro que estava casado com outra pessoa.

E, sim, eu estava casado com outra pessoa. Não estou tentando desculpar a mim mesmo. Não quis ser um filho da puta traidor, mas Catriona me deixou enlouquecido. Nunca me senti daquele jeito com relação a alguém, nem antes nem depois dela. Você deve ter percebido que eu nunca fui de ter namoradas. O problema é que ninguém nunca conseguia chegar aos pés de Catriona. A forma como ela fazia que eu me sentisse, acho que ninguém mais poderia conseguir.

E, então, ela ficou grávida de você. Você entende, filho, você não é Gabriel Porteous. Na verdade, é Adam MacLennan Grant. Ou Adam Prentice, se você preferir.

Quando isso aconteceu, eu teria deixado minha esposa por Catriona, sem dúvida nenhuma. Era o que eu queria fazer e disse a ela. Mas ela havia saído de um relacionamento que ia e vinha durante anos, não fazia muito tempo. Não estava preparada para morar comigo e não estava preparada para outra briga com o pai. Acho que ninguém nunca desconfiou que nos conhecêssemos. Éramos cuidadosos. Eu sempre ia e vinha pelo bosque, e todos sabiam que eu era pintor, então ninguém dava muita atenção para as minhas andanças.

Portanto, concordamos em manter as coisas como estavam. Nós nos víamos quase todos os dias, ainda que fosse apenas por vinte

minutos. E quando você nasceu, passei tanto tempo quanto era possível com vocês dois. Naquele tempo, eu estava em greve, então não tinha um trabalho que me mantivesse longe de vocês.

Não vou encher a sua cabeça contando sobre a greve de um ano dos mineiros, que destruiu o sindicato e o espírito dos homens. Existem muitos livros sobre o assunto. Leia o livro “GB84” de David Peace, se você quiser ter uma ideia de como foi. Ou pegue o DVD de “Billy Elliot”. Tudo que você precisa saber é que, a cada semana que passava, eu ansiava por algo diferente, uma vida na qual nós três pudéssemos ficar juntos.

Quando você tinha alguns meses de vida, Catriona também havia mudado de ideia. Ela queria que ficássemos juntos. Um novo começo em algum lugar onde ninguém nos conhecesse. O grande problema é que não tínhamos dinheiro. Catriona mal estava ganhando para sobreviver com seus trabalhos em vidro, e eu não estava trabalhando nada por causa da greve. Ela só conseguia manter sua casa e o ateliê porque a mãe dela pagava o aluguel. Era uma espécie de suborno, para que Catriona ficasse por perto. Então nós sabíamos que a mãe dela não iria pagar para que fôssemos morar juntos em outro lugar. Tampouco podíamos continuar ali. Abandonar minha esposa e filha no auge da greve, para ir viver com alguém da classe patronal, teria sido considerado pior de que furar a greve. Teriam atirado tijolos nas nossas janelas. Então, sem um tostão com que começar, estávamos perdidos.

Então Catriona teve esta ideia. A primeira vez que ela a mencionou, achei que tivesse ficado louca. Mas, quanto mais ela falava sobre isso, mais me convencia de que iria funcionar. A ideia era que fingíssemos um sequestro. Eu abandonaria minha família, faria parecer que tinha furado a greve e me esconderia na casa de Catriona. Algumas semanas depois, você e Catriona desapareceriam, e o pai dela receberia um pedido de resgate. Todos pensariam que vocês tivessem sido sequestrados. Nós sabíamos que o pai dela pagaria o resgate, se não por ela, então por você. Eu pegaria o dinheiro, você e Catriona voltariam e, algumas semanas depois, Catriona levaria você embora, dizendo que estava abalada demais pelo sequestro para continuar vivendo ali. E nos encontraríamos e começaríamos nossa vida juntos.

Parece simples, dito assim. Mas ficou realmente complicado e tudo foi para o buraco. Na verdade, sua mãe não teria conseguido pensar numa ideia pior nem se tivesse passado o resto da vida tentando.

A primeira coisa que percebemos quando começamos a planejar os detalhes era que não poderíamos fazer tudo só os dois. Precisávamos de mais um par de mãos. Você consegue imaginar tentar encontrar alguém em quem pudéssemos confiar para fazer parte de um plano desses? Eu não conhecia ninguém maluco o suficiente para se unir a nós, mas Catriona conhecia. Um de seus velhos amigos da Faculdade de Arte de Edimburgo, um cara chamado Toby Inglis. Um desses malucos de classe alta que topam qualquer coisa. Você sempre o conheceu como Matthias, o titereiro. O homem que terá dado esta carta a você. E ele ainda é um maluco, a propósito.

Ele teve a brilhante ideia de fazer o sequestro parecer um ato político. Ele criou esses pôsteres de um titereiro sinistro com suas marionetes e os usou para transmitir os pedidos de resgate, como se fossem de um grupo anarquista. Foi uma boa ideia. Teria sido uma ideia melhor ainda se ele houvesse destruído a tela que usou para imprimi-los, mas Toby sempre achava que fosse mais esperto que os outros. Então, ele guardou a tela e ainda usa o mesmo pôster, às vezes, para apresentações especiais. Toda vez que o vejo, sinto minhas entranhas se revirarem. Só seria necessário que uma pessoa reconhecesse de onde vem esse pôster, estaríamos metidos até o pescoço em problemas.

Mas estou novamente me adiantando. Eu não tinha muita certeza se deveria te contar tudo isso, e Toby achou que talvez fosse melhor deixar quieto, principalmente porque você já teria que lidar com o fato de eu não estar mais aqui. Mas, quanto mais eu pensava a respeito, mais me parecia que você tinha o direito de saber toda a verdade, mesmo que fosse difícil para você lidar com ela. Apenas se lembre dos anos que tivemos juntos. Lembre-se das coisas boas, é o que redime toda a bobagem que eu fiz. Pelo menos, espero que seja assim.

Uma coisa muito ruim aconteceu na noite em que deixei minha mulher e minha filha. Eu saí de casa de manhã sem dizer nada sobre ir embora. Eu tinha ouvido falar sobre um grupo de fura-greves que iria para Nottingham naquela noite e pensei que todos pensariam que eu tinha ido com eles. Fui direto para a casa de Catriona e passei o dia cuidando de você enquanto ela trabalhava. Estava um frio desgraçado aquele dia e estávamos consumindo um monte de lenha. Depois que escureceu, saí para cortar mais um pouco.

Isso é muito difícil para mim. Não falo sobre esse assunto há vinte e dois anos e ele ainda me assombra. Quando eu era criança,

tinha dois amigos. Como você, o Enzo e o Sandro. Um deles, Andy Kerr, havia se tornado funcionário do sindicato. A greve foi muito dura para ele, e ele estava de licença do trabalho por depressão. Ele vivia em um sítio no bosque, cerca de cinco quilômetros a oeste da casa de Catriona. Ele adorava História Natural e costumava caminhar pelo bosque à noite para observar os texugos, as corujas, esse tipo de coisa. Eu o amava como a um irmão.

Eu estava cortando lenha no bosque quando ele veio ali perto do ateliê. Não sei quem levou o maior susto. Ele me perguntou que diabos eu estava fazendo, cortando lenha para Catriona MacLennan Grant. Então, ele entendeu. E perdeu a cabeça. Veio para cima de mim feito um doido. Larguei o machado e brigamos como dois meninos idiotas.

A briga toda é praticamente um borrão para mim. O que me lembro a seguir é de Andy parar. Ele tombou em cima de mim, então tive que colocar meus braços em volta dele para impedi-lo de cair. Eu fiquei olhando para ele. Não conseguia entender o que estava acontecendo. Então, vi Catriona parada atrás dele segurando o machado. Ela o havia atingido com o lado sem corte, mas era forte, para uma mulher, e havia golpeado com tanta força que afundara seu crânio.

Eu não podia acreditar. Algumas horas antes, havíamos estado felizes da vida. E agora eu estava devastado, segurando o corpo sem vida do meu melhor amigo.

Não sei como consegui sobreviver às horas seguintes. Meu cérebro parecia funcionar independentemente do resto do meu corpo. Eu sabia que tinha que resolver as coisas, proteger Catriona. Andy tinha uma moto com sidecar. Fui andando pelo bosque até a casa dele e voltei com a moto para a casa de Catriona. Nós o colocamos no sidecar e eu dirigi até a caverna Thane's, em East Wemyss. Existe uma série de cavernas lá que vêm sendo usadas pelos humanos há cinco mil anos e eu estava envolvido na sociedade de preservação, então sabia o que estava fazendo. Pude chegar com a moto até a entrada da caverna Thane's. Carreguei Andy pelo resto do caminho e o enterrei numa cova rasa, na parte de trás da caverna.

Voltei alguns dias depois e fiz o teto desmoronar para que ninguém pudesse encontrar o Andy. Eu sabia onde conseguir explosivos de mina — a amiga da minha esposa havia se casado com um auxiliar de mina e me lembrei dele se gabando de ter algumas cargas de dinamite no seu barracão do jardim.

Mas voltemos àquela noite. Eu não havia terminado. Atravessei East Wemyss de volta com a moto e segui até a pilha de detritos da mina. Prendi o acelerador da moto a toda potência e a deixei penetrar na lateral da pilha de detritos. A escória a cobriu completamente enquanto eu fiquei ali, olhando.

Caminhei para casa em completo estupor. Ironicamente, me encontrei com os fura-greves quando eles estavam partindo. Não tenho ideia do que disse a eles, eu estava desorientado.

Quando cheguei à casa de Catriona, ela estava num estado desesperador. Acho que nenhum de nós dormiu aquela noite. Mas, quando a manhã chegou, sabíamos que tínhamos de prosseguir com sua ideia. Além do desejo de começar uma nova vida, precisávamos colocar distância entre Andy e nós. Então, começamos a fazer nossos planos.

Ironicamente, o fato de Andy estar morto solucionou um problema que tínhamos para fingir o sequestro: onde poderíamos esconder você e Catriona sem que ninguém soubesse. Tive a ideia de falsificar um bilhete com a letra de Andy, caso alguém de sua família viesse vê-lo por estar sem notícias dele. Não era um bilhete claro de suicídio. Eu não queria assustá-los, então o deixei um pouco ambíguo. Eu sei que isso parece estranho, mas estou contando como foi, não tentando me fazer parecer bonzinho. Como eu disse, fiz muitas coisas de que me envergonho, mas fiz tudo por amor.

Deixamos passar algum tempo antes de armar o sequestro porque não queríamos que ninguém estabelecesse uma conexão entre a minha partida e o sequestro. Além disso, queríamos ter certeza de que a família de Andy tivesse aceitado que ele havia ido embora e que não fosse aparecer por ali, ao acaso. Sinto vergonha de dizer que falsifiquei alguns cartões-postais com a letra dele e que fui até o norte para enviá-los, depois do Ano-Novo, para que eles ficassem longe do sítio dele e não viessem verificar se ele havia voltado. Precisávamos garantir que estaríamos seguros lá.

No dia combinado, nós três fomos até o sítio de Andy com seus brinquedos e suas roupas e ficamos lá até a noite da entrega do resgate. Toby não ficava muito por lá — ele estava resolvendo a questão dos barcos. Tínhamos decidido marcar a entrega do resgate num lugar de onde pudéssemos escapar de barco. Dissemos a Grant para não contar nada à polícia, mas não tínhamos certeza se ele havia obedecido, portanto, achamos melhor suspender a polícia escapando pela água.

Na época, Toby estava morando no barco do pai, uma lancha oceânica cabinada. Ele entendia de barcos, e tinha decidido que precisávamos realizar nossa fuga num bote inflável com motor externo. Ele conhecia alguém que tinha um, em um abrigo de barcos em Johnstown. Ele achava que ninguém sequer perceberia que o bote não estava lá até maio, então pareceu uma boa ideia.

Enfim, chegou a noite da entrega e nós partimos. Havíamos concordado que Catriona iria apanhar o dinheiro, então nós entregaríamos você para a mãe dela. Iríamos embora com Catriona, então, no dia seguinte, ela apareceria em alguma estrada, supostamente abandonada pelos sequestradores depois que eles tivessem verificado que o resgate era de verdade. Enquanto isso, eu teria dado a Toby sua parte correspondente a um terço, ele teria seguido seu caminho, e eu seguiria o meu, encontrando algum lugar onde pudéssemos morar e trabalhar nas Highlands.

Nada aconteceu como imaginávamos. O lugar estava cheio de policiais armados, embora não percebêssemos. Toby também tinha uma arma, embora eu tampouco percebesse até chegarmos com o barco no ponto de encontro. E Grant tinha uma arma. Era uma receita para o desastre. E foi exatamente um desastre o que conseguimos.

Mesmo depois de todo esse tempo, pensar sobre isso me deixa perturbado. Tudo estava correndo conforme o planejado, mas, por alguma razão, a mãe de Catriona fez um escarcéu na hora de entregar o resgate. Grant ficou perdido e começou a sacudir sua arma para todo lado. Então, Toby apagou o holofote, e o tiroteio começou. Catriona foi apanhada no fogo cruzado. Eu tinha óculos de visão noturna, dos excedentes do exército, e a vi cair a somente alguns metros de mim. Corri até ela. Ela morreu nos meus braços. Tudo terminou em segundos. Ela havia deixado cair a bolsa com o resgate quando fora atingida, e Toby a agarrou. Eu não sabia o que fazer. Você estava no barco, no seu moisés. Nós tínhamos planejado deixá-lo lá. Mas sabia que não poderia abandoná-lo, não com a sua mãe morta. Não poderia deixá-lo para trás para que Grant criasse à imagem dele. Então, corremos para o barco. Apanhei seu moisés e o joguei novamente para dentro do barco e saímos de lá o mais rápido que conseguimos.

A única coisa que aconteceu de acordo com o plano foi o que havíamos decidido fazer para evitar que usassem dispositivos rastreadores para nos seguir. O resgate foi pago numa combinação de células e diamantes não lapidados. Colocamos o dinheiro em outra

bolsa, que havíamos levado, e jogamos a original para fora do barco. Daí, eu arrastei a bolsa com os diamantes pela água. Achamos que a água iria destruir qualquer transmissor que eles pudessem ter colocado no meio. Pareceu funcionar, porque não havia ninguém atrás de nós quando zarpamos pela costa até Dysart, onde o barco de Toby já estava ancorado havia alguns dias. Ficava a apenas alguns metros, então chegamos lá antes que o helicóptero estivesse no ar. Pudemos ouvi-lo e vê-lo do barco. Depois que ele foi embora, Toby tirou o bote inflável do abrigo e o afundou próximo à praia. Então, ficamos ali escondidos até o amanhecer e partimos na maré da manhã. Eu estava em estado de choque, para dizer a verdade. Algumas vezes, cheguei perto de entrar na delegacia de polícia mais próxima e me entregar. Mas Toby manteve a cabeça no lugar e salvou a todos nós.

Demoramos algumas semanas para chegar à Itália. Lavamos a maior parte do dinheiro em caixas automáticos e cassinos pela costa francesa. O grosso do dinheiro estava em diamantes não lapidados, e nós os guardamos.

Quando chegamos aqui, nos separamos. Deixei Toby com o barco e aluguei uma casa na colina próxima à Lucca por alguns meses até decidir onde queria morar. Não me lembro muito daquele período. Estava entorpecido pelo pesar, pela culpa e pela dor terrível de ter perdido Catriona. Se não fosse por você, talvez eu não tivesse sobrevivido. Ainda não consigo acreditar em como tudo deu errado.

Sei que provavelmente olha para a minha vida e acha que me dei bastante bem. O dinheiro do resgate comprou nossa casa em Costalpino e sobrou um pouco, que investi. A renda do investimento colocou a geleia no pão com manteiga que eu ganhava pintando. Pude passar o resto da minha vida num lugar lindo, criando meu filho e pintando as coisas que queria pintar sem nunca ter de me preocupar muito com dinheiro.

A única razão pela qual você pode pensar que me dei bem foi porque nunca conheceu sua mãe. Quando ela morreu, levou a luz consigo. Você tem sido a única luz de verdade na minha vida desde então, e não subestime a alegria que tem sido para mim passar esses anos com você. Fico devastado em saber que não vou viver para ver tudo que você conquistará no resto da sua vida. Você é uma pessoa muito especial. Adam. Te chamo assim porque é o nome que escolhemos juntos para você.

Há uma última coisa que quero que você faça. Quero que entre

em contato com seu avô. Pesquisei sobre ele no Google na semana passada pela primeira vez: Sir Broderick MacLennan Grant. Seus amigos o chamam de Brodie. Ele vive no castelo de Rotheswell, em Fife. Sua primeira esposa, sua avó, cometeu suicídio dois anos após a morte de Catriona. Ele tem uma nova esposa agora, e um filho chamado Alec. Portanto, percebe, você tem família. Tem um avô e um tio que é alguns anos mais jovem do que você! Aproveite-os o máximo que puder, filho. Você tem muito tempo que compensar e agora é suficientemente homem para enfrentar um tirano como Brodie Grant.

Portanto, agora você sabe de tudo. Me culpar ou me perdoar é uma decisão sua. Mas nunca duvide de que você foi concebido e que nasceu com todo amor, e que tem sido amado todos os dias da sua vida. Cuide-se Adam.

*Com todo o meu amor.
Seu pai, Mick, o mineiro.*

Gabriel deixou cair a última folha de papel em cima das outras. Ele voltou à primeira página e leu tudo novamente, ciente de que Matthias havia voltado em determinado momento. Era como ler a sinopse de um filme. Impossível conectar à sua vida. Absurdo demais para ser verdade. Ele sentiu que as bases de sua vida tinham sido removidas, deixando-o a pairar no ar como um personagem de desenho animado, prendendo a respiração para a queda inevitável e catastrófica.

— Ursula sabe sobre tudo isso? — ele perguntou, sabendo que não era uma pergunta tão importante assim, mas querendo saber a resposta de qualquer jeito.

— Uma parte. — Matthias sentou-se pesadamente de frente para Gabriel, outra garrafa de vinho na mão. — Ela não sabe quem era a sua mãe, nem tudo sobre a história de Daniel. Ela sabe que ele armou um sequestro falso porque queria ficar com você e com a sua mãe. Mas não sabe a respeito do tiroteio de Velho Oeste que aconteceu.

A irreverência da descrição de Matthias da morte de sua mãe abalou Gabriel. *Toby também tinha uma arma.* Ele deu uma bufada indiferente de desprezo.

— Todos esses anos, achei que estivesse vivendo entre um bando de velhos hippies cheios de ideais antiquados de esquerda. E, na verdade, vocês são um bando de criminosos, fugindo depois do pior tipo de crime capitalista.

Ele sabia que havia coisas mais importantes para discutir, mas tinha que ir com muita calma até chegar a elas, como um cão frente a uma refeição quente demais que começa mordiscando as beiradas porque é só o que consegue suportar. *Toby também tinha uma arma.*

— Você está vendo as coisas de maneira errada, Gabe, meu chapa — disse Matthias, os dedos ocupados com outro baseado. — Pense na gente como Robin Hoods modernos. Roubando dos super-ricos para distribuir o dinheiro com mais justiça.

— Você e meu pai levando uma vida boa, fazendo exatamente o que querem... como é que isso promove a luta contra o capitalismo internacional? — Gabriel nem sequer tentou manter o desdém fora de seu rosto ou de sua voz. — Se meu avô tivesse apoiado a arte da minha mãe, nada disso teria acontecido. Não venha me dizer que vocês fizeram isso por algum propósito elevado. Vocês fizeram porque queriam seguir sua própria vida e viram uma maneira de fazer com que outra pessoa pagasse por ela.

Ele afastou o baseado de si com um gesto impaciente. Não queria perder nenhum resquício de clareza que ainda restasse nele.

— Calma aí, Gabe, não tenha tanta pressa em julgar a gente.

— Por que não? Não é isso que significa o Gesualdo? É como se a última coisa que ele fizesse fosse me convidar a julgá-lo. Devo vê-lo como um assassino ou como um homem redimido por sua pintura? Ou redimido por me amar e por me criar da melhor forma que pôde? — Gabriel revirou a carta, procurando a última página. — Aqui está, em suas próprias palavras: “Me culpar ou me perdoar é uma decisão sua.” Ele queria que eu tirasse minha própria conclusão sobre o que vocês fizeram.

O calor da raiva espalhava-se por ele, dominando-o e tornando mais difícil ser racional. *Toby também tinha uma arma.*

— E você deveria perdoá-lo — disse Matthias. — Você duvida de nossos motivos, mas lhe digo uma coisa: tudo que ele queria era construir uma vida com você e Cat. As circunstâncias estavam contra eles. Nós só tentamos arrumar as coisas, só isso, Gabe.

Sua complacência acomodada foi como uma ferroada para Gabriel.

— E quando foi que isso deu a vocês o direito de fazer escolhas por mim?

— Do que você está falando?

— Você e Daniel, vocês escolheram o que eu iria saber sobre mim, e quando. Me mantiveram afastado da minha família. Mentiram sobre a minha história, me fizeram pensar que tudo que eu tinha era Daniel, você e Ursula. Me privaram da chance de crescer conhecendo meu avô. Minha avó ainda poderia estar viva, se me tivesse junto dela.

Matthias exalou um fio de fumaça.

— Gabe, para nós não tem volta. Você acha que crescer sob o jugo de Brodie Grant teria sido melhor do que a vida que você teve? — Ele fungou com zombaria. — Você não diria isso se soubesse como ele tornou a vida de Cat

difícil.

Ele se levantou e apanhou um bloco de maconha e uma faca afiada para cortar uma fatia fresca.

— Mas eu não sei, não é mesmo? Porque nunca tive a chance de descobrir, graças a vocês dois e às escolhas que fizeram por mim. — Gabriel bateu com a palma da mão sobre a mesa. — Bem, vou compensar o tempo perdido. Vou voltar para a Escócia. Vou encontrar meu avô e conhecê-lo por mim mesmo. Talvez ele seja o monstro que você e Daniel o fizeram parecer. Ou talvez ele seja apenas alguém que queria o melhor para a filha. E, a julgar por isto aqui... — ele golpeou a carta com a mão, fazendo os papéis se agitarem na luz escassa —, ele não estava tão enganado, estava? Quer dizer, meu pai não era exatamente um cidadão modelo, era?

Matthias deixou cair a faca e olhou fixamente para Gabriel.

— Não acho que voltar para lá seja uma grande ideia.

— Por que não? Já é hora de eu conhecer a minha família, você não acha?

— Essa não é a questão.

— Então, qual é?

Matthias fez um leve gesto de impotência com as mãos.

— Eles vão querer saber onde você esteve durante os últimos vinte e poucos anos. E isso meio que é um problema para mim.

— O que tem a ver com você?

— Pense um pouco, Gabe. Não existe prescrição para assassinato nem sequestro. Eles virão atrás de mim e me colocarão na cadeia pelo resto da vida.

Tobby também tinha uma arma.

— Não vou dizer nada a eles que o comprometa — Gabriel disse, com desprezo no canto dos lábios. — Você não precisa se preocupar com sua própria pele. Eu cuidarei disso.

Matthias riu.

— Você realmente não tem a mínima ideia de quem é seu avô. Você acha que pode simplesmente recusar algo a Brodie Grant? Ele vasculhará seu histórico, vai investigar o passado e descobrir cada um dos passos que você deu em todos esses anos. Ele não irá se deter até me pregar numa porra de uma cruz. Isso não se refere somente a você.

— É a minha vida. — Ambos estavam gritando, ultraje e temor ataçavam a paranoia da maconha e a impulsividade do álcool. — Se ele recuperar a mim, por que diabos vai se importar com você?

— Porque ele jamais desistirá da chance de se vingar e, assim, não ter de assumir nenhuma responsabilidade.

— Responsabilidade? Responsabilidade pelo quê?

— Por matar Cat.

Mesmo enquanto falava, o rosto de Matthias se expandiu em horror. Ele soube da enormidade do que havia falado assim que as palavras saíram de sua boca.

Gabriel o encarava com descrença.

— Você está louco. Está dizendo que meu avô atirou na própria filha?

— Isso é exatamente o que estou dizendo. Não acho que ele quisesse...

Gabriel se levantou de um salto, fazendo a cadeira cair estrondosamente no chão.

— Não acredito... Seu mentiroso duma... Você seria capaz de dizer qualquer coisa! — Ele gritava incoerentemente. — Você levou uma arma. Foi você quem atirou nela, não foi? Foi isso que realmente aconteceu. Não meu avô. Você. É por isso que não quer que eu volte, porque você finalmente terá que enfrentar o que fez.

Matthias se levantou, rodeando a mesa na direção de Gabriel, as mãos estendidas.

— Você entendeu tudo errado — ele disse. — Por favor, Gabe.

O rosto de Gabriel era uma máscara de ira e choque. Ele baixou a mão para pegar a faca que estava sobre a mesa e atacou Matthias. Nada em sua mente além de ódio e dor, nada tão coerente como intenção. Mas o resultado foi tão incontestável quanto se tivesse sido fruto de um planejamento minucioso. Matthias caiu para trás, um ponto vermelho espalhando-se rapidamente até virar uma mancha na frente de sua camiseta. Gabriel se deteve acima dele, ofegando e soluçando, sem se importar em fazer qualquer esforço para deter o sangue. *Toby também tinha uma arma.*

Matthias apertou a mão sobre o coração que falhava à medida que, lentamente, ficava sem sangue para bombear para o resto do corpo. Seu peito arfante gradualmente se acalmou até ficar imóvel. Gabriel não tinha ideia de quanto tempo demorou para Matthias morrer, só que, no fim, suas pernas estavam tão cansadas que mal podiam sustentá-lo. Ele desmoronou no chão onde permaneceu, logo além da margem da poça de sangue que vagarosamente coagulava e que havia se espalhado além do corpo de Matthias.

O tempo foi passando. Finalmente, o que o despertou foi o som de passos e de conversa animada se aproximando pela varanda. Max e Luka vibravam, inebriados pelo sucesso da apresentação daquela noite. Quando viram o cenário macabro à sua frente, pararam de repente. Max xingou, Luka se benzeu. Então, Rado entrou com Ursula. Ela viu Matthias e abriu a boca num grito mudo, caindo de joelhos e arrastando-se na direção dele.

— Ele matou a minha mãe — Gabriel disse, sua voz fria e sem entonação.

Ursula virou a cabeça para ele, os lábios curvados em um grunhido.

— Você o matou?

— Sinto muito — ele sussurrou. — Ele matou a minha mãe.

Ursula se lamentou.

— Não. Não, isso não é verdade. Ele seria incapaz de matar uma mosca. — Ela estendeu a mão trêmula, roçando a mão morta de Matthias com a ponta dos dedos.

— Ele tinha uma arma. Está na carta. Daniel me deixou uma carta.

— Que caralho você vai fazer? — Max gritou, rompendo a intimidade macabra entre eles. — Não podemos chamar a polícia.

— Ele tem razão — disse Rado. — Eles vão culpar a um de nós. Um dos ilegais, não o filho do pintor.

Ursula pressionou as mãos no rosto, os dedos abertos, como se fosse arrancar a própria face. Seu corpo se contorceu num espasmo de vômito seco. Então, ela, de alguma forma, conseguiu reunir suas forças. Com o rosto untado com o sangue de Matthias, numa terrível paródia de camuflagem noturna, ela se atirou sobre Gabriel com um grito atormentado.

Max e Luka instintivamente se jogaram entre ela e Gabriel, afastando-a dele à força, impedindo que seus dedos em garra alcançassem os olhos do rapaz. Ofegando, ela cuspiu no chão.

— Nós te amávamos como a um filho — ela gemeu. Então, disse alguma coisa em alemão que pareceu uma praga.

— Ele matou a minha mãe — Gabriel insistiu. — Você sabia disso?

— Queria que ele tivesse matado você! — ela gritou.

— Dê o fora daqui! — gritou Rado.

Max e Luka a ergueram e praticamente a carregaram até a porta.

— Rezo para nunca mais ver você — Ursula gritou ao desaparecer.

Rado se agachou ao lado de Gabriel.

— O que aconteceu, cara?

— Meu pai me deixou uma carta. — Ele balançou a cabeça, confuso pelo choque e pela bebida. — Agora tudo terminou, não é? Ele matou a minha mãe, mas sou eu quem vai para a cadeia.

— Não, porra — disse Rado. — De jeito nenhum Ursula vai falar com a polícia. Vai contra tudo aquilo em que ela acredita. — Ele passou o braço ao redor de Gabriel. — Além disso, não podemos deixar que ela nos arraste a todos nessa merda. De jeito nenhum eu volto para o lugar de onde vim. Matthias está morto, não há nada que possamos fazer para ajudá-lo. Não há necessidade de piorar as coisas.

— Ela não vai me deixar sair impune dessa — disse Gabriel, apoiando-se

em Rado. — Você a ouviu. Ela vai querer me machucar.

— Nós a ajudaremos — disse Rado. — Nós te amamos, cara. E, no fim, ela vai se lembrar de que ela também te ama.

Gabriel deixou cair a cabeça nas mãos e permitiu que as lágrimas jorrassem.

— O que é que eu vou fazer? — gemeu.

Depois que os soluços diminuíram, Rado o ajudou a se levantar.

— Detesto parecer um filho da puta sem coração, mas a primeira coisa que você precisa fazer é me ajudar a sumir com o corpo de Matthias.

— O quê?

Rado abriu as mãos.

— Sem corpo, não há assassinato. Mesmo que não possamos evitar que Ursula vá à polícia, eles não vão fazer caso se não houver um corpo.

— Você quer que eu te ajude a enterrá-lo? — A voz de Gabriel era débil, como se aquele fosse um passo além do que ele poderia suportar.

— Enterrá-lo? Não. Corpos enterrados sempre reaparecem. Nós vamos carregá-lo até o campo. Os porcos do Maurizio são capazes de comer qualquer coisa.

Na manhã seguinte, Gabriel soube que Rado estava certo.

Quinta-feira, 5 de julho de 2007; Celadoria, perto de Greve, em Chianti

Lembrando-se agora daquela noite, Gabriel sentiu como se Bel Richmond estivesse cavando um buraco em seu estômago com uma colher. Perder o pai já havia sido ruim o bastante. Mas a carta de Daniel e o que ela havia provocado tinham sido devastadores. Era como se sua vida fosse um pedaço de tecido que fora rasgado de cima a baixo e jogado numa pilha de lixo. Se a carta o havia mergulhado num estado de confusão, matar Matthias tinha feito com que tudo ficasse infinitamente pior. Seu pai não tinha sido o homem que ele pensava que era. Suas mentiras haviam afetado coisas demais. Mas o próprio Gabriel era pior do que um mentiroso. Era um assassino. Havia cometido um ato do qual nunca teria se imaginado capaz. Com tantos elementos fundamentais de sua vida expostos como sendo fantasias, como ele poderia se apegar a qualquer um deles com alguma confiança?

Tinha crescido pensando que sua mãe fosse uma professora de arte chamada Catherine. Que ela havia morrido dando à luz. Gabriel tinha lutado contra aquela culpa por tanto tempo quanto podia se lembrar. Tinha visto o isolamento e a tristeza do pai e também carregara a culpa por eles. Crescera carregando um peso que era completamente falso.

Ele não sabia mais quem era. Sua história fora apenas uma ficção, inventada para proteger Daniel e Matthias das consequências do ato terrível de que haviam feito parte. Pelo bem deles, ele fora arrancado do país ao qual pertencia e criado em território estrangeiro. Como teria sido sua vida se houvesse crescido na Escócia em vez de na Itália? Ele se sentia à deriva, sem raízes e deliberadamente privado de seus direitos de nascimento.

Seu tormento foi agravado ainda mais pelo medo constante, que tremulava atrás dele como o pano de fundo de um palco de marionetes. Toda vez que ouvia o barulho de um carro, ficava em pé, as costas contra a parede, convencido de que, desta vez, eram os *carabinieri* que vinham buscá-lo por insistência de Ursula. Ele havia tentado encobrir seus rastros, mas não tinha a experiência de seu pai e temia não ter sido bem-sucedido.

Mas o tempo passou, lentamente, e depois de algumas semanas escondido como um animal doente, ele começou a retomar o controle de si mesmo. Gradualmente tinha conseguido encontrar uma forma de distanciar-se da culpa, dizendo a si mesmo que Matthias vivera livremente e sem nenhum problema por mais de vinte anos, nunca pagando um só centavo da dívida que tinha pela morte de Catriona. O que fizera fora forçá-lo a compensar pela vida que havia roubado

de todos eles — de Catriona, de Daniel e do próprio Gabriel. Não era totalmente satisfatório do ponto de vista da moralidade que Daniel lhe havia inculcado, mas apegar-se ferrenhamente a essa convicção permitia que Gabriel tentasse seguir adiante, acomodando seu remorso e assimilando sua dor.

Uma necessidade avassaladora o movia para a frente. Ele queria encontrar a família que era sua por direito, o clã que sempre desejava, a tribo à qual pertencia. Ele queria o lar que lhe havia sido negado, queria uma terra onde as pessoas se parecessem com ele, em vez de com fugitivos de uma pintura medieval. Mas ele sabia que ainda não estava preparado. Tinha de colocar a cabeça no lugar antes de tentar enfrentar Sir Broderick MacLennan Grant. O pouco que havia sido capaz de absorver através da carta do seu pai, de Matthias e da Internet o havia deixado seguro de que Grant não facilitaria as coisas para nenhum requerente. Gabriel sabia que precisava ser capaz de manter sua posição e de conservar sua história em ordem, caso aquela terrível noite de abril voltasse alguma vez para assombrá-lo.

E agora parecia que era exatamente isso que havia acontecido. Aquela porra da Bel Richmond, com sua inquirição e sua determinação, iria destruir a única esperança à qual ele havia se apegado durante as últimas semanas. Ela sabia que descobrira alguma coisa. Gabriel não tivera muito contato com a mídia, mas sabia o suficiente para perceber que, agora que ela tinha os fios para sua história, não desistiria até pegá-lo. E quando ela publicasse seu furo de reportagem, qualquer esperança que ele tivesse de construir uma nova vida com a família da sua mãe teria morrido. Brodie Grant não ficaria feliz em acolher um assassino. Gabriel não podia deixar que isso acontecesse. Não poderia perder tudo uma segunda vez. Não era justo. Não era nem um pouco justo.

De alguma forma, continuou controlado, sustentando o demorado olhar que ela lhe dirigia. Ele precisava descobrir o que ela sabia exatamente.

— O que você acha que aconteceu? — ele perguntou, com escárnio no rosto. — Ou será que eu deveria dizer: o que você está planejando dizer ao mundo que aconteceu?

— Eu acho que você matou Matthias. Não sei se planejou ou se foi uma coisa que aconteceu no calor do momento. Mas, como eu disse, há uma testemunha que viu vocês dois juntos naquele dia, mais cedo. A única razão pela qual ele não contou à polícia é que não entende o significado do que viu. Claro, se eu explicasse para ele... Bem, não precisa ser um gênio, não é, Adam? Levei três dias para encontrar você. Sei que os *carabinieri* têm a reputação de serem um pouco lerdos em serviço, então pode ser que, para eles, demore um pouco mais. Tempo suficiente para você se colocar sob a asa protetora do seu avô, eu pensaria. Ah, mas ele não é seu avô, é? Isso é só uma fantasia minha.

— Você não pode provar nada disso — ele disse. Colocou o restante do vinho na taça dela e foi até a prateleira para pegar outra garrafa. Sentia-se encurralado. Havia passado por uma terrível experiência. E agora aquela maldita mulher iria roubar a única esperança que o havia mantido são. Seu desafio tinha sido uma forma de dar a ela a oportunidade de impedi-lo de ter de fazer o que fosse necessário para detê-la.

Ele olhou por cima do ombro. Bel não estava prestando muita atenção a ele agora; estava absorta na caçada, concentrada em guiar a entrevista para a direção que ela desejava. Distraidamente, ela disse:

— Existem meios. E eu conheço todos eles.

Ele lhe deu a chance, e ela a descartou. Seu passado estava corrompido além de qualquer redenção possível. Só o que ele tinha era o futuro. Não podia deixar que ela o tirasse dele.

— Acho que não — ele disse, aproximando-se por trás dela.

No último minuto, algum sinal instintivo atingiu o cérebro de Bel e ela se virou, precisamente a tempo de vislumbrar o brilho da lâmina que avançava firmemente na sua direção.

Kirkcaldy

Depois que Phil dera o primeiro passo, as coisas haviam progredido à velocidade da luz. Roupas arrancadas. Pele contra pele febril. Ele em cima. Ela em cima. Então, no quarto. Rosto para baixo, as mãos dele em seus seios, as mãos dela agarrando a cabeceira da cama. Quando finalmente precisaram fazer uma pausa antes de uma segunda vez, deitaram-se de lado, sorrindo estupidamente um para o outro.

— Que fim deram às preliminares? — Karen disse, com riso na voz.

— Foram todos esses anos trabalhando juntos — disse Phil. — Preliminares. Você me esquentando o sangue. Sua mente é tão sexy quanto seu corpo, sabia?

Ela deslizou a mão entre eles e deixou que a ponta de seus dedos acariciasse a pele macia abaixo do umbigo dele.

— Faz tanto tempo que quero fazer isso.

— Eu também. Mas realmente não queria estragar as coisas entre nós no trabalho. Somos uma boa equipe. Não queria arriscar estragar isso. Nós dois amamos demais nosso trabalho para colocá-lo em risco. Além do mais, é contra as regras.

— Então, o que foi que mudou? — perguntou Karen, uma sensação de vazio no estômago.

— Tem um cargo de inspetor em Dunfermline e me contaram, oficiosamente, que será meu se eu o pedir.

Karen se afastou, apoiando-se em um cotovelo.

— Você vai sair da Revisão de Casos Arquivados?

Ele suspirou.

— Tenho que sair. Preciso ser promovido e não há espaço para outro inspetor lá. Além disso, assim eu posso ter você também. — O rosto dele se contraiu de ansiedade. — Se for isso o que você quer. Obviamente.

Ela sabia o quanto ele adorava trabalhar com casos arquivados. Também sabia que ele era ambicioso. Depois de ter bloqueado o desenvolvimento da carreira dele com sua promoção, ela havia esperado que ele saísse, mais cedo ou mais tarde. Só não contara que pudesse figurar pessoalmente como um elemento em seus cálculos.

— É o passo certo para você — ela disse. — É melhor você sair logo, antes que Biscoito perceba que deve odiá-lo tanto quanto odeia a mim. Mas vou sentir falta de trabalhar com você.

Ele se arrastou para perto dela, gentilmente roçando a palma das mãos em seus mamilos.

— Haverá compensações — ele disse.

Ela deixou sua mão correr para baixo.

— Parece que sim — ela disse. — Mas vai precisar de muita coisa para me compensar.

Boscolata, Toscana

O *carabiniere* Nico Gallo amassou o cigarro com o salto da bota ultrapolidada e se afastou da oliveira onde estivera encostado. Limpou com a mão a parte de trás da camisa e da calça justa e partiu novamente pela trilha que margeava o jardim de oliveiras da Boscolata.

Ele estava de saco cheio. A centenas de quilômetros de distância da sua casa na Calábria, morando em alojamentos apenas ligeiramente melhores que um rancho de pescador e ainda tendo de fazer a pior parte de todas as tarefas, ele mal passava um dia sem se arrepender de ter escolhido a carreira de *carabiniere*. Seu avô, que o havia encorajado na escolha, tinha dito a ele que as mulheres adoravam homens de uniforme. Aquilo podia ter sido verdade nos tempos do velho, mas, agora, era bem diferente. Todas as mulheres que conhecia, da sua idade, pareciam ser feministas, ambientalistas ou anarquistas. Para elas, aquele uniforme era um tipo muito diferente de provocação.

E para ele, a Boscolata era apenas mais uma comunidade hippie habitada

por pessoas sem nenhum respeito pela sociedade. Ele apostava que eles não pagavam seus impostos. E apostava que o assassino que havia sido responsável pela vítima na Villa Totti não estava longe de onde ele caminhava naquele momento. Era um desperdício de tempo, fazer uma patrulha noturna ali. Se o assassino quisesse ocultar seus rastros, tivera meses para fazê-lo. E mesmo agora, Nico concluiu que todos na Boscolata sabiam como entrar na *villa* em ruínas sem que ele sequer desconfiasse que estavam lá. Se aquele fosse o seu vilarejo natal, lá no sul, isso seria exatamente o que teria acontecido.

Outra ronda pelo bosque das oliveiras e ele voltaria a seu carro para se servir mais uma xícara da garrafa de expresso que havia, de modo bem pensado, trazido consigo. Aqueles eram os elementos importantes que tornavam possível permanecer acordado e alerta: café, cigarros e goma de mascar. Quando chegasse à esquina mais próxima da Villa Totti, poderia fumar outro cigarro.

Conforme o som de seu fósforo se esvaiu, Gallo percebeu que havia outro ruído no ar da noite. Ali, tão no alto da colina, a noite era bastante silenciosa, com exceção dos grilos, um ou outro pássaro noturno e, ocasionalmente, um cão latindo. Mas agora o silêncio tinha sido invadido pelo som persistente de um motor subindo a íngreme estrada de terra que conduzia até a Boscolata e mais além. Mas, curiosamente, o som não estava acompanhado pela luminosidade de faróis completamente acesos. Ele pôde divisar reflexos pálidos através das árvores e cercas vivas, como se o veículo estivesse usando apenas as lanternas laterais. Só havia uma razão para aquilo, segundo as suas regras. O motorista estava aprontando alguma coisa para a qual não queria chamar a atenção.

Gallo olhou tristemente para o cigarro. Ele tinha se assegurado de trazer o suficiente para o turno da noite, mas isso não significava que queria desperdiçar um. Então, ele o escondeu na concha da mão e se aproximou da *villa* para colocar-se no caminho de qualquer pessoa que tentasse entrar na cena do crime.

Logo ficou claro que ele tinha feito a escolha errada. Em vez de se dirigirem para a Boscolata, as luzes se desviaram para a direita, no extremo mais distante das oliveiras. Praguejando, Gallo deu uma última tragada no cigarro e, então, correu pela lateral do jardim o mais rápido e o mais silenciosamente que podia.

Ele mal conseguia ver a sombra de um carro pequeno, modelo hatch-back. O veículo parou no final das árvores, onde a propriedade Totti fazia divisa com a considerável fazenda administrada pelo cara dos porcos. Maurizio, não era esse o nome do velho? Alguma coisa parecida. Gallo, a cerca de vinte metros de distância, avançou lentamente, aproximando-se e tentando não fazer qualquer ruído.

A luz do interior do carro se acendeu quando a porta do motorista foi

aberta. Gallo viu um rapaz alto, vestindo um blusão de moletom escuro e um boné de beisebol, sair do carro e abrir o porta-malas. Ele pareceu arrastar para fora dali um tapete enrolado, ou coisa parecida, inclinando-se para colocar seu corpo por baixo para amparar o peso. Quando se endireitou, vacilando um pouco sob o peso de seu fardo, ao aproximar-se da cerca robusta de arame que cercava os porcos, Gallo percebeu, com uma reviravolta terrível em seu estômago, que não se tratava de simplesmente alguém tentando jogar lixo ilegalmente na calada da noite, mas de algo muito mais sério. O escroto desgraçado estava prestes a desovar um corpo para que os porcos o devorassem. Todo mundo sabe que os porcos são capazes de comer tudo e qualquer coisa. E aquilo era, indiscutivelmente, um corpo.

Ele agarrou sua lanterna e a acendeu.

— Polícia! Parado aí! — ele gritou, no estilo mais melodramático que conseguiu. O homem vacilou, tropeçou e caiu para a frente, com o fardo caindo atravessado sobre a cerca. Ele se recuperou e correu de volta para o carro, alcançando-o segundos antes de Gallo. Saltou para dentro e ligou o motor, engatando marcha a ré no instante em que Gallo se atirava sobre o capô. O *carabiniere* tentou se agarrar, mas o carro ia rapidamente em marcha a ré na direção da estrada, saltando e sacolejando a cada metro do caminho, e ele, finalmente, acabou escorregando de cima do capô, estatelando-se vergonhosamente, enquanto o carro desaparecia na noite.

— Ai, meu Deus — ele gemeu, rolando no chão para poder apanhar seu rádio. — Controle? Aqui é o Gallo, de guarda na Villa Totti.

— Entendido, Gallo. Qual é seu código Q⁸ para a situação?

— Controle, não sei se existe um código Q para isso. Mas um cara acabou de tentar desovar um corpo numa fazenda de criação de porcos.

Sexta-feira, 6 de julho de 2007; Kirkcaldy

O telefone penetrou o sono leve de Karen logo no primeiro toque. Confusa e desorientada, ela foi apalpando até encontrá-lo, recobrando a consciência com a excitação causada pelo murmúrio de “Telefone”, ao lado de seu ouvido. Ele ainda estava ali. Não saía correndo depois. Ele ainda estava ali. Ela agarrou o telefone, forçando suas pálpebras a se abrirem. O relógio marcava 05:47. Ela era da Revisão de Casos Arquivados. Não recebia telefonemas àquela hora da manhã.

— Investigadora Pirie — resmungou.

— Bom dia, investigadora Pirie — disse uma voz asquerosamente animada. — Aqui fala Linda, da Central de Operações da Polícia. Acabei de receber a ligação de um *capitano* di Stefano, dos *carabinieri* de Siena. Normalmente, eu não a teria acordado, mas ele disse que era urgente.

— Tudo bem, Linda — disse Karen, rolando para longe de Phil e tentando fazer a cabeça funcionar. Que diabos poderia ter nível “quinze-para-as-seis-da-manhã” de urgência num suposto assassinato de três meses atrás? — Pode mandar bala!

— Não tem muita bala, inspetora. Ele pediu para dizer que lhe enviou uma foto por e-mail, para ver se você consegue identificar. E é urgente. Ele disse isso três vezes, então acho que deve ser mesmo.

— Vou fazer isso agora mesmo. Obrigada, Linda. — Ela recolocou o fone no gancho e Phil imediatamente a puxou para si, com uma espécie diferente de urgência.

Ela se contorceu, tentando se libertar dos braços dele.

— Preciso levantar — protestou.

— Eu também. — Ele cobriu sua boca com a dele e começou a beijá-la.

Karen se afastou, ofegante.

— Você consegue dar uma rapidinha?

Ele riu.

— Pensei que as mulheres não gostassem de rapidinhas.

— É melhor aprender, se você vai voltar para o policiamento na linha de frente — ela disse, puxando-o para si.

Sentindo-se apenas levemente culpada, Karen acessou seu e-mail. A mensagem prometida por di Stefano era a última adição à sua caixa de entrada. Ela clicou

para abri-la e para carregar o anexo, enquanto lia a breve mensagem: *Alguém tentou desovar um corpo para que os porcos Cinta di Siena de Maurizio Rossi devorassem. Talvez tenha sido isso o que aconteceu com a outra vítima. Aqui está a foto do rosto. Talvez você saiba quem é.* Meu Deus, que ideia asquerosa. Ela ouvira falar que porcos eram famosos por devorarem tudo, menos a fivela do cinto, quando fazendeiros azarados sofriam acidentes dentro dos chiqueiros, mas nunca lhe teria ocorrido considerar isso como uma forma de se desfazer de um corpo.

Então, um pensamento ainda mais asqueroso passou pela cabeça dela. *O porco come a vítima. O porco incorpora o ser humano à sua própria carne. O porco se transforma em salame. E as pessoas acabam comendo pessoas.* Por algum motivo, ela achou que Maurizio Rossi não iria fazer bons negócios, depois que aquilo se tornasse público.

Karen hesitou, perguntando-se por que di Stefano tinha achado que ela poderia reconhecer a vítima. Seria Adam MacLennan Grant e seu futuro com o avô teria sido roubado dele no último instante? Ou o misteriosamente desaparecido Matthias, também conhecido como Toby Inglis? A ansiedade deixava sua boca seca, mas ela clicou no anexo mesmo assim.

O rosto que preencheu a tela estava definitivamente morto. A centelha que animava até mesmo os pacientes em coma estava absolutamente ausente. Mas, ainda assim, era chocantemente inconfundível. No dia anterior, Karen havia entrevistado Bel Richmond. E, agora, ela estava morta.

Rodovia A1, Florença—Milão

Não havia nenhum motivo para se descartar o carro alugado de Bel, Gabriel decidira. Não neste ponto. O desgraçado daquele policial louco o havia assustado pra cacete, mas não poderia ter visto a placa do carro. Ninguém relacionaria um carro alugado por uma jornalista inglesa com o que acontecera na colina da Boscolata. Colocar distância entre ele e a Toscana era a coisa mais importante a fazer, no momento. Deixar o passado e suas terríveis necessidades para trás. Começar uma vida nova do zero e dirigir-se diretamente para o futuro.

Tinha sido horrível, mas ele havia despido o corpo, em parte para facilitar que os porcos fizessem o trabalho sujo por ele, e, em parte, para dificultar a identificação dela, no caso improvável de que ela fosse encontrada rápido o bastante para que aquilo fosse uma possibilidade. Revelou-se uma excelente decisão. Já tinha sido suficientemente ruim quando o policial maluco aparecera do nada. Teria sido um milhão de vezes pior se ele houvesse deixado qualquer coisa no corpo que facilitasse sua identificação.

E, portanto, o carro seria seguro, por enquanto. Ele o havia deixado no estacionamento de longa permanência do aeroporto de Zurique e tomado um voo. Graças à insistência de Daniel de que lá não havia nada para ele além de dor e fantasmas, ele nunca havia ido ao Reino Unido e não fazia ideia de como seria a segurança. Mas não havia motivos para que olhassem duas vezes para ele e seu passaporte britânico.

Gostaria de não ter precisado matar Bel. Ele não era uma máquina desalmada de matar. Mas já havia perdido tudo uma vez. Sabia como era e não podia suportar a ideia de que acontecesse novamente. Até os ratos lutam quando se veem encurralados, e ele, definitivamente, tinha mais brio que um rato. Ela não lhe deixara escolha. Assim como Matthias, ela o havia provocado além do limite. O.k., tinha sido diferente com Matthias. Naquele caso, ele tinha perdido o controle. Perceber que alguém a quem tinha amado desde criança tinha sido o assassino de sua mãe abrira um poço de dor em sua cabeça, e ele o havia apunhalado antes de sequer saber que tinha uma faca na mão.

Com Bel, ele sabia o que estava fazendo. Mas tinha agido para se preservar. Estava a ponto de entrar em contato com seu avô quando Bel irrompera em sua vida, ameaçando tudo. A última coisa de que ele precisava era que ela botasse a boca no trombone, relacionando-o ao assassinato de Matthias. Queria chegar à casa de seu avô com uma ficha limpa, e não queria que a vida que lhe havia sido negada fosse destruída por uma repórter sensacionalista qualquer.

Ele não parava de dizer a si mesmo que havia feito o que era necessário. E que era bom que se sentisse mal a respeito. Demonstrava que ele era, basicamente, uma pessoa decente. Tinha sido encurralado pelos acontecimentos. Não significava que era uma má pessoa. Precisava desesperadamente acreditar naquilo. Estava a caminho de iniciar uma nova vida. Dentro de alguns dias, Gabriel Porteous estaria morto, e Adam MacLennan Grant poderia retornar em segurança para a asa de seu rico e poderoso avô.

Haveria tempo para sentir remorso mais tarde.

Castelo de Rotheswell

Susan Charleson não gostava que a polícia aparecesse sem convite prévio. O aviso de minutos entre a chegada de Karen ao portão e sua presença na soleira da porta não tinha sido suficientemente longo para que a dama braço direito de Grant disfarçasse sua afronta.

— Nós não a estávamos esperando — foi a frase que tomou o lugar das boas-vindas, utilizadas previamente.

— Onde ele está? — Karen entrou rapidamente, obrigando Susan a dar

alguns passos para o lado.

— Se você se refere a Sir Broderick, ele ainda não está disponível.

Karen olhou ostensivamente para seu relógio de pulso.

— Sete e vinte e sete. Aposto que ele ainda está tomando o café da manhã. Você vai me levar até ele ou terei que encontrá-lo sozinha?

— Isso é um absurdo! — exclamou Susan. — O subchefe de polícia Lees sabe que você está aqui, comportando-se dessa forma arrogante?

— Tenho certeza de que logo saberá — Karen disse por cima do ombro ao encaminhar-se pelo corredor. Ela abriu a primeira porta com que se deparou: um closet para casacos. A porta seguinte: um escritório.

— Pare com isso — Susan disse, irritada. — Você está excedendo sua autoridade, inspetora. — A porta seguinte: uma saleta. Karen podia ouvir os pés de Susan correndo atrás dela. — Está bem — Susan retrucou ao alcançar Karen. Ela parou na frente dela, abrindo bem os braços, aparentemente sob a ilusão de que isso deteria Karen, se ela estivesse seriamente decidida a continuar. — Vou levá-la até ele.

Karen a seguiu até a parte dos fundos do castelo. Susan abriu a porta para uma sala de café da manhã iluminada, com vista para o lago e para o bosque, mais além. Karen não tinha olhos para a vista nem para o bufê disposto sobre o comprido aparador. Só estava interessada no casal sentado à mesa, com o filho empoleirado entre os dois. Grant imediatamente se levantou e a olhou com raiva:

— O que está acontecendo? — ele inquiriu.

— Está na hora de Lady Grant aprontar Alec para a escola — disse Karen, notando que falava como num roteiro de filme ruim, mas sem se importar com a tolice daquilo.

— Como você se atreve a irromper na minha casa gritando ordens? — A voz dele foi a primeira a se elevar, mas ele parecia não perceber.

— Não estou gritando, senhor. O que tenho a dizer não é apropriado para ser dito na frente de uma criança.

Karen enfrentou seu olhar duro, sem ceder. De alguma forma, naquela manhã, ela havia perdido qualquer temor que pudesse ter das consequências.

Grant lançou um olhar rápido e embaraçado ao filho e à esposa.

— Então, vamos a outro lugar, inspetora. — Ele a guiou porta afora. — Susan, café. No meu escritório.

Karen se esforçou para acompanhar seus passos largos, mal o alcançando quando ele se precipitou num cômodo espartano com uma mesa de vidro sobre a qual havia um caderno grande de espiral e um laptop fino. Atrás da mesa havia uma cadeira de escritório funcional e ergonomicamente projetada. Arquivos de gaveta cobriam uma das paredes. Na outra, duas cadeiras que Karen reconheceu

de uma viagem a Barcelona, em que ela havia erroneamente descido do ônibus turístico no pavilhão Mies van der Rohe e sido surpreendentemente cativada por sua calma e simplicidade. Vê-las ali de alguma forma a ajudou a centrar-se. Ela podia se defender de qualquer mandachuva, disse a si mesma.

Grant se jogou em sua cadeira como uma criança petulante.

— Que diabos significa tudo isso?

Karen deixou cair sua pesada mochila no chão e se inclinou contra um armário de arquivos, os braços cruzados frente ao peito. Estava vestida em seu terninho mais chique, que havia comprado na Hobbs, em Edimburgo, numa liquidação. Sentia-se absolutamente no controle, e Brodie Grant que fosse para o inferno.

— Ela está morta — ela disse, sucintamente.

Grant jogou a cabeça para trás.

— Quem está morta? — Ele parecia indignado.

— Bel Richmond. Você vai me contar o que é que ela estava perseguindo?

Ele tentou dar de ombros com descaso.

— Não faço ideia. Ela era uma jornalista freelance, não um membro da minha equipe de trabalho.

— Ela estava trabalhando para você.

Ele fez um gesto com a mão. Uma dispensa.

— Eu a contratei para servir como elemento de ligação com a imprensa, caso surgisse alguma coisa com essa investigação. — Ele, de fato, chegou a curvar os lábios. — O que não parece muito provável, a esta altura.

— Ela estava trabalhando para você — Karen repetiu. — Estava fazendo muito mais do que atuar como ligação com a imprensa. Ela não era relações-públicas. Era uma repórter investigativa e isso é precisamente o que ela estava fazendo por você. Investigando.

— Não sei de onde você tira essas ideias, mas posso lhe garantir que não terá muitas mais com relação a esse caso, depois que eu falar com Simon Lees.

— Fique à vontade. Vou gostar muito de dizer a ele como Bel Richmond voou para a Itália no seu jatinho particular ontem. Como ela alugou um carro na conta da sua empresa no aeroporto de Florença. E como o assassino dela foi incomodado pela polícia tentando dar seu corpo nu como comida para os porcos, a alguns metros de distância da casa em que a própria Bel encontrou o pôster que deu início a essa investigação toda. — Karen se endireitou e cruzou a sala até a mesa, apoiando-se nela com seus punhos. — Não sou a porra da idiota que você pensa. — Ela rebateu seu olhar furioso com um de igual intensidade.

Antes que ele pudesse pensar em como responder, uma jovem de vestido preto chegou com uma bandeja de café. Ela olhou em volta, insegura.

— Em cima da mesa, menina — disse Grant. Por alguma razão, Karen achou que não lhe ofereceriam uma xícara.

Ela esperou até ouvir a porta se fechar atrás dela e, então, disse:

— Acho que é melhor você me contar por que Bel foi para a Itália. É provável que seja também a razão pela qual foi morta.

Grant inclinou a cabeça para trás, empinando o queixo forte na direção dela.

— Pelo que eu saiba, inspetora, a jurisdição da polícia de Fife não se estende até a Itália. Isso não tem nada a ver com você. Portanto, por que você não vai se foder?

Karen riu alto.

— Homens muito melhores do que você já mandaram eu me foder, Brodie — ela disse. — Mas você deveria saber de um detalhe: estou aqui a pedido da polícia italiana.

— Se a polícia italiana quiser falar comigo, eles podem vir até aqui e falar comigo. Falar com o regente, não com a banda. Essa é a minha política. Além disso, se isso fosse oficial, você teria aquele seu garoto a acompanhando, tomando notas. Eu conheço a lei escocesa, inspetora. E agora, conforme previamente requisitado, vá se foder.

— Não se preocupe, eu vou. Mas só para constar: não preciso de corroboração para um depoimento de testemunha para a polícia italiana. E vou lhe dizer outra coisa de graça: se eu fosse sua esposa, ficaria seriamente preocupada com todos esses corpos de mulheres no seu rastro. Sua filha. Sua esposa. E, agora, sua pistoleira de aluguel.

Os lábios dele se esticaram num sorriso de réptil.

— Como você se atreve?

Apesar de sua determinação, Grant a havia irritado. Karen pegou a bolsa e tirou o mapa em escala da cena de entrega do resgate.

— É assim que eu me atrevo — ela disse, abrindo-o sobre a mesa de Grant. — Você acha que seu dinheiro e sua influência podem comprar tudo. Você acha que pode enterrar a verdade da mesma forma como enterrou sua esposa e sua filha. Bem, senhor, estou aqui para provar que está muito enganado.

— Não sei de que diabo você pensa que está falando. — Grant teve de forçar suas palavras a saírem pelos lábios estirados.

— A explicação dada — ela disse, golpeando o mapa com o dedo. — Cat pega a bolsa com a sua esposa, os sequestradores disparam um tiro que a atinge pelas costas e a mata. A polícia dispara um tiro para o alto. — Ela ergueu os olhos para ele. Seu rosto estava imóvel, congelado numa máscara de fúria. Ela esperava que sua expressão estivesse à altura da dele. — E, então, existe a verdade: Cat pega a bolsa com a sua esposa, ela se vira para levá-la até os

sequestradores. Você começa a sacudir sua arma no ar, os sequestradores deixam a praia na escuridão, você atira. — Ela olhou diretamente nos olhos dele. — E mata sua filha.

— Isso é uma fantasia mórbida — Grant sibilou.

— Sei que você tem negado isso todos esses anos, mas essa é a verdade. E Jimmy Lawson está preparado para confirmá-la.

Grant bateu com a mão na mesa.

— Um assassino condenado? Quem irá acreditar nele? — Seu lábio estremeceu com escárnio.

— Há outros que sabem que você tinha uma arma naquela noite. Agora estão aposentados. Não há mais nada com que você possa ameaçá-los. Talvez você possa fazer Simon Lees me calar, mas agora o gênio já saiu da garrafa. Não o prejudicaria em nada começar a colaborar comigo a respeito do assassinato de Bel Richmond.

— Saia da minha casa — disse Grant. — Na próxima vez que voltar aqui, é melhor que tenha uma ordem judicial.

Karen lançou-lhe um sorrisinho rígido.

— Pode contar com isso. — Ela ainda tinha uma porção de tiros reservados, mas agora não era o momento de dispará-los. Mick Prentice e Gabriel Porteous podiam esperar mais um dia. — Não terminou, Brodie. Não termina até que eu diga que terminou.

O futuro-ex-Gabriel Porteous não teve nenhum problema para entrar no Reino Unido. O agente da imigração no aeroporto de Edimburgo passou seu passaporte pelo leitor magnético, comparou sua imagem com a fotografia e acenou para que passasse. Ele teve de seguir usando sua identidade antiga também para alugar o carro. Essa colisão entre passado e futuro era difícil de equilibrar. Ele queria se libertar de Gabriel e de tudo que ele havia feito. Queria entrar em sua nova vida, limpo e desimpedido. Emocionalmente, psicologicamente e praticamente, ele não queria conexões com sua vida passada. Não queria a possibilidade de perguntas constrangedoras por parte das autoridades italianas. Por favor, Deus, que seu avô aceitasse que ele queria uma ruptura limpa com o passado. Uma coisa era certa: ele não teria de exagerar o choque e a dor que a carta de seu pai lhe havia infligido.

Ele precisou parar num posto de gasolina e pedir informações sobre como chegar ao Castelo de Rotheswell, mas a manhã ainda estava no meio quando ele se aproximou do impressionante portão de entrada. Estacionou e desceu do carro, sorrindo abertamente para a câmera de circuito interno. Quando o

interfone lhe perguntou quem era e qual era seu assunto a tratar ali, disse:

— Sou Adam MacLennan Grant. Esse é o meu assunto.

Eles o deixaram esperando quase cinco minutos antes de abrir o portão externo. A princípio, aquilo o irritou. Sua ansiedade havia atingido um nível insuportável. Então, ele se deu conta de que só se tomava aquele tipo de precaução quando havia algo sério a proteger. Portanto, ele esperou, depois dirigiu o carro até a área confinada entre os dois portões. Suportou a vistoria pessoal. Não reclamou quando vasculharam o veículo e lhe pediram para abrir a sacola e a mochila para que pudessem inspecioná-las. Quando finalmente o deixaram atravessar o portão interno e ele teve o primeiro vislumbre do que havia perdido, a respiração ficou entalada em sua garganta.

Dirigiu lentamente, assegurando-se de manter as emoções sob controle. Ele queria tanto esse novo começo. Chega de fracassos vergonhosos. Estacionou no cascalho próximo à porta da frente e saiu do carro, espreguiçando-se voluptuosamente. Estivera espremido em assentos por tempo demais. Endireitou os ombros, estirou a coluna e caminhou até a porta. Ao aproximar-se, ela se abriu. Uma mulher de saia de tweed e suéter de lã parou na soleira. Sua mão precipitou-se involuntariamente até a boca, e ela ofegou:

— Oh, meu Deus.

Ele lhe deu seu melhor sorriso.

— Olá. Sou Adam. — Ele estendeu a mão. Um olhar para aquela mulher e ele soube que tipo de modos rígidos eram esperados naquela casa.

— Sim — disse a mulher. O treinamento superou a emoção, e ela tomou a mão dele num aperto firme, segurando-a fortemente. — Sou Susan Charleson. Sou a assistente pessoal do seu... quer dizer, de Sir Broderick. Isto é um tremendo choque. Uma surpresa. Algo totalmente inesperado. — Ela explodiu numa risada. — Ouça o que estou dizendo. Não sou assim, normalmente. É só que... bem, nunca imaginei que veria este dia.

— Fico feliz por isso. Tem sido um choque pra mim também. — Ele largou sua mão, gentilmente. — Meu avô está em casa?

— Venha por aqui. — Ela fechou a porta e o conduziu por um corredor.

Ele já havia estado em algumas casas elegantes na Itália, graças ao trabalho de seu pai, mas aquele lugar era profundamente estranho. Com suas paredes de pedra e a decoração escassa, parecia frio e desnudo. Mas não custava ser gentil.

— É uma linda casa — ele disse. — Nunca vi nada parecido.

— Onde você mora? — Susan perguntou enquanto viravam para um corredor comprido.

— Cresci na Itália. Mas estou pensando em retornar às minhas raízes.

Susan se deteve frente a uma porta pesada de carvalho com tachas de metal.

Bateu e entrou, acenando para que Adam a seguisse. A sala, uma guarida forrada de livros, não passava de um borrão para ele. Seu foco estava concentrado no homem grisalho parado junto à janela, com olhos fundos ilegíveis e o rosto imóvel.

— Olá, senhor — disse Adam. Para sua surpresa, sentiu dificuldade para falar. Uma emoção que não havia esperado brotou nele e precisou engolir em seco para evitar as lágrimas.

O rosto do velho pareceu se desintegrar diante de seus olhos. Uma expressão entre sorriso e tristeza o tomou. Deu um passo em direção a Adam e, então, parou.

— Olá — disse, a voz também engasgada. Olhou para além de Adam e acenou para que Susan saísse da sala.

Os dois homens olharam avidamente um para o outro. Adam conseguiu se controlar, pigarreando.

— Senhor, tenho certeza de que já recebeu pessoas antes, alegando serem o filho de Catriona. Só quero dizer que não quero nada do senhor e que ficarei feliz em me submeter a quaisquer testes... DNA, o que o senhor quiser. Até a morte do meu pai, há três meses, eu não fazia ideia de quem eu realmente era. Passei estes três meses me perguntando se deveria contatá-lo ou não... E, bem, aqui estou. — Ele tirou a carta de Daniel do bolso interno de seu único terno decente. — Esta é a carta que ele me deixou. — Estendeu o braço para Grant, que tomou as folhas amarrotadas de papel. — Esperarei lá fora enquanto o senhor a lê.

— Não há necessidade — Grant disse bruscamente. — Sente-se aí, onde eu possa vê-lo. — Ele ocupou uma poltrona do lado oposto à que havia indicado e começou a ler. Várias vezes fez uma pausa e estudou Adam, que se obrigou a permanecer imóvel e calmo. Num determinado ponto, ele cobriu a boca com a mão, os dedos tremendo visivelmente. Chegou ao final e encarou Adam ansiosamente. — Se você é um impostor, é muito bom mesmo.

— Também tem isto... — Adam tirou uma fotografia de seu bolso. Catriona sentada numa cadeira da cozinha, as mãos cruzadas sobre a curva alta da barriga em avançado estado de gravidez. Atrás dela, Mick se inclinava sobre seu ombro, com uma das mãos em cima da protuberância. Eles sorriam. Tinha a aparência levemente estranha de uma pose feita para o timer da câmera. — Minha mãe e meu pai.

Dessa vez, Grant não pôde segurar as lágrimas. Sem uma palavra, ele abriu os braços para seu neto. Adam, com os olhos úmidos, levantou-se e aceitou o abraço.

A sensação foi de que aquilo durou para sempre e quase nada. Finalmente,

separaram-se, cada qual enxugando os olhos com as mãos.

— Você se parece comigo há cinquenta anos — Grant disse pesadamente.

— O senhor ainda deveria pedir o teste de DNA — disse Adam. — Tem muita gente ruim aí fora.

Grant lhe dirigiu um olhar longo e calculado.

— Não acho que estejam todas lá fora — ele disse com um ar de melancolia. — Bel Richmond estava trabalhando para mim.

Adam se esforçou para não demonstrar que reconhecia o nome, mas podia ver, pelo rosto do avô, que havia falhado.

— Ela veio me ver — ele disse. — Nunca mencionou que o senhor fosse o chefe dela.

Grant sorriu.

— Eu não diria que era seu chefe. Mas a contratei para fazer um trabalho para mim. Ela o fez tão bem que acabou morrendo.

Adam balançou a cabeça.

— Isso não pode ser verdade. Eu falei com ela ontem à noite.

— É verdade, sim. A polícia veio aqui hoje cedo. Aparentemente, o assassino dela tentou dar seu corpo como comida para os porcos da fazenda ao lado da *villa* onde seu amigo Matthias estava morando ilegalmente, até mais ou menos a época em que seu pai morreu — Grant continuou, sombrio. — E a polícia também está investigando um suposto assassinato ocorrido lá. Por volta da época em que Matthias e sua trupezinha de titereiros desapareceram.

Adam levantou as sobrancelhas.

— Que bizarro — disse. — Quem mais se supõe que esteja morto?

— Eles não têm certeza. Os titereiros se espalharam pelos quatro cantos do mundo. Bel estava planejando rastreá-los em seguida. Mas não teve a oportunidade. Ela era uma boa jornalista. Boa para farejar as coisas.

— É o que parece.

— Então, onde está o Matthias? — Grant perguntou.

— Não sei. A última vez que o vi foi no dia que enterrei meu pai. Voltei à *villa* para que ele pudesse me dar a carta. Fiquei muito abalado quando percebi que ele conhecia minha identidade verdadeira o tempo todo. Fiquei furioso e abalado por ele e meu pai terem conspirado para me manter afastado do senhor durante todos esses anos. Quando fui embora, disse que não queria mais ouvir falar dele. Nem sequer soube que eles haviam deixado a Boscolata. — Ele deu de ombros. — Eles devem ter se desentendido. Sei que os outros às vezes se aborreciam porque Matthias ficava com uma parte maior dos rendimentos. A situação deve ter fugido ao controle. Alguém acabou morto. — Ele balançou a cabeça. — Que terrível.

— E Bel? Qual é sua teoria, nesse caso?

Adam tivera a noite inteira dirigindo e o tempo de um voo para pensar na resposta para aquela questão. Ele hesitou por um momento, como se estivesse considerando as possibilidades.

— Se Bel estava fazendo perguntas pela Boscolata, o assassino pode ter ficado sabendo. Sei que pelo menos um dos elementos do grupo estava transando com alguém que morava lá. Talvez a namorada dele tenha lhe contado sobre Bel e eles estivessem de olho nela. Se eles descobriram que ela estava indo lá para me ver, podem ter pensado que ela estava cavando fundo demais e que precisavam se livrar dela. Eu não sei. Não faço a menor ideia do que essas pessoas pensam.

A expressão de Grant estava tão ilegível como na primeira vez que Adam o vira.

— Você é bastante plausível — ele disse. — Alguns poderiam até dizer que teve a quem puxar. — Seu rosto se contorceu de dor momentaneamente. — Você tem razão sobre o DNA. Devemos fazê-lo assim que possível. Enquanto isso, acho que você deveria ficar conosco. Vamos começar a conhecê-lo. — Seu sorriso era perturbadoramente ambíguo. — O mundo ficará bastante interessado em você, Adam. Precisamos nos preparar para isso. Não temos de ser totalmente francos. Sempre fui um fiel defensor da privacidade.

Houve certa insegurança quando o velho revelara que Bel estava na sua folha de pagamento. Suas perguntas tinham sido mais duras do que Adam esperara. Mas agora ele entendia que uma decisão havia sido tomada: a decisão de optar pela cumplicidade. Pela primeira vez desde que Bel havia passado pela porta de sua casa, a tensão insuportável começara a se dissipar.

Sexta-feira, 13 de julho de 2007; Glenrothes

Sua recente convocação para a sala do Biscoito não foi inteiramente inesperada. Karen vinha se recusando a aceitar uma resposta negativa dele desde que recebera um e-mail sucinto de Susan Charleson, revelando o retorno do filho pródigo. Ela queria muito conversar com Brodie Grant e com seu neto assassino, mas é claro que havia sido advertida a não fazê-lo, antes mesmo de ter discutido a possibilidade com Lees. Ela sabia que confrontar Grant a respeito de suas ações na praia, todos aqueles anos atrás, teria repercussões. Não era nenhuma surpresa que Grant houvesse obtido sua retaliação primeiro, culpando-a de estar procurando desesperadamente por alguém a quem acusar de algo num caso em que todos os criminosos estavam mortos. Karen tivera de ouvir o sermão do Biscoito sobre a importância do bom relacionamento com o público. Ele a lembrou de que ela havia resolvido três casos arquivados, ainda que ninguém fosse a julgamento por nenhum deles. Dera boa fama à Revisão de Casos Arquivados e seria extremamente prejudicial que ela obrigasse Broderick MacLennan Grant a fazê-los parecerem vilões.

Quando ela levantara a possibilidade do envolvimento de Adam MacLennan Grant em dois assassinatos na Itália, Biscoito ficara verde e mandara que ela se afastasse daquele caso que, afinal, não era da conta dela.

Di Stefano havia mantido contatos regulares com Karen pelo telefone e por e-mail, durante as últimas semanas. Ele dissera a ela que havia uma grande quantidade de amostras de DNA no corpo de Bel. Um dos adolescentes que vivia na Boscolata tinha identificado Gabriel, também conhecido como Adam, como o homem que ele vira junto com Matthias no dia em que, presumivelmente, ocorrera o assassinato na Villa Totti. Eles haviam encontrado a casa perto de Greve onde um homem correspondendo àquela descrição estivera morando. Encontraram DNA que correspondia com o existente no corpo de Bel. Só o que precisavam para levar o caso para um juiz investigador era de uma amostra de DNA de Gabriel Porteous. Será que Karen poderia consegui-la?

Só no dia de São Nunca.

Agora, finalmente, Biscoito a havia chamado. Organizando seus pensamentos, ela entrou no escritório dele sem bater. Desta vez, foi ela quem levou o susto. Sentado ao lado da mesa, em ângulo com Biscoito, mas de frente para a cadeira do visitante, estava Brodie Grant. Ele sorriu diante do embarço dela. Sexta-feira 13, sem dúvida.

Sem esperar que a convidassem, Karen se sentou.

— O senhor queria me ver? — perguntou, ignorando Grant.

— Karen, Sir Broderick muito gentilmente nos trouxe a declaração jurada de seu neto sobre os recentes acontecimentos na Itália. Ele achou, e eu concordo com ele, que essa seria a forma mais satisfatória de se proceder. — Ele sacudiu algumas folhas de papel para ela.

Karen o encarou com descrença.

— Senhor, um simples teste de DNA é a forma de se proceder.

Grant se inclinou para a frente.

— Acho que você irá concluir, depois de ler a declaração, que está claro que um teste de DNA seria um desperdício de tempo e de recursos. Não há motivos para testar alguém que é, evidentemente, uma testemunha, e não um suspeito. Quem quer que a polícia italiana esteja procurando, não é o meu neto.

— Mas...

— E outra coisa, inspetora: meu neto e eu não discutiremos com a mídia onde ele esteve durante os últimos vinte e dois anos. Obviamente, anunciaremos para o público o fato de que tivemos esse extraordinário reencontro após tanto tempo. Mas sem detalhes. Espero que você e sua equipe respeitem isso. Se vazarem alguma informação para o domínio público, você pode ter certeza de que irei atrás do responsável e me certificarei de que ele responda por isso.

— Não haverá vazamentos deste escritório, posso lhe garantir — disse Biscoito. — Não é mesmo, Karen?

— Não, senhor — ela disse. Nada de vazamentos. Nada que ameace a promoção iminente de Phil ou à sua própria equipe.

Lees sacudiu os papéis para Karen.

— Aí está, inspetora. Você pode enviar isto para seu equivalente na Itália e, então, poderemos passar um traço sob nossos próprios casos resolvidos. — Ele sorriu vitoriosamente para Grant. — Fico feliz por termos conseguido resolver isso de forma satisfatória.

— Eu também — disse Grant. — É uma pena que não iremos mais nos ver, inspetora.

— Sem dúvida. Cuide-se, senhor — ela disse, levantando-se. — O senhor deve cuidar bastante bem de si mesmo. E do seu filho também. Seria trágico se Adam tivesse de sofrer mais perdas. — Fervendo por dentro, Karen deixou a sala com passos arrogantes. Voltou fumegando para sua própria sala, pronta para desabafar. Mas Phil não estava em sua mesa e ninguém mais serviria. — Caralho, caralho, caralho — ela resmungou, batendo com força a porta de seu escritório justamente quando o telefone tocou. Pelo menos dessa vez, ela o ignorou. Mas Novo em Folha enfiou a cabeça pela porta.

— É uma mulher chamada Gibson, procurando por você.

— Pode passar a ligação — ela suspirou. — Alô, Misha. O que posso fazer por você?

— Só estava pensando se haveria alguma novidade. Quando seu sargento veio aqui, há algumas semanas, para me dizer que vocês estavam bastante certos de que meu pai havia morrido no começo deste ano, ele disse que havia uma possibilidade de que ele pudesse ter tido filhos que pudéssemos testar para ser doador. Mas depois eu não tive mais notícias de vocês...

Caralho, caralho, caralho e caralho de novo.

— Não parece muito promissor — disse Karen. — A pessoa em questão se recusa a dar amostras para o teste.

— O que você quer dizer com se recusa? Ele não entende que a vida de uma criança está em jogo?

Karen podia sentir toda a tensão emocional através da linha do telefone.

— Acho que ele está mais preocupado em proteger o próprio rabo.

— Você quer dizer que ele é um criminoso? Eu não me importo com isso. Ele não entende? Não vou dar o DNA dele para mais ninguém. Podemos fazer tudo de forma confidencial.

— Vou transmitir seu pedido — Karen disse, cansada.

— Você não pode me colocar em contato direto com ele? Estou implorando. É a vida do meu menininho que está em risco. A cada semana que passa, as chances dele diminuem mais.

— Eu entendo isso. Mas minhas mãos estão atadas. Sinto muito. Vou transmitir seu pedido, prometo.

Como se ela sentisse a frustração de Karen, Misha mudou a abordagem.

— Me desculpe. Eu reconheço como você vem se esforçando em ajudar. É que estou desesperada.

Depois do telefonema, Karen continuou sentada, olhando para o nada. Não podia suportar a ideia de que Grant estivesse protegendo um assassino para seus próprios fins emocionais egoístas. Não era exatamente uma surpresa, dada a forma como ele havia encoberto sua própria culpabilidade na morte da filha. Mas tinha de haver uma maneira de contornar aquela barreira. Ela e Phil tinham examinado as opções tantas vezes durante as últimas semanas que era como se houvessem escavado um buraco em seu cérebro. Havia cogitado seguir Adam, apanhando uma eventual lata de Coca-Cola ou garrafa d'água descartada em público. Havia discutido a possibilidade de roubar o lixo de Rotheswell e pedir a River que o examinasse até encontrar uma amostra equivalente à do DNA da Itália. Mas tiveram de admitir que não só estavam perseguindo sombras, mas os fantasmas das sombras.

Karen se reclinou na cadeira e pensou como tudo isso havia começado.

Misha Gibson agoniada por uma esperança, disposta a fazer qualquer coisa por seu filho. Assim como Brodie Grant pelo neto. As ligações entre pais e filhos... E, então, de repente, aquilo estava lá, bem na frente dela. Lindo e astuto e deliciosamente irônico.

Quase caindo no chão, Karen saltou na cadeira e agarrou o telefone. Digitou o número de River Wilde e tamborilou os dedos na mesa. Quando River atendeu, Karen mal podia falar em sentenças completas.

— Olhe, acabei de pensar numa coisa. Se você tem meios-irmãos, pode ver a conexão no DNA, certo?

— Sim. Não seria tão forte como com irmãos, mas se veria uma correlação.

— Se você tivesse uma amostra de DNA, e conseguisse uma amostra que mostrasse esse grau de correlação, e soubesse que a pessoa tinha um meio-irmão, você acha que seria suficiente para conseguir um mandado para colher amostras do meio-irmão?

River murmurou por algum tempo.

— Eu poderia conseguir isso — ela disse. — Acho que seria suficiente, sim.

Karen respirou fundo.

— Sabe quando colhemos o DNA de Misha Gibson para comparar com o do esqueleto na caverna?

— Sim — respondeu River, cautelosamente.

— Você ainda o tem?

— Seu caso ainda está aberto?

— Se eu dissesse que sim, qual seria a sua resposta?

— Se seu caso ainda está aberto, legalmente ainda posso estar de posse do DNA. Se estiver fechado, o DNA deveria ser destruído.

— Ainda está aberto — disse Karen. O que, tecnicamente, era verdade, já que a única prova contra Mick Prentice na morte de Andy Kerr era circunstancial. Suficiente para encerrar o caso, certamente. Mas Karen ainda não o havia de fato devolvido ao cartório, portanto, ainda não estava exatamente encerrado.

— Então, ainda tenho o DNA.

— Preciso que você me envie uma cópia o mais rápido possível — Karen disse, levantando o punho no ar. Ela se levantou e atravessou o escritório em passinhos de dança.

Quinze minutos depois, estava enviando uma cópia do DNA de Misha Gibson para di Stefano, em Siena, com uma nota introdutória: *Por favor, peça a seu especialista em DNA para comparar essa amostra. Acredito que seja de uma meia-irmã do homem conhecido como Gabriel Porteous. Avise-me como foi.*

As horas seguintes foram uma espécie de tortura. No final do expediente, ainda não havia chegado nenhuma resposta da Itália. Quando chegou em casa, Karen não conseguia deixar o computador em paz. A cada dez minutos ia checar seu e-mail.

— Como o amor acaba rápido... — Phil a provocou, do sofá.

— Sei. Se eu não estivesse fazendo isso, seria você. Você está tão ansioso quanto eu para apanhar o neto de Brodie.

— Me pegou no pulo, patroa.

Passava das nove quando a esperada resposta de di Stefano entrou na caixa de mensagens. Prendendo a respiração, Karen abriu o e-mail. A princípio, não pôde acreditar.

— Nenhuma correlação? — ela disse. — Nenhuma porra de correlação? Como pode ser? Eu tinha tanta certeza...

Ela se jogou no sofá, permitindo que Phil a aconchegasse perto dele.

— Também não consigo acreditar — ele disse. — Nós tínhamos tanta certeza de que Adam fosse o assassino. — Ele deu um piparote com o dedo na declaração anódina que Karen havia trazido para mostrar a ele. — Talvez ele esteja dizendo a verdade, por mais estranho que pareça.

— De jeito nenhum — ela disse. — Titereiros assassinos seguindo Bel pela Itália? Já vi episódios de *Scooby Doo* mais verossímeis do que isso. — Ela se encolheu, desconsolada, a cabeça enfiada sob o queixo de Phil. Quando a nova ideia lhe ocorreu, sua cabeça pulou tão repentinamente que ele quase arrancou a própria língua. Enquanto ele gemia, Karen não parava de repetir: — Sábio é o filho que conhece o próprio pai.

— O quê? — Phil perguntou, por fim.

— E se Fergus estivesse certo?

— Karen, do que você está falando?

— Todo mundo achava que Adam fosse filho de Fergus. Até Fergus acha isso. Ele transou com Cat mais ou menos na época certa, de forma eventual. Talvez ela tivesse tido uma briga com Mick. Ou talvez ela apenas estivesse irritada porque era sábado à noite e ele estava com a esposa e a filha e não com ela. Seja qual for o motivo, o fato é que aconteceu. — Karen saltava de joelhos no sofá, a excitação novamente tornando-a uma criança. — E se Mick estivesse errado todos esses anos? E se Fergus fosse realmente o pai de Adam?

Phil a agarrou e lhe deu um sonoro beijo na testa.

— Eu lhe disse, logo no início, que amava sua mente.

— Não, você disse que ela era sexy. Não é exatamente a mesma coisa. — Karen esfregou o nariz na bochecha dele.

— Que seja. Você é tão inteligente que me excita.

— Você acha que é tarde demais para telefonar para ele?

Phil gemeu.

— Sim, Karen. É uma hora mais tarde, onde ele mora. Deixe para amanhã cedo.

— Só se você prometer que vai me distrair.

Ele a girou de costas no sofá.

— Vou fazer o melhor que puder, chefe.

Quarta-feira, 18 de julho de 2007

Karen se espreguiçou na banheira, aproveitando as sensações duplas da espuma e da água contra sua pele. Phil estava jogando críquete, que agora ela sabia se tratar de um jogo rápido seguido por um demorado drinque com os amigos. Ele ficaria na casa dele esta noite, arrastando-se para lá cheio de cerveja depois de o bar ter fechado. Ela não se importava. Geralmente, ela se encontrava com as garotas para comer comida indiana e fofocar. Mas hoje à noite ela queria sua própria companhia. Estava esperando um telefonema e não queria atendê-lo num pub lotado ou num restaurante barulhento. Queria ter certeza do que estivesse ouvindo.

Fergus Sinclair havia ficado desconfiado quando ela lhe telefonara, do nada, para lhe pedir uma amostra de DNA. Seu argumento fora simples: um homem havia aparecido alegando ser Adam, e Karen estava decidida a verificar, de todas as formas possíveis, sua veracidade. Sinclair ficara primeiro cínico, depois excitado. Nos dois casos, estava convencido de que ele era a melhor prova determinante disponível.

— Eu saberei — ele continuava insistindo. — É um instinto. Você conhece seus próprios filhos.

Aquele não era o momento certo para compartilhar a estatística de River de que entre dez e vinte por cento dos filhos não eram de fato descendentes de seus pais imputados e que, na maior parte desses casos, os pais não tinham a menor ideia de que não o eram, na verdade. Karen continuou utilizando o argumento da conveniência. Finalmente, ele concordara em ir à delegacia de polícia local e dar uma amostra de DNA.

Karen tinha conseguido convencer o oficial de serviço da polícia alemã a enviar, por serviço de entrega, a amostra colhida diretamente para River. Biscoito ficaria louco da vida quando visse a conta, mas ela não ligava mais. Para apressar as coisas, havia convencido di Stefano a enviar por e-mail uma cópia do DNA do assassino da Itália para River.

E hoje à noite, ela saberia. Se o DNA dissesse que Fergus era o pai do assassino italiano, ela poderia conseguir um mandado para colher uma amostra de Adam. Sob a lei escocesa, ela poderia tê-lo detido e colhido uma amostra de DNA sem prendê-lo nem acusá-lo. Mas ela sabia que sua carreira estaria acabada se tentasse tratar Adam MacLennan Grant como qualquer outro suspeito. Ela não se aproximaria dele sem uma ordem judicial. Mas, uma vez que seu DNA estivesse no sistema, nem mesmo o poder de Brodie Grant poderia mantê-lo

longe das garras da lei. Ele teria de pagar pelas vidas que havia roubado.

Seus pensamentos cessaram repentinamente quando o telefone tocou. River tinha dito nove horas, mas ainda não eram sete e meia. Provavelmente era sua mãe ou uma das garotas tentando convencê-la a mudar de ideia e se juntar a elas. Com um suspiro, Karen se esticou para apanhar o telefone de cima da banqueta ao lado da banheira.

— Tenho a análise do DNA de Fergus Sinclair na minha frente — disse River. — E também tenho aquele que di Stefano enviou.

— E? — Karen mal podia respirar.

— Uma correlação próxima. Provavelmente pai e filho.

Quinta-feira, 19 de julho de 2007; Newton of Wemyss

A voz é suave, como a luz do sol que escoia pela janela.

— Poderia repetir?

— A ex-mulher do primo de John. Ela se mudou para a Austrália. Perto de Perth. O segundo marido dela é engenheiro de mineração, ou algo parecido. — As palavras agora rolam, tropeçando umas nas outras num único emaranhado de sons.

— E ela voltou para cá?

— É isso que estou lhe dizendo. — Palavras exaltadas, num tom exaltado. — Para uma reunião de vinte e cinco anos da turma do colégio. A filha dela, Laurel, tem dezesseis anos, e veio com ela para passar as férias. John se encontrou com elas na casa da mãe dele há algumas semanas. Ele não me disse nada porque não queria que eu ficasse cheia de expectativas. — Uma explosão de riso. — Isso vindo do Sr. Otimismo!

— E é verdade? Vai dar certo?

— Eles são compatíveis, mãe. Luke e Laurel. É a melhor chance possível.

Assim é como tudo termina.

- [1] Barco encontrado à deriva, em 1872, no estreito de Gibraltar, cuja tripulação desapareceu. (N.E.)
- [2] Aplicava-se ao controle do consumo e da comercialização de bebidas alcoólicas. (N.E.)
- [3] Grupo criado por Bob Geldof, em 1984, que reuniu os mais conhecidos artistas do Reino Unido com a finalidade de arrecadar fundos para combater a fome na Etiópia. A música-tema era “Do they know it’s Christmas” (N.T.)
- [4] O aniversário do poeta Robert Burns é comemorado em toda a Escócia com um jantar escocês tradicional, acompanhado por leituras de obras e canções de Burns, no dia 25 de janeiro. (N.T.)
- [5] Escritora inglesa de literatura infanto-juvenil. Em seus livros, há geralmente um grupo de adolescentes envolvidos em aventuras e solucionando mistérios. (N.T.)
- [6] Rosie, a Rebitadeira, é um ícone cultural nos EUA que representa os seis milhões de mulheres incorporadas à força de trabalho do país na Segunda Guerra Mundial. (N.T.)
- [7] Série de televisão muito popular na Inglaterra de 1955 a 1976. As histórias se passavam numa delegacia de polícia de Londres, e o personagem principal, George Dixon, era o típico policial britânico, justo e de bom coração. (N.T.)
- [8] O Código Q é adotado internacionalmente pelas Forças Armadas e se resume a uma coleção padronizada de três letras, todas começando com a letra “Q”, inicialmente desenvolvida para comunicação radiotelegráfica comercial e, posteriormente, adotada por outros serviços de rádio, especialmente o radioamadorismo e a polícia. (N.T.)

Table of Contents

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Quarta-feira, 23 de janeiro de 1985; Newton of Wemyss](#)

[Quarta-feira, 27 de junho de 2007; Glenrothes](#)

[Terça-feira, 19 de junho de 2007; Edimburgo](#)

[Quarta-feira, 27 de junho de 2007; Glenrothes](#)

[Quinta-feira, 21 de junho de 2007; Newton of Wemyss](#)

[Quarta-feira, 27 de junho de 2007; Glenrothes](#)

[Segunda-feira, 25 de junho de 2007; Edimburgo](#)

[Quarta-feira, 27 de junho de 2007; Glenrothes](#)

[Quinta-feira, 28 de junho de 2007; Edimburgo](#)

[Segunda-feira, 18 de junho de 2007; Campora, Toscana, Itália](#)

[Quinta-feira, 28 de junho de 2007; Edimburgo](#)

[Quinta-feira, 28 de junho de 2007; Newton of Wemyss](#)

[Sexta-feira, 14 de dezembro de 1984; Newton of Wemyss](#)

[Quinta-feira, 28 de junho de 2007; Newton of Wemyss](#)

[Sexta-feira, 14 de dezembro de 1984; Newton of Wemyss](#)

[Quinta-feira, 28 de junho de 2007; Newton of Wemyss](#)

[Sábado, 15 de dezembro de 1984; Newton of Wemyss](#)

[Quinta-feira, 28 de junho de 2007; Newton of Wemyss](#)

[Quarta-feira, 13 de dezembro de 1978; Castelo de Rotheswell](#)

[Quinta-feira, 28 de junho de 2007; Castelo de Rotheswell](#)

[Domingo, 2 de dezembro de 1984; Bosque de Wemyss](#)

[Quinta-feira, 28 de junho de 2007; Kirkcaldy](#)

[Sexta-feira, 29 de junho de 2007; Nottingham](#)

[Sexta-feira, 14 de dezembro de 1984](#)

[Sexta-feira, 29 de junho de 2007](#)

[Sábado, 19 de janeiro de 1985](#)

[Sexta-feira, 29 de junho de 2007; Castelo de Rotheswell](#)

[Quinta-feira, 30 de novembro de 1984; Dysart](#)

[Sexta-feira, 29 de junho de 2007; Glenrothes](#)

[Sábado, 30 de junho de 2007; East Wemyss](#)

[Segunda-feira, 21 de janeiro de 1985; Castelo de Rotheswell](#)

[Sábado, 30 de junho de 2007; Newton of Wemyss](#)
[Sexta-feira, 23 de janeiro de 1987; Eilean Dearg](#)
[Sábado, 30 de junho de 2007; Newton of Wemyss](#)
[Quarta-feira, 23 de janeiro de 1985; Castelo de Rotheswell](#)
[Sábado, 30 de junho de 2007; Newton of Wemyss](#)
[Domingo, 1º de julho de 2007; East Wemyss](#)
[Segunda-feira, 2 de julho de 2007; Glenrothes](#)
[Segunda-feira, 21 de janeiro de 1985; Kirkcaldy](#)
[Segunda-feira, 2 de julho de 2007; Peterhead](#)
[Quarta-feira, 23 de janeiro de 1985; Newton of Wemyss](#)
[Segunda-feira, 2 de julho de 2007; Peterhead](#)
[Terça-feira, 3 de julho de 2007; Glenrothes](#)
[Quarta-feira, 4 de julho de 2007; East Wemyss](#)
[Quinta-feira, 5 de julho de 2007; Kirkcaldy](#)
[Domingo, 14 de agosto de 1983; Newton of Wemyss](#)
[Quinta-feira, 5 de julho de 2007](#)
[Quinta-feira, 26 de abril de 2007; Villa Totti, Toscana](#)
[Quinta-feira, 5 de julho de 2007; Celadonia, perto de Greve, em Chianti](#)
[Sexta-feira, 6 de julho de 2007; Kirkcaldy](#)
[Sexta-feira, 13 de julho de 2007; Glenrothes](#)
[Quarta-feira, 18 de julho de 2007](#)
[Quinta-feira, 19 de julho de 2007; Newton of Wemyss](#)
[Notas](#)